

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo  
PUC-SP

Ezio Alves Da Silva Junior

Psicoesferas e Consciência Política: Uma leitura psicopolítica das *Fake News*.

Doutorado em Psicologia Social

São Paulo

2021

Ezio Alves Da Silva Junior

Psicoesferas e Consciência Política: Uma leitura psicopolítica das *Fake News*.

Doutorado em Psicologia Social

Tese apresentada à banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para a obtenção do título de Doutor em Psicologia Social, sob a orientação do Prof. Dr. Salvador Antônio Meireles Sandoval.

São Paulo

2021

Autorizo, exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta tese de Doutorado por processos de fotocópias ou eletrônicos.

Assinatura: \_\_\_\_\_

Data: \_\_\_\_\_

Email: eziopsi2021@gmail.com

Ezio Alves Da Silva Junior

Psicoesferas e Consciência Política: Uma leitura psicopolítica das *Fake News*.

Aprovado em \_\_/\_\_/\_\_

Banca Examinadora

---

Prof. Dr. Salvador Antonio Meireles Sandoval – PUC/SP

---

Prof. Dr. Cecília Pescatore Alves – PUC/SP

---

Prof. Dr. Edison Nunes – PUC/SP

---

Prof. Dr. Fernando César Pereira-Paulino – UFCAT/GO

---

Prof. Dr. Domenico Uhng Hur – UFG/GO

Em memória dos que se foram, dedico este trabalho a todos que perderam pais, mães, irmãos e amigos.

## **Agradecimento**

Agradeço a cada trabalhador e trabalhadora que são mantenedores do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Reconheço a importância do conselho, órgão vital para o fomento de pesquisas como a presente tese de doutoramento (Número de processo: 140176/2019-5). Em tempos sombrios em que a ciência é sistematicamente negada, a educação, a pesquisa e o desenvolvimento científico são mais do que nunca necessários.

## **Agradecimentos**

Agradeço a minha família, minha mãe Sueli, meu pai Ezio e meu irmão João Paulo, fundamentais em minha trajetória. Aos meus professores e professoras, pelos ensinamentos. A meu orientador, Salvador Antonio Meireles Sandoval, pela disposição e acolhimento. Aos amigos, àqueles que sempre incentivaram, contribuíram e participaram dessa caminhada e àqueles que mesmo distantes se fazem presentes. Agradeço a todos e todas que colaboraram com a construção dessa pesquisa.

## Resumo

O presente estudo busca compreender como as mídias sociais, psicoesferas, operam na construção de consciências políticas e como refletem, qual papel desempenham, nas democracias liberais. Em específico, buscamos entender a relação entre a compreensão do verdadeiro e do falso atrelado à identidade coletiva dos participantes da pesquisa. Como metodologia se utiliza a abordagem quantitativa e de perspectiva psicossocial. Trabalha-se com três categorias principais dentro do modelo de consciência política proposto por Salvador (2001): identidade coletiva; crenças e valores, eficácia política; e também se considera os sentimentos emotivos. Foi estruturado um questionário com 36 questões, sendo que 10 destas apresentaram imagens/chamadas de notícias as quais os participantes da pesquisa precisavam tentar identificar se eram verdadeiras ou falsas. A amostra contou com a participação de 365 indivíduos, que responderam ao questionário entre os dias 10 de Outubro e 12 de Dezembro de 2018, período que atravessou em parte o processo eleitoral. O questionário foi aplicado em diversos grupos do *Facebook* e de *WhatsApp* através de *survey's* on-line no *Google Forms*. A análise dos dados se deu através da discriminação da identidade coletiva dos participantes e respectiva avaliação/correlação com às *fake news*, também se tratou das variáveis sociodemográficas; da eficácia política; crenças e valores societários. A primeira hipótese (H1) tem como premissa que as *fake news* seriam fatores de tensionamento dos afetos e identidades coletivas. Como resultado encontramos a correlação significativa ( $p > 5\%$ ) entre identidade política e as imagens do questionário, se percebe como verdadeiras ou falsas em função de como o participante se identifica politicamente. Encontra-se a correlação significativa ( $p > 5\%$ ) entre eficácia política e renda. Também se observou descritivamente como os usuários sentem raiva/ódio ao ver *fake news*. Concluiu-se que as *fake news* são instrumentalizadas para tensionar permanentemente identidades coletivas, afetos e mesmo as democracias na medida em que as psicoesferas produzem realidades paralelas.

**Palavras-chave:** Consciência política. Psicoesfera. *Fake News*. Democracia. Psicologia política.

## Abstract

The present study seeks to understand how social media (psychospheres) operate in the production of political consciences and to reflect on their impact on liberal democracies. Specifically, we seek to understand the relationship between the understanding of the true and the false, linked to the collective identity of the research participants. As a methodology we use the quantitative approach and psychosocial perspective. We work with two main categories within the political conscience model proposed by Salvador (2001), political identity, political efficacy and we also consider emotional feelings. We structured a questionnaire with 36 questions, ten of which presented images / news calls and the research participants needed to try to identify whether the images were true or false. The sample has 365 participating individuals who answered the questionnaire between October 10, 2018 and December 12, 2018, a period that partially crosses the electoral period. The questionnaire was applied to several Facebook groups and WhatsApp groups. The analysis of the data took place through the discrimination of the political identity of the participants and their respective evaluation / correlation with the fake news, we also deal with the sociodemographic variables; gives political effectiveness; corporate beliefs and values. Our first hypothesis (H1) is based on the premise of fake news as an actor of tensioning affections and political identities. As a result, we found a significant correlation ( $p > 5\%$ ) between political identity and the images in the questionnaire, which are perceived as true or false depending on how the participant identifies himself politically. We found a significant correlation ( $p > 5\%$ ) between political effectiveness and income. It was also possible to observe descriptively how users feel anger / hatred when seeing fakenews. As a conclusion, we consider that fake news is instrumentalized to permanently tense political identities, affections and even democracies insofar as psychospheres produce parallel realities.

**Keywords:** political conscience; psychosphere; *fake news*; democracy, political psychology

## Resumen

El presente estudio busca comprender cómo operan las redes sociales (psicoesferas) en la producción de conciencias políticas y reflexionar sobre su impacto en las democracias liberales. En concreto, buscamos comprender la relación entre la comprensión de lo verdadero y lo falso vinculado a la identidad colectiva de los participantes de la investigación. Como metodología se utiliza un enfoque cuantitativo y una perspectiva psicosocial. Como metodología utilizamos el enfoque cuantitativo y la perspectiva psicosocial. Trabajamos con dos categorías principales dentro del modelo de conciencia política propuesto por Salvador (2001), identidad política, eficacia política y también consideramos los sentimientos emocionales. Estructuramos un cuestionario con 36 preguntas, diez de las cuales presentaban imágenes / llamadas de noticias y los participantes de la investigación debían intentar identificar si las imágenes eran verdaderas o falsas. La muestra cuenta con 365 personas participantes que respondieron el cuestionario entre el 10 de octubre de 2018 y el 12 de diciembre de 2018, período que atraviesa parcialmente el período electoral. El cuestionario se aplicó a varios grupos de Facebook y WhatsApp. El análisis de los datos se realizó mediante la discriminación de la identidad política de los participantes y su respectiva evaluación / correlación con las *fake news*, también tratamos las variables sociodemográficas; da eficacia política; creencias y valores corporativos. Nuestra primera hipótesis (H1) se basa en la premisa de las *fake news* como actor de tensiones de afectos e identidades políticas. Como resultado, encontramos una correlación significativa ( $p > 5\%$ ) entre la identidad política y las imágenes del cuestionario, que se perciben como verdaderas o falsas según cómo el participante se identifique políticamente. Encontramos una correlación significativa ( $p > 5\%$ ) entre la efectividad política y los ingresos. También fue posible observar de manera descriptiva cómo los usuarios sienten ira / odio al ver noticias falsas. Como conclusión, consideramos que las *fake news* se instrumentalizan para tensar permanentemente identidades políticas, afectos e incluso democracias en la medida en que las psicoesferas producen realidades paralelas.

**Palabras - clave:** conciencia política; psicofera; noticias falsas; democracia, psicología política

## Lista de Figuras

Figura 1: Modelo de Consciência Política, adaptado.	53
Figura 2 Modelo de Consciência Política e Psicoesfera.	58
Figura 5: Imagem 1 - Pesquisa Harvard.	98
Figura 6: Imagem 2 - Bolsonaro e Rocinha.	101
Figura 7: Imagem 3 - Museu e MBL.	104
Figura 8: Imagem 4 - Haddad e Crianças.	106
Figura 9: Imagem 5 - Haddad, Venezuela e Nicarágua.	111
Figura 11: Imagem 6 - Museu e MBL.	117
Figura 12: Imagem 7 - Haddad e Livro Incesto.	119
Figura 13: Imagem 8 - Boulos e Mansão.	122

## Lista de Gráficos

Gráfico 1: Distribuição Sexo	26
Gráfico 2: Renda Familiar	26
Gráfico 3: Idade	27
Gráfico 4: Escolaridade	27
Gráfico 5: Cruzamento Renda e Etnia.	28
Gráfico 6: Religião Inicial	29
Gráfico 7: Religião Atual.	29
Gráfico 8: Participação em Debates Online	30
Gráfico 9: Visualização de Debates nas Redes Sociais	30
Gráfico 10: Plataformas que mais despertam preocupação com fake news por país.	41
Gráfico 11: Polarização nos EUA, Congresso 1877-2014. Computado baseado no DW-NOMINATE Scores 35 (MCCARTHY; POOLE; ROSENTHAL, 2006, 2014).	69
Gráfico 12 Polarização nos EUA, Congresso 1877-2014. Ccomputado baseado no DW NOMINATE Scores 35 (MCCARTHY; POOLE; ROSENTHAL, 2006, 2014).	70
Gráfico 13: (MCCARTHY. POOLE; ROSENTHAL, 2006, 2014).	71
Gráfico 14: Auto posicionamento.	92
Gráfico 15: Ideologia Política.	93
Gráfico 16: Identidade Coletiva, Cruzamento Ideologia Política e Posicionamento Político.	93
Gráfico 17: Cor/Etnia e Identidade Coletiva.	94
Gráfico 18: Sexo e Posicionamento Político.	95
Gráfico 19: Sexo e Posicionamento Político.	95
Gráfico 20: Cruzamento Posicionamento Político e Imagem 1.	98
Gráfico 21: Cruzamento proporcional.	98

Gráfico 22: Cruzamento Imagem 2 e Posicionamento Político.	101
Gráfico 23: Cruzamento Proporcional.	102
Gráfico 24: Cruzamento Imagem 3 e Posicionamento Político.	104
Gráfico 25: Cruzamento proporcional.	105
Gráfico 26: Cruzamento Imagem 4 e Posicionamento Político.	106
Gráfico 27: Cruzamento proporcional.	106
Gráfico 28: Imagem 5 - Bolsonaro e pessoas com deficiência.	108
Gráfico 29: Cruzamento Imagem 5 e Posicionamento Político.	109
Gráfico 30: Cruzamento Proporcional.	109
Gráfico 31: Cruzamento Imagem 6 e Posicionamento Político.	111
Gráfico 32: Cruzamento proporcional	111
Gráfico 33: Cruzamento Imagem 7 e Posicionamento Político.	114
Gráfico 34: Cruzamento Proporcional.	115
Gráfico 35: Cruzamento Imagem 8 e Posicionamento Político.	117
Gráfico 36: Cruzamento Proporcional.	117
Gráfico 37: Cruzamento Imagem 9 e Posicionamento Político.	119
Gráfico 38: Cruzamento Proporcional.	120
Gráfico 39: Cruzamento Imagem 10 e posicionamento Político.	123
Gráfico 40: Cruzamento Proporcional.	123
Gráfico 41: Ódio ao ver Fake News.	125
Gráfico 42: Flexibilização das Armas.	126
Gráfico 43: Posicionamento Político e Flexibilização das Armas.	126
Gráfico 44: Cruzamento proporcional.	127
Gráfico 45: PEC do Teto de Gastos.	128
Gráfico 46: Reforma da Previdência.	129

Gráfico 47: Preferência por Ordem ou Caos.	129
Gráfico 48: Cruzamento Ordem/Caos e Posicionamento Político.	130
Gráfico 49: Economia ou Democracia.	130
Gráfico 50: Diálogo.	131
Gráfico 51: Impeachment ou Golpe?	131
Gráfico 52: Cruzamento golpe e posicionamento político.	132
Gráfico 53 Cruzamento proporcional golpe e posicionamento político.	132
Gráfico 54: Cruzamento Eficácia Política (Nacional) e Renda.	133
Gráfico 55: Eficácia Local e Renda.	134
Gráfico 56: Ódio/Raiva ao ver Fake News.	135
Gráfico 57: Cruzamento participação de debates nas redes e sentimento de ódio.	135

## **Lista de Tabelas**

Tabela 1: Cronologia Eleições, de Oliveira <i>et. al</i> (2018).	61
Tabela 2: Eventos Políticos notáveis pós Manifestações de 2013.	65

## **Lista de Siglas**

CODOCE	Comitê de Datação de Ciclos Econômicos
FGV	Faculdade Getúlio Vargas
UFG	Universidade Federal de Goiás
FGV	Faculdade Getúlio Vargas
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
PEC	Proposta de Emenda Constitucional
PMDB	Partido do Movimento Democrático Brasileiro
PSDB	Partido da Social Democracia Brasileira
PSL	Partido Social Liberal
PSOL	Partido Socialismo e Liberdade
PT	Partido dos Trabalhadores

## SUMÁRIO

<b>APRESENTAÇÃO</b>	181	<b>METODOLOGIA</b>	201.1	Percurso metodológico		
	211.2	Hipótese	221.3	Questionário	221.4	Questionário para aplicação do
Survey - Construção de Indicadores para medir a identificação das Fake News	251.5					
	Tratamento estatístico	261.6	Amostra e perfil dos participantes	262	<b>VEREDAS</b>	
<b>TEÓRICAS, FAKE NEWS, PSICOESFERA E CONSCIÊNCIA</b>	332.1					
	Plataformas, Sentimentos e Emoções	342.2	Fake News	412.3	Psicoesfera	
	462.4	Consciência Política	483	<b>DEMOCRACIAS E FAKE NEWS</b>	603.1	
	Estados Unidos, Reino Unido e Guerras Culturais	613.2	Brasil e o Gabinete do			
Ódio	773.3	Índia e Nacionalismo Hindu	903.4	Hungria e a Democracia “Ilíberal”	924	
<b>ANÁLISE E DISCUSSÃO</b>	944.1	Identidade Coletiva	954.2	Identidade		
Coletiva e Fake News	1004.2.1	Imagem 1 - Harvard e Armas	1004.2.2	Imagem 2 -		
Bolsonaro Rocinha	1034.2.3	Imagem 3 - Movimento Brasil Livre e Museu				
	1064.2.4	Imagem 4 - Haddad, Crianças e Estado	1094.2.5	Imagem 5 -		
Bolsonaro e Deficiência	1114.2.6	Imagem 6 - Haddad, Venezuela e Democracia				
	1144.2.7	Imagem 7 - Bolsonaro, Mourão e Pensão	1164.2.8	Imagem 8 -		
Bolsonaro e Ensino a Distância	1184.2.9	Imagem 9 - Haddad e Pedofilia.				
	1214.2.10	Imagem 10 - Boulos e Invasão	1244.2.11.	Discussão das		
Imagens	1264.3	Sentimentos Emotivos	1284.4	Crenças e valores Sociais		
	1284.5	Eficácia Política	1365	<b>CONCLUSÃO</b>	139	<b>REFERÊNCIAS</b>
<b>BIBLIOGRÁFICAS</b>	142	<b>ANEXOS</b>	151			

## APRESENTAÇÃO

*“Aonde devemos ir, nós que peregrinamos por este deserto,  
em busca do melhor de nós mesmos”  
(O primeiro homem da história)*

A breve frase acima é retirada do filme Mad Max (Estrada da Fúria, 2015), dirigido por George Miller. O diretor nos conta da jornada de personagens em um futuro distópico, de barbárie e com poucas esperanças. O enredo está para além da violência pela violência e o estado de degradação, provocado por catástrofes climáticas e ambientais, apresenta um mundo surreal e árido. Cada personagem com sua singularidade, história e ambição, a sua maneira, buscava a redenção, por fim todos invariavelmente foram tragados pela necessidade coletiva de construir um novo sonho e forjarem uma outra história. Juntos descobriram que há esperança.

Este futuro pós-apocalíptico frequentemente desenhando em tramas hollywoodianas e com cachês milionários de produção, em 2021 pareceu estar um pouco menos distante do que poderíamos imaginar. A pandemia por nós experienciada é a mais flagrante manifestação de como as sociedades de mercado e o avanço delas sobre biomas podem produzir desespero e ruptura em escala global. Este evento singular que ocorre uma única vez por século escancara diversas mazelas e desigualdades. Face a este problema de dimensão planetária, nada mais razoável do que pensar em como a ciência, as/os pesquisadores e a própria tecnologia podem vir a ajudar a humanidade na superação dessa questão tão sensível a todos. Contudo, a desinformação em massa e o negacionismo científico provam que a pandemia não é o único desafio do século.

O Boletim dos Cientistas Atômicos usa a metáfora do relógio do juízo final, este recurso simbólico fala sobre o quanto estamos próximos de um colapso civilizatório que ameaça toda espécie humana. Este relógio foi criado na década de 1940, seus ponteiros marcavam que estamos há 7 minutos da meia noite e, caso estes mesmos ponteiros venham a se alinhar à meia

noite, isto representará o fim da espécie humana. A Guerra Fria e as ameaças nucleares fizeram o relógio avançar, mas ele nunca esteve tão próximo da meia noite quanto agora, marcando apenas 100 segundos. No boletim divulgado em Janeiro de 2020, o Brasil foi apontado como uma das razões para o avanço dos ponteiros em virtude das queimadas e emissões de gás carbônico. O boletim destaca três fatores principais, como ameaças globais, a saber: o aumento das tensões nucleares, as mudanças climáticas e, por fim, as campanhas de cyber desinformação em massa. A relevância do tema e da nossa proposta de trabalho diz do enfrentamento do último fator levantado pelo boletim dos cientistas atômicos, a desinformação em massa passa a ocupar lugares e dinâmicas cada vez mais presentes na vida cotidiana e na conscientização dos usuários da rede e das democracias.

Nosso trabalho busca trazer contribuições para a compreensão deste último eixo, no caso, o fenômeno das *fake news* sob o prisma da consciência política. Buscamos compreender como as mídias sociais, psicoesferas, operam na construção de consciências políticas e, assim, refletimos sobre o papel delas nas democracias liberais. Em específico, visamos a entender a relação entre a compreensão do verdadeiro e do falso atrelado à identidade coletiva dos participantes da pesquisa. Dividimos a pesquisa em quatro capítulos. No primeiro apresentamos nossas hipóteses, métodos e descrevemos, por fim, nossa proposta metodológica, público alvo e dados coletados. O segundo capítulo busca apresentar aspectos teóricos da consciência política, elucidar o que é *psicoesfera* e como tais modelos teóricos podem colaborar para a compreensão do fenômeno da desinformação em massa e da emergência das *fake news*. O terceiro capítulo tem por objetivo apresentar como diferentes democracias ou países vivenciam o desafio imposto pelas *fake news* e plataformas de redes sociais. Apresentamos e historizamos com mais detalhes o processo vivido pela democracia brasileira, apresentamos a hipótese das guerras culturais, resgatamos aspectos históricos conceituais que nos auxiliam a entender como as redes sociais se tornam uma arena discursiva em que guerreiros precisam sobrepujar seus inimigos. No quarto e último capítulo, é feita a análise dos dados encontrados, analisando-se como a consciência política e suas dimensões se relacionam com as *fakes news*, como as capturas afetivas são uma expressão comum de nossas vidas cotidianas. As identidades coletivas reunidas nas *psicoesferas* travam batalhas por narrativas e estas disputam o campo dos símbolos e da materialidade.

Por certo não temos a pretensão de “salvar o mundo” com a presente tese e tampouco esgotaremos as investigações relativas às *fakes news* com esta breve pesquisa, não obstante, nossos esforços buscam agregar o entendimento acerca das tensões existentes na relação entre

a desinformação em massa e as democracias. O estado de pura barbárie, apresentado em *Mad Max*, é evitável, todavia, para transpor o problema, nosso sonho coletivo precisa ser materializado, portanto, ousemos compreender e transformar nossa realidade!

## 1 METODOLOGIA

### 1.1 Percurso metodológico

Por meio de nossa caminhada de pesquisa acadêmica somada ao acúmulo de experiências com o uso deste modelo de consciência política, tivemos como trabalho inicial a dissertação intitulada “Consciência política e mídias digitais: uma análise dos discursos no Twitter sobre a reforma política” (SILVA JR., 2016). Abordamos, de forma inicial, metodologias de coletas de dados *online* – na ocasião, mais especificamente no Twitter – utilizando programas como *NodeXL* e *Ghepi*. Os resultados iniciais apontaram processos de conscientização a partir de temas específicos nos quais os grupos se aglutinavam em personagens políticos centrais. Aqui buscaremos observar o fenômeno das fake news sobre o prisma do modelo de consciência política. Com a revisão bibliográfica e o exame de diversas outras pesquisas na área se evidencia o papel relevante da psicoesfera na produção de conscientização política.

Para acessar a opinião dos participantes utilizamos *surveys online*. O uso desta ferramenta permitiu a avaliação comparativa das principais características de aspectos psicopolíticos dos respondentes. Esse tipo de análise em alguns aspectos pode ser excessivamente generalizante, mas este é o preço de nossa escolha metodológica com sua ênfase na comparabilidade e ampliação de coleta dos dados. No que tange ao território da coleta de dados, aplicamos o questionário em diversos grupos de Facebook, com vários perfis ideológicos distintos, além de o compartilhar no Whatsapp. O *survey* foi construído dentro do *Google Forms*, página que disponibiliza ferramentas para a construção desse tipo de entrevista. Para conferir o questionário na íntegra e também as imagens contidas nele, recomendamos ao leitor que consulte os anexos.

A divulgação do *Survey* se deu principalmente em grupos de Facebook, como Enem-Ceará; UFG; OLX-Amazonas, Fanáticos por *Slackline*, Vagas em Psicologia, Psicologia PUC-SP, Mochileiros, Pesquisa Acadêmica em Ciências Sociais Aplicadas, Feirão do Grajaú, entre vários outros. O critério de seleção desses grupos se deu pela descrição e pelas respectivas finalidades que apresentavam, bem como vale salientar que procuramos evitar o

compartilhamento do *survey* em grupos potencialmente ultra ideológicos. Na medida em que os respondentes apresentavam um perfil demográfico específico, buscamos disparar o questionário em grupos de *Facebook* que pudessem agregar mais diversidade à amostra.

Como parte do processo de construção e de desenvolvimento teórico, no capítulo II é apresentada nossa revisão bibliográfica e nosso referencial teórico que nos permitiu desenhar os contornos que delimitaram uma proposta analítica dos dados coletados com o *survey online*.

## 1.2 Hipóteses

Nossa primeira hipótese (H1) deriva da identificação do que é verdadeiro ou falso e das capturas afetivas atreladas às identidades coletivas dos participantes. Nossa segunda hipótese (H2) acredita que a eficácia política esteja associada à dimensão das crenças e valores.

## 1.3 Questionário

Dentro do nosso processo de construção do questionário *online*, buscamos revisar, investigar, em obras de literatura pertinente aos nossos estudos, referências para pensar como investigar as *fake news* no contexto da realidade brasileira. Observamos questionários, como o construído por Pratto (*et al.* 1994) e sua escala de dominação social, ou mesmo elaborado por Haidt (2012) e a psicologia moral, mas, embora sejam abordagens interessantes, tais questionários não contemplavam o nosso desafio teórico-metodológico. Ao ler a tese de França (2015) intitulada *Impacto das Novas Tecnologias de Informação e Comunicação na Participação e Consciência Política da Juventude Urbana de São Paulo*, tivemos a possibilidade de uma leitura mais próxima da realidade que objetivamos investigar e, ainda, tivemos *insights* sobre como produzir nossa ferramenta. Apesar do levantamento apresentado e de outras leituras realizadas, não identificamos, por meio de nossa revisão bibliográfica, questionários que relacionassem *fake news* com categorias, como ideologia ou orientação políticas. Dessa forma, foi necessário desenhar nossa própria ferramenta para aplicá-la ao contexto historicizado no capítulo II.

Vale ressaltar que a condução de pesquisas *online* é uma realidade cada vez mais utilizada, em especial com os tempos pandêmicos, ganharam espaço em relação às tradicionais pesquisas de opinião pública realizadas por contato telefônico. Algumas indagações,

certamente, emergem: quais são as implicações desse novo instrumento de coleta/geração de dados/registros para a precisão da pesquisa científica? Devemos nos perguntar o quão precisas e confiáveis são os estudos que fazem o uso de *surveys* online. A presente pesquisa não conta com uma seleção aleatória dentre toda uma população, tampouco as pesquisas de opinião tradicionais abordam os sujeitos e suas temáticas de maneira semelhante. De acordo com Kennedy (2018) nas pesquisas não probabilísticas não há seleção aleatória em meio a toda uma população, isso significa afirmar que os pesquisadores não sabem a chance, ou a probabilidade, que cada pessoa teria de ser selecionada para uma determinada votação, por exemplo. Portanto, se as pessoas participantes de pesquisas forem diferentes da população em geral, suas opiniões podem não ser representativas de todo um povo, por certo. É importante destacar, contudo, que as pesquisas que usam amostragem probabilística também não estão imunes a esse problema porque a maioria dos sujeitos participantes que são amostrados não participam realmente. Ainda de acordo com Kennedy (2018), essa situação é conhecida como não resposta, um problema e um desafio enfrentados por diversos pesquisadores.

Neste presente estudo, nosso instrumental construído é composto por 36 questões, divididas em 3 blocos principais. Como procedimento ético e padrão, antes de iniciar o questionário em si, os participantes são convidados a ler e a responder o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido em que é explicado e apresentado: i) o objetivo da pesquisa; ii) quem são os pesquisadores responsáveis pela condução da proposta e iii) qual é a instituição acadêmica de referência do estudo em questão. O respondente, ao concordar com o termo de consentimento, passa, assim, para o primeiro bloco do questionário em que estão as chamadas imagens/notícias (em anexos) e são convidados a identificar se essas notícias apresentadas são: a) integralmente verdadeiras; b) parcialmente verdadeiras; c) integralmente falsas; c) parcialmente falsas ou se d) não sabem opinar. O segundo bloco tem caráter de investigação sobre quesitos socioeconômicos e demográficos relativos aos sujeitos participantes da pesquisa e, por fim, o terceiro bloco indaga as pessoas do estudo a respeito de questões relativas a aspectos da consciência política delas.

Abaixo, constam as perguntas, utilizadas em nossa pesquisa, a que os sujeitos entrevistados foram expostos, indagados, elas seguem na ordem em que serão apresentadas na presente tese. Ao todo, contamos com 35 questões que estão organizadas com seus respectivos títulos:

- Questão 1: Pesquisa de Harvard
- Questão 2: Bolsonaro e Rocinha
- Questão 3: Museu
- Questão 4: Haddad e Crianças
- Questão 5: Bolsonaro e Lei
- Questão 6: Haddad e Venezuela
- Questão 7: Mourão/Bolsonaro e Pensão
- Questão 8: Bolsonaro e EAD
- Questão 9: Haddad e Livro
- Questão 10: Boulos e Mansão
- Questão 11: Idade
- Questão 12: Sexo
- Questão 13: Cor/Etnia
- Questão 14: Estado
- Questão 15: Religião Inicial
- Questão 16: Religião Atual
- Questão 17: Renda Familiar.
- Questão 18: Estado Civil
- Questão 19: Escolaridade
- Questão 20: Escada
- Questão 21 e 27: Identidade Política
- Questão 22, 23, 24, 25, 26 e 36: Crenças e Valores
- Questão 28: Visualiza Debates
- Questão 29: Participa de Debates
- Questão 30 e 31: Sentimentos Emotivos
- Questão 32 e 33: Eficácia Política
- Questão 34: Tolerância
- Questão 35: Participação em Manifestações

#### **1.4 Questionário para aplicação do survey - Construção de indicadores para medir a identificação das Fake News**

Foram selecionadas, ao total, 10 chamadas (títulos) de notícias para as quais os participantes foram convidados a identificar, a opinar se elas corresponderiam a informações verdadeiras ou não. Nosso maior interesse aqui não corresponde, necessariamente, a alcançar se existe a capacidade do participante de diferenciar um conteúdo verdadeiro de um falso, mas, sim, compreender a relação do que é tido como falso em face às dimensões da noção de consciência política. Vale lembrar que desinformação é diferente de fake news, como tratado no primeiro capítulo, desinformação é um erro, enquanto fake news é um erro construído para ser propagado de forma sistemática e intencional. Uma desinformação pode vir a se tornar uma fake news na medida em que sites especializados em desinformar em massa utilizam da mentira como ferramenta retórica. Nesse caso, as informações foram coletadas em sites que produzem e reproduzem desinformação em massa ou fake news. Como a revisão bibliográfica aponta, há muita dificuldade mesmo entre os nativos digitais em diferenciar o falso do verdadeiro. Buscamos compreender, portanto, como as fakes news podem ser relacionadas com as dimensões do modelo de consciência política.

Os participantes, então, teriam de avaliar se as imagens seriam: integralmente verdadeiras; parcialmente verdadeiras; integralmente falsas; parcialmente falsas ou, ainda, poderiam marcar a opção “não sei dizer”. O critério de escolha das imagens diz respeito a temas que, à época, eram recentes no debate público, algumas dessas notícias foram extraídas de sites jornalísticos da mídia tradicional, outras são de sites da internet cujas origens dos disparados são desconhecidas. As imagens apresentadas aos participantes da pesquisa estão nos anexos e foram selecionadas a partir de dois eixos distintos: imagens de ataque/defesa e imagens “culturalistas”. As imagens 1 e 3 são do eixo culturalista; as imagens 2, 5, 7 e 8 são em ataque à direita; as imagens 4, 6, 9, 10 são em ataque/defesa da esquerda. As imagens 1, 2, 4, 9 e 10 são completamente falsas; as imagens 6, 7 e 8 são completamente verdadeiras; a imagem 3 é parcialmente falsa e a imagem 5 é parcialmente verdadeira.

Para definir se uma imagem ou chamada de notícia é ou não verdadeira, utilizamos de agências de checagem de fatos e/ou de pesquisas feitas pelas próprias agências para avaliar a veracidade oficial das informações. Notem, é importante frisar que tratamos de veracidade oficial, pois a verdade em si, em alguns casos, pode simplesmente ser inacessível. Críticos poderiam argumentar que as agências de checagem ou mesmo os autores da pesquisa podem,

por alguma razão, ter errado em sua avaliação, um cenário possível, porém, para evitar esta situação e reduzir erros, buscamos consultar diversas fontes a fim de avaliar a veracidade oficial das informações utilizadas.

### **1.5 Tratamento estatístico**

Para viabilizar a análise estatística dos dados, foi utilizado o software estatístico SPSS v.26. Das análises realizadas utilizamos tabelas e gráficos de frequências absolutas e relativas, também foram utilizados os testes ANOVA (teste F) e Post Hoc (teste de Tukey). Os testes que apresentaram  $p < 5\%$  foram considerados estatisticamente significativos.

Para verificar a relação entre as variáveis qualitativas do posicionamento político e da ideologia com as variáveis das fake news, foram realizados testes Qui-quadrado. Esse teste avalia a relação (ou a dependência) entre cada um dos cruzamentos das variáveis (tabelas cruzadas, *vide* ANEXO A). Na relação entre o posicionamento político *versus* fake news, nota-se que o teste apresentou haver indicação da relação, estatisticamente significativa (quando  $p < 5\%$ ), com todas as variáveis, na tabela x (em anexos) apresenta-se as estatísticas do teste e seu nível descritivo (p). O teste está indicando uma relação das fake news com o posicionamento. Idem entre a ideologia com as imagens, nota-se que há uma indicação de relacionamento com as imagens, estatisticamente significativa (quando  $p < 5\%$ ), com todas as variáveis (tabela x, em anexos), também indicando uma relação das fake news com a ideologia.

### **1.6 Amostra e perfil dos participantes**

A análise dos dados se deu através da discriminação da identidade política dos participantes e respectiva avaliação/correlação com as imagens, também tratamos das variáveis sociodemográficas; da eficácia política; das crenças e dos valores societários. A pesquisa utilizou uma amostra de 365 indivíduos que responderam ao questionário entre o dia 10 de Outubro de 2018 e o dia 12 de Dezembro de 2018. No que diz respeito ao gênero, 54,5% são homens e 45,5% mulheres.

O perfil dos participantes, no recorte de renda, em parte reflete o acesso desigual à internet e às plataformas de redes sociais, como já evidenciamos. O perfil dos participantes manteve coerência com o público descrito que mais consome internet dentro da revisão bibliográfica. Uma das limitações deste estudo se refere à impossibilidade de a amostra ter

acessado as grandes maiorias populares, isto, embora não inviabilize o estudo, nos restringe em análises importantes sobre as fake news. Conseguimos acessar participantes de diferentes regiões do país, contudo, ainda há predominantemente respostas oriundas do centro-sul do país, em particular do estado de São Paulo.

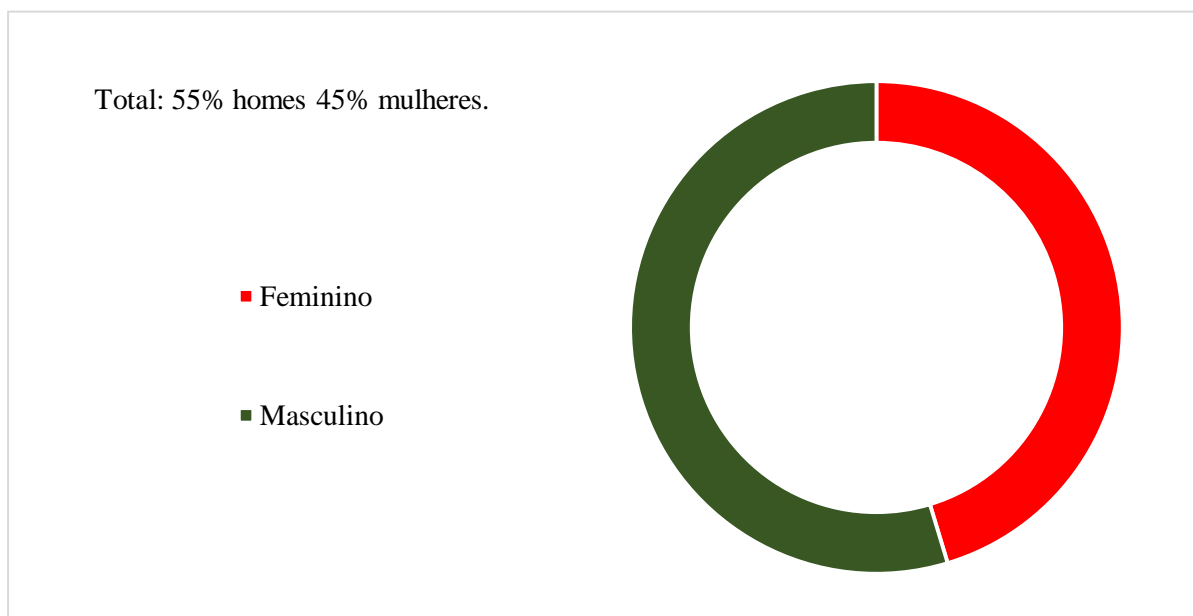


Gráfico 1: Distribuição por Gênero

No que diz respeito à Renda Familiar, utilizamos os critérios do IBGE, sendo que os recortes correspondem a valores em reais relativos às respectivas classes sociais, sendo:

1. Classe A: 18.740,01
2. Classe B: 9.370,01 até 18.740,00
3. Classe C: 3.750,01 até 9.370,00
4. Classe D: 1.875,01 até 3.750
5. Classe E: até 1.875,00

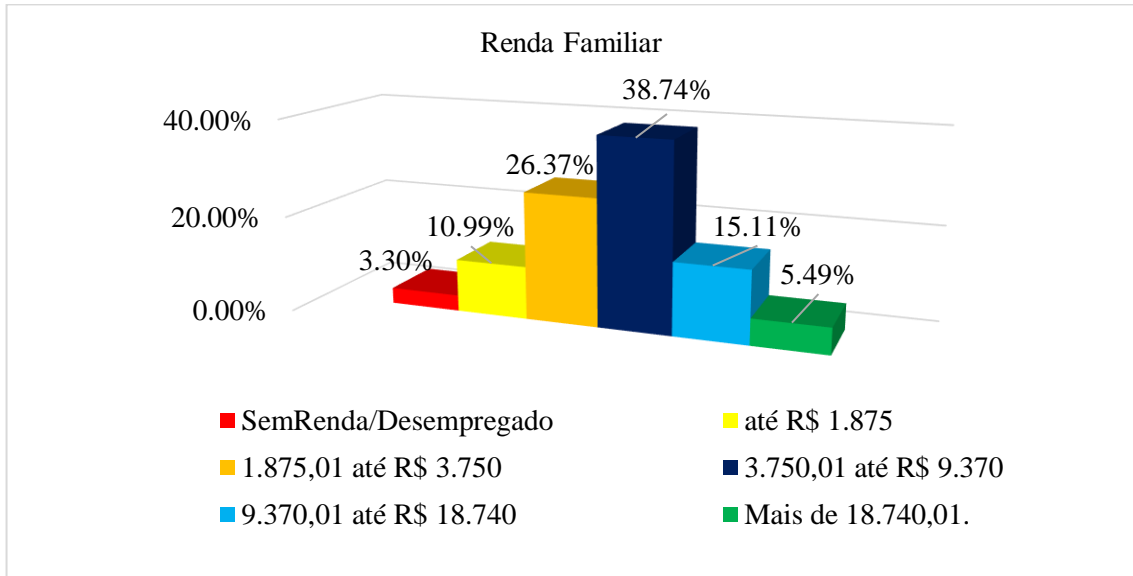


Gráfico 2: Renda Familiar

Os participantes têm idade média de 30 anos (D.P. = 9). Criamos faixas de idade até 24 anos; de 25 até 30; de 31 até 35 anos; de 36 até 40 anos; de 41 até 50 e mais de 50. Sobre a escolaridade dos participantes, 56,9% possuem ao menos o curso superior.

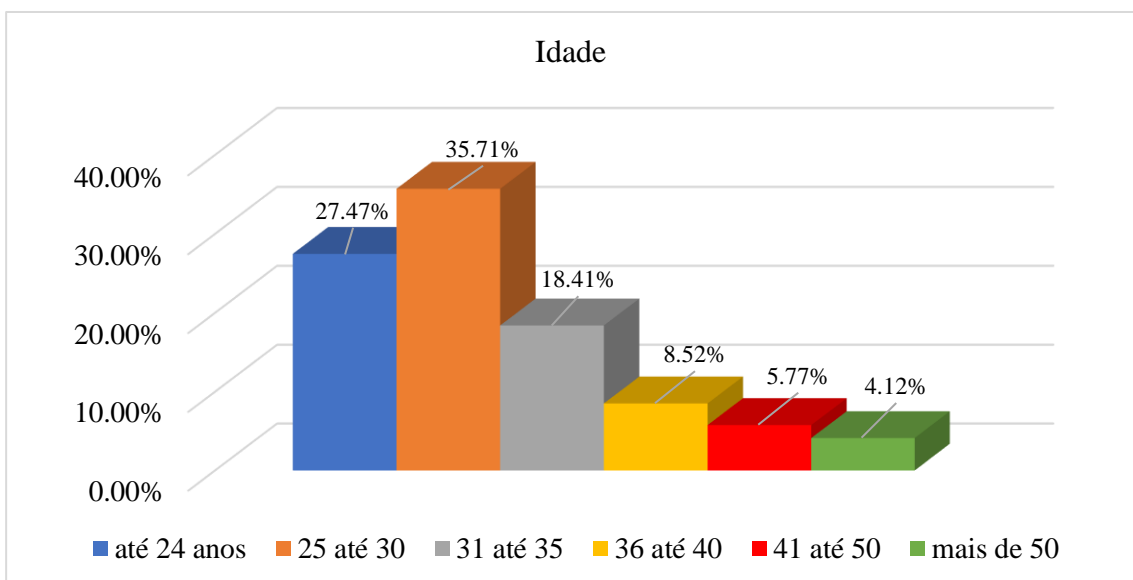


Gráfico 3: Idade

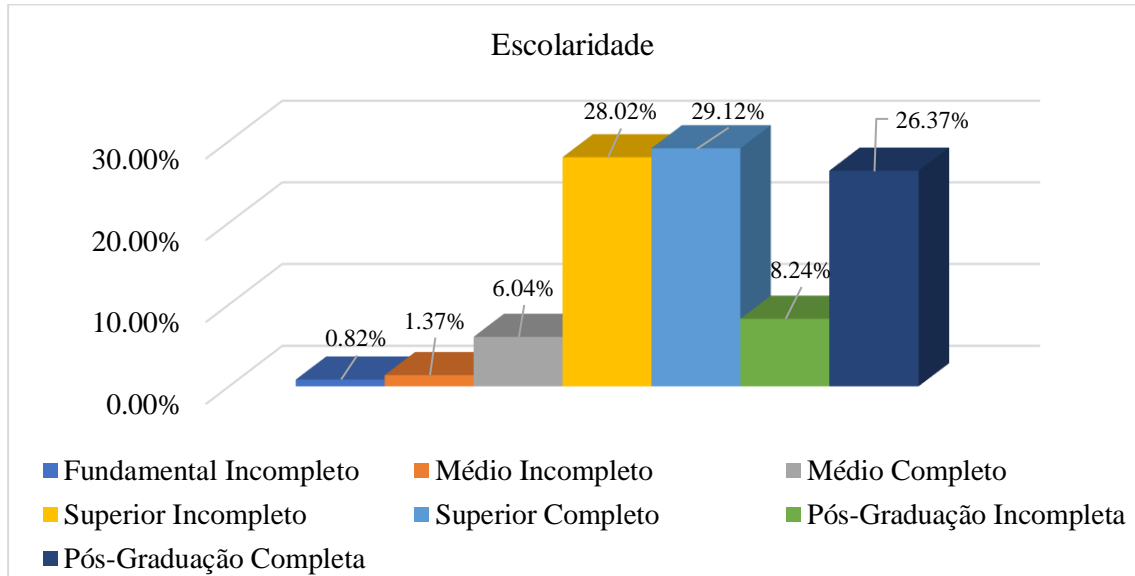


Gráfico 4: Escolaridade

Ao cruzarmos as variáveis renda familiar<sup>1</sup> e cor/etnia é possível observar a predominância da população branca nas faixas de maior renda. O gráfico abaixo evidencia essa disparidade utilizada ao se proporcionalizar a distribuição da amostra.

<sup>1</sup> A renda familiar foi baseada nos recortes adotados pelo IBGE.

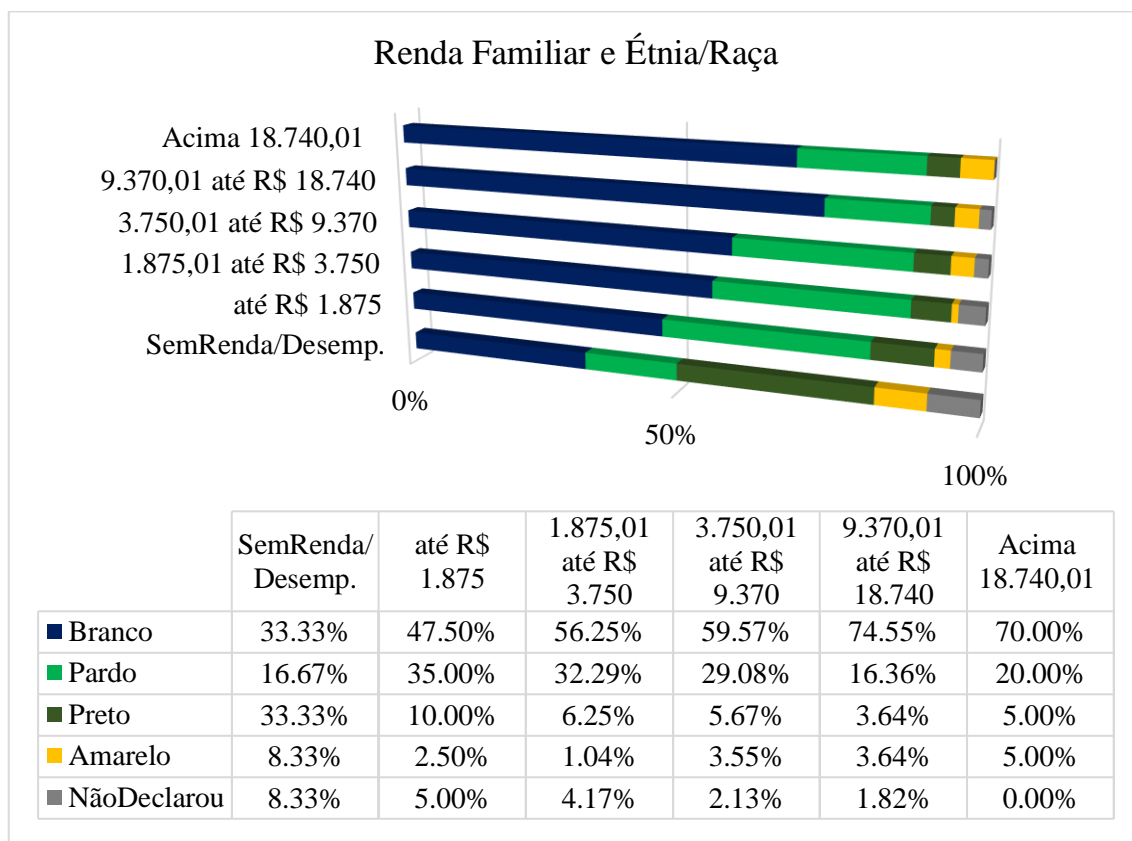


Gráfico 5: Cruzamento Renda e Etnia.

Sobre a religião dos participantes, no questionário indagamos a eles acerca de qual tradição religiosa teria os influenciado desde o nascimento, bem como qual poderia ser considerada sua religião atual. Como resposta, os dois gráficos abaixo evidenciam que a grande maioria (62%) foi criada na religião católica, mas há uma mudança significativa na religião atual dos participantes, sendo que o catolicismo e o protestantismo vieram a perder espaço. O grupo “sem religião” foi o que mais cresceu dentro da religião atual dos participantes, seguidos de “outras religiões” e de “religiões de matriz africana”, estas que também tiveram crescimento, segundo nossa amostra.

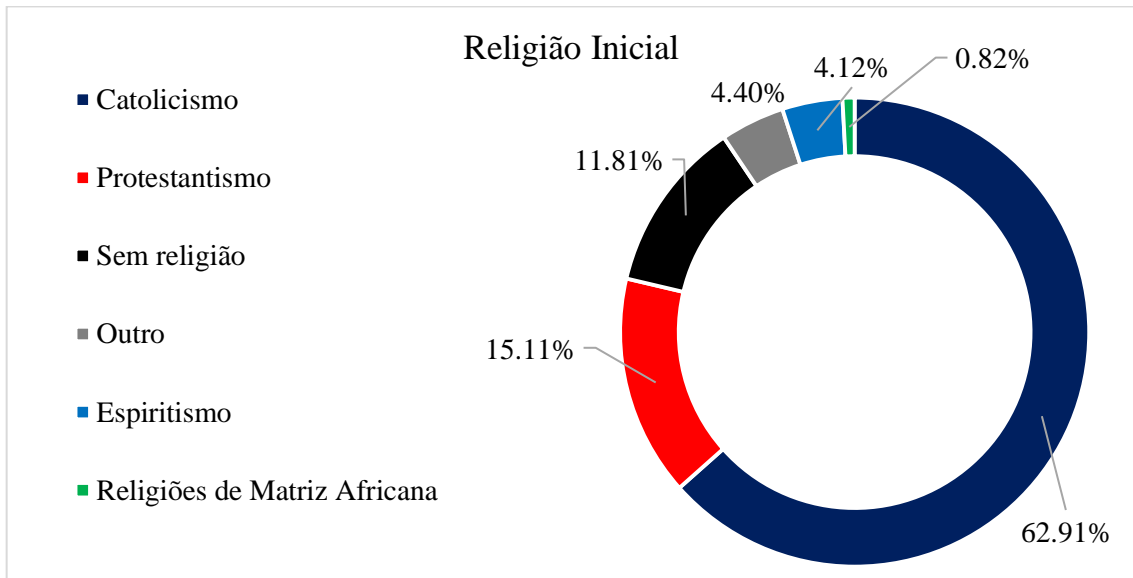


Gráfico 6: Religião Inicial

Existe uma relação estatisticamente significativa apontada pelo teste de estatística Chi-square (ou Qui quadrado), estatística do teste  $X^2 = 759,1$  com o nível descritivo de  $p < 0,0001$ , entre as religiões A e I.

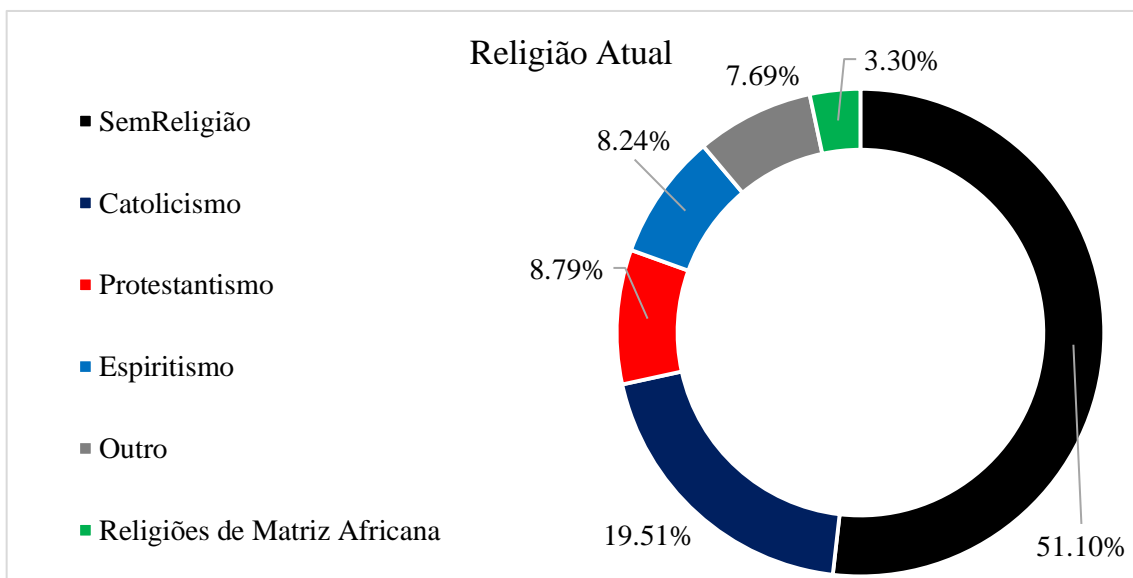


Gráfico 7: Religião Atual

Existe uma relação estatisticamente significativa, o teste estatístico Chi-square (ou Qui quadrado), estatística do teste  $X^2 = 759,1$  com o nível descritivo de  $p < 0,0001$ , entre as religiões A e I. Podemos observar que há uma mudança significativa entre a religião atual em relação à religião inicial dos participantes. O catolicismo e o protestantismo diminuíram sua representatividade na religião atual dos participantes, o grupo sem religião foi o que mais cresceu dentro da religião atual dos participantes, seguido de outras religiões e religiões de matriz africana que tiveram também crescimento entre a amostra.

Com relação à participação em debates de acordo com o gráfico 12, podemos dividir em três grandes grupos: os que pouco participam – 34,92% (posição 0, 1 e 2), os que participam com alguma frequência – 42,86% (posição 4, 5, 6, 7) – e os que participam com muita frequência – 21,97% (posição 8, 9 e 10) da amostra.

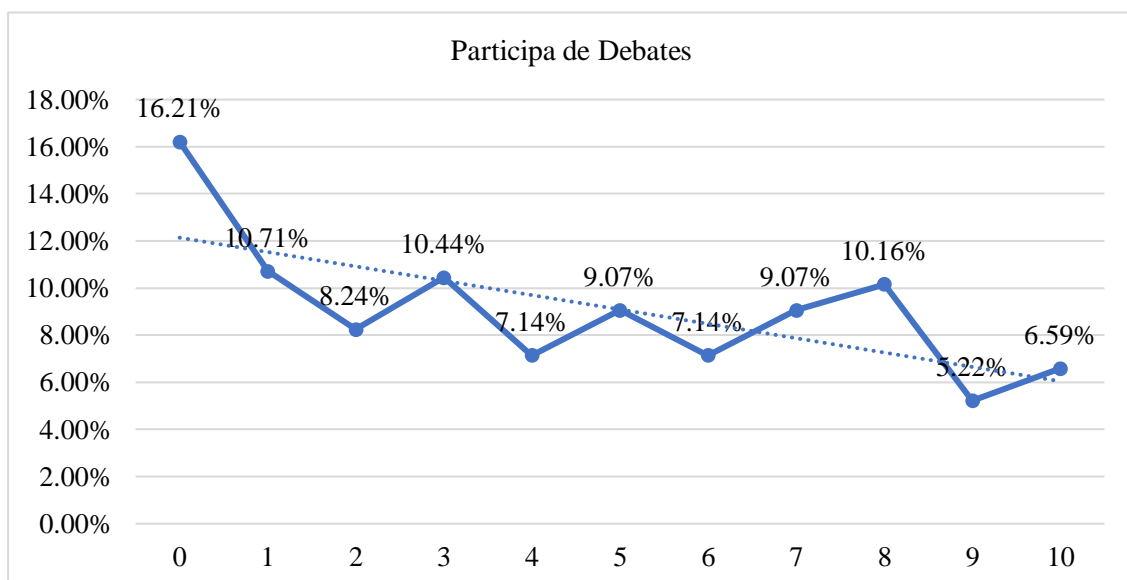


Gráfico 8: Participação em Debates Online

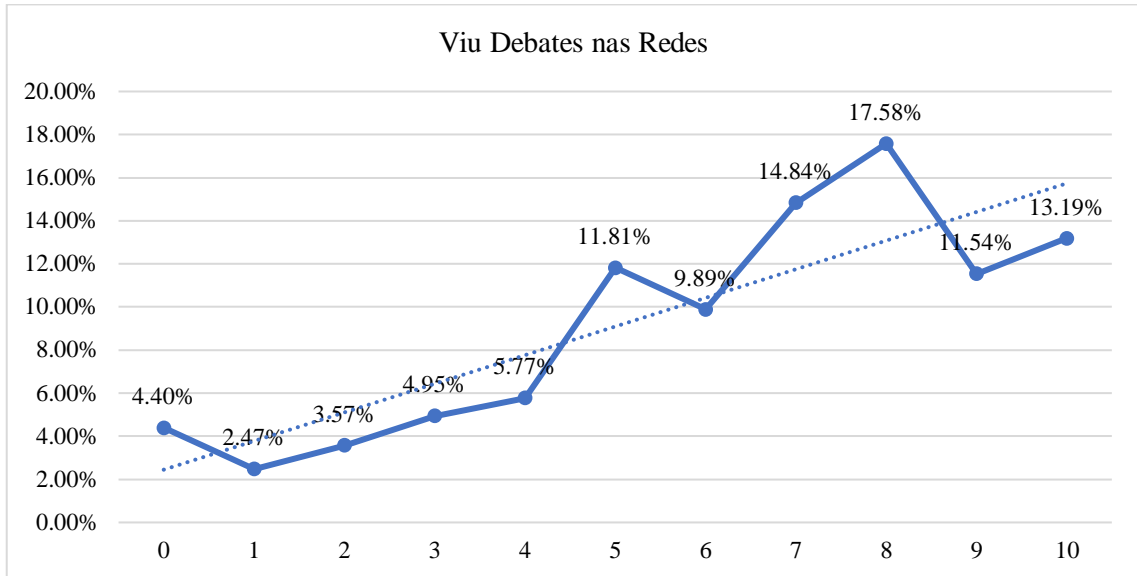


Gráfico 9: Visualização de Debates nas Redes Sociais

Os usuários que assistiram aos debates nas redes sociais durante 2018 podem ser divididos em três blocos: aqueles que pouco ou sequer acompanham debates correspondem a 10,37% (posição 0, 1 e 2); aqueles que visualizam com alguma frequência correspondem a 47,26 (posição 4, 5, 6, 7) e, finalmente, os que visualizam muito seriam da ordem de 42,31% (posição 8, 9 e 10). A relação dos gráficos 12 e 13 é inversamente proporcional, os participantes da pesquisa participam pouco de debates, mas com frequência lhes assistiram ao longo do ano de 2018.

## 2 VEREDAS TEÓRICAS, *FAKE NEWS*, PSICOESFERA E CONSCIÊNCIA

### 2.1 Plataformas, Sentimentos e Emoções

O fenômeno que buscamos compreender ao longo da construção desta tese diz respeito à instrumentalização de notícias falsas, conhecidas também como *fake news*, elas produzem nas consciências dos usuários a construção de narrativas políticas complexas que, em última análise, constroem até mesmo múltiplas realidades paralelas. No momento em que escrevemos este estudo, mais de 400 mil vidas foram perdidas em virtude da pandemia do novo coronavírus, mas parte destas mortes corresponde a mortes evitáveis, porém, testemunhamos até mesmo movimentos de pessoas no sentido da negação de vacinas. Diversas narrativas políticas são forjadas em meio às redes sociais, ora são fabricadas por uma indústria de desinformação e ora tomam corpo a partir de usuários avulsos. Essa desinformação em larga escala abertamente produziu e ainda produz efeitos concretos na população, como o aumento da letalidade da pandemia, por exemplo.

Como protagonista deste cenário complexo e desolador, temos o presidente Jair Messias Bolsonaro, um hábil difusor de mentiras políticas, algumas vão do aleatório episódio da piscina<sup>2</sup> do palácio da alvorada, até outras que passam pela negação das queimadas de biomas nacionais e, por fim, encontramos seu auge no questionamento em relação à real necessidade do uso de máscaras. Leitores céticos e críticos podem contra-argumentar afirmando que mentiras fazem parte do universo da política e não seriam exclusividade de Bolsonaro, embora possamos concordar com esta afirmativa, alertamos para a manipulação dos afetos via *psicoesfera*, diversos atores políticos instrumentalizam este mecanismo de direcionamento das consciências.

Precisamos, antes de mais nada, salientar que *fake news* não são meros equívocos cometidos ou criados por parte de um público, em geral, bem intencionado no seu momento de confecção e reprodução. Certamente, também existem informações incorretas e estas podem ser visualizadas em qualquer veículo de notícias da chamada mídia tradicional. Diversas situações podem levar uma notícia a conter erros, como seria o caso de uma apuração realizada de forma indevida ou precária, mas cabe destacar que as *fakes* não são um mero engano. O

---

<sup>2</sup> Após a saída do Ministro Sérgio Moro do governo, Jair Messias Bolsonaro afirmou desligar a energia para economizar gasto público, mas se trata de uma mentira, pois a piscina em questão é alimentada por energia solar.

fenômeno que buscamos compreender pode ter aspectos decisivos em nossas vidas, consideremos o cenário da produção massiva de fake news incentivando o uso de uma medicação, como, por exemplo, a cloroquina, e esta medicação, por sua vez, eleva o risco de morte das pessoas que dela se utilizam. Envoltos ao incentivo dessa medicação temos o ataque aos consensos científicos mais triviais, uma forma de alcançar esse objetivo é minando a credibilidade de qualquer um que se oponha ao disseminador dessa sabedoria singular.

Das pinturas rupestres aos *emoticons*, a vida coletiva é marcada pela capacidade do humano-genérico de estabelecer a comunicação através da linguagem, em nossas jornadas existenciais inventamos e reinventamos várias formas de narrar nossas histórias, contadas e recontadas em livros, encenações teatrais ou mesmo em vídeos. A produção de símbolos trata da expressão mais essencial da produção dos nossos vínculos e das singularidades que produzem o novo com a espontaneidade da vida cotidiana. A comunicação de massa na forma da imprensa pode ser datada ainda no século XV, na Inglaterra, mas ainda antes do jornal moderno surgir propriamente, já se pode conferir, entre variadas culturas e sociedades, o uso de folhetos em praças públicas, como é o caso da *acta diurna*<sup>3</sup>.

Exemplos como este podem ser encontrados também nas mais diversas sociedades e tempos históricos, um dos vários desdobramentos da linguagem são os espaços em que seus símbolos podem circular. O papel da mídia com frequência produz esforços de investigação e pesquisa, como é o caso do levantamento realizado pelo Monitor de Propriedade de Mídia (MOM) de 2017. Este relatório apresenta o Brasil como tendo um dos piores indicadores para a pluralidade na mídia quando comparado a outros 12 países em desenvolvimento, dentre os problemas encontrados, pode-se apontar a concentração de 71,1% de toda a audiência em quatro principais redes de televisão aberta (a saber, Globo, SBT, Record e Band) associada à ausência de pluralidade. A concentração da mídia tradicional brasileira também é apontada no *Digital News Report* de 2020: “A propriedade da mídia está concentrada nas mãos de alguns grupos domésticos”. Este fato, para os autores do relatório, configura riscos para a liberdade de expressão, além de pontuarmos mal nesta área, no ano de 2021, o Brasil caiu 4 posições no Ranking Mundial de Liberdade de Imprensa, passando a ocupar o 111º lugar.

Indo para além do contexto nacional, voltando nossa atenção para uma nação que justamente não é um país em desenvolvimento, mas sim considerado desenvolvido, os EUA, julgamos pertinente introduzir a seguinte indagação: nessa situação, quem mente, a mídia ou

---

<sup>3</sup> Título dado ao primeiro jornal conhecido. Criado por Júlio César em 69 a.C. Tinha como objetivo divulgar os principais acontecimentos da República de então.

Donald Trump? Como já refletimos no primeiro capítulo, ao tratarmos de mídias tradicionais, cada uma delas terá sua possibilidade de preferências editoriais ou mesmo ideológicas que não se manifestam de forma transparente e objetiva para seus consumidores, mas este aspecto nos Estados Unidos da América parece ser menos flagrante. Críticas ao comportamento da mídia, acerca de sua transparência, escolhas editoriais e processos de apuração são uma necessidade, nunca a sua negação.

A concentração da audiência em poucas redes de televisão, estas que, por sua vez, são de propriedade de poucos grupos familiares, não é uma problemática que diz apenas sobre a mídia tradicional, mas também ocorre com as plataformas de redes sociais. Este espaço, apesar de ser virtual, conta com um endereço, espaço físico e com um proprietário, Mark Zuckerberg, que se tornou o quarto homem mais rico do mundo com o controle majoritário do *Facebook*, *Instagram* e *WhatsApp*. Apenas três das quatro redes sociais mais utilizadas pelo consumidor brasileiro. O avanço dessas redes em paralelo ao da internet tem como exemplo marcante justamente o Facebook, esta plataforma reuniu em pouco mais de dez anos um número superior a dois bilhões de usuários atuando em um mesmo espaço virtual de trocas comunicacionais e simbólicas. Das várias redes sociais todas têm como elemento comum o espaço imaterial e, nessas fogueiras de desejos em que tornamos públicas nossas paixões, ideias, medos, fracassos, conquistas, vontades e afetos, nossas consciências se entrelaçam umas às outras e deixam toda sorte de rastros.

O estilo de comunicação e circulação de sentidos se transforma radicalmente com a capilarização das plataformas de redes sociais através da internet, ao tratarmos de comunicação de massa em seu sentido clássico falamos por definição da relação  $A \Rightarrow B$ . Ou seja, os programas televisivos ou de rádio estabeleceram uma relação passiva com suas audiências/públicos, mas a internet rompe com esta lógica, podemos, nos dias de hoje, responder, interagir em tempo real com os conteúdos que nos são apresentados, isso muda tudo. Existem diversas possibilidades teóricas de conceituação das redes sociais, algumas podem concebê-las enquanto espaços virtuais que se oporiam ao real ou à materialidade da vida em seus aspectos mais concretos. Podemos interpretar esses novos espaços e possibilidades enquanto lócus discursivos em que informações podem circular e alimentar os usuários com algum tipo de dado novo da realidade e, certamente, podemos pensar nas redes em termos de comunidades.

A origem da terminologia “redes sociais” pode ser encontrada no estudo intitulado *Class and Committees in a Norwegian Island*, este estudo conduzido por Barnes (1950) buscou compreender como as relações eram estabelecidas nesta pequena e isolada comunidade

agrícola. Estabeleceu-se o conceito de forma ao tentar elucidar aspectos das classes sociais daquela comunidade, laços, vínculos e mesmo *status* sociais de prestígio e hierarquia. Com o avanço das tecnologias o conceito acabou por ser apropriado e nesse sentido podemos encontrar redes sociais online, redes digitais, redes conectadas, mídias sociais e, embora possam existir diferenças pontuais de autor para autor, normalmente são utilizadas enquanto sinônimos.

As redes sociais incontestavelmente fazem parte da vida cotidiana de milhares de brasileiras e brasileiros, são espaços de consumo, construção de símbolos, de narrativas e mesmo de verdades ou fake news. A expansão da internet no Brasil já alcançou 71%<sup>4</sup> dos lares brasileiros de acordo com o levantamento da TIC Domicílios de 2019, em paralelo a nossa realidade, países europeus ainda em 2017 contavam com uma média de 99%<sup>5</sup> de residências com acesso à rede. Tecnologias da informação e da comunicação emergiram ao longo das quatro últimas décadas e cada uma delas foi marcada por mudanças significativas nas nossas relações, como por exemplo o chamado 1G nas décadas de 1980 que inaugurou o uso de aparelhos celulares. O 2G nos anos 1990 permitiu o envio de mensagens de texto, o 3G possibilitou o download de arquivos com uma conexão de internet mais veloz. O 4G permitiu a transformação de aparelhos celulares em computadores de bolso visto a velocidade com que diversos aplicativos (*app's*) podem ser baixados e utilizados, essa praticidade fez com que os computadores de mesa não sejam mais uma condição essencial para o acesso à internet. A presente discussão sobre os rumos do 5G, tecnologia ainda mais competente do que suas antecessoras, está, por sua vez, tensionada pela geopolítica mundial frente à gama de interesses diversos. Alguns tensionamentos circundam a possibilidade de liderança e de acesso a maior fatia dos mercados consumidores, outras tratam da segurança nacional dos países.

De acordo com o *Global WebIndex's* de 2019, aponta-se que somos o segundo povo a passar mais tempo nas redes sociais, alcançando uma média diária de 3 horas e 45 minutos. Essa média varia de acordo com a região do país e devemos considerar nossas desigualdades históricas que incidem também sobre a maneira como os usuários consomem e fazem acesso à rede. Os levantamentos do *Digital News Report* 2014 e 2020 mostram como o brasileiro se comporta nas redes sociais, seguimos sendo um dos povos pesquisados mais ativos na quantidade de postagens, compartilhamentos e comentários, assim como também preferimos as notícias de caráter mais opinativo. Encontramos nas mídias sociais e em diversos aplicativos a atraente companhia de outro ser humano e facilidades, seja para longas maratonas de séries, ao

---

<sup>4</sup> Disponível em: <[https://cetic.br/media/analises/tic\\_domicilios\\_2019\\_coletiva\\_imprensa.pdf](https://cetic.br/media/analises/tic_domicilios_2019_coletiva_imprensa.pdf)>. Acesso em: 20/09/2020.

<sup>5</sup> Dados levantados pela comissão europeia.

pedir refeições em sites, por aplicativos, ou mesmo para breves distrações ao revisitar o *feed* de notícias. As redes sociais se apresentam como uma espécie de ágora discursiva em que símbolos são compartilhados e a dinâmica que envolve a troca entre os usuários levanta questões sobre como as nossas plataformas constroem a realidade social, ou ao menos partes expressivas da mesma. Estes espaços produzem os choques de consciências em disputas simbólicas, culturais e ao mesmo tempo da estrutura do próprio sistema político, portanto questões importantes interpelam sociedade civil, governos e comunidades científicas. Os desafios do tema vão da saúde mental dos usuários da rede até noções mais profundas do que é democracia e o papel das plataformas em nossas vidas democráticas.

O experimento psicossocial que envolve os bilhões de usuários em plataformas de redes sociais, como o *Facebook*, *Instagram*, *Whatsapp*, consegue o que nenhum Estado ou governo conseguiu antes: o acesso direto a manifestações de consciência de seus cidadãos, no caso, seus usuários. Os mecanismos produzidos dentro das redes sociais são desenhados para reter nossas atenções e capturar nossos afetos mais profundos, essa dinâmica pode ser visualizada e esmiuçada no documentário “O Dilema das Redes”, ironicamente produzido e disponibilizado na *Netflix*, um serviço de *streaming*. Pelo documentário podemos observar o aumento das taxas de suicídios entre crianças e adolescentes na sociedade estadunidense, este fenômeno acompanha o surgimento de plataformas como o famigerado *Facebook*.

Outro exemplo icônico relacionando à saúde mental, suicídio e plataformas de redes sociais pode ser visto na série “*13 reasons why*” de 2017, a série descreveu com riqueza de detalhes cenas de automutilações e o suicídio da personagem Hanna Baker. Esse fato elevou as taxas de suicídio em 28% de acordo com o Instituto Nacional de Saúde Mental (INSM), levando em consideração as tendências de variações nas taxas anuais de suicídio nos Estados Unidos. O periódico *Journal of the American Academy of Child and Adolescent Psychiatry* encontrou resultados similares e ainda apontou o aumento desses dados em Abril de 2017. Esse fenômeno já é bem conhecido e é denominado “efeito Werther”, possui até mesmo manuais e orientações de órgãos oficiais (como a Organização Mundial da Saúde - OMS) sobre como suicídios devem ser divulgados na imprensa de forma a evitar que, com a propagação da notícia, sua reprodução venha a ocorrer, em grande ou menor escala. Retomando a referência à produção audiovisual mencionada, as empresas responsáveis pela produção e divulgação da série estavam cientes e foram alertadas dessa possibilidade de incentivo ao “efeito Werther”, todavia, tais empresas pareceram ter sido indiferentes aos riscos. O efeito narrativo construído de forma a produzir a experiência mais real possível ao consumidor do produto audiovisual seria prioritário em

relação aos cuidados triviais que se deve ter com a saúde mental das pessoas? A rentabilidade é mais importante? Ficam essas indagações...

A “colonização do mundo da vida”, como nos mostra Habermas, fala das patologias que atingem as sociedades ordenadas pela lógica capitalista de produção e de consumo, as cidades, então, são tomadas pela eclosão de índices cada vez mais elevados de transtornos, como ansiedade e depressão. As redes sociais intensificam tais processos e nada é mais proeminente do que a colonização da vida quando nossas consciências são tomadas de assalto por uma lógica estruturante da realidade social, nesta em que o *like* equivale ao lucro. Com frequência diversas organizações, associações, governos e empresas se reúnem na tentativa de implementar a chamada "responsabilidade social empresarial" e apresentam uma tentativa de considerar os interesses dos acionistas (*stakeholders*), mas a maximização dos lucros ainda opera de forma a atender a produção de desejos e à manutenção dos mesmos através do desenvolvimento da dependência e da compulsão digitais. Logo, utilizar apenas do termo “rede social” e afins nos parece estritamente precário considerando a vastidão de interesses colocados nessa produção de subjetividades atreladas a uma estrutura capitalista de adoecimento e de controle das consciências.

Em seu lançamento, em meados de 2004, o grande desafio do *Facebook*, de Zuckerberg, consistia em criar condições de transformar uma plataforma agradável ao usuário em um modelo de negócio rentável. Cada plataforma consiste basicamente em um modelo de negócio específico que busca ampliar sua margem de lucro, o *Google*, por exemplo, permite aos usuários a possibilidade de encontrar lugares para realizar compras e os resultados são encontrados em função de algoritmos. Como ter seu site ou produto anunciado nos primeiros itens da lista do mecanismo de busca da *Google*? Pagando por isso. O *Facebook* aprofundou essa possibilidade de controle, caso alguém queira comprar algo, cabe lembrar que, antes disso, existe a necessidade de haver um desejo por parte do consumidor, assim o *Facebook* passou a adentrar o mercado como uma plataforma reguladora de nossos desejos e consciências, tal como aos nossos desejos são apresentadas soluções específicas de acordo com aquilo que queremos.

Tais plataformas nos apresentam aquilo que necessitamos, antes mesmo que a necessidade em nós esteja plenamente elaborada, este é um mecanismo regulador dos nossos afetos e constituidor das nossas singularidades. Em particular elas sabem o que queremos comprar e quando queremos consumir baseando-se nos milhares de dados que deixamos a partir de nossos likes, compartilhamentos e postagens. Vários estudos apontam a importância das emoções dentro das redes sociais, exemplo notório foi a pesquisa realizada por Kramer (*et al.* 2013) no estudo intitulado *Experimental evidence of massive-scale emotional contagion*

*through social networks*, em parceria com o próprio Facebook. Neste experimento foi evidenciado e analisado como estados emocionais podem ser transferidos para outras pessoas através de contágio emocional, isso pode levar os usuários das redes sociais a vivenciarem emoções sem que estejam plenamente conscientes disso. Esse controverso experimento com pessoas que são usuárias do Facebook testou se ocorreria contágio emocional através da manipulação do *feed* de notícias. Como resultados, as emoções expressas por outras pessoas com suas publicações no *Facebook* influenciam, sim, as nossas próprias emoções. Após a repercussão negativa da pesquisa mencionada, outros estudos não vieram a público, mas, muito provavelmente, continuam a ser realizados pela empresa, a todo momento, para aprimorar cada vez mais essa ferramenta de produção de desejos.

Voltando-nos à análise de pesquisas semelhantes, a predileção humana por conteúdos que reafirmem nossas crenças prévias já foi verificada no estudo realizado por Vallone (*et al.* 1985), o dito “efeito mídia hostil” versa sobre a forma como diferentes grupos ideológicos podem interpretar notícias. Os algoritmos alimentam nossas preferências e, assim, podemos nos inclinar a consumir mais do que previamente tínhamos interesse, bem como como provavelmente podemos vir a evitar temas e assuntos que possam contrariar nossas visões de mundo. Outra pesquisa que nos ajuda a entender a dinâmica das redes sociais foi feita por Berger (*et al.* 2012) no artigo “*What makes a content viral*” e identificou quais emoções produziam mais engajamento<sup>6</sup>, constatando que nas redes sociais o ódio é a emoção que mais leva os usuários a compartilharem conteúdos e notícias. Percepções de mundo são forjadas em meio à busca de perfis e páginas por engajamento e, desse modo, a participação dos usuários passa por filtros inerentes à rede social que utilizam. Cada plataforma – *Facebook*, *Youtube*, *Instagram*, *Twitter* – terá suas próprias regras de engajamento, de monetização<sup>7</sup> e filtros, não obstante, por detrás de todas elas, invariavelmente estão os algoritmos e seus programadores. O “efeito bolha”, por exemplo, é produto da lógica dos algoritmos baseada no uso de inteligência artificial dentro das mídias digitais que aprendem sobre a preferência de cada usuário. Dessa maneira os direcionam para conteúdos em que, provavelmente, os usuários *a priori* já possuem interesse.

A manipulação dos afetos e emoções extrapola a relação empresa-consumidor e ganha dimensões decisivas para a vida democrática quando essa produção de desejo influencia também a vida política. O próprio comportamento eleitoral dos usuários da rede é afetado

---

<sup>6</sup> Interação dos usuários com outros usuários, páginas ou perfis. Curtidas, comentários e compartilhamentos são formas de engajamento.

<sup>7</sup> Converter em dinheiro as curtidas, visualizações, comentários e compartilhamentos.

dentro das redes sociais, destacamos o estudo realizado por Bond (*et al.* 2012), *A 61-million-person experiment in social influence and political mobilization*. Como o próprio nome do estudo aponta, investigou-se 61 milhões de usuários do Facebook e estes passaram por um experimento em que um teste controlado e randomizado com uso de mensagens foi apresentado durante as eleições legislativas de 2010 nos Estados Unidos. Os pesquisadores mostram que as mensagens influenciaram diretamente o comportamento político dos usuários, a busca de informações aumentou e até mesmo o comparecimento nas urnas. Além disso, as mensagens influenciaram não apenas os usuários que as receberam, mas também os amigos desses usuários, tal como os amigos desses amigos. O efeito da transmissão social na votação política no mundo real foi maior do que o efeito direto das próprias mensagens, e quase toda a transmissão ocorreu entre amigos próximos. Os resultados encontrados pelos autores do estudo mencionado demonstram, evidenciam que vínculos pessoais mais estreitos seriam fundamentais para a disseminação de comportamentos *online*, assim como daqueles comportamentos que se dão no mundo real.

A simples mensagem colocada no experimento “*I vote*” (eu votei) foi capaz de levar mais de mais 340 mil pessoas a, de fato, votarem, precisamos destacar que o voto não é obrigatório nos EUA e parte do desafio dos dois partidos da nação, Republicano e Democrata, é justamente levar o eleitor às urnas. Essa ação por parte da plataforma estimulou pessoas a agirem de forma concreta no mundo real, sendo assim, constata-se que tal uso da plataforma poderia servir a favor de campanhas de vacinação, prática de atividades físicas ou até mesmo para o cuidado com a saúde mental das pessoas, por exemplo. Podemos ser otimistas e considerar que essa possibilidade de influência das redes poderia ser utilizada para estimular práticas cotidianas de cuidado da saúde física e mental, mas a realidade nos prova o contrário como veremos no segundo capítulo. As democracias estão sob ataques por meio das artimanhas de dominação dos afetos e das consciências.

## 2.2 Fake News

A problemática das fake news chamou a minha atenção enquanto pesquisador ao tomar conhecimento do trágico assassinato de Fabiane Mara de Jesus, linchada em praça pública por uma multidão enfurecida na cidade do Guarujá (SP) no ano de 2014. A razão desse assassinato? Fabiane foi acusada de praticar rituais de “magia negra” e de sequestrar crianças, este boato

circulou nas redes sociais e, então, esta mulher, sem qualquer forma de vínculo com uma real sequestradora que estava sendo de fato procurada, foi executada publicamente. O debate sobre linchamentos públicos esteve em alta naquele ano e a ascensão das pautas morais foi uma constante nos pós 2013. Diversos autores, como Castells, interpretaram o papel das redes sociais na participação política e na mudança social de um prisma *cyberotimista*<sup>8</sup>, contudo a promessa de transformação através da participação política das redes flerta com *Black Mirror*<sup>9</sup>. Essa esfera discursiva aponta para como se propagam ideias, informações e até mesmo como se possibilita o contágio de manifestações e levantes populares, como foi o caso da Primavera Árabe, *Occupy Wall Street* ou as Jornadas de Junho no Brasil.

Para Oliveira (*et al.* 2019, p. 223) a internet constitui uma nova forma de esfera pública, congregando atores políticos dos mais variados matizes, na qual a disputa pela captura afetiva produz narrativas complexas. De acordo com os autores, a preocupação com a fake news não é uma novidade e já na “República de Platão” a mentira e a verdade eram objeto de exame, sendo *doxa* sinônimo de “opinião” e *episteme* de “conhecimento verdadeiro”. A disputa do espaço comum, ou melhor, a manipulação de notícias para moldar a opinião pública sempre foi uma constante na história da política, não se restringindo ao século XXI. A possibilidade do pensar está, por vezes, confrontando-se com a falsidade, e nossa produção de sentidos encontra ressonância nas disputas narrativas que circulam nas redes sociais *online* e *offline*. A captura de afetos por definição se adapta a nossas crenças, valores e visões de mundo, nossas vidas têm uma nova instância socializadora possível.

O conhecimento verdadeiro perde espaço para declarações ambíguas, enviesadas ou mesmo derivadas de equívocos, o peso de um especialista renomado e ganhador do Nobel pode ser similar ao de narrativas sedutoras e estridentes produzidas por anônimos da internet. Ou este mesmo especialista, em dada área do conhecimento, pode tecer afirmações contrárias às obviedades mais flagrantes de seu campo de pesquisa e ser utilizado por homens do senso comum para corroborar a legitimação dada às mais diversas formas de posicionamentos. Com frequência alguma publicação viral pode apresentar um ganhador de prêmio Nobel (de alguma área específica do conhecimento) desvelando um esquema sórdido e capcioso que almeja enganar as pessoas, observadores mais cautelosos, após uma pesquisa mais atenta, pode constatar que este pesquisador sequer existe, por exemplo. Ou caso exista, poderia estar

---

<sup>8</sup> Conjunto de teóricos que acreditam que a internet abre uma janela de possibilidades de participação política, creem que com a internet tal engajamento pode ser aprimorado.

<sup>9</sup> Série de televisão britânica antológica de ficção científica criada por Charlie Brooker e centrada em temas obscuros e satíricos que examinam a sociedade moderna, particularmente a respeito das consequências imprevisíveis do uso das novas tecnologias.

comentando impropérios sobre uma área de conhecimento que não era de sua especialidade e em função de quadros avançados de demência, tecendo comentários com toda liberdade artística que sua criatividade poderia permitir. A desinformação passa a ser uma constante em nossas vidas, diante disso: a quais autoridades, fontes e influenciadores devemos atribuir legitimidade?

O *Digital News Report* de 2020 evidencia que, dos 40 países estudados, nós brasileiros somos um dos povos mais preocupados com fake news (*vide* Gráfico 1), dentre as plataformas que mais despertam preocupação estão WhatsApp e Facebook (2020, p. 21). O relatório ainda questiona até que ponto as redes sociais devem remover as informações enganosas de políticos que sejam candidatos em uma eleição. Trataremos mais detalhadamente desta questão no segundo capítulo ao discorrermos sobre o episódio da invasão do Capitólio, o que culminou no banimento de Donald Trump das plataformas *Twitter* e *Facebook*.

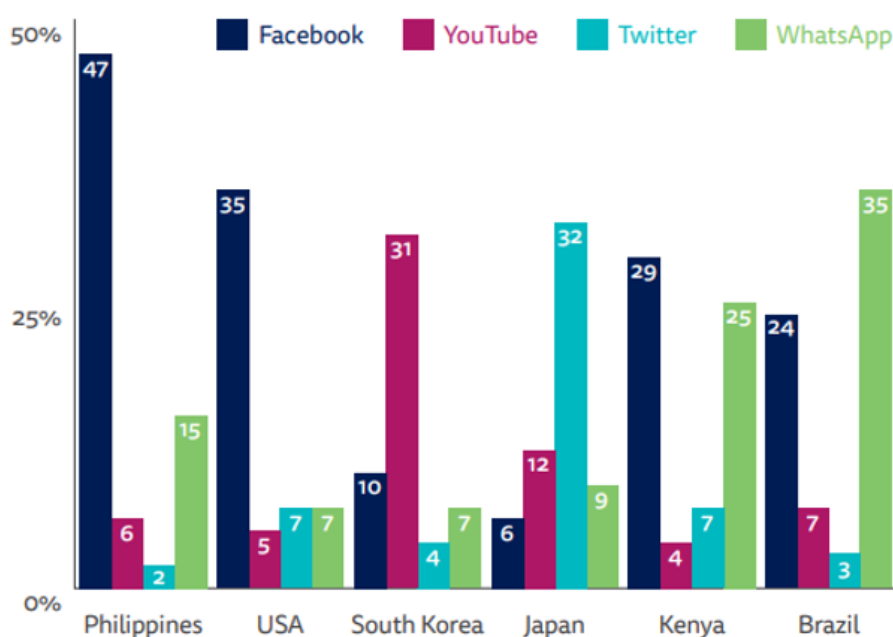


Gráfico 10: Plataformas que mais despertam preocupação com *fake news* por país.

Cabe dizer que as fake news nem sempre são notícias completamente falsas, ou absurdas, por vezes possuem apelo dramático a expectativas que gostaríamos que fossem reais. O primeiro aspecto a ser considerado se refere à importação do conceito para a realidade brasileira, portanto a tradução da expressão *fake news* poderia equivaler à “*notícia falsa*”? O termo em seu sentido original remete à ideia de impostor, a palavra *fake*, nesse sentido, faz referência a algo fraudulento que tem a intenção deliberada de enganar, trata sobre notícias impostoras ou fraudulentas com os objetivos de persuadir, enganar ou confundir. Para Gelfer

(2018) as fakes news são a apresentação deliberada de conteúdos falsos ou enganosos, como notícias cujos conteúdos são sistemática e intencionalmente enganosos. Para Lazer (*et al.* 2018), as notícias falsas são informações fabricadas que imitam o conteúdo da mídia em sua forma, mas não no processo organizacional ou na intenção. Os veículos de notícias falsas, todavia, carecem das normas editoriais e de procedimentos usados pelas mídias consolidadas de notícias que visam a garantir a precisão e a credibilidade das informações divulgadas.

Notícias falsas se sobrepõem a outros distúrbios de informação, como desinformação (informações falsas ou enganosas) e desinformação (informações falsas que são disseminadas propositalmente para enganar as pessoas). Apesar das definições apresentadas, Ribeiro e Ortellado (2018) apontam que o conceito de “notícias falsas” está em disputa e não há por ora na literatura acadêmica ou mesmo no jornalismo uma definição que seja aceita como final ou definitiva. Outros autores, contudo, postulam e examinam uma definição possível, no caso a produção de “informação de combate na forma de matérias noticiosas” (RIBEIRO e ORTELLADO, 2018, p. 73). A denominada “Pós-Verdade”, assim como o conceito de fake news, possui interpretações distintas, mas uma que ganha destaque versa sobre a modulação da opinião pública, os fatos objetivos têm menos relevância e são até mesmo acessórios, sendo constante o apelo às emoções e às crenças pessoais.

A mentira adota várias formas e algumas fake news podem aparecer como sendo notícias completamente absurdas, sem fundamentação, extravagantes, há vezes em que podem ser visualizadas no clássico e chamativo *clickbait*<sup>10</sup>. Por outro lado, algumas fakes estão misturadas dentro de notícias que são verdadeiras ou parcialmente verdadeiras, o que torna a mentira mais verossímil e difícil de ser detectada. Nesses casos podemos cair no *se non è vero è ben trovato* e, a despeito de uma notícia parecer ser provavelmente verdadeira, há a chance de que não o seja. Mesmo vídeos podem ser construídos emulando a voz e o rosto de uma determinada pessoa, a réplica pode ser fiel à pessoa original, como é o caso do emblemático vídeo de Barack Obama<sup>11</sup> sendo copiado. Essa tecnologia baseada em inteligência artificial pode ser utilizada por qualquer pessoa com tempo, disposição e um computador com capacidade de processamento de vídeos. O estudo conduzido por Wineburg (*et al.*, 2016) evidencia que mesmo os chamados “nativos digitais” têm graves dificuldades em diferenciar notícias falsas de verdadeiras.

---

<sup>10</sup> “Clique armadilha/isca” diz respeito a uma chamada que exagera uma realidade e, assim, “fisga” o usuário.

<sup>11</sup> Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=AmUC4m6w1wo&ab\\_channel=BBCNews](https://www.youtube.com/watch?v=AmUC4m6w1wo&ab_channel=BBCNews)>. Acesso em:

Os pesquisadores de Stanford avaliaram alunos do ensino fundamental, médio e superior em 12 estados dos Estados Unidos e a maioria dos estudantes falhou na tentativa de diferenciar notícias falsas de verdadeiras. Essa dificuldade em diferenciar conteúdos revestidos de fakes news, em especial, amplia-se quando a mentira é instrumentalizada de forma a promover a ansiedade coletiva. As versões são mais importantes e os fatos se tornam acessórios e convenientes de acordo com a necessidade. Através de modelos de probabilidade Vosoughi, Roy & Aral (2018) estimaram em um dos maiores estudos já realizados na área que notícias falsas têm 70% mais chance de serem retuitadas do que notícias verdadeiras. O achado dos autores aponta que tais notícias (falsas) se espalham de forma mais veloz, mais profunda e mais abrangente. No estudo intitulado “*The spread of true and false news online*”, os estudiosos diferenciaram notícias como verdadeiras ou falsas usando informações de seis organizações independentes de verificação de fatos, que exibiram 95 a 98% de acordo com as classificações. Notícias falsas sobre política foram mais divulgadas do que notícias falsas sobre terrorismo, desastres naturais, ciência, lendas urbanas ou informações financeiras (VOSOUGHI, ROY & ARAL, 2018). Enquanto histórias falsas inspiraram medo, repulsa e surpresa nas respostas, histórias verdadeiras inspiraram antecipação, tristeza, alegria e confiança. Ao contrário da sabedoria convencional, os robôs aceleraram a disseminação de notícias verdadeiras e falsas na mesma proporção, o que implica que as notícias falsas, posteriormente, acabem por se espalharem mais do que a verdade.

Para Vosoughi (*et al.* 2018, p. 4), uma explicação alternativa emerge da teoria da informação e da teoria da decisão bayesiana<sup>12</sup>. As novidades atraem a atenção humana, contribuem para a tomada de decisões produtivas e incentivam o compartilhamento de informações porque a novidade atualiza nossa compreensão do mundo, segundo os autores. Quando a informação é nova, não é apenas surpreendente, mas também mais valiosa, tanto de uma perspectiva teórica da informação (na medida em que fornece maior auxílio para a tomada de decisões) e de uma perspectiva social (na medida em que transmite status social àquele que está “a par do conhecimento” ou tem acesso a informações exclusivas “internas”) (VOSOUGHI *et al.*, 2018, p. 5). Por isso, testamos se a falsidade era mais nova do que a verdade e se os usuários do Twitter tinham maior probabilidade de retuitar informações mais novas.

---

<sup>12</sup> A decisão tem como base somente sua experiência passada. Este segmento da Teoria Bayesiana é conhecido como *análise a priori*.

### 2.3 Psicoesfera

Conceitos como redes sociais, mídias digitais ou redes *online*, a despeito de serem os mais utilizados para descrever o espaço virtual em que se dão as trocas comunicacionais entre usuários, não nos parecem ser os mais adequados para observar de forma crítica as dinâmicas que envolvem os interesses políticos e econômicos de tais plataformas. Dessa forma buscamos na literatura dimensões explicativas sobre este espaço paradoxal, virtual-concreto, e conseguimos encontrar respostas possíveis em Milton Santos e a obra *A Natureza Do Espaço*. Neste trabalho são sistematizadas ideias para a construção de uma geografia social crítica, para o autor o “espaço é formado por um conjunto indissociável, solidário e também contraditório, de sistemas de objetos e sistemas de ações, não considerados isoladamente, mas como o quadro único no qual a história se dá” (SANTOS, 2006, p. 39). As plataformas de redes sociais, tanto quanto as cidades e os espaços físicos, possuem “acidentes geográficos”, relevos, regras de circulação e caminhos que nos impõem contornos particulares que nos permitem certas caminhadas. Seja de forma sutil ou, por exemplo, em outros momentos com toda a voracidade expressa em linchamentos, por meio da orquestração do caos de nossos afetos, nossas consciências são interpeladas nessa torta caminhada. Assim, o autor constrói dois conceitos que consideramos fundamentais, Tecnoesfera e Psicoesfera, para Santos:

Ao mesmo tempo em que se instala uma tecnosfera dependente da ciência e da tecnologia, cria-se, paralelamente, e com as mesmas bases, uma psicofera. A tecnosfera se adapta aos mandamentos da produção e do intercâmbio e, desse modo, frequentemente traduz interesses distantes; desde, porém, que se instala, substituindo o meio natural ou o meio técnico que a precedeu, constitui um dado local, aderindo ao lugar como uma prótese. A psicofera, reino das idéias, crenças, paixões e lugar da produção de um sentido, também faz parte desse meio ambiente, desse entorno da vida, fornecendo regras à racionalidade ou estimulando o imaginário. Ambas - tecnosfera e psicofera - são locais, mas constituem o produto de uma sociedade bem mais ampla que o lugar. Sua inspiração e suas leis têm dimensões mais amplas e mais complexas. (SANTOS, 2006).

A esfera técnico-científica se apropria da natureza e lhe atribui uma nova forma, portanto a transforma em algo novo, uma infraestrutura capaz de aumentar o avanço da produtividade das sociedades de mercado. O produto mais característico da tecnoesfera pode ser considerado as tecnologias da informação em suas diversas facetas, as implicações dessa transformação afetam significativamente as relações humanas, de trabalho e sociabilidade. Para tanto o humano-genérico se vê diante da possibilidade de novas formas de trabalho nunca

imaginadas e ao mesmo tempo frente à conjuntura de uma nova onda de desemprego estrutural como desdobramento da nova revolução industrial já em curso.

Tecnosfera e psicofera são redutíveis uma à outra. O meio geográfico atual, graças ao seu conteúdo em técnica e ciência, condiciona os novos comportamentos humanos, e estes, por sua vez, aceleram a necessidade da utilização de recursos técnicos, que constituem a base operacional de novos automatismos sociais. Tecnosfera e psicofera são os dois pilares com os quais o meio científico-técnico introduz a racionalidade, a irracionalidade e a contra-racionalidade, no próprio conteúdo do território (SANTOS, 2006).

A tecnoesfera está sob regulação da psicofera e, embora a inteligência artificial possa capturar faces e expressões, compreender nossos padrões de consumo via *Big Data*, o humano-genérico por ora ainda é o titereiro da tecnoesfera. A psicofera, portanto, para Santos (2006) se dá na configuração do lugar, no compartilhamento de lugares comuns, para Kahil (2010) a psicoesfera é a natureza do espaço como conjunto de sistemas de objetos indissociáveis do sistema de ações. A preocupação da autora diz respeito ao caráter contingente do novo espírito do capitalismo considerando a indissociação entre psicofera e tecnoesfera.

Milton Santos, ao refletir sobre a psicofera e a tecnoesfera, deixa contribuições importantes para diversos campos do conhecimento e aqui nos apropriaremos desses conceitos, observando seu ponto de partida de forma a refletir sobre uma contribuição possível para o campo da psicologia política. Ao tratarmos da psicofera e tecnoesfera nós falamos das proposições de Milton Santos, mas neste estudo trabalharemos com a noção de *psicoesfera*, buscaremos descrever múltiplos espaços psicossociais de circulação e produção de sentidos atrelados a lógicas algorítmicas e de mercado que incidem sobre nossas emoções e consciências. Consideramos importante essa demarcação teórico-analítica para ir além dos termos “redes sociais” ou “mídias digitais”, pois destes escapam uma compreensão crítica do novo espírito do capitalismo, alertado por Santos. Este novo espírito produziu um efeito que nenhum Estado ou governo, seja ele liberal, comunista, conservador, socialista, democrático ou autoritário conseguiu antes, vinculação direta com as nossas emoções, nossos sentimentos mais profundos, nossos desejos e consciências. Apesar da mentira estar presente ao longo de toda história humana, a desinformação em massa e o domínio dos afetos através da instrumentalização das *fake news* é fato novo. Interagimos com este universo simbólico encarnado no triunvirato *Facebook, Instagram, Whatsapp* (ou plataformas de referência do país a ser examinado), as fronteiras entre o real e o virtual, o fato e a narrativa foram diluídas. *Psicoesfera*, por conseguinte, não se refere apenas ao “reino das idéias, crenças, paixões e lugar da produção de um sentido”, mas aos lugares em que a circulação de sentidos é por nós alimentada de forma a

produzir narrativas que produzem até mesmo realidades paralelas, como as seguintes ideias, afirmações, que circulam no Brasil atual: terraplana; vacinas causam autismo; cloroquina cura Covid, entre outras possibilidades.

As *psicoesferas* são espaços psicossociais nos quais consciências se encontram e formulam narrativas, preenchem com significados certos símbolos e esvaziam tantos outros, espaços em que são forjados antagonismos e indignações. A *psicoesfera*, embora esteja imbricada pela dinâmica das mídias digitais e internet, transcende estes contextos comunicacionais virtuais e se materializa na vida concreta, tal como estamos apresentando em diversos pontos deste texto. As *psicoesferas* ocupam tons afetivos em nossas vidas cotidianas e podem fazer com que em nós reverbere toda sorte de desejos, portanto, por que não imaginar práticas libertadoras, de construção coletiva, de solidariedade e de cuidado? Tornar transparente e compreender as regras que entrelaçam nossas consciências através dos algoritmos se faz uma necessidade. Por certo, podemos nos abster deste debate e mais uma vez aceitar o convite a reatualizar nossos *feeds* de notícia, podemos mais uma vez experimentar *psicoesferas* com tonalidades de ódio, e quando este nos sorri, nós sorrimos de volta para ele.

## 2.4 Consciência Política

Processos de conscientização política dizem sobre como os indivíduos constroem suas percepções acerca da sociedade e como atribuem significados a suas experiências individuais e coletivas na vida cotidiana. Examinamos um fenômeno multifacetado e complexo, buscando romper com lógicas interpretativas deterministas, individualizantes ou até mesmo que desconsiderem a dimensão histórica e social do fenômeno estudado. Como aponta o educador e filósofo Paulo Freire

Ninguém se conscientiza separadamente dos demais. A consciência se constitui como consciência do mundo. Se cada consciência tivesse o seu mundo, as consciências se desencontrariam em mundos diferentes e separados – seriam mônadas incomunicáveis. As consciências não se encontram no vazio de si mesmas, pois a consciência é sempre, radicalmente, consciência do mundo. Seu lugar de encontro necessário é o mundo, que, se não for originariamente comum, não permitirá mais a comunicação (FREIRE, 1987, p. 10).

Freire, acusado por alguns como sendo um grande promulgador da doutrinação comunista dentro das escolas, responsável pela decadência moral e educacional da pátria, na materialidade de suas obras científicas, de fato, aponta para o caráter coletivo da

conscientização. Esta consciência pode ser influenciada por diferentes grupos, como, por exemplo, elites financeiras, sociais ou mesmo intelectuais, mas a consciência não é dada, ela é inerente a nossa condição humana. Para Freire (1987) a verdadeira reflexão crítica tem origem no processo dialético que conduz à interioridade da práxis, a coerência entre discurso e prática se descodifica criticamente, assim, o movimento da consciência no ser humano se afirma produzindo um sujeito capaz de se instaurar no mundo, através de suas experiências. Ainda para o autor, cada um terá seus próprios caminhos de entrada nesse mundo comum, porém a convergência das intenções que o significam é a condição de possibilidade das divergências dos que, nele, se comunicam.

Pensar certo, pelo contrário, demanda profundidade e não superficialidade compreensão e não interpretação dos fatos. Supõe a disponibilidade à revisão dos achados, reconhece não apenas a possibilidade de mudar de opção, de apreciação, mas o direito de fazê-la. Mas como não há pensar certo à margem de princípios éticos, se mudar é uma possibilidade e um direito, cabe a quem muda – exige o pensar certo – que assuma a mudança operada. Do ponto de vista do pensar certo não é possível mudar e fazer de conta que não mudou. É que todo pensar certo é radicalmente coerente. É que a ideologia tem que ver diretamente com a ocultação da verdade dos fatos, com o uso da linguagem para penumbrar ou opacizar a realidade ao mesmo tempo em que nos torna “míopes” (FREIRE, 1987, p. 18).

Em tempos de aceleração das necessidades e dos afetos, o reino da superficialidade impera na produção de convicções e formulação de opiniões, estas, por sua vez, estão costumeiramente imbuídas de um pensar e agir com o fígado. A linguagem e a retórica discursiva marcadas por dinâmicas de capturas afetivas produzem a necessidade teórica da reflexão sobre o que é conscientização. De acordo com Silva (2001) podemos pensar aproximações promissoras entre o interacionismo simbólico de Mead (1934) e a consciência política, conceituações acerca da Consciência, Self, Ato Social e Outro Generalizado podem permitir a ampliação do estudo sobre consciência política. A linguagem é o veículo no qual estão as fundações do desenvolvimento do *self* e este, por seu turno, é reflexivo. Nas palavras do autor:

esta é a característica do self como um objeto para si mesmo que eu quero trazer. Esta característica é representada na palavra "self", que é reflexiva e indica aquilo que pode ser sujeito e objeto. Esse tipo de objeto é essencialmente diferente de outros objetos e, no passado, foi distinguido como consciência, um termo que indica uma experiência com uma experiência de si mesmo. Supunha-se que a consciência, de alguma maneira, carregasse essa capacidade de ser um objeto para si mesma. Ao dar uma declaração comportamental da consciência, precisamos procurar algum tipo de experiência na qual o organismo físico possa se tornar um objeto para si (MEAD, 1934, p. 87).

A comunicação é imperativa para a formação do *self*, pois ela concede uma forma de comportamento com a qual o indivíduo pode se tornar um objeto para si mesmo e, ainda, na medida em que esta mesma comunicação faz parte do comportamento pelo qual o *self* se apresenta. Nesse sentido, a identidade pessoal não é definida apenas por como o indivíduo se percebe, mas como este acredita que os outros o percebem também. As experiências moldam quem somos e quem poderemos nos tornar. Nosso conceito de nós mesmos não é apenas definido por quem pensamos que somos, porém se baseia, ademais, no que acreditamos acerca do que os outros pensam sobre nós mesmos. Em vista disso, nossa definição de nós mesmos é influenciada pela nossa percepção em relação à percepção de outras pessoas relativa a nós mesmos.

O que determina quais aspectos do *self* surgem em uma interação/comunicação é a própria experiência social que o sujeito vivencia. Em certas situações sociais o *self* simplesmente pode deixar de se apresentar ou permitir a transparência de elementos, dessa maneira, o desenvolvimento do *self* é crítico na compreensão do comportamento humano. Temos uma série de relacionamentos diferentes com pessoas diversas, desempenhamos papéis sociais diferentes, ora representamos coisas variadas para indivíduos distintos.

Existem partes do eu que existem apenas para ele em relação a si mesmas. Nos dividimos em todos os tipos de seres diferentes com referência a nossos conhecidos. Discutimos política com um e religião com outro. Existem todos os tipos de seres diferentes, respondendo a todos os tipos de reações sociais diferentes. (MEAD, 1934, p. 90).

Logo, o próprio processo social é responsável pela aparência do eu; não tem como haver um eu separado desse tipo de experiência. Esse processo é descrito como o do *eu* e do *mim*, o *eu* sendo o grupo de atitudes organizadas às quais o indivíduo responde como um *mim*. O *eu* pode ser descrito como o conjunto de comportamentos, ações e atitudes frente às atitudes e ações de terceiros, portanto, responde no imediato, de forma presente, mas responde em função de memórias de como deveria ser idealmente, internalizadas e assimiladas pelo *mim*, que está no passado. O significado surge e está dentro do campo da relação entre o gesto de um determinado organismo humano e o comportamento subsequente desse organismo, como indicado a outro organismo humano por esse gesto. Se esse gesto indica a outro organismo o comportamento subsequente (ou resultante) do determinado organismo, então ele tem significado. O *eu* é a resposta do organismo às atitudes dos outros; o *mim* é o conjunto organizado de atitudes dos outros que ele próprio assume. As atitudes dos outros constituem o

*eu* organizado e, assim, alguém reage a isso como um *mim*. Agora, desejo examinar esses conceitos com mais detalhes.

O desenvolvimento do *self* envolve diferentes fases da socialização humana. A criatividade e a espontaneidade dentro do processo social nos ajudam a compreender um distanciamento de psicologias estritamente individualizantes e fechadas em si mesmas. O comportamento é o resultado de uma dialética na qual as atitudes dos outros são respondidas pelas atitudes de outros e o controle social é uma condição necessária para o surgimento do autocontrole. Em termos gerais, como observado, o *eu* se desenvolve como qualquer outro objeto. Mais particularmente, ele o faz através de um estágio inicial de reprodução e um estágio posterior de jogo. Na brincadeira, a criança assume o papel de outras pessoas. Porém a vida social é complexa e, para prosseguir, é preciso responder a um padrão intrincado de comportamentos relacionados por vários outros, assim sendo, tem-se a metáfora do jogo em Mead. Para jogar, assume-se o papel de *outro generalizado*, as atitudes da comunidade organizada. É claro que isso é realizado por meio das capacidades simbólicas que caracterizam os seres humanos.

A comunidade organizada ou grupo social que dá ao indivíduo sua unidade de self pode ser chamada de "o outro generalizado". A atitude do outro generalizado é a atitude de toda a comunidade. Assim, por exemplo, no caso de um grupo social como um time de futebol, o time é o outro generalizado na medida em que entra – como um processo organizado ou atividade social – na experiência de qualquer um dos membros individuais dele. (MEAD, 1932, p. 95).

Mead busca enfatizar a preexistência temporal e lógica do processo social no qual o indivíduo autoconsciente surge. A conversa de gestos faz parte do processo social em andamento, não é algo que o indivíduo sozinho torne possível. Para o autor, o desenvolvimento da linguagem, especialmente o símbolo significativo, tornou possível a tomada dessa situação social externa na conduta do próprio indivíduo. Segue-se o enorme desenvolvimento que pertence à sociedade humana, a possibilidade da previsão do que acontecerá na resposta de outros indivíduos e um ajuste preliminar a ele pelo indivíduo.

A mente surge no processo social somente quando esse processo como um todo entra ou está presente na experiência de qualquer um dos indivíduos envolvidos nesse processo. Quando isso ocorre, o indivíduo se torna autoconsciente e tem uma mente; ele toma consciência de suas relações com esse processo como um todo e com os outros indivíduos que participam dele com ele; ele toma consciência desse processo, modificado pelas reações e interações dos indivíduos - incluindo ele próprio - que o estão realizando. A aparência evolutiva da mente ou inteligência ocorre quando todo o processo social de experiência e comportamento é trazido para dentro da experiência de qualquer um dos indivíduos separados implicados nela, e quando o ajuste do

indivíduo ao processo é modificado e refinado pela percepção ou consciência que ele assim tem disso. É por meio da reflexividade - o retorno da experiência do indivíduo sobre si mesmo - que todo o processo social é trazido à experiência dos indivíduos envolvidos nele; é por esses meios que permitem que o indivíduo tome a atitude do outro em relação a si mesmo, que o indivíduo é capaz de se ajustar conscientemente a esse processo e modificar a resultante desse processo em qualquer ato social em termos de seu ajuste a ele. A reflexividade, então, é a condição essencial, dentro do processo social, para o desenvolvimento da mente. (MEAD, 1934, p. 150).

Nessa perspectiva os indivíduos são atores, estando as interações cotidianas e as experiências compartilhadas, através dos símbolos (linguagem), sujeitas a mudanças na forma como são interpretadas. Cada indivíduo poderá ter uma interpretação distinta de um mesmo símbolo ou objeto. Enquanto indivíduos temos nossa própria perspectiva do que é a realidade, bem dizendo, não uma realidade única, pois estamos em constante mudança. As ações humanas vão depender do significado que é atribuído ao objeto. Indivíduos dão sentido para a realidade baseados em suas experiências sociais, mas o significado e sentido atribuídos aos objetos não são permanentes e podem mudar com o tempo.

A premissa subjacente ao interacionismo simbólico de acordo com Stryker (2017) aponta para o *self* que reflete a sociedade e os vínculos entre sociedade e pessoa, tais vínculos podem ser descritos pelo *compromisso* assumido pelo indivíduo ao desempenhar uma forma de agir específica em relação ao grupo. Examinar a ancoragem histórica das relações sociais é perceber que nestas estão sempre embutidas relações de poder. Para Mead (1932) o estudo da consciência, do ponto de vista do indivíduo, levou inevitavelmente ao exame da consciência para o ponto de vista da ação, conseqüentemente, a consciência é necessária para a presença de significado no processo da experiência social. Uma ação ou gesto de um indivíduo em qualquer ato social exige uma resposta de outro indivíduo que está diretamente relacionada à ação do primeiro e a seu resultado. Por conseguinte, a intencionalidade é uma das principais características para este fenômeno que, ocasionalmente, é descrito de forma vaga, como sendo um lugar que está ligeiramente atrás dos olhos. Aqui, à vista disso, buscamos tratar o conceito da consciência levando em consideração sua complexidade que não se restringe às características dos processos psicológicos básicos,

a consciência é sempre intencional e sempre "tende para" ou é dirigida para objetos. Nunca podemos apreender um suposto substrato de consciência enquanto tal, mas "somente a consciência de tal" ou qual coisa. Logo ao tratarmos de consciência não estamos nos referimos apenas à consciência citada nos livros de psicopatologia, onde a leitura é meramente cognitiva, mas uma consciência que ocorre dentro (BLERGER; LUCKMAN, 1965/2004, p. 35).

Para Silva (2001) a articulação entre Mead e Sandoval aponta para a leitura da consciência e do comportamento político que superam leituras deterministas ou unidirecionais quando sobre a articulação estabelecida entre consciência, participação, comportamento e política. Pensar o *self* através da articulação da Teoria Social do *Self* e do Modelo de Consciência é pensar sobre como essa consciência na interação com instâncias socializadoras e simbólicas, consolida a ambos.

O modelo de consciência política, desenvolvido por Salvador (1989, 1994, 1997b, 2001, 2016) será o nosso balizador analítico, essa proposta teórica surge para a análise dos movimentos sociais, mais especificamente para refletir sobre o processo do pensar político. Todos possuímos uma consciência que é política, mas como a desenvolvemos? O modelo considera os aspectos multifacetados dos movimentos das consciências dos indivíduos no cotidiano, tal movimento é inerente a nossa condição de permanente interação com os símbolos e com a realidade social através de nossas experiências individuais e coletivas, tal como nossa capacidade de atribuir significados. Silva (2006) afirma que a consciência política proposta por Salvador inverte a teoria meadiana do *self* que não possui um caráter crítico e abre a possibilidade de se alcançar uma consciência de si acrítica. A proposta de consciência política na perspectiva de Sandoval parte exatamente dessa carência de Mead ao introduzir com condição objetiva a capacidade crítica que o indivíduo adquire mediante suas experiências na relação com o Estado e na construção da identidade coletiva com o grupo de pertença.

O modelo de consciência política foi publicado no ano de 2001 na revista “Psicologia Política” e pode ser descrito como: “Uma composição de dimensões sócio-psicológicas inter-relacionadas, de significados e informações, composição que permite aos indivíduos tomarem decisões para a melhor ação dentro de contextos políticos e situações específicas” (SANDOVAL, 2001, p. 184). As reflexões do autor logram o entendimento de que as restrições cotidianas impostas ao sujeito atuam como um mecanismo de controle social, diminuindo as possibilidades do mesmo desenvolver uma capacidade de abstração analítica. Esse entendimento nos direciona à compreensão de que o viver diário pode ser uma condição alienante e alienadora. Em sua primeira elaboração foram apresentadas as seguintes categorias analíticas: 1) *Collective Identity*; 2) *Societal Beliefs, Values and Expectations*; 3) *Antagonistic Interests and Adversaries*; 4) *Political Efficacy*; 5) *Sentiments of Justice and Injustice*; 6) *Willingness to Act Collectively*; 7) *Social Movement’s Goals and Actions*.

A obra *No Interstício das Disciplinaridades: A Psicologia Política* rerepresenta-se o modelo de consciência política, bem como o debate sobre os processos de desmobilização dos trabalhadores induzidos pelos processos de Neoliberalismo e Globalização. O autor observa a

diminuição das greves trabalhistas nas décadas de 1990, acompanhada do aumento significativo da inflação, instabilidade econômica e redução dos salários. Para trabalhar com essas ideias, descrevem-se as categorias enquanto: 1) *Crenças e Expectativas Sobre a Sociedade*; 2) *Identidade Coletiva*; 3) *Eficácia Política*; 4) *Sentimentos de Justiça e Injustiça* 5) *Interesses Coletivos e Adversários Antagônicos*; 6) *Vontade de Agir Coletivamente*; 7) *Ações e objetivos do movimento social*. Sandoval (2015), por meio do levantamento do número de greves no país de 1990 até 1999, examina a fragmentação da identidade coletiva da classe trabalhadora, assim como o aumento do individualismo no centro das crenças e expectativas dos trabalhadores. O autor aponta ainda para a produção do desencantamento com a possibilidade de transformações na condição de vida em função de processos fora do controle dos trabalhadores, como é a Globalização.

No livro *Psicologia, Políticas e Movimentos Sociais*, Sandoval & Silva (2016) produzem uma revisão das categorias, dentre as principais mudanças podemos observar o destaque dado ao papel dos sentimentos emotivos nos processos de conscientização, esta deixa de ser uma categoria e passa a operar em todas as dimensões simultaneamente. Com a reformulação da proposta, os presentes constructos se apresentam assim: 1) *Crenças, Valores e Expectativas Sobre a Sociedade*; 2) *Identidade Coletiva*; 3) *Eficácia Política*; 4) *Interesses Coletivos*; 5) *Sentimentos com respeito aos Adversários*; 6) *Vontade de Agir Coletivamente*; 7) *Metas e Repertórios da Ação Coletiva*.

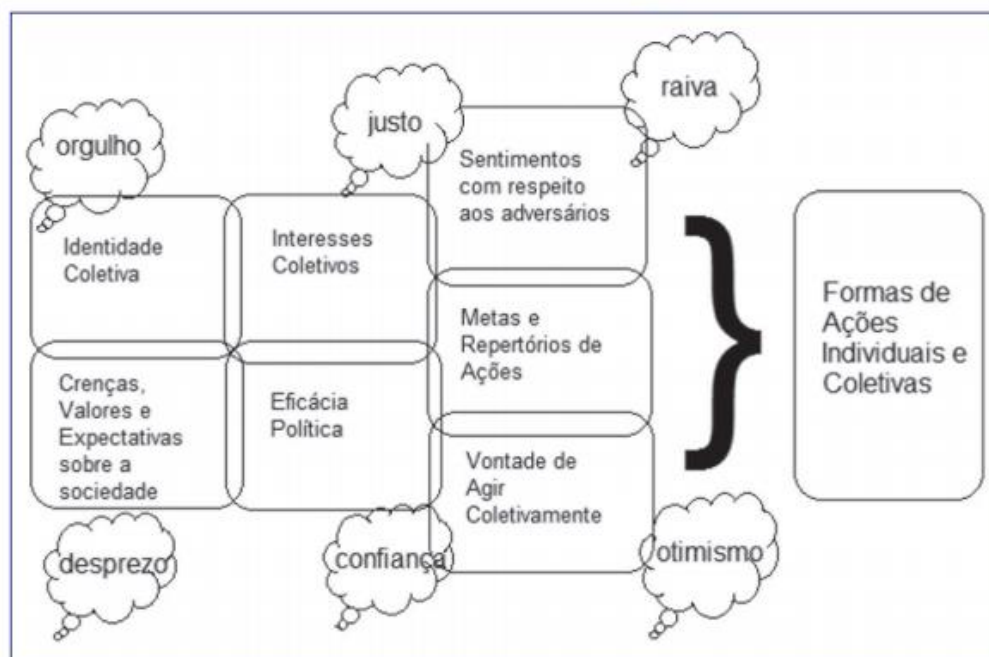


Figura 1: Modelo de Consciência Política (adaptado).

Os sete constructos psicossociológicos não conjugam um modelo linear e estático, mas buscam compreender o movimento da conscientização na sua dinamicidade e fluidez baseado na experiência e na história de cada indivíduo. O modelo tem como principais influências os trabalhos de autores como Allain Tourain (1966), Chales Tilly (1978) e William Gamson (1992a, 1992b), ao mesmo tempo em que constrói críticas às teorias que servem como ponto de partida. A consciência política pode ser considerada como fruto do cotidiano do sujeito; todavia, esse mesmo sujeito também interferirá no cotidiano a partir de sua consciência. Para discutir consciência, Touraine (1966) destaca a “Consciência Operária” e propõe que seu estudo deva ser feito levando-se em conta três princípios: *Totalidade*, *Identidade* e *Oposição*.

Para Gamson (1992a, 1992b), a consciência política decorre da interação com instâncias socializadoras, como a família, a igreja, a escola, os grupos sociais, a mídia e suas várias formas de apresentar ideologias. Inclusa nas críticas de Gamson está a problemática dos *frames*, uma conceituação que Sandoval (2015) descreve como “imprecisa” e que não consegue explicar satisfatoriamente a razão pela qual indivíduos se conscientizam e participam de ações coletivas. O conceito de enquadramento ou *frame* atribui significado de acordo com a natureza do movimento social e não há uma concepção de *self* que explique o processo de conscientização das pessoas, os *frames* e as emoções, na perspectiva analítica estadunidense, ocorreriam como processos mentais distintos, de acordo com Sandoval (2016). Paulo Freire e Martín-Baró, nesse sentido, apresentam leituras mais congruentes dos processos de conscientização do que a proposta dos enquadramentos, de acordo com Sandoval (2015), não obstante, apesar desse avanço, o autor ainda aponta para a limitação explicativa dos processos de desmobilização política.

O primeiro aspecto que devemos destacar é a revisão teórica do modelo de consciência política e o papel chave que as emoções desempenham nos processos de conscientização, Sandoval e Silva (2016) apresentam três aspectos centrais dos sentimentos emotivos. O primeiro trata do aspecto significativo e auto significativo frente aos eventos cotidianos, o segundo sobre a valoração do que o indivíduo atribui ou sente, seja ela positiva ou negativa, o terceiro aspecto diz da intensidade do que é sentido, frente a essa carga emotiva os indivíduos são mais influenciados em função de sentimentos emotivos mais impactantes. Ao considerar aspectos teóricos que sustentem os sentimentos emotivos, Sandoval destaca Jaspers (1997, 2001), Plutchik (2001) e Turner (2005). Inicialmente a dimensão dos *sentimentos de justiça e injustiça* corresponderiam à percepção de reciprocidade nos laços sociais baseada no conceito de *justiça social* de Moore (1978), no qual justiça social equivale à expressão da reciprocidade

entre obrigações e recompensas. Essa reciprocidade ao ser quebrada produziria sentimentos de injustiça.

Com a revisão da proposta, os *Sentimentos com Respeito aos Adversários* substituem os *Sentimentos de Justiça e Injustiça*. O aspecto da consciência em que os indivíduos percebem os próprios interesses em relação aos demais grupos sociais ou políticos, sejam esses simbólicos ou materiais, então, trata-se de uma relação de oposição. Conforme destaca Sandoval (2001), sem a noção de adversários visíveis a mobilização de atores políticos coordenados para alcançar determinado objetivo ou mesmo ao se opor a determinado movimento adversarial é impossível. As emoções têm um “[...] papel funcional e chave na formação da consciência política” (p. 46). Para os autores, as emoções são resultado das experiências vividas pelos indivíduos e, por isso, estão presentes em suas memórias. Outrossim, os sentimentos desempenham funções-chave no processo de comprometimento em um movimento social, afetando o processo de conscientização e de sociabilidade dos indivíduos. Desse modo, auxiliam “[...] no resgate da memória de experiências passadas e, portanto, da história vivida de cada indivíduo” (SANDOVAL; SILVA, 2016, p. 47). Os aspectos sociocognitivos da consciência estão em permanente troca com o campo das emoções, falar de consciência política é falar do universo afetivo que envolve o sujeito em suas diversas possibilidades de existência e experiência. As emoções ou os sentimentos emotivos, por conseguinte, ocupam esse lugar de privilégio analítico dentro das dimensões da consciência, *Sentimentos de Justiça e Injustiça* é substituída por *Sentimentos em Relação aos Adversários*.

A dimensão *Crenças, Valores e Expectativas sobre a Sociedade* concerne ao conjunto de crenças e valores que indivíduos ao longo de seus processos de socialização têm elaborado sobre a sociedade e as relações de *poder* que a permeiam. No processo de interação com as instituições, os indivíduos adquirem valores de acordo com a cultura hegemônica, há um universo simbólico socialmente construído pelos sujeitos, constituindo raízes em suas experiências históricas de acordo com a sociedade a qual pertencem (SANDOVAL, 1994, p. 61). Para o autor, o universo simbólico é socialmente construído pelo sujeito e os aspectos da vida cotidiana são fundamentais para compreender processos de conscientização política.

A dimensão *Identidade Coletiva* é a politização da identidade social e consiste nos sentimentos de identificação ou pertinência de uma pessoa com um ou mais grupos e categorias sociais. Refere-se à forma como os indivíduos estabelecem uma identificação psicológica de interesse e de sentimento de solidariedade, pertinência para com um ator coletivo (SANDOVAL, 2001). Nesse sentido, o sentimento de pertencimento a um grupo conduz a um sentimento de coesão social e isso valorizará sentimentos, como confiança, credibilidade,

eficácia, solidariedade, permitindo, também, a identificação de interesses comuns entre os indivíduos, originando as reivindicações coletivas e a valorização das metas grupais.

A *Eficácia Política* remete à percepção individual das pessoas sobre sua capacidade de intervenção em determinados acontecimentos. A eficácia dependerá das interpretações das pessoas em relação às causas dos eventos sociais. Segundo Sandoval (2001, p. 16), “por eficácia política, entendemos os sentimentos de uma pessoa sobre sua capacidade de intervir numa situação política”. O pesquisador localiza as relações causais na teoria da atribuição (HEWSTONE, 1989), indicando-nos que os indivíduos localizam as causas dos eventos sociais a partir de três interpretações; a primeira sendo *Causas Transcendentais*: para esses indivíduos os eventos sociais são resultado de forças transcendentais e, nesse sentido, o sentimento de eficácia é geralmente baixo, conduzindo com frequência à conformidade e à submissão em relação aos conflitos sociais; *Causas Individuais*: para essas pessoas os eventos sociais são resultado da própria capacidade individual. Nestes casos, geralmente procuram saídas pessoais e particulares para os conflitos sociais ou, então, a autopunição por não conseguirem resolver o conflito. A atribuição de causalidade é com frequência centrado em si mesmo; por fim as *Causas Coletivas*: para essas pessoas os eventos sociais são resultado de ações tomadas por outros indivíduos e/ou grupos, isso permite às pessoas acreditarem também que suas ações individuais ou coletivas podem gerar mudança. Nessa interpretação é possível a autodeterminação dos indivíduos para a concretização de uma mudança social. Essa dimensão, segundo Campbell (1954), compreende avaliar nos sujeitos em que medida as mudanças sociais são possíveis e como o cidadão pode desempenhar um papel na realização dessas alterações.

A *Vontade de Agir Coletivamente* está baseada nos estudos de Bert Klandermans (1992) cujos esforços têm consistido na compreensão do impacto dos movimentos sociais nas democracias modernas. Essa dimensão corresponde à predisposição individual para a participação coletiva, no intuito de corrigir injustiças. Conceitos como “oferta e demanda” são apropriados da economia por Klandermans para delinear a participação em movimentos sociais, sendo a participação resultante de um processo de mobilização, o autor compreende mobilização como sendo:

o processo que liga a demanda e a oferta. A mobilização é, por assim dizer, o mecanismo de marketing do domínio do movimento social, e assim o estudo da mobilização refere-se à efetividade da comunicação (persuasão), a influência das redes sociais, e os custos e benefícios da participação. (KLANDERMANS, 2012, p. 126).

A participação em movimentos sociais, segundo Klandermans (2002), é um fenômeno multifacetado que se dá de diferentes formas. Para o autor é importante distinguir duas dimensões correlatas: tempo e esforço. Algumas formas de participação estão limitadas a acontecer de maneira pontual, na qual há pouco investimento ou risco para quem participa, como doação, assinar petições ou mesmo manifestações pacíficas (OEGEMA; KLANDERMANS, 1987; OEGEMA, 1993). Já outras formas de atuação podem ter duração mais curta, no entanto incorrem em riscos consideráveis para quem participa, como é o caso de ocupações e greves.

As *Metas das Ações Coletivas* é o aspecto da consciência que corresponde aos objetivos do movimento social e aos sentimentos de injustiça, eficácia política e interesses do indivíduo. Segundo Sandoval:

(...) esta dimensão focaliza na extensão em que os participantes sentem que os objetivos e propostas do movimento social e sua liderança combinam com seus próprios interesses materiais e simbólicos, dirigem sua busca por justiça contra o adversário percebido e encontram que as ações coletivas propostas estão dentro do objetivo de seus próprios sentimentos de eficácia política num dado momento. (2001, p. 18).

Nessa dimensão, o autor reforça que o emparelhamento das metas do movimento com as aspirações dos indivíduos constitui sérios desafios ao movimento e aos seus participantes. Além disso, deve proporcionar a interação das demais dimensões da consciência política com as características da organização do movimento, possibilitando um ambiente psicossocialmente predisposto à ação coletiva.

Ao tratarmos das participações políticas no universo *online* e mesmo sobre processos de conscientização derivados da interação dos indivíduos com suas *psicoesferas* de referência, falamos de simbologias e micro choques cotidianos nas consciências. Esse processo de permanente troca com os símbolos se refere a “uma relação dialética entre o dado objetivo e significados subjetivos” (SANDOVAL, 1994, p. 59). Aqui examinamos como estes significados por nós são preenchidos com tonalidades de diversos sentimentos emotivos direcionados pelas *psicoesferas*. As informações não estão mais atreladas ao monopólio de uma midiática, responsável por filtrar e repassar o que é interessante ou não para o debate público. O “tsunami” de informações e de *fake news* se propaga de forma constante, produzindo as formulações de consensos antagônicos quase imediatos. Na medida em que certos atores políticos se posicionam, outros se alinham quase que de forma automática ao polo oposto. Neste caminho, as *fake news* dialogam com certos aspectos dos nossos anseios mais profundos,

com as nossas consciências e com certas construções narrativas, crenças e até mesmo valores tornam-se verdade com esse “sorriso rápido da mentira”.

Como exemplo, o custo/esforço de compartilhar um ataque a adversários políticos distante é relativo a depender do contexto e da forma, mas essa pedra jogada no rio ressoa e produz ondas para além do que é visto na internet.

Abaixo apresentamos o modelo de consciência política de Sandoval com as mesmas categorias já mencionadas, algumas serão abreviadas para melhor representação gráfica, e contam com cores de forma a representar as emoções. Os sentimentos emotivos não constituem uma dimensão em si, contudo atravessam todas as demais ao mesmo tempo, como exemplo, posso me sentir orgulhoso ao pertencer a um determinado movimento de trabalhadores e sentir medo dos meus adversários que se materializam, como na forma concreta da repressão do Estado ou de outro grupo político antagonista.

A pensadora húngara Agnes Heller (1989) nos adverte de que a consciência está intimamente relacionada à vida cotidiana dos indivíduos, assim como essa mesma consciência se encontra no centro dos processos históricos e, para tanto, a historicidade é um lugar privilegiado dentro da compreensão. As *psicoesferas* não apenas facilitam o processo de existência do debate, mas nos dizem qual será ele e como nossas consciências são sequestrados neste processo.

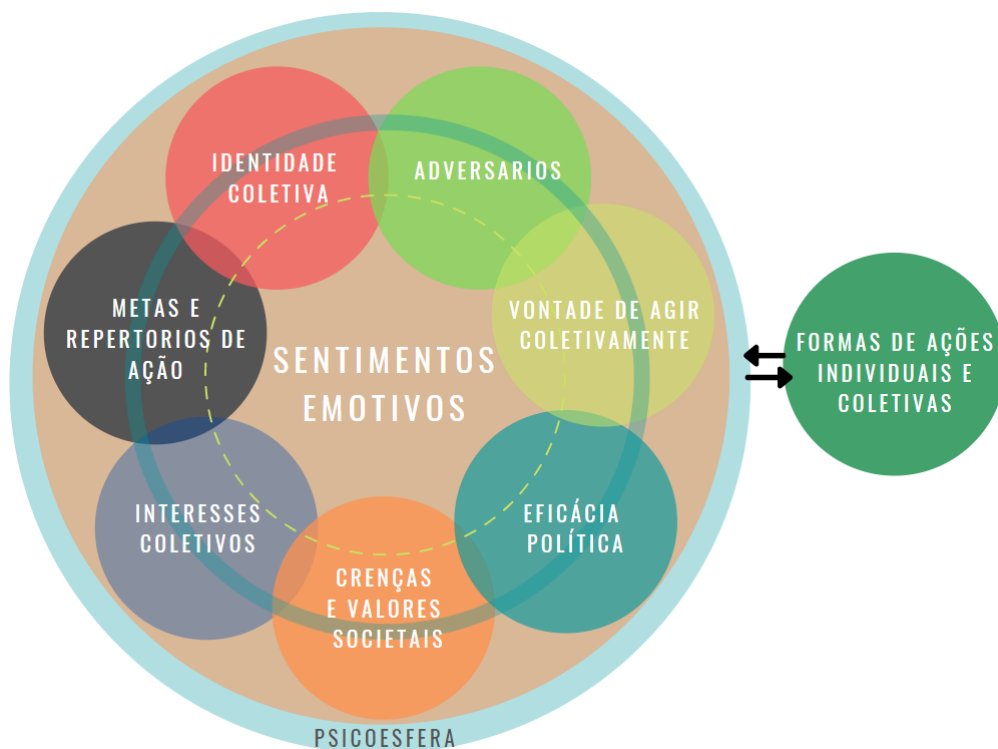


Figura 2: Modelo de Consciência Política e Psicoesfera.

Na relação mediada e produzida dentro das *psicoesferas* são propiciados processos de conscientização e seus usuários são mais do que meros receptáculos passivos de conteúdo. Este espaço psicossocial de circulação de sentidos, verdades e falsidades opera como fator permanente de socialização política e de construção de micronarrativas que se concatenam entre si, produzindo toda sorte de narrativas mais gerais e complexas que atravessam as consciências políticas.

O papel da mídia tradicional também é objeto de longo debate dentro da academia, nesta tese não pretendemos aprofundar neste particular, porém é importante observar que os monopólios digitais têm produzido mudanças significativas no modelo de negócios do jornalismo mais tradicional. Há uma ultra concentração da mídia tradicional brasileira em poucos grupos empresariais ou familiares e também há concentração das plataformas de redes sociais.

### 3 DEMOCRACIAS E FAKE NEWS

#### 3.1 Estados Unidos, Reino Unido e Guerras Culturais

O destaque atribuído às fake news nos remete ao processo eleitoral estadunidense do ano de 2016, processo este que concedeu vitória a Donald Trump, a despeito dele não ser o primeiro ciberpopulista a ascender ao poder (e tampouco será o último), sua vitória eleitoral é um marco histórico importante. O republicano passou a usar de forma ampla o termo *fake news* como crítica à atuação da imprensa, afirmando categoricamente que ela dissemina mentiras e inverdades em relação às falas do presidente recém eleito, assim, descaracterizando suas mensagens e ações. Como estratégia política, Trump utilizou o conflito permanente como forma de pautar o debate na mídia tradicional e nas redes sociais, possibilitando o acirramento da psicosfera de ódio.

A instrumentalização das fake news na forma de mentiras e distorções dos dados foi recurso usado de forma alargada e essa promoção de desinformação já foi chamada até mesmo de “fatos alternativos”, segundo Kellyanne Conway, ex-assessora de Trump. Ainda na posse presidencial, o republicano mentiu sobre o número de apoiadores no evento presente. A afirmação era flagrantemente mentirosa. Mentiras são um recurso comum no processo de socialização e produção de vínculos, não apenas no mundo político, não obstante, como observaremos nas próximas páginas desta tese, não analisaremos as mentiras pontuais, mas, sim, iremos focar em seu uso massivo aparelhado da técnica de capturas dos afetos.

Elencar a gênese para o uso de ciências de dados com finalidades políticas pode levar a uma imprecisão muito grande, mas podemos destacar a fundação das empresas *Renaissance Technology* e a *Medallion* enquanto uma das precursoras de tais táticas. A *Renaissance Technology* foi fundada em 1982 e congregou diversos experts com níveis elevados de formação acadêmica em matemática, estatística e computação, vindo a criar o fundo *Medallion* em 1988, atualmente avaliado em 44 US\$ bilhões. De acordo com a reportagem de Burton (2016) e dados compilados pela revista eletrônica *Bloomberg*<sup>13</sup>, foram produziram as

---

<sup>13</sup> Empresa de tecnologia e de dados para o mercado financeiro, além de agência operacional de notícias em todo o mundo com sede em Nova York. A empresa foi fundada em 1982 por Michael Bloomberg. A empresa emprega mais de 18.500 pessoas em todo o mundo, com escritórios em mais de 173 países.

impressionantes cifras de US\$ 55 bilhões nos últimos 28 anos. O idealizador deste empreendimento bilionário, que supera em cerca de US\$ 10 bilhões fundos administrados por bilionários como Ray Dalio<sup>14</sup> e George Soros<sup>15</sup>, foi o matemático Jim Simons, de acordo com a Forbes<sup>16</sup>. Com o Fundo *Medallion* Simons e diversos cientistas desenvolveram modelos matemáticos e algorítmicos que analisavam e identificavam padrões em uma quantidade gigantesca de dados. Jim Simons em 2010 se aposenta e quem assume o protagonismo é Robert Mercer<sup>17</sup> como co-CEO, ainda no mesmo ano, a transição implica em uma mudança significativa na forma de liderar. Mercer possui convicções políticas que o aproximam de setores ultraconservadores da política estadunidense.

De acordo com Goldstein (*et al.* 2017), Mercer foi um apoiador influente de Donald Trump e produziu desconforto nos acionistas em virtude dos posicionamentos, como, até mesmo, a retirada de capital da empresa. Esta mudança, embora pareça natural e esperada dentro de uma grande companhia, é significativa em virtude da importância histórica que estes atores políticos desempenhariam no processo eleitoral estadunidense de 2016. A reportagem de Frej (2016) publicada no *HuffPost*<sup>18</sup> destaca as publicações e postagens *Breitbart News*, sempre com teor ultra-apelativo, imagens sensacionalistas, um estilo de escrita que recorre à caixa alta, à retórica e aos discursos agressivos que utilizam de *clickbait*.

A construção narrativa foi feita especificamente para capturar nossos afetos, ou ao menos, capturar os afetos daqueles que já estariam mais próximos de formas de socialização política que flertam com as pautas mais conservadoras (ou se poderia denominá-las como reacionárias, talvez?). O êxito é inegável e dentre as matérias mais chamativas dentro do site *Breitbart News* podemos destacar algumas, como: “A solução para o assédio sexual online é simples: mulheres deveriam deslogar”, outra matéria emblemática: “Controle de natalidade faz mulheres ficarem feias e loucas”; “Não há enviesamento na contratação de mulheres para tecnologia, elas apenas são péssimas nas entrevistas”, dentre outras publicações<sup>19</sup>. Estes

---

<sup>14</sup> Bilionário americano gerente de fundos de hedge e filantropo que atua como co-diretor de investimentos da Bridgewater Associates desde 1985. Fundou a Bridgewater em 1975 em Nova York.

<sup>15</sup> George Soros é um filantropo e investidor de cidadania húngara e estadunidense. Em 2018 possuía patrimônio líquido de 8 bilhões de dólares e já doou mais de 32 bilhões de dólares para a Open Society Foundation. Esta fundação apoia financeiramente grupos minoritários da sociedade civil em todo o mundo, o objetivo é promover a justiça, educação, acesso à saúde pública e garantir a mídia independente.

<sup>16</sup> Uma das mais renomadas revistas sobre economia, negócios e investimentos do mundo.

<sup>17</sup> PHD em Ciência da Computação, atuou na IBM. Especializado na área de reconhecimento da linguagem, uma interface entre a linguagem humana e computadores.

<sup>18</sup> Site agregador de blogues estadunidenses de viés liberal (EUA), criado por Arianna Huffington e Kenneth Lerer e lançado em 9 de maio de 2005.

<sup>19</sup> Tradução livre dos autores.

conteúdos são recheados com fake news e a ideia básica é construir narrativas alternativas à da mídia tradicional e passar a produzir a política de identidade que se denomina direita-alternativa, não sendo mais apenas composta por conservadores ou ultraliberais.

Como mencionado, dentre os organizadores do site estão Robert Mercer, apenas o bilionário que doou cerca de 10 milhões de dólares para a revista eletrônica, de acordo com matéria publicada na *NewsWeek*<sup>20</sup> por Kutner (2016). Mercer, um dos maiores doadores para grupos conservadores, além do apoio dado a candidatos federais, em 2014, através da Mercer Family Foundation, organização sem fins lucrativos, concedeu US\$ 18.300.979,00 em doações. Ainda segundo Kutner (2016), a maioria dos beneficiários da fundação são grupos conservadores e entre as pautas defendidas estão: um governo limitado, mercados livres, "valores judaico-cristãos" e pesquisadores negacionistas do aquecimento global. Outro nome importante responsável pelo site é Steve Bannon, sendo que este tem um vínculo chave com toda a história. O financiamento de campanhas ou mesmo de propagandas políticas com dinheiro privado sempre foi uma constante no contexto da democracia estadunidense ou mesmo no contexto democrático do Brasil<sup>21</sup>, mas o que diferencia os nomes acima e, por conseguinte, o contexto apresentado, é justamente a expertise em ciência de dados aplicada ao universo eleitoral.

Segundo Cadwalladr<sup>22</sup> e Gramson<sup>23</sup> (2018), em matéria publicada na revista *The Guardian*, a empresa de análise de dados que trabalhou com a equipe eleitoral de Donald Trump e na campanha pró-Brexit coletou milhões de dados dos eleitores dos EUA através do Facebook. Este fato pode ser considerado como uma grande violação e o uso dessas informações possibilitou a construção de previsões que buscavam influenciar o voto. De acordo com as autoras, a *Cambridge Analytica*, empresa pertencente ao fundo *hedge* de Robert Mercer e gerenciada por Steve Bannon, utilizou informações pessoais obtidas sem autorização no início de 2014 para construir um sistema que pudesse traçar o perfil de eleitores americanos, a fim de direcioná-los com anúncios políticos personalizados e micro focalizados.

---

<sup>20</sup> Segunda maior revista semanal do país, fica apenas atrás da revista TIME em circulação e em ganhos com publicidade.

<sup>21</sup> STF proibiu financiamento privado de campanhas em 2016.

<sup>22</sup> Carole Jane Cadwalladr é uma jornalista investigativa de origem britânica, redatora no The Observer, trabalhou anteriormente no The Daily Telegraph. Ganhou destaque internacional em 2018 ao expor o escândalo de dados do Facebook e da Cambridge Analytica.

<sup>23</sup> Ganhadora do prêmio de Repórter Estrangeiro do Ano, uma das honras dadas anualmente pelo The Press Awards no Reino Unido.

Cadwalldr e Gramsos (2018) citam a fala de Christopher Wylie<sup>24</sup> ao *Observer*: “Exploramos o Facebook para colher milhões de perfis de pessoas. E construímos modelos para explorar o que sabíamos sobre eles e atingir seus demônios internos. Essa foi a base sobre a qual toda a empresa foi construída”. Ainda de acordo com as autoras, os dados foram coletados através do aplicativo *thisisyourdigitallife*<sup>25</sup> e por meio da empresa *Global Science Research* em colaboração com a *Cambridge Analytica*, centenas de milhares de usuários foram pagos para fazer o teste de personalidade Big. Os dados coletados eram para fins acadêmicos, mas o aplicativo também coletou as informações dos amigos de Facebook dos participantes do estudo. Isso produziu dezenas de milhões de dados e a “política de plataforma” do Facebook permitiu apenas a coleta de dados de amigos para “melhorar” a experiência do usuário no aplicativo e impedir que fossem vendidos ou usados para publicidade, de acordo com a reportagem. Ainda em 2014 a *Cambridge Analytica* já havia minerado mais de 50 milhões de perfis do Facebook.

A empresa de Massachusetts *Cambridge Analytica* está ligada aos fundos de *hedge* Robert Mercer, lembram? Sim, aquele mesmo bilionário financiador de sites de desinformação em massa. Outra empresa que apoiou este processo de pesquisa foi o grupo SCL, com ampla experiência em moldar as percepções dos eleitores e aconselhar militares e governos em todo o mundo sobre como conduzir operações psicológicas de acordo com Cadwalldr (2017b). De acordo com Gold e Sellers (2017) a SCL desenvolveu pela primeira vez em Londres, em 1989, a coleta de grandes quantidades de dados sobre os valores, atitudes e crenças de um público, identificando grupos que vão descrever enquanto "persuasivos" e, em seguida, direcionando-os com mensagens personalizadas. O SCL testou técnicas de persuasão em campanhas de saúde, o seu desenvolvimento na Grã-Bretanha se dá no início dos anos 1990, Gold e Sellers (2017) destacam o direcionamento da empresa no ramo de consultoria política internacional e também em contratos de defesa.

Apesar do suporte de dados prestado à campanha de Ted Cruz, Donald Trump venceu nas primárias e a *Cambridge Analytica*, então, ofereceu seus serviços para a campanha do republicano, mas dessa vez a empresa de mineração contaria com um acesso muito maior a dados. A equipe de estatísticos e psicólogos da *Cambridge Analytica* aderiram à prática crescente do que vão chamar de "segmentação psicográfica" (HAMBURGUER, 2015). Com os resultados obtidos eram formuladas e encaminhadas micro propagandas para nichos específicos do eleitorado. Os dados do teste são complementados por pesquisas recentes sobre

---

<sup>24</sup> Ex-funcionário da empresa e acadêmico da Universidade de Cambridge.

<sup>25</sup> “Essa é a sua vida digital”, tradução livre. Aplicativo desenvolvido por Aleksandr Kogan

questões e, juntos, são usados para categorizar os apoiadores, que, assim, recebem mensagens personalizadas, telefonemas e visitas. A propaganda política ideal com o apelo preciso para o eleitor certo.

Dentro do aparato ferramental utilizado, a psicologia teve o seu papel de subsidiar teoricamente a direita alternativa, o modelo utilizado consiste na teoria da personalidade conhecida por *Big Five*, sendo composta pelas dimensões do *neuroticismo*, *sociabilidade*, *abertura*, *conscienciosidade* e *extroversão*. O uso dessas dimensões psicológicas associado a modelos computacionais foi aplicado ao marketing político, isto permitiu, através das curtidas dos usuários, prever a relação entre gênero, etnia, orientação sexual, orientação política, filiação partidária e mensagem de maior apelo. Como exemplo, dois eleitores conservadores recebem mensagens diferentes, mas com o mesmo tema, o primeiro eleitor com maior instabilidade emocional (neuroticismo) seria informado do caráter comunista do *ObamaCare*<sup>26</sup>, já o segundo, conservador mais moderado (abertura à experiência), seria informado como o programa é ruim do ponto de vista econômico. Estes rastros possibilitam a leitura do traço de personalidade, identificando-se a personalidade de cada usuário, assim, as propagandas micro direcionadas eram enviadas.

Campanhas tradicionais de televisão possuem diversas limitações, como o tempo e as a dinâmica com as psicoesferas mudam completamente, logo, a disputa pela construção de narrativas se torna uma constante. Banon, em suas pesquisas aplicadas, compreendeu o papel das emoções, engajamento e participação política *online*. Em entrevista à *Bloomberg* Bannon afirmou que a campanha de Trump é uma restauração do verdadeiro capitalismo americano, o ex-presidente seria “o líder de uma revolta populista”. Mais do que identificar quem são os eleitores indecisos, manter a base de apoio envolta pela guerra cultural é uma tática necessária. Cadwalldr (2017) destaca como a *Cambridge Analytica* se orgulha de ter perfis psicológicos baseados em 5.000 dados separados a respeito de 220 milhões de eleitores americanos em sua base de dados. Estes dados são peça chave na compreensão do acesso às nossas emoções mais profundas e à eficiência da máquina de propaganda. Banon em diversas entrevistas afirmou que “política é guerra” e “que tudo é uma questão de emoções” o ex-estrategista de Trump seleciona e analisa atributos físicos, psicológicos e de estilo de vida e determina como as pessoas trabalham, como reagem emocionalmente.

---

<sup>26</sup> Política pública de saúde.

De acordo com a reportagem de Cadwalladr (2017b) publicada no *The Guardian*<sup>27</sup> o algoritmo do *Google* foi manipulado por sites extremistas com a ajuda de especialistas, a jornalista mapeou e descobriu todo um ecossistema de notícias e informações da *alt-right* ligadas a *Cambridge Analytica*. A campanha *LeaveEU*<sup>28</sup> com a *AggregateIQ* que a *VoteLeave* gastou cerca de £ 3,9 milhões de libras, segundo a reportagem, mais da metade do orçamento oficial da campanha foi de £ 7 milhões. Segundo Cadwalladr (2017b) outras campanhas filiadas a *LeaveEU* como a *BeLeave*, *Veterans for Britain* e o partido *Democratic Unionist*, gastaram mais de £ 757.750 libras. Esse tipo de gasto entre as campanhas é proibido pela lei eleitoral do Reino Unido, a menos que as despesas de campanha sejam declaradas em conjunto.

A *AggregateIQ* liderou em valores de gastos, mais do que com qualquer outra empresa em qualquer outra campanha em todo o referendo. A micro-segmentação de mensagens políticas foi uma técnica também utilizada no *Brexit*, com o avanço de investigações, a relação entre *Cambridge Analytica*, *SCL* e *AggregateIQ* foi se tornando mais evidente. Guimon (2018) ao entrevistar Christopher Wylie (o vegano, gay de 28 anos, como gosta ele mesmo de se descrever) destacou seu papel decisivo nas ações da *Cambridge* e *SCL*, um dos principais especialistas. Quando indagado se o *Brexit* teria ocorrido sem a *Cambridge*, nas Palavras de Christopher: “De modo algum. É importante porque o referendo venceu com menos de 2% dos votos e muito dinheiro foi gasto em publicidade na medida certa, com base em dados pessoais”. O chamado “perfil biopsicossocial” é uma ofensiva dentro das guerras cognitivas, embora existam muitos outros: “recodificando a consciência de massa para transformar o patriotismo em colaboracionismo” (CADWALLADR, 2017b). Ainda segundo a jornalista, com documentos informativos da *Otan* e *SCL*, o combate à desinformação russa: o “uso profissional de mídia está com prazo limitado para propagar narrativas”, diz um *white paper* do departamento de estado dos EUA.

Os dados dos usuários nas plataformas de redes sociais tiveram lugar dentro destes dois processos políticos distintos, as penúltimas eleições estadunidenses e o *Brexit*, ambos em 2016, lugar de privilégio e importância para que estas várias empresas citadas até aqui pudessem atuar de forma a materializar interesses políticos e econômicos. Ao trazer esses diversos dados e histórias paralelas e correlatas, buscamos apresentar ao leitor o emaranhado de interesses que vigoram na construção de narrativas políticas, como são financiadas, quais interesses atenderam dentro destes processos. O *Brexit*, segundo Christopher Wylie, não teria acontecido sem a

---

<sup>27</sup> Site britânico de notícias do *Guardian Media Group*.

<sup>28</sup> O *Leave.EU* foi fundado em 2015 e consiste em um grupo de campanha política que apoiou a retirada do Reino Unido da União Europeia no referendo de Junho de 2016.

intervenção da *Cambridge Analytica*. Talvez ele esteja errado, talvez este processo invariavelmente tivesse acontecido, seria mesmo inevitável, contudo, o vazamento de dados de usuário, ferindo o direito à privacidade de dados, é fundamental para pensarmos as democracias no atual século.

O início do fim da *Cambridge Analytica* se deu em jantar com um dos CEO da empresa, Alexander Nixon, neste fatídico encontro o CEO, em gravação divulgada em reportagens do *The Guardian* e *The New York Times*, revelou o vazamento de dados, o que produziu uma gigantesca repercussão no mundo. Profissionais hábeis da manipulação de forma amadora entregaram a maneira como obtiveram os resultados que conquistaram, mais detalhes desse processo político podem ser vistos no documentário “Privacidade Hackeada”. Apesar da *Cambridge Analytica* ter fechado as portas, tantas outras empresas neste exato momento operam de forma a utilizar nossos dados para fins políticos e econômicos desconhecidos.

Todas essas empresas e atores políticos, apesar de serem importantes para compreender a cronologia e a dinâmica que envolvem a disseminação de desinformação em massa, são atores coadjuvantes. O protagonista real das nossas capturas afetivas tem como nome Mark Zuckerberg, o congresso estadunidense intimou o CEO do Facebook a prestar esclarecimentos em 2018 sobre o vazamento de dados de mais de 87 milhões de usuários da rede social em questão. Na ocasião, a repercussão negativa produziu prejuízos e desvalorização do Facebook, porém essas são águas passadas e a empresa segue rentável e lucrativa.

Os quatro anos de gestão Trump foram marcados pelo aumento do isolacionismo dos Estados Unidos em relação ao resto do mundo, endurecimento da política imigratória, protestos contra a violência policial e, por fim, a invasão do Capitólio por parte de apoiadores do republicano. Por fim (ou apenas como início) em 2020, Donald Trump foi derrotado pelo democrata Joe Biden em meio à pandemia do novo coronavírus. O comparecimento às urnas ou os votos pelo correio, em função da pandemia, marcaram o recorde histórico de eleitores votantes, sendo Biden o político mais votado da história dos Estados Unidos com 81 milhões de votos, e em seguida Donald Trump com 74 milhões de votos, ambos superando o antigo recordista Barak Obama com 69 milhões. Apesar de Trump ter sido derrotado, o *Trumpismo*, ou o *ethos* da *alt-right*, promete permanecer por mais tempo.

O resultado não foi aceito por Trump e o aceno a grupos armados produziu o episódio da invasão ao Capitólio: homens armados, dentre eles vários policiais e ex-militares munidos com artefatos bélicos, invadiram o congresso estadunidense. Um dos desdobramentos dessa tensão foi a suspensão e banimento permanente das contas de Donald Trump em plataformas, como Facebook e Instagram, estas que bloquearam Trump por tempo indeterminado. O

sindicato dos funcionários do Google pressionou pela retirada de Trump do *Youtube* também. Como alternativa, o *Parlet* foi criado para abrigar os banidos da *alt-right*, mas o aplicativo da rede social veio a ser retirado da *PlayStore*, a *Amazon* também veio a expulsar a plataforma de seus servidores. Estes episódios levantam questões complexas, como, por exemplo, até que ponto empresas privadas podem escolher silenciar alguém? Talvez o leitor, que tenha pouca simpatia por Trump, tenha experimentado uma pequena felicidade com este episódio, mas e se esse fato movesse os indivíduos mais radicais para outras redes como o *Parlet*? Um espaço longe do olhar e da vigilância de seus antagonistas? E se isso potencializasse, ainda mais, o efeito bolha? Aqui, mais do que afirmar se a ação de banimento de Trump foi correta ou não, alertamos para essa movimentação dessas “placas tectônicas”.

A polarização política e social no contexto estadunidense, que resultou na invasão do Capitólio ou mesmo em protestos em Charlottesville (em que manifestantes se reconheciam enquanto nazistas), possui diversas explicações. Nas próximas páginas apresentaremos algumas hipóteses explicativas de tais fenômenos que talvez possam nos ajudar a pensar até mesmo sobre o cenário brasileiro e o cenário internacional mais amplo. Dentre essas hipóteses está a chamada Guerra Cultural, termo popularizado nas décadas de 1990, mas suas origens de acordo com Hunter (1991) estão nos conflitos vividos pela Alemanha do final do século XIX. Ao tratarmos de guerra partimos da ideia de conflito, cisão, ruptura, batalha, como o próprio termo “guerra” pressupõe imaginar. Como exemplo, Hunter cita a *Kulturkampf* de Bismark, o confronto tem em seu âmago uma disputa entre protestantes e católicos pelo controle da educação, após o final da guerra Franco-Prussiana, consolida-se um sentimento nacionalista na Alemanha. A ausência de um inimigo externo volta a atenção de católicos e protestantes uns para os outros e o aumento de poder político dos católicos, segundo Hunter (1991), produz o aumento da tensão entre os grupos até culminar em violência política e religiosa. Logo, ao tratarmos de guerras culturais distintas, referimo-nos ao embate entre visões de duas morais e visões de mundo antagônicas sobre as histórias e mitos que serão transmitidos para as futuras gerações.

Com a publicação do livro *Cultural Wars: The Struggle to Define America* de 1991, Hunter aponta um conjunto de disputas nos EUA já nas décadas de 1920 e, novamente, a disputa se dava em torno da educação, o debate era encarnado no combate do ensino da teoria da evolução de Darwin. Os escritos de Hunter suscitaram debates e críticas intensas acerca do tema, mas fato é que alguns atores políticos encenaram o papel da existência de uma guerra cultural, como é o caso de Patrick Buchanan, político do Partido Republicano em 1992 e sua

alegação de uma guerra cultural em curso. A definição do conceito, todavia, pode ser descrita nas palavras de Hunter como:

Conflito cultural muito simplesmente visto como hostilidade política e social enraizada em diferentes sistemas de compreensão moral. O fim para cada uma destas hostilidades tende a ser a dominação de um *ethos* moral e cultural sobre todos os outros. (HUNTER, 1991, p.42)

Dentro do imaginário das guerras há a presença da figura do soldado, Hunter utiliza a ideia de “guerreiros culturais” para se referir a certas elites da sociedade civil que, como ativistas, militantes, jornalistas, professores, clérigos, acirram o debate na esfera pública. A polarização e conceitos evidenciados na obra de Hunter (1991) se disseminaram no linguajar popular e na mídia estadunidense, a ideia da cisão social do país produziu controvérsia e intensos debates. Na obra *Culture War? The myth of a polarized America*, da autora Morris Fiorina, as teses de Hunter são questionadas, o argumento central da obra trabalhou a ideia de os estadunidenses não serem uma nação profundamente dividida. Para a autora, não existe uma guerra cultural pela alma da sociedade estadunidense, mas, sim, uma interpretação equivocada dos mapas/resultados eleitorais e de minorias barulhentas. A autora, contudo, concorda com a ideia de que “os ativistas/militantes de partidos enxergam a si mesmos como guerreiros em uma guerra” (FIORINA *et al.*, 2006, p. 8).

A gênese dos conflitos culturais estadunidenses em Hunter (1991) está no século XIX, foram embates religiosos entre grupos protestantes e os católicos, pela conquista de um dado *ethos* moral. Para Lacorne (2007, p. 92) outros elementos, como marcadores de classes e étnicos, são importantes para compreender a dinâmica do processo de acirramento das tensões que culminam em violência política. Pensar a Guerra da Secessão é pensar nos interesses materiais e econômicos objetivos, e, para além disso, é pensar sobre qual legado simbólico é entoadado na memória política de gerações. Duas grandes forças disputavam a possibilidade de contar a história: o norte marcado por aspectos mais modernos e o sul encarnando outros valores e leituras de mundo. Conta-se com a presença de pares opostos, como conservadores e progressistas, arcaico e moderno, tradicional e laico, esses que encontram ressonância imagética. De acordo com Souza (2014) a unidade entre os grupos religiosos foi cindida, católicos, protestantes e judeus dividiram-se em conservadores e progressistas no interior de suas religiões, os aliados se tornaram rivais políticos e inimigos históricos passaram a ser percebidos como aliados em virtude de similaridades em sua maneira de significar o mundo.

Grupos tradicionalistas religiosos, como protestantes, católicos e judeus ortodoxos, antes se opunham uns aos outros em busca da conquista de um dado *ethos* moral, mas nas décadas de 1960 unem esforços para enfrentar o progressismo. A emergência dos movimentos sociais por direitos civis negros, LGBT's, feministas e secularistas trouxeram consigo uma reconstelação das forças simbólicas nos debates públicos. O cerne destes debates, como já citamos, cercavam o campo da educação, ainda além, também avançavam outras pautas, como comportamentais relativas à sexualidade, direito a cotas, políticas públicas afirmativas, laicidade do Estado e regulamentação do aborto. Nesse sentido, para Hunter, a polarização social começa pelas elites, com as pautas morais que pertenciam à esfera da vida privada se transformando em demandas por transformação social por parte dessas lideranças.

Por autoridade moral eu quero dizer as bases pelas quais as pessoas determinam se algo é bom ou ruim, certo ou errado, aceitável ou inaceitável, e assim por diante. É claro, pessoas frequentemente têm muitas ideias diferentes sobre qual critério utilizar para fazer julgamentos morais, aqui salientamos apenas um ponto. Trata-se do compromisso entre bases de autoridade morais, diferentes e opositoras, e as visões de mundo que derivam delas para criar as profundas clivagens entre antagonistas na guerra cultural contemporânea. (HUNTER, 1991, p. 42-43).

As autoridades morais encarnavam distintas leituras da realidade social que as circundam na tentativa de dominar a esfera pública, Hunter propôs uma distinção entre cultura privada e cultura pública, a primeira é intrinsecamente ancorada na experiência pessoal enquanto a segunda nas vivências morais tradicionalistas que fazem a defesa de uma leitura mais literal dos valores religiosos, já as autoridades progressistas propõem uma reinterpretação moderna, racionalista e laica. Tais narrativas, sendo assim, disputavam o tradicionalismo na interpretação da fé e das tradições filosóficas, ou a modernização de tais valores que poderiam ser transformados e adaptados para o novo século. A noção de cultura pública faz alusão ao conjunto de normas legais e códigos que delimitam o que é aceito dentro dos comportamentos privados, a partir de uma regulação do Estado. Nesse sentido, Hunter parte para o conceito de Hegemonia Cultural em que a disputa pelo moral *ethos* culminaria em violência política para influenciar em instâncias do Estado, como educação, cultura, políticas públicas e processos eleitorais.

O tema das guerras culturais foi capturado por diversos atores políticos/sociais diferentes, jornalismo, academia e até mesmo líderes espirituais. Talvez a sociedade estadunidense não esteja tão polarizada, como autores tal Hunter nos leve a crer, talvez Pippa tenha mais acuracidade em suas análises. Apesar dessas possibilidades, podemos visualizar que, no mínimo, as autoridades e os guerreiros culturais estão polarizados e o campo das redes

sociais é terreno fecundo para o acirramento de uma psicoesfera de guerra. O ano de 2020, para exemplificar tal polarização, foi marcado por diversos protestos anti racistas em virtude da morte de George Floyd<sup>29</sup> – iniciados em Minneapolis, nos Estados Unidos, mas disseminados em diversas regiões, como Europa e América do Sul. Em alguns destes protestos houve o embate direto entre manifestantes antirracismo e manifestantes mais alinhados a ideologias conservadoras. Na Inglaterra, manifestantes derrubaram a estátua de Edward Colston que foi substituída temporariamente pela imagem de uma militante negra. Em 2017, situação semelhante ocorreu com a estátua de Robert E. Lee, com o anúncio de sua derrubada, milhares de pessoas se reuniram com tochas e referências nazistas na defesa do símbolo. Estes eventos por si só não são a prova final e cabal da existência da guerra cultural, mas dificilmente podemos ignorar ou negligenciar a polarização social, logo, há necessidade de desenvolvimento de uma reflexão crítica sobre a questão posta.

Cabe destacar que ao nos referenciarmos ao binômio direita-esquerda<sup>30</sup> buscaremos nos pautar por definições contemporâneas, estes termos mudam de acordo com o momento histórico e com a região, assim sendo, é vital uma leitura que evite qualquer forma de anacronismos. Estes conceitos, porém, são insuficientes para a compreensão da realidade, embora ainda sejam amplamente utilizados existem outras leituras complementares possíveis. Como destacado, as guerras culturais e a instrumentalização das *fake news* desempenham papel singular que contribui para o acirramento e polarização política, mas não são a única razão. Ao focarmos no contexto estadunidense, evidencia-se que o fenômeno da polarização não é exclusivo do cenário brasileiro, ao observarmos outros países é possível identificar, no âmago de diversas democracias, conflitos e disputas, sejam eles devido aos processos eleitorais ou às consolidação de narrativas, gerados por disputas, por consciências e pelo poder. Vários países poderiam ser mencionados devido a sua polarização, contudo escolhemos observar o emblemático caso dos Estados Unidos da América. Destacamos duas razões que nos obrigam a fazer uma parada histórica neste país, a primeira é a vasta quantidade de dados passíveis de análise, a segunda se refere à forma como a extrema-direita brasileira tem se alinhado ao *Tea Party* estadunidense.

Para Mccarthy (*et al.* 2006, 2014), nas décadas de 1970, o distanciamento entre o partido Republicano e o Democrata volta a ser uma constante, em especial quando associado à

---

<sup>29</sup> Foi um afro-americano assassinado em 25 de Maio de 2020, depois que Derek Chauvin ajoelhou-se no pescoço dele por mais de oito minutos, enquanto estava deitado de bruços na estrada. O assassinato ocorreu durante a prisão de Floyd e foi gravado em vídeo nos celulares de vários espectadores. As gravações em vídeo, mostrando Floyd dizendo repetidamente "I Can't Breathe!" ("Não consigo respirar"), viralizaram nas redes sociais.

<sup>30</sup> Conceitos originais da assembleia nacional francesa de 1789, onde os partidários da revolução se sentavam à esquerda e os grupos mais conservadores, ligados à monarquia, à direita.

ideologia e à economia. Até antes das décadas de 1970, poderiam ser encontrados no sistema bipartidário estadunidenses democratas mais alinhados aos conservadores, assim como republicanos com perfil mais progressista, todavia esse cenário mudou radicalmente. A polarização política, na visão dos autores, tem início com a polarização das elites políticas, em consequência, a polarização social seria fruto da primeira e não o contrário. Ao analisar a polarização no contexto da Câmara e do Senado dos Estados Unidos, McCarthy (2017) utilizou uma medida conhecida como *DW-NOMINATE*. Com esse marcador, o modelo estatístico estima a possibilidade de rotular as posições dos legisladores com base no voto, “*roll call*”, ou voto livre (MCCARTHY, 2017). Essas medidas em grande parte são direcionadas considerando a agenda legislativa em questões de políticas econômicas, como, por exemplo, orçamento e regulações.

De acordo com o método utilizado por McCarty (2017), pontuações mais elevadas representam posições mais conservadoras, logo, o modelo estatístico associa uma posição conservadora para legisladores que votaram frequentemente em apoio aos conservadores e nunca aos liberais. Já os liberais são aqueles que votam com outros liberais e nunca com conservadores, enquanto moderados são aqueles que votam com liberais e conservadores. O ranqueamento do *DW-NOMINATE* ocorre através da pontuação individual de legisladores que é agregada a essas medidas de polarização e se traduz na diferença entre republicanos e democratas. A contagem dos votos, registrados de acordo com a Gráfico 1, inicia-se no ano de 1879 e vai até 2014, sendo possível comparar as diferenças entre republicanos e democratas. As medidas de ideologia foram obtidas através da criação de escala liberal-conservador, a metodologia utilizou de todos os votos nominais coletados até então.

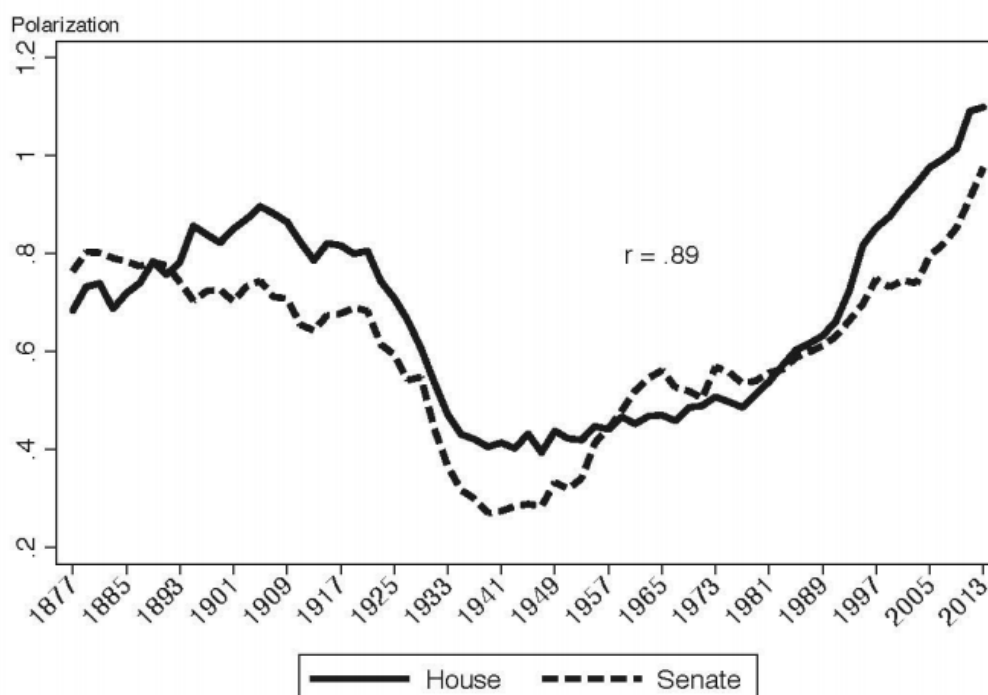


Gráfico 1: Polarização nos EUA, Congresso 1877-2014. Computado baseado no DW-NOMINATE Scores 35 (MCCARTHY; POOLE; ROSENTHAL, 2006, 2014).

O nível de polarização no Congresso e no Senado variou significativamente ao longo do tempo no eixo Democrata-Republicano, sendo que uma dessas cortes manteve maiores níveis de polarização. De acordo com a [Figura 3](#), podemos observar a elevada polarização do congresso após a Guerra Civil e seu declínio acentuado nas décadas de 1920 até 1950. Podemos observar também que os maiores declínios podem ser associados com eventos históricos importantes, como a Grande Depressão e a Segunda Guerra Mundial. Diferenças partidárias no Congresso permaneceram em níveis razoavelmente baixos entre as décadas de 1950 e 1970. Durante este período, democratas e republicanos estavam divididos ideologicamente entre as “asas liberais e conservadoras” (MCCARTHY, 2017).

Consequentemente, a polarização, para o autor, está contra qualquer narrativa ou interpretação que baseie sua origem em torno de evento único ou “grande pessoa”. As duas séries temporais tendem a declinar juntas, aumentar e estabilizarem-se juntas. Geralmente, há um pouco menos de polarização no Senado, mas há períodos em que ele também foi o corpo mais polarizado. Apesar de sua polarização ter se estabilizado no início dos anos 2000, aumentou mais rapidamente do que na Câmara nas últimas dezenas de anos.

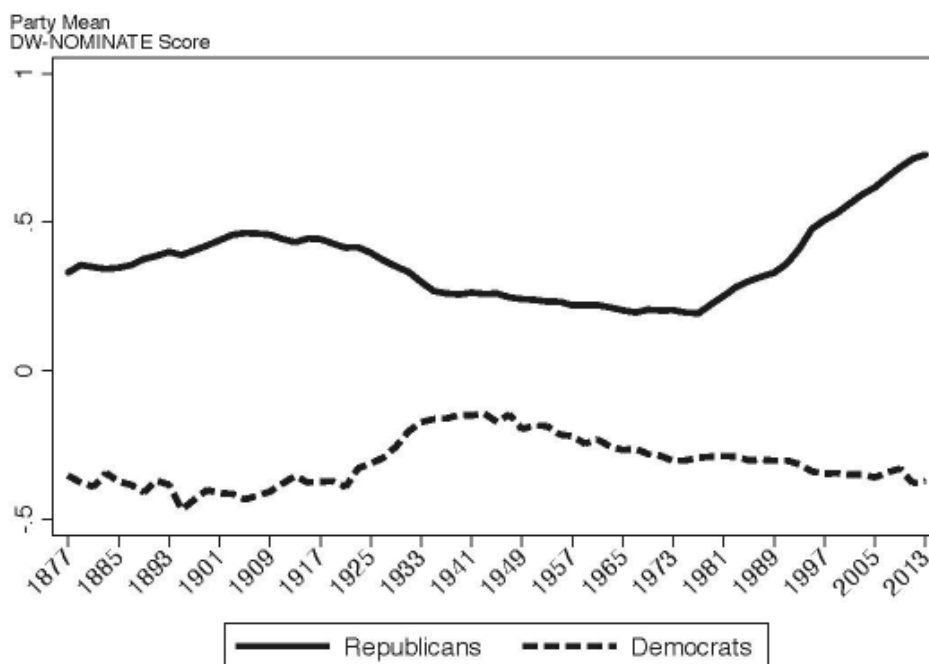


Gráfico 2: Polarização nos EUA, Congresso 1877-2014. Computado baseado no DW NOMINATE Scores 35 (MCCARTHY; POOLE; ROSENTHAL, 2006, 2014).

De acordo com McCarthy (2017) a **Gráfico 12** apresenta um terceiro fato histórico importante sobre a polarização, ambas as partes se movendo em direção aos extremos, mas o aumento predominantemente está associado ao crescente movimento dos legisladores republicanos para a direita. McCarthy argumenta que cada nova composição de bancada republicana apresentou um registro de voto mais conservador do que a antecedente. Apesar do movimento *Tea Party* e o movimento Libertário terem influência sobre o partido Republicano em sua inclinação econômica à direita, a polarização não é mero reflexo desta mudança. Já o partido Democrata, segundo o autor, seguiu um padrão diferente, a despeito das novas bancadas de deputados e de senadores serem mais liberais do que o grupo em média, muitos são mais moderados. A discreta inclinação do Partido Democrata para o campo da esquerda pode ser explicada pelo aumento da presença de afro-americanos e de latinos legisladores. Fora dos distritos minoritários e majoritários, a média da posição do Partido Democrata mudou muito pouco.

Questões como identidade racial, étnica e de gênero dos representantes são levadas em consideração, como *proxy* da escala, sendo possível observar, então, que a homogeneização dos partidos tem efeito importante. Nesse sentido, as elites políticas estadunidenses nunca estiveram antes tão polarizadas, os índices, visualizados na **Figura 4 e 5**, indicam que tal acirramento ocorreu antes apenas no período da Guerra de Secessão (de 1861 a 1865). McCarty e colaboradores (2006, 2014) elencam três explicações para o aumento da polarização no

Congresso e Senado. O primeiro aspecto diz respeito ao aumento da desigualdade econômica, medido pelo GINI, com esse crescimento houve mudanças e alterações significativas, não apenas nas bases dos partidos políticos, mas também em suas elites e lideranças.

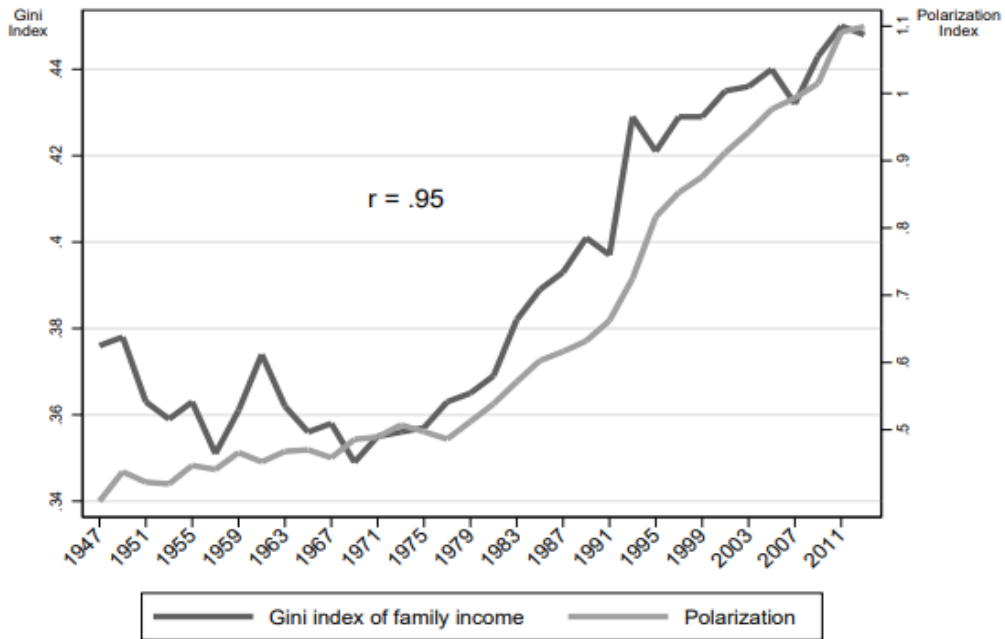


Gráfico 3: (MCCARTHY. POOLE; ROSENTHAL, 2006, 2014).

O segundo aspecto, que de certa forma é consequência do primeiro, surge em função do papel desempenhado pelas elites partidárias, as expectativas sociais dos eleitorados se alteram e as ideologias que guiam as políticas públicas defendidas pelas lideranças políticas também mudam. O terceiro aspecto identificado trata da questão da imigração e seu impacto no cotidiano social. Os aspectos mencionados mantêm uma relação paralela com o aumento da polarização, apesar de não podermos apontar com evidências sólidas a relação de causalidade existente.

Outros fatores sociais, políticos e culturais podem estar associados com o aumento da polarização em uma relação multicausal. Para os autores mencionados existem diferenças entre bolhas econômicas e bolhas ideológicas: da primeira decorrem as expectativas de eventuais transformações da esfera econômica, sejam positivas ou negativas, já na segunda, apesar dessas transformações, configura-se as maneiras como os indivíduos as justificam ideologicamente. Dentre os países ditos desenvolvidos economicamente, os Estados Unidos são considerados os com maiores índices de desigualdade social, de acordo com o GINI, em oposição às ilhas Faroé, que lideram como sociedade com menor desigualdade econômica. Outro aspecto importante

da polarização versa sobre a sua correlação com a imigração, sendo os triângulos de representações da população americana nascida em países estrangeiros. Novamente, os autores não estabelecem relação de causalidade, mas buscam refletir sobre as possíveis correlações. Em conferência, McCarthy aponta que, a despeito de não existir causalidade direta, todos estão ligados de forma sinérgica em um circuito vicioso. Como efeito direto da polarização, o avanço da desigualdade não é um problema enfrentado pelas políticas públicas e parlamentares. Em paralelo ao nosso contexto, muito embora não tenhamos a mesma quantidade de dados longitudinais ou mesmo relativos ao padrão de voto do congresso, devido a questões singulares de nossa história nacional, cabe a seguinte indagação: os dados do GINI brasileiro poderiam explicar ao menos parcialmente nossa polarização?

Por certo, não podemos estabelecer nexos de causa e consequência entre apenas o aumento da desigualdade e o aumento da polarização. Podemos observar o aumento da desigualdade social seguido do período em que o Brasil foi governado pela ditadura militar. Fatores econômicos, como a grave crise e a recessão oriundas dos governos de centro-esquerda que ocuparam o poder nos últimos anos depois de anos de crescimento e aumento da renda social, impactam diretamente neste cenário. De acordo com o Comitê de Datação de Ciclos Econômicos (Codace) da Fundação Getúlio Vargas, a recente recessão enfrentada pelo Brasil foi a maior e mais longa crise desde a década de 1980. Esta crise, certamente, não está desatrelada ao crescimento da desigualdade social, diferente do contexto estadunidense onde o cenário econômico foi mais estável, o contexto brasileiro vai no caminho inverso, porém, em ambos os países o aumento da desigualdade é significativo.

Em postagem feita no dia 04 de Abril de 2018, o Facebook afirmou que 87 milhões de usuários da rede tiveram dados minerados pela *Cambridge Analytica* e, apenas no Brasil, o número de usuários afetados poderia chegar a 443 mil usuários. Na lista divulgada o Brasil é o 8º colocado em número de usuários cujos dados podem ter sido usados. Nos dias 12 e 13 de Abril de 2018, Mark Zuckerberg passou por inquérito perante o Congresso e Senado, onde prestou esclarecimentos sobre o vazamento de dados e a privacidade dos usuários que utilizam a plataforma Facebook. Assumiu a responsabilidade por não impedir a coleta de dados realizados pela *Cambridge Analytica* e pelo grupo SCL.

Essa breve recapitulação e análise da história da eleição estadunidense nos ajuda a compreender a importância das redes sociais para as democracias, seja para o seu aprofundamento ou mesmo para sua corrosão. A chamada mídia tradicional é um dos principais alvos da extrema-direita, ou da direita alternativa que soube usar de forma muito hábil as novas tecnologias para alavancar seus objetivos políticos. Os cyberpopulistas encarnam sua expressão

máxima em figuras como Donald Trump nos Estados Unidos, Viktor Orbán na Hungria e Narendra Modi na Índia, por exemplo.

### 3.2 Brasil e o Gabinete do Ódio

O Partido dos Trabalhadores, fundado em 10 de Fevereiro de 1980 na cidade de São Paulo, tem papel de protagonismo em toda política nacional no período anterior e posterior à Constituição Federal de 1988. A primeira disputa presidencial do PT ocorreu no ano de 1989, quando Lula foi vencido por Fernando Collor (PRN). Desde então, todos os segundos turnos eleitorais contaram com a presença do Partido dos Trabalhadores, que se manteve como o principal partido a representar o eleitorado de esquerda, as regiões do nordeste e as faixas de renda socioeconômica mais pobres. Em oposição a isso, o Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB) passou a representar o voto mais conservador, com eleitorado entre as maiores faixas de renda e predominantemente situados nas regiões centro-sul, padrão que é visto em várias outras democracias (França, Estados Unidos, Uruguai, Argentina e Chile, para citar algumas delas). A primeira vitória eleitoral do Partido dos Trabalhadores em eleições federais veio apenas em 2002, os anos subsequentes seriam marcados pela dominância deste partido no poder executivo.

CANDIDATO	VICE	ANO	CANDIDATO	VICE
Collor	Itamar Franco	1989	Lula	Bisol
PRN	PRN		PT	PSB
FHC	Maciel	1994	Lula	Mercadante
PSDB	PFL		PT	PT
FHC	Maciel	1998	Lula	Brizola
PSDB	PFL		PT	PDT
Serra	Rita Camata	2002	Lula	Alencar
PSDB	PDT		PT	PL
Alckmin	José Jorge	2006	Lula	Alencar
PSDB	PFL		PT	PRB
Serra	Indio da Costa	2010	Dilma	Temer
PSDB	DEM		PT	PMDB
Aécio	Aloysio Nunes	2014	Dilma	Temer
PSDB	PSDB		PT	PMDB
Bolsonaro	Gen. Mourão	2018	Haddad	Manuela D'Ávila
PSL	PRTB		PT	PcdoB

Tabela 1: Cronologia Eleições, de Oliveira et al (2018).

De acordo com Carvalho (2018) o crescimento da economia chinesa e sua necessidade crescente por commodities (petróleo, minérios e produtos agrícolas) foram importantes para

impactar de forma positiva as economias latino-americanas. O Brasil, ainda neste cenário econômico favorável, com políticas redistributivas (como o programa “Bolsa família”), acesso ao crédito (programas de financiamento) e investimentos públicos em estrutura fiscal e social, agregou elementos para o que a autora chama de “milagrinho”, “o passo à frente” da nação brasileira. Com os indicadores econômicos positivos e a redução da miséria, o governo Lula (PT) conseguiu alcançar a aprovação popular de 80%, segundo levantamento feito pelo IBGE em 2010, mesmo a crise política provocada pelo mensalão<sup>31</sup> não conseguiu diminuir o poder e o capital político do Partido dos Trabalhadores.

A primeira mulher eleita presidenta na história do Brasil foi Dilma Rousseff (PT), herdeira política de Lula, esteve à frente do Ministério de Minas e Energia, também esteve presente na Casa Civil. Em 2010, Dilma concorreu à eleição presidencial contra José Serra (PSDB) e venceu. Segundo Carvalho (2018), apesar do bom cenário nos governos Lula, a indústria brasileira ficou de fora de todo o processo de crescimento e desenvolvimento. Para a autora, a condição de fragilidade da indústria brasileira se acentuou após a crise<sup>32</sup> de 2008/9, a falta de competitividade da indústria nacional levou diversos economistas a refletirem sobre mudanças na macroeconomia. Dentre as tentativas de estímulo à economia, indústria e geração de empregos, estão as políticas de desoneração que, de acordo com Carvalho (2018), tiveram início com o PAC de Lula, mas foram intensificadas a partir de 2011. Nas palavras da autora:

O conjunto dessas políticas gerou uma forte perda de arrecadação pelo governo federal. O custo anual com renúncias tributárias, que era de 140 bilhões de reais em 2010, passou a ser de 250 bilhões em 2014, também em valores correntes de cada ano. A estimativa é de que as desonerações concedidas a partir de 2011 somem mais de 458 bilhões até 2018 (CARVALHO, 2018, p.71).

A política de incentivo na forma de desoneração, a geração de empregos e a melhora do desempenho econômico não ocorreu como aponta a pesquisa do IPEA<sup>33</sup>. De acordo com Garcia (*et al.* 2018), a desoneração<sup>34</sup> da folha de pagamento entrou em vigor no Brasil em 2011 e não

---

<sup>31</sup> Escândalo de compra de votos que produziu crise política no governo de Luiz Inácio Lula da Silva em 2005. Popularizado e protagonizado pelo deputado federal Roberto Jefferson, o termo se refere a mesadas pagas aos deputados para votarem a favor de projetos de interesse do Poder Executivo.

<sup>32</sup> Crise das hipotecas *subprime*, ou também chamadas de “hipotecas podres”, pois tinham sido concedidas, com juros altos, a pessoas físicas com elevado risco de créditos. O colapso dos mercados foi tão drástico que obrigou o Banco Central dos EUA (FED) e o Banco Central Europeu (BCE) a injetar centenas de bilhões de dólares na economia e a baixar as taxas de juros.

<sup>33</sup> A Fundação Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada é uma fundação pública federal vinculada ao Ministério da Economia criada em 1964 como Epea, assumindo o nome atual em 1967.

<sup>34</sup> Lei 12.546 que institui o Regime Especial de Reintegração de Valores Tributários para as Empresas Exportadoras (Reintegra); dispõe sobre a redução do Imposto sobre Produtos Industrializados (IPI) à indústria automotiva.

gerou empregos; as empresas beneficiadas por esta política econômica eram as não optantes pelo regime Simples<sup>35</sup> de tributação. O objetivo desta medida era reduzir a carga tributária das empresas para criar novos empregos, mas os resultados nunca vieram. A própria ex-presidente Dilma, em 2017, ao participar de convenção em Genebra declarou: "Eu acreditava que, se diminuísse impostos, teria um aumento de investimentos", disse. "Eu diminuí. Eu me arrependo disso. No lugar de investir, eles aumentaram a margem de lucro".

Para Carvalho (2018) existem três razões principais para o fracasso das renúncias fiscais, o primeiro aspecto diz respeito à baixa demanda por consumo e ao acúmulo de estoques na indústria; o endividamento do setor empresarial ao longo do período do “milagrinho”; por fim, com o processo de financeirização do setor produtivo, havia uma preferência por investimentos em títulos da dívida pública do que no setor produtivo. Carvalho (2018, p.74) afirma que esta política de desoneração fiscal serviu como transferência de renda para os mais ricos e deterioração das contas públicas.

Nas eleições que se seguiram, a disputa entre Dilma Rousseff (PT) e Aécio Neves (PSDB) concedeu nova vitória ao PT, mas essa disputa eleitoral foi acirrada e com pequena margem de vitória, 51,6% dos votos válidos. Com o desequilíbrio crescente nas contas públicas e devido à pressão por parte do arco mais conservador de alianças, Joaquim Levy<sup>36</sup> foi nomeado ministro da fazenda, após a reeleição, era uma tentativa de sinalizar ao mercado rigor e austeridade fiscal. O segundo governo Dilma (PT), de 2014 até meados de 2016, foi marcado por sucessivas crises políticas e uma grave recessão econômica. Apesar da brusca mudança na condução da macroeconomia (ou talvez em virtude disso), o chamado “estelionato eleitoral” produziu diversas críticas de apoiadores e o agravamento da condição econômica. Segundo Carvalho (2018), a inflação atingiu o patamar de 10,67% e o Produto Interno Bruto (PIB) enfrentou queda de 3,5%, além do aumento da dívida pública e do dólar. Após os primeiros impactos do ajuste fiscal serem percebidos, em Fevereiro de 2015, o índice de aprovação de Dilma despencou de 43% para 23%<sup>37</sup>.

As dificuldades do governo Dilma (PT) eram imensas, em especial a precária capacidade de articulação com o congresso, este elemento associado à crise econômica ajudou a consolidar a tormenta que se desenhava no horizonte. A oposição ao governo encontrou ressonância nas ruas com milhares de manifestantes, os escândalos de corrupção conjugados ao

---

<sup>35</sup> Criado para estimular a criação de novos empregos e fomentar a inovação, neste regime micro e pequenas empresas pagam seus impostos em uma guia única chamada de DAS, sigla para Documento de Arrecadação do Simples Nacional.

<sup>36</sup> Economista liberal e pró austeridade fiscal.

<sup>37</sup> Datafolha.

desempenho pífio na economia corroboraram a construção da narrativa pró impeachment. Com a redemocratização do país, a parcela mais conservadora do eleitorado saiu às ruas em 2007 com o movimento intitulado “Cansei”, todavia, foi apenas após as Jornadas de Junho que este segmento social vislumbrou reais possibilidades de vocalizar suas insatisfações latentes. Dentre os principais organizadores dos protestos que conduziram Dilma Rousseff ao impeachment destacamos o Movimento Brasil Livre (MBL)<sup>38</sup>, Vem pra Rua<sup>39</sup>, Endireita Brasil<sup>40</sup> e grupos pró-intervenção militar. Os principais atos ocorreram nos dias 16 de Agosto de 2015, 13 de Dezembro de 2015 e 13 de Março de 2016.

As dificuldades políticas e os problemas econômicos produziram condições para a lenta e gradual perda de apoio político. A cúpula do PMDB comandada pelo Senador Romero Jucá (PMDB-RR), em clima de festa e euforia, oficializou a saída do governo Rousseff no dia 23 de Março de 2016. O ex-partido aliado possuía sete ministros no governo, 66 deputados e 18 senadores; nas palavras do Senador Romero Jucá<sup>41</sup>: “A partir de hoje, nessa reunião histórica para o PMDB, o PMDB se retira da base do governo da presidente Dilma Rousseff e ninguém no país está autorizado a exercer qualquer cargo federal em nome do PMDB.”

Das várias crises políticas, cabe destacar o confronto com o presidente da Câmara de Deputados à época, Eduardo Cunha (PMDB-RJ). Neste episódio, deputados do PT votaram pelo processo de cassação do deputado no conselho de ética<sup>42</sup>, em reação a este posicionamento foi aberto o processo de impeachment contra Rousseff (PT). O presidente da câmara liderava o que se convencionou chamar de centrão, no caso, o conjunto de deputados de várias legendas partidárias, que ideologicamente orbitavam no espectro do centro e do centro-direita e compuseram as bases de diferentes governos do período democrático. Sua importância se deve ao fato de que, no peso das somatórias de deputados, este bloco costuma contar com mais de 200 parlamentares e angariar seu apoio costuma ser vital para a sobrevivência política.

---

<sup>38</sup> O movimento foi fundado em 1º de Novembro de 2014. Na ocasião, reuniram cerca de 5 mil pessoas no Museu de Arte de São Paulo (MASP) pela investigação e punição dos envolvidos no escândalo apurado pela Operação Lava Jato.

<sup>39</sup> O movimento foi criado em Agosto de 2014, os integrantes são compostos por profissionais liberais, empresários e operadores do mercado financeiro. O grupo se autodeclara liberal e tem sua gênese nas Jornadas de Junho de 2013.

<sup>40</sup> De acordo com informações da própria página oficial no Facebook sua fundação foi em 17 de Maio de 2006, conservador nos princípios e libertário nas ideias.

<sup>41</sup> Fala disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=EDqmqz29CxcA>

<sup>42</sup> Acusado de mentir à CPI da Petrobras, negou possuir contas bancárias no exterior. Documentos do Ministério Público da Suíça provaram o contrário, no caso a existência de contas relacionadas ao presidente da Câmara. Eduardo Cunha diz ser "usufrutuário" de ativos mantidos na Suíça e administrados por trustes.

Ao contrário de seu antecessor Lula, a ex-presidente Dilma foi extremamente impopular, alcançando menos de 13% de aprovação, ficando apenas à frente de Michel Temer (PMDB) em dados de popularidade. Após o período de redemocratização, houve dois processos de impeachment, sendo o primeiro referente ao atual senador Fernando Collor (PTC). Em 12 de Maio de 2016, Dilma Rousseff foi afastada de seu cargo por até 180 dias devido à instauração de um processo de impeachment. Teve o mandato presidencial definitivamente cassado em 31 de Agosto de 2016, porém não perdeu o direito de ocupar outros cargos públicos. Em 2018 mudou-se para Minas Gerais e se candidatou a senadora, mas sem obter êxito eleitoral.

O Partido dos Trabalhadores deixa o poder executivo e quem assume é o então vice-presidente Michel Temer (PMDB), que ao longo de seu governo adotou políticas macroeconômicas mais liberalizantes, encarnadas na proposta denominada “Ponte para o Futuro”. Mesmo com baixíssima popularidade frente ao conjunto do eleitorado, o ex-presidente conseguiu angariar apoio maciço do Congresso Nacional. Seu perfil político era mais conciliador e contou com o grande apoio do centro político e de partidos tradicionais da direita, como DEM e PSDB. Em sua breve permanência no poder (2016-2018) conseguiu aprovar a PEC do teto de gastos, propôs mudanças e reformas no regime da previdência, além de enfrentar instabilidades políticas encarnadas na greve dos caminhoneiros e nos escândalos que envolveram os irmãos Joesley.

Tabela 2: Eventos Políticos Notáveis pós Manifestações de 2013.

17/06/2013	Jornadas de Junho
18/06/2013	Jornadas de Junho
20/06/2013	Jornadas de Junho
22/06/2013	Jornadas de Junho
29/06/2013	Jornadas de Junho
17/03/2014	Deflagrada a 1ª fase da Operação Lava Jato, da Polícia Federal
22/03/2014	Marcha da Família com Deus contra o governo do PT
14/05/2014	Instalada a CPI da Petrobras no Senado
21/10/2014	Em delação premiada, denunciado envolve Lula e Rousseff no escândalo da Petrobras
25/10/2014	Ato em São Paulo simula o enterro de Dilma Rousseff

26/10/2014	Dilma Rousseff é reeleita
26/10/2014	Aécio Neves (PSDB) convoca manifestação contra o resultado da eleição
06/12/2014	Novo protesto contra Rousseff em São Paulo
18/12/2014	PSDB ingressa com pedido de anulação da eleição
01/01/2015	Dilma Rousseff toma posse e inicia seu segundo mandato
15/03/2015	Primeira grande manifestação pelo impeachment
16/03/2015	Tem início a 10ª fase da Operação Lava Jato
12/04/2015	Segunda grande manifestação pelo impeachment
17/07/2015	Presidente da Câmara rompe com o governo e anuncia que é da oposição
03/08/2015	A 17ª fase da Operação Lava Jato prende o ex-ministro José Dirceu, Ministro do Governo Lula
06/08/2015	Várias capitais registram panelaço durante programa eleitoral do PT
16/08/2015	Terceira grande manifestação pelo impeachment
06/10/2015	Tribunal Superior Eleitoral reabre ação para impugnar chapa Dilma / Temer
07/10/2015	Tribunal de Contas da União recomenda reprovação das contas do governo por “pedaladas fiscais”
21/10/2015	Parlamentares da oposição entregam pedido de impeachment
25/11/2015	Líder do Governo no Senado é preso por obstruir as investigações da Lava Jato
02/12/2015	Presidente da Câmara autoriza abertura do processo de impeachment
13/12/2015	Quarta grande manifestação pelo impeachment
03/02/2016	Sete capitais registram panelaço contra pronunciamento da Presidenta Rousseff.
23/02/2016	Publicitário que trabalhou nas campanhas de Lula e Rousseff é preso na 23ª fase da Lava Jato
04/03/2016	Lula é alvo de prisão coercitiva para prestar esclarecimentos
13/03/2016	O quinto e maior protesto pelo impeachment de Dilma e pela prisão de Lula.
16/03/2016	Lula é anunciado Ministro Chefe da Casa Civil
16/03/2016	Protestos em 16 capitais contra a nomeação de Lula para a Casa Civil

17/03/2016	“ <i>Occupy Paulista</i> ”, contra nomeação de Lula
18/03/2016	Supremo Tribunal Federal suspende nomeação de Lula para a casa Civil
17/04/2016	Com 367 votos a favor, pedido de impeachment é aprovado na Câmara
12/05/2016	Senado aprova abertura do processo de impeachment e Rousseff é afastada da Presidência
31/08/2016	Dilma Rousseff é afastada definitivamente da Presidência da República
15/12/2016	Aprovada PEC do Teto de gastos na Câmara
28/04/2017	Greve Geral
17/05/2017	Joesley Day
02/08/2017	Congresso rejeita denúncia da PGR <sup>43</sup> contra Michel Temer
07/04/2018	Prisão do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva no ABC
21/04/2018	Início da Greve dos Caminhoneiros
30/04/2018	Fim da Greve dos Caminhoneiros
06/09/2018	Facada em Bolsonaro
29/09/2018	Protesto #EleNão

O Partido dos Trabalhadores e o Partido da Social Democracia Brasileira, ainda que tradicionalmente disputassem a presidência da república e outros cargos diversos, não foram os agentes a produzirem a percepção da polarização no discurso midiático ou mesmo na retórica política. Essa polarização partidária, portanto, não foi diagnosticada como questão a ser enfrentada ou mesmo refletida, mas observamos o avanço de outro tipo de polarização, a polarização social. O realinhamento das forças político-partidárias pode ser uma das expressões deste processo social. A ideia de um *nós* (bom, correto e justo) contra *eles* (hostis, alienados e corruptos) desvela uma dinâmica que entrelaça de forma cada vez mais profunda nossas relações cotidianas. Somos convidados até mesmo a tomar posição, ter uma opinião e nos posicionar sob o risco de ser percebido como antagonista por vários grupos, ou pior, ser visto como isento, o novo morno bíblico a ser cuspidor.

No texto *La violencia política y la guerra como causas del trauma psicosocial en el salvador*, Martin-Baró (1988) descreve a polarização como processo psicossocial no qual

---

<sup>43</sup> Procuradoria Geral da República.

posturas frente a determinadas questões tendem a ser reduzidas em um “nós contra eles”. Trata-se de um fenômeno dinâmico em que os indivíduos no processo de polarização se identificam com um dado grupo e a recusa simbólica, conceitual, afetiva ou mesmo comportamental do grupo antagonista é uma constante, tratamos por definição de fenômeno grupal. Os indivíduos em seu processo de socialização vão apreendendo sobre como seus adversários e antagonistas objetivamente trabalham contra seus próprios interesses grupais e coletivos, o aprofundamento deste tensionamento se dá a todo momento em interações que visam a descaracterizar o outro.

Podemos tomar como exemplo a execução de Marielle Franco (Pso1) por milicianos no Rio de Janeiro, a vereadora até então desconhecida rapidamente se transformou em alvo de fake news, foi acusada de estar casada com um traficante, por exemplo. O objetivo dos ataques era fazer prevalecer uma determinada narrativa, além da morte física da vereadora, sua reputação também deveria ser exterminada. Rotular e estereotipar o outro produz a orientação do próprio comportamento e isto reestrutura a realidade em termos binários e quase sempre simples ou superficiais, cessamos qualquer possibilidade criativa e comportamentos violentos emergem (Martín-Baró, 1982; 1988/2000). Tais processos de violência simbólica, contudo, não ocorrem apenas em relação a antagonistas de outros espectros ideológicos, essa dinâmica pode ser observada até mesmo entre indivíduos que se afirmam com a mesma identidade coletiva. O *ethos* pelo o que é ser a verdadeira direita, ou a verdadeira esquerda, ou o verdadeiro liberal são objeto de embate nas redes. A disputa pelo coração da identidade coletiva ao qual o indivíduo está inserido. Dentro do campo progressista, o caso professor Adolph Reed<sup>44</sup> é emblemático, em palestra aos Democratas Socialistas, foi cancelado após defender teses que enfatizavam mais o recorte de classe sobre o étnico, ironicamente o professor é um marxista negro. No Brasil, a militante e filósofa negra Djamila também sofreu retaliações de seguidores e apoiadores após participar de comercial vinculado a 99 taxi. Nos dois exemplos citados o momento histórico pode vir a ser definidor do debate nas redes, no primeiro caso os Estados Unidos atravessavam uma onda de protestos históricos contra o racismo. No segundo, o Brasil atravessava mobilizações dos entregadores do *IFood*<sup>45</sup> contra a precarização do trabalho em meio à Pandemia do COVID-19. Existem vários exemplos de cancelamento, ou o que se convencionou chamar de cultura do cancelamento, porém o mais importante é tornar evidente a diferença entre cancelamento e linchamento virtual, no primeiro caso os ataques também podem vir da base de seguidores ou de apoio.

---

<sup>44</sup> Professor de 73 anos, emérito da Universidade da Pensilvânia.

<sup>45</sup> Aplicativo digital de entrega de alimentos.

Neste particular, a disputa pelo que é ser de direita ganha destaque e a direita que antes receava se afirmar enquanto tal, passa a ter orgulho e ressalta que quer servir de modelo de sociedade baseado em seus valores morais tradicionais. O Partido da Social Democracia Brasileira e suas figuras históricas deixam de representar os interesses do conservadorismo recém saído do armário. A presidência da república, a função mais revestida de poder na república, passa a ser ocupada por Jair Messias Bolsonaro, na época filiado ao Partido Social Liberal<sup>46</sup>. Contrariando diversos analistas e cientistas políticos, o deputado pertencia ao “baixo clero”, era ex-capitão das forças armadas, esteve atuante ao longo de mais de 27 anos como deputado federal.

Em sua atuação parlamentar atendia aos interesses da classe dos militares, como agenda ao longo da corrida eleitoral fez a defesa da família tradicional, do combate à corrupção, da flexibilização ao acesso às armas e do fim do “toma lá dá cá” com o Congresso Nacional. Para ele, como adversários políticos preferidos estavam: as esquerdas, os globalistas, os direitos humanos, o marxismo cultural e o politicamente correto. Dentre alguns dos vários discursos estridentes/agressivos de Bolsonaro, destacamos o apoio à legalização das milícias e à proposta de castração química.

Como recurso retórico ainda antes mesmo de sua eleição, Bolsonaro e diversos atores políticos do campo conservador passaram a disputar a memória política da história brasileira, como flagrante exemplo, 1964 é entendido como tendo sido uma revolução que libertou o Brasil do comunismo, a ameaça vermelha. Esta disputa se deu de várias formas, cotidianamente nas redes sociais, através de simples memes ou mesmo com a disponibilização de cursos de formação ministrados por Olavo de Carvalho, mentor intelectual de parte considerável da direita que tomou as ruas do país.

A mentira também foi objeto de investigação institucional de Martín-Baró (1990), o psicólogo social salvadorenho afirma que “*Si la guerra de El Salvador se caracteriza por la polarización social, la mentira institucionalizada y la militarización de la vida social, hay que examinar cómo estos tres aspectos sobresalientes de las relaciones sociales van cristalizando en las personas*” (MARTÍN-BARÓ, p.138, 1988). O autor compreende que a mentira institucionalizada acirra a dinâmica da polarização social e da guerra civil, contexto social no qual produziu suas reflexões, no qual se forjam realidades falsificadas. A verdade se relativiza e a violência neste cenário ganha mais espaço, em nosso contexto tupiniquim, o terceiro andar

---

<sup>46</sup> Na ocasião, Jair Messias Bolsonaro ainda estava filiado ao PSL, sua saída do partido se deu em Novembro de 2019.

do palácio do planalto encarna esta institucionalização da mentira. Por lá, ondas de ataques coordenados são produzidos contra adversários políticos do clã Bolsonaro e esta maneira de performar na política, não obstante, já era parte do relatório da família Bolsonaro antes mesmo de sua eleição.

Como vimos em páginas anteriores, as máquinas e as páginas de produção de *fake news* costumeiramente são financiadas por interesses econômicos muito particulares. A primeira reportagem a desvelar como este marketing digital operava foi feita pela repórter Patrícia Campos Mello do Jornal Folha de São Paulo: de acordo com Mello (2018), empresas compraram pacotes de disparo em massa contra o PT no WhatsApp na semana anterior ao segundo turno. O financiamento dessa tática de guerra cultural em larga escala, a disseminação de conteúdos políticos, teve a Havan como empresa financiadora e as empresas *Yacows*, *Croc Services* e *SMS Market* como disparadoras. De acordo com a matéria, o valor dos contratos chega até 12 milhões de reais. A legislação eleitoral, porém, proíbe tal tipo de prática.

De acordo com Rodrigues e Mello (2018) na reportagem publicada no Jornal Folha de São, a fraude com CPF's viabilizou o disparo em massa de mensagens de WhatsApp na eleição. A partir de documentos obtidos na justiça do trabalho, foi possível ser revelado que a empresa responsável pelos disparos é *Yacows*, especializada em marketing digital, ela veio a prestar serviços a diversos políticos, sendo subcontratada pela AM4, produtora que atuou na campanha do então eleito presidente Jair Messias Bolsonaro, na época filiado ao PSL. Ainda segundo Rodrigues & Campos Mello (2018) os disparos ocorriam com o uso de CPF's de pessoas nascidas entre os anos de 1932 e 1953, o uso da documentação possibilitava o registro de chips de celulares, tal uso tinha o objetivo de favorecer políticos. Foi repassado aos jornalistas uma relação com mais de 10 mil nomes que a empresa *Yacows* fornecia aos disparadores. Rodrigues, um ex-funcionário da empresa, declarou que os dados eram utilizados sem autorização prévia de seus proprietários, em acréscimo, ele afirmou que o disparo em massa funcionou de forma ininterrupta ao longo de toda a campanha eleitoral. Tais foram acessados via Justiça do Trabalho.

Após a publicação de cada uma destas matérias, autoridades morais invocavam seus guerreiros culturais, alguns destes agiam evidentemente sem a necessidade de um mestre titereiro, outros eram tomados pela psicoesfera do ódio, amplificada por *boots* e robôs. Estas batalhas com certa frequência visam a restabelecer a verdade e desconstruir a imagem, reputação e credibilidade do alvo. Os comentários e ataques mais agressivos, sexistas e misóginos foram perpetrados pelas milícias virtuais após o depoimento de Hans River do Rio Nascimento na “CPMI das Fake News” (abordaremos este tópico nas próximas páginas). Na

ocasião e em condição de testemunha, Hans afirmou que a jornalista da Folha de São Paulo teria oferecido sexo em troca de informações. Este depoimento de Hans, segundo Melo (2020), produziu uma nova onda de ataques e comentários bastante chulos e agressivos, como: “Você estava querendo dar a buceta para ver o notebook do cara kkkkkk, então você chupa piroca por fontes?”; “Puta do caralho, porque você não libera seus comentários? Quem tem cu tem medo!”; “Linda, deixa te perguntar, você raspa os pelinhos?” (MELLO, 2020, p. 84).

Estes ataques, como já mencionado, fazem parte de uma tática comum dentro das redes sociais, o “assassinato” de reputações é uma estratégia de desconstrução de imagens, serve ao propósito de reforçar ideias pré estabelecidas. Ao amplificar a ofensa, o presidente dava sinal verde para milhares de pessoas ofenderem também, legitimava ataques sexistas contra mulheres: “E aí, putinha da folha”. Outro fenômeno das plataformas digitais é o cancelamento, diferentemente do linchamento virtual, cyberbullying e afins, o cancelamento costuma ocorrer no confronto entre seguidores e base de apoio de uma autoridade moral, enquanto o linchamento vem dos adversários, o cancelamento vem da própria base de seguidores ou do grupo ideológico e político de referência. O cancelamento nem sempre tem finalidades político partidárias, como foi o caso de Paola Carosella<sup>47</sup> em 2020 ao criticar alimentos industrializados e sua relação com a obesidade. O cancelamento é uma constante dentro da internet e as motivações podem ser diversas, mas, para além da disputa por hegemonia nos eixo-grupos, os intragrupos podem visualizar tais embates na conquista de *ethos* normativo.

A prática do linchamento virtual, levou a abertura do Inquérito que investiga justamente as fake news, em Março de 2019. Em seu início a composição da Comissão Parlamentar Mista de Inquérito (CPMI) investigava o incentivo à morte de integrantes do Supremo Tribunal Federal e outras práticas de cyberataques. Os alvos da investigação eram figuras próximas ao presidente da república. Composta por 15 senadores, 15 deputados titulares e igual número de suplentes, a comissão terá 180 dias para investigar a criação de perfis falsos para influenciar as eleições do ano passado e os ataques cibernéticos contra a democracia e o debate público. Também será alvo da mesma CPI a prática de cyberbullying contra autoridades e cidadãos vulneráveis, além do aliciamento de crianças para o cometimento de crimes de ódio e suicídio.

Baseado neste artigo publicado pelo jornal Folha de São Paulo, o Partido dos Trabalhadores entrou no TSE com um pedido de impugnação da candidatura de Bolsonaro, mas foi derrotado. A matéria veio a ser comprovada. O ex-funcionário da empresa de disparos de

---

<sup>47</sup> Jurada no programa de cozinha Masterchef, empresária no ramo de restaurantes e experiente cozinheira. Cancelada após proferir comentários gordofóbicos, segundo os críticos.

mensagem de *Whatsapp*, Hans River Rios, mentiu na CPMI das Fake News na condição de testemunha, assim como atacou a jornalista Patrícia Campos Mello.

Em Novembro de 2019 o vereador Carlos Bolsonaro (PSC-RJ) teve suas contas do Twitter, Facebook e Instagram apagadas, assessores do vereador informaram que foi o próprio vereador quem as apagou. Com este fato político, na ocasião, diversas fake news<sup>48</sup> referentes ao ocorrido circularam nas redes sociais atribuindo a responsabilidade ao ministro Gilmar Mendes. Ao construirmos a cronologia que inaugura o Inquérito das Fake News, precisamos fazer o resgate histórico que produziu ao governo Jair Messias Bolsonaro um de seus maiores desafios institucionais. Logo, tal fenômeno mobilizou diretamente diversos atores políticos e, como desdobramento desta tática/estratégica comunicacional, as instituições democráticas reagiram aos seus impactos. Para tanto, o primeiro desdobramento institucional a essa estratégia comunicacional foi o inquérito aberto pelo ministro do Supremo Tribunal Federal Dias Toffoli, em Março de 2019. O inquérito ficou conhecido por Inquérito das Fake News, a investigação objetivou em seu início apurar notícias falsas disseminadas ao longo das eleições de 2018 contra políticos e ministros do STF. Hoje a CPMI ampliou seu campo de investigação e observa, dentre várias questões, as ameaças.

Assessores pagos com dinheiro público, que propagam segundo a definição do próprio Facebook um comportamento inautêntico coordenado, dentre esses articuladores citamos Tercio Tomaz e outros assessores que eram responsáveis por páginas, como: *Bolsonaro News*, *Bolsofeios*, *The Brazilian Post*, *The Brazilian Post ABC*. Como já mencionamos, as fake news tentam emular formações com credibilidade e da mesma forma as páginas supracitadas tentavam apresentar ares de jornalismo profissional. Dentro dessas páginas são observados ataques até mesmo a ex-aliados, como é o caso do ex-juiz e ex-ministro da justiça Sérgio Moro.

Uma das primeiras páginas criadas em apoio a Bolsonaro foi a “Bolsonaro Zoeiro”, segundo Ribeiro (*et al.* 2016), criada em Novembro de 2013, a página produz conteúdo e conta com mais de 429.432 seguidores<sup>49</sup>. Para os autores do estudo uma das principais formas de engajar politicamente os usuários é o humor, em especial o recurso dos memes e da “zoeira” é uma ótima ferramenta para sensibilizar os mais jovens em direção ao conservadorismo político. Em matéria publicada no Estadão, Toledo (2018) destaca que as páginas e redes em apoio a Bolsonaro angariam mais engajamento do que as páginas ligadas a Neymar e Madona. Foram contabilizadas ao menos 28 páginas e seis sites com mais de 12,6 milhões de interações no

---

<sup>48</sup> <https://piaui.folha.uol.com.br/lupa/2019/11/12/verificamos-carlos-bolsonaro-gilmar/>

<sup>49</sup> Contagem feita até 2015, mas a página veio a ser derrubada em 2020.

Facebook (reações a postagens, comentários e compartilhamentos). Mais de 16 milhões seguem essas páginas. No espectro da esquerda, o apoio a Fernando Haddad (PT) é pequeno se comparado ao apoio conquistado por Bolsonaro.

De acordo com o estudo “Poder computacional: uso automatizado do WhatsApp”, nas eleições foram identificados os padrões de comportamento dos usuários que disseminavam conteúdos. Os autores monitoraram 110 grupos políticos abertos no WhatsApp pelo período de uma semana e destacaram fortes evidências da automatização nestes grupos devido ao seu elevado grau de interconexão. De acordo com o estudo organizado por Ruediger (2017) a propaganda computacional pode se manifestar na forma de contas automatizadas, robôs, que divulgam informações com manipulação algorítmica e divulgação de notícias falsas para modular a opinião pública, o uso desta técnica foi visualizado ainda nas eleições brasileiras de 2014. De acordo com o mesmo relatório, o mundo virtual permitiu a readaptação de velhas estratégias políticas de difamação e de manipulação de debates públicos, mas em escala muito maior. O texto aponta que na greve geral de Abril de 2017 mais de 20% das interações ocorridas no Twitter entre os usuários a favor da greve foram provocadas por robôs e, ao longo das eleições de 2014, os robôs produziram mais de 10% do debate.

Outro relatório produzido pela FGV (2018) diz da análise de 5.415.492 tuítes coletados entre 22 de Junho e 23 de Julho, identifica-se a ação de robôs na pré-campanha presidencial. As interações motivadas pela ação de robôs, segundo o estudo, corresponderam a 22,17% dos tuítes de perfis ligados ao campo da esquerda e que compõem tradicionalmente a base do ex-presidente Lula (PT). Do outro lado, foram 21,96% ligados ao campo conservador e alinhados ao deputado Jair Bolsonaro (PSL); 16,18% estavam no campo do que o estudo chama de centro ou, no caso, não alinhados a nenhum dos dois primeiros pólos tradicionais. Mais de 50% dos tuítes realizados neste período foram feitos por robôs ligados a páginas e perfis políticos.

Este quadro, todavia, muda com o passar do tempo, de acordo com a matéria publicada no Congresso em Foco (2018), os 13 candidatos à presidência foram mencionados em 406.742 mensagens produzidas por 38.789 robôs entre 19 e 26 de Setembro. As citações a Bolsonaro representam 68% do total, superando todos os outros candidatos juntos, com mais de 200 mil citações. Em segundo lugar Ciro Gomes com 62.668 tuítes feitos por robôs e o terceiro mais citado é Fernando Haddad (PT), mencionado em 56.181 publicações.

Tais modalidades de participação *online* têm influenciado nas formas tradicionais de participação política, para que as democracias sejam livres é necessário que a mídia funcione enquanto arena pública, que atores políticos sejam sentinelas ativos contra eventuais abusos de poder. A qualidade de nossas democracias também versa sobre a qualidade das informações

detidas pelos cidadãos sobre temas de interesse público. Ao tentarmos desenvolver a noção de *psicoesfera*, falamos da mobilização dos afetos envolvidos nas narrativas que direcionam nossas consciências políticas e que são alimentadas por socializações cada vez mais rápidas, em dados momentos essas interações foram insufladas. A *psicoesfera* é fator de permanente polarização dos afetos

### 3.3 Índia e Nacionalismo Hindu

A Índia, simplesmente a maior democracia do mundo, teve em 2019 como resultado eleitoral a reeleição do premiê Narendra Modi, o indiano liderou a Aliança Nacional Democrática, sua frente de partidos conquistou 352 assentos no parlamento, mas deste total 303 cadeiras são do seu Partido Bharatiya Janata (BJP). Mesmo sem a frente de partidos, o número de cadeiras obtidas pelo BJP de Narendra Modi já lhe fornecia a maioria absoluta no parlamento, aspecto fundamental para que a continuidade de suas reformas de caráter liberal pudessem ser aprovadas com menos resistência. O cenário eleitoral indiano conta com 910 milhões de eleitores e no ano de 2019 foi registrado o comparecimento de 67% dos eleitores, o que corresponde a 609 milhões de pessoas que foram às urnas e registraram seus votos.

Além da esmagadora vitória de Modi, o principal partido de oposição, Congresso Nacional Indiano, teve seu espaço dentro do parlamento reduzido e perdeu o acesso ao gabinete “sombra”<sup>50</sup>. Esse espaço institucional é considerado importante, pois oficializa a possibilidade de enfrentamento à narrativa principal do BJP. Este modelo eleitoral e político visto na Índia é semelhante em alguns aspectos ao modelo britânico, uma herança do histórico de colonização.

A vitória do conservador Narendra Modi também é a vitória de uma visão neoliberal de economia, de uma agenda privatista, diminuição e flexibilização de leis ambientais, entretanto, mais do que isso, significa a consolidação do nacionalismo hindu. De forma sistemática o afago ao nacionalismo hindu tem sido disseminado enquanto contorno mais importante da cultura Indiana, um país diverso com 1.3 bilhão de habitantes, com particularidades que vão do complexo sistema de castas, pluralidade religiosa, diferenças entre o urbano-rural, com uma variedade linguística considerável. Modi em sua trajetória política participou do levante de Gujarat em meados de 2002, episódio no qual minorias muçulmanas foram atacadas pela maioria hindu. As instituições de ensino superior indianas sofrem grande pressão pela tradição

---

<sup>50</sup> O conceito de gabinete sombra pode ser encontrado no Reino Unido sendo que os partidos de oposição formam um gabinete alternativo que examina as decisões tomadas pelo governo. Essa posição confere poder de contra controle por parte da oposição em relação ao governo.

hindu, exemplo disso são pesquisas fomentadas pelo governo que buscam comprovar os hindus e seus descendentes como sendo os primeiros habitantes da Índia. Este país foi palco histórico do encontro de diversos povos, nações e culturas, as tensões precedem a existência das psicoesferas, mas o seu poder de influência pode ser percebido em diversos episódios de violência política e perseguição religiosa.

A Índia talvez possa ser considerada uma das precursoras da instrumentalização das fake news de processos eleitorais, porém, além disso, na consolidação de narrativas que se entrelaçam nas políticas públicas e com os empresários dispostos a expandir seus mercados. O país é palco de uma série de experimentos de campanha que aprimoram e ultra especializam a propagação de desinformação e construção de narrativas. Os indianos correspondem ao maior mercado consumidor de WhatsApp no mundo. De acordo com Mello (2020) os Irmãos Ambani, proprietários da empresa *Reliance*, conseguiram fornecer os celulares mais baratos com a conexão mais rápida em um capitalismo de compadrio. O aplicativo do premiê Indiano chamado *Namo* já vem instalado nos aparelhos celulares de boa parte dos indianos, sua função é disseminar informações de interesse para os apoiadores do governo. Dessa forma o partido consegue enviar mensagens para pessoas que estão cadastradas em programas de transferência de renda, programas que teriam o conhecido Bolsa Família como correspondente, por exemplo.

O processo de construção de narrativas através de informações foi diretamente associado aos grupos de apoio ao primeiro-ministro Narendra Modi, privilegiar grupos religiosos hindus em detrimento de outras etnias é ponto nevrálgico de sua estratégia. De acordo com o relatório *Beyond Fake News* (2021) o revisionismo histórico é uma tática utilizada para consolidar narrativas que reafirmem a identidade política hindu, assim grupos minoritários passariam a compor um conjunto de “segunda classe”. O relatório ainda aponta a desconfiança de países, como Quênia e Nigéria, acerca de como os cidadãos se engajam na disseminação de fake news. O aumento da desconfiança em relação à chamada mídia tradicional leva a população a espalhar informações dos canais alternativos, tais fontes não são checadas e quem compartilha costuma se auto perceber como difusor da verdadeira versão dos fatos. Outro aspecto importante apresentado pelo mesmo relatório concerne à autopercepção positiva na capacidade dos usuários em detectar notícias falsas.

Segundo o relatório do *Indo-Asian News Service* (2018), parte importante das mensagens divulgadas nas redes sociais indianas tem como núcleo central o nacionalismo. A realidade e os fatos perdem lugar para a principal e mais nobre ideia: construir a nação por trás da disseminação de notícias falsas, os fatos são acessórios descartáveis, os usuários imersos nas psicoesferas desejam reforçar sua identidade nacional. Esta plataforma de mídia social permite

que seus usuários compartilhem informações encaminhando-as para outros usuários em vários grupos e listas de transmissão dentro da mesma plataforma, o que levou a uma distribuição generalizada e descontrolada de informações raramente verificadas pelos usuários.

Ainda através das psicoesferas, viu-se o desencadeamento de ondas de assassinatos e barbárie ao longo de todo o país. De acordo com Bali e Desai (2019) a pequena vila de Panjuri Kachari em 2018 testemunhou um dos casos mais horríveis de linchamento, as filmagens que viralizaram mostraram dois homens encharcados de sangue implorando por suas vidas, pouco depois ambos estavam mortos. Ainda de acordo com os autores, estes dois homens foram espancados até a morte por uma multidão enlouquecida empunhando bastões de bambu, facões e pedras. O caso foi discutido em várias plataformas de mídia sobre como rumores se espalharam no *Facebook* e *WhatsApp* na Índia, levando duas pessoas à morte. Para Bassi e Sengupta (2018) ao menos 18 pessoas foram mortas em decorrência da violência alimentada pelos rumores espalhados pelo *WhatsApp* em 2018. De acordo com *Agence France-Presse* (2018) aproximadamente 20 pessoas foram vítimas de casos de linchamento somente em Maio e Junho de 2018, devido às notícias virais espalhadas através do Facebook e WhatsApp.

A onda de linchamentos pode ser observada em todo o país e, de acordo com Bali e Desai (2019), esses casos pressionaram o governo Bengala Ocidental a trabalhar para a implementação de leis que responsabilizem disseminadores de informações falsas. A legislação proposta da nova lei tem ações rigorosas contra indivíduos ou organizações que disseminem ódio e notícias falsas, ou que busquem perturbar a harmonia na esfera pública. Dentro das penalidades aos cidadãos que postam notícias falsas, ou causam medo, alarde público, a prisão é uma possibilidade. De acordo com a pesquisadora indiana Ismalia (2018) As leis relativas à tecnologia moderna, especialmente a Internet, não são eficazes na Índia, sendo o caso do *WhatsApp*. Há necessidade de revisão das leis existentes ou de uma nova lei que lide efetivamente com ressalvas tecnológicas, mantendo o direito à liberdade de expressão. Depois dos vários casos de linchamento presenciados na Índia, em meados de 2018, o WhatsApp limitou o número máximo de encaminhamento, a medida buscava controlar a disseminação de notícias falsas, mas será isso o bastante?

### **3.4 Hungria e a Democracia “liberal”**

O processo político que integrou a Hungria e demais países do leste europeu à zona do euro foi marcado por uma transição brusca e atabalhoada, produzindo um choque cultural que

deixou muitas feridas abertas. No ano de 2004 a Hungria formalizou sua entrada na União Europeia e no ano de 2007 entrou na área Schengen<sup>51</sup>, a expectativa e promessa que pairavam entre os húngaros era de enriquecimento, desenvolvimento econômico através de investimentos estrangeiros e o aumento do turismo. O clima de otimismo, contudo, se desmancha no ar com a crise do euro em de 2008, as taxas de desemprego aumentaram e o ceticismo em relação à integração econômica e social também. Outro episódio importante para este pequeno país europeu diz da crise dos refugiados e imigrantes de 2015, países como a Polônia, Hungria, Bulgária, Eslováquia e outros são uma rota terrestre para se poder alcançar os países mais ricos ao norte da Europa.

O nacionalismo crescente no leste europeu é um fenômeno complexo com diversos aspectos que não esgotaríamos nestas breves páginas, mas o desencantamento com a Globalização nos ajuda a compreender a emergência de lideranças ultranacionalistas. Dentre elas destacamos Viktor Orbán, o primeiro ministro húngaro desde 2010, que possui ampla maioria no parlamento com seu partido Popular Democrata Cristão e a coligação Aliança Cívica. Orbán pode ser considerado uma das principais vozes opositoras frente à integração europeia, diversas razões podem ser destacadas, como a questão dos refugiados ou crises econômicas. Apesar da postura eurocêntrica e oposição a Bruxelas, busca utilizar dos próprios mecanismos da união europeia para barrar as pautas que vão contra sua construção. Busca sabotar o funcionamento das instituições por dentro das instituições, assim, o líder da Hungria adota um modelo que inaugura o fim do consenso da democracia liberal europeia após 1945. O governo adota o sistema de partido único dentro de uma democracia iliberal ou não liberal segundo a descrição do próprio Orbán. Outros países do leste europeu, como Polônia, a República Tcheca e a Eslováquia são abertamente simpáticos com a reformulação rústica do Estado lá praticada. Todas essas quatro nações juntas formam a Liga Visegrad e são a célula de resistência contra Bruxelas, que acusam de querer tutelar os membros do bloco.

Das várias figuras folclóricas nesse debate, podemos destacar George Soros, na Hungria este nome é ainda mais sensível. De acordo com o levantamento Capital Política (2018), 51% da população húngara acredita que George Soros, filantropo e bilionário nascido na Hungria, procura a migração na Hungria para substituir europeus por migrantes A caixa de ferramentas

---

<sup>51</sup> O Espaço Schengen é uma área que compreende 26 países europeus que aboliram oficialmente todos os passaportes e todos os outros tipos de controle de fronteira em suas divisas mútuas. A área funciona principalmente como uma jurisdição única para fins de viagens internacionais, com uma política de vistos comum.

utilizada pelo governo populista húngaro funciona de forma eficaz, o que é necessário é uma visão acerca de como exatamente ela funciona.

Como já colocado, o avanço das redes sociais alterou significativamente a relação do consumo de informações, os setores chamados de mídia tradicional formam como se dão, de acordo com Mello (2020), as táticas e estratégias utilizadas por Orbán, o ataque econômico na forma de taxações e impostos aos meios de comunicações tradicionais produziu efeitos importantes. As mídias tradicionais do país cada vez mais se concentram nas mãos de aliados de Orbán, o uso sistemático das *fake news*, como forma de perseguição a opositores, é constante. O líder húngaro usa com habilidade instrumentos de desinformação em massa online com o avanço de seus interesses políticos frente aos meios de comunicação. Receita invejada pela direita brasileira.

## 4 ANÁLISE E DISCUSSÃO

### 4.1 Identidade Coletiva

A análise dos dados se deu através da discriminação da identidade coletiva dos participantes e respectiva avaliação/correlação com *fake news*. Ao indagarmos o posicionamento político dos participantes na questão 21, colocamos uma variação, uma gradação que vai de “muito à esquerda” até “muito à direita”, os resultados: 27% da amostra se descreve sendo de esquerda e 28% de centro-esquerda, totalizando 50,7%. Os participantes que se identificam no campo da direita correspondem a 21%, sendo 12% de direita e 9,8% de centro direita. O centro possui 5% de respondentes e aqueles que não souberam se posicionar correspondem a 9,8%.

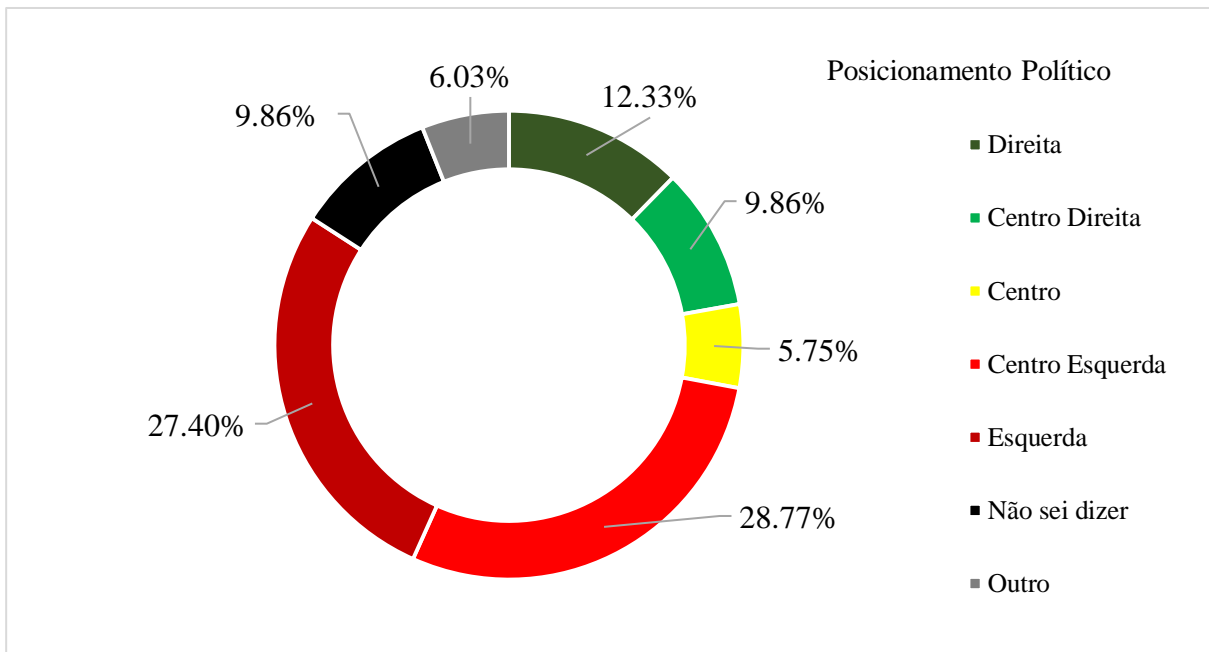


Gráfico 4: Auto posicionamento.

Indagamos também sobre qual seria a ideologia dos participantes, apresentando no gráfico abaixo diversas possibilidades de rótulos. Esse recurso em muito foi utilizado para tentar visualizar se os respondentes mantêm algum nível de coerência com várias possibilidades de resposta. Além disso, claro, há uma grande confusão em torno dos rótulos ideológicos Liberal, Moderado e/ou até mesmo com os conceitos de direita e esquerda. Considerando essas

dificuldades, optamos por perguntar de forma diferente o que seria praticamente quase a mesma informação de interesse.

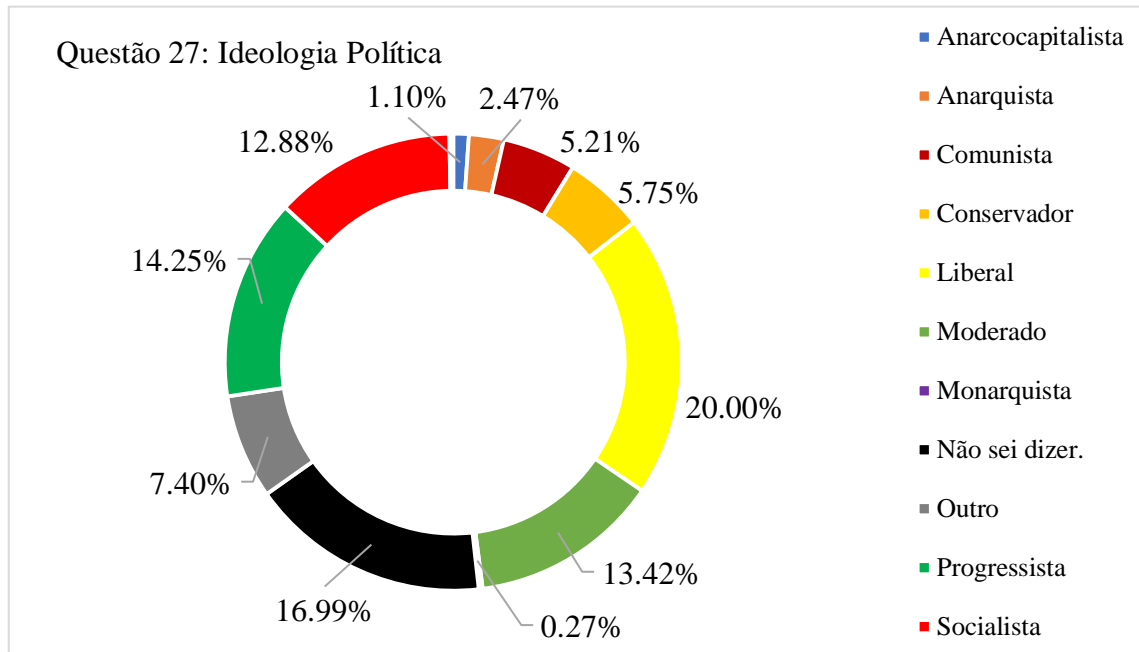


Gráfico 5: Ideologia Política.

Ao estabelecermos cruzamentos entre ideologia política e identidade política, podemos observar descritivamente sua correlação.

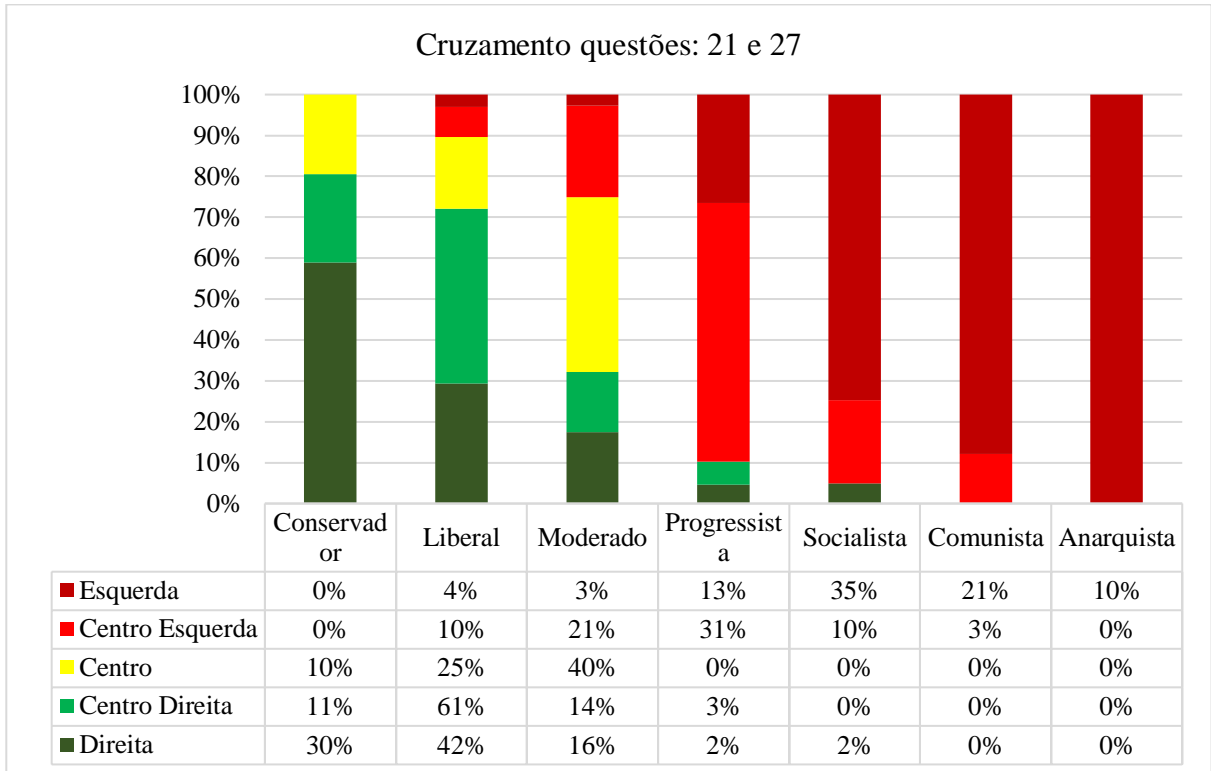


Gráfico 6: Identidade Coletiva, Cruzamento Ideologia Política e Posicionamento Político.

Para verificar se os rótulos políticos e o auto posicionamento mantêm algum nível de relação, estabelecemos esse cruzamento descritivo dos dados. De forma preliminar podemos apontar e visualizar a convergência dos rótulos Conservador/Liberal nos campos mais identificados à direita. Os progressistas, socialistas e comunistas no campo da esquerda. O moderado agrega vários posicionamentos distintos, mas predominantemente os de direita. Aqueles que não souberam se auto posicionar na questão 21 mantiveram o mesmo padrão de resposta na questão 27.

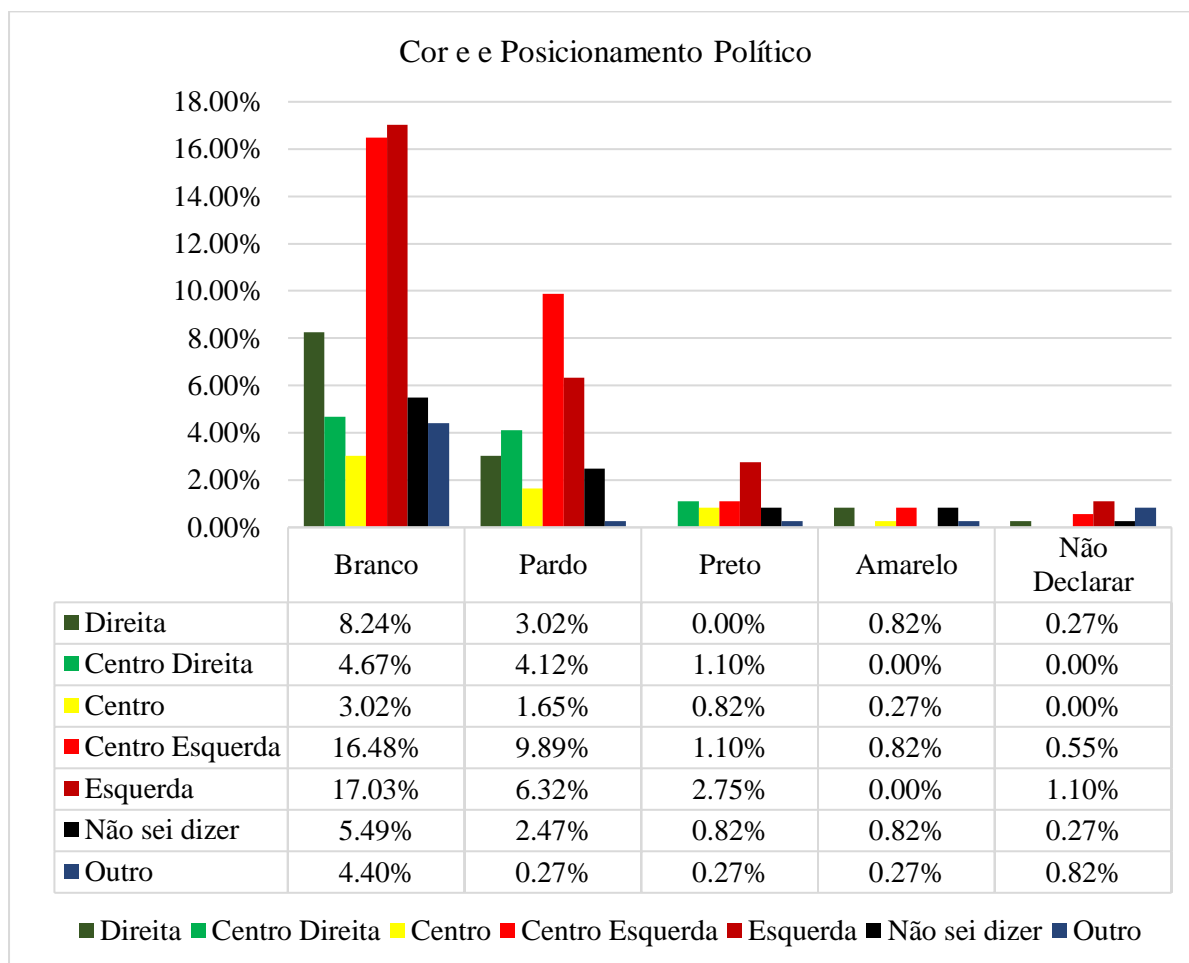


Gráfico 7: Cor/Etnia e Identidade Coletiva.

Ao cruzarmos as variáveis Posicionamento e Cor/Etnia descritivamente, podemos observar que a distribuição proporcional de esquerda e direita permanece estável entre os diferentes grupos étnicos. Há uma representatividade ligeiramente maior de pessoas de centro direita no grupo dos “pardos” e de direita no grupo dos “amarelos”.

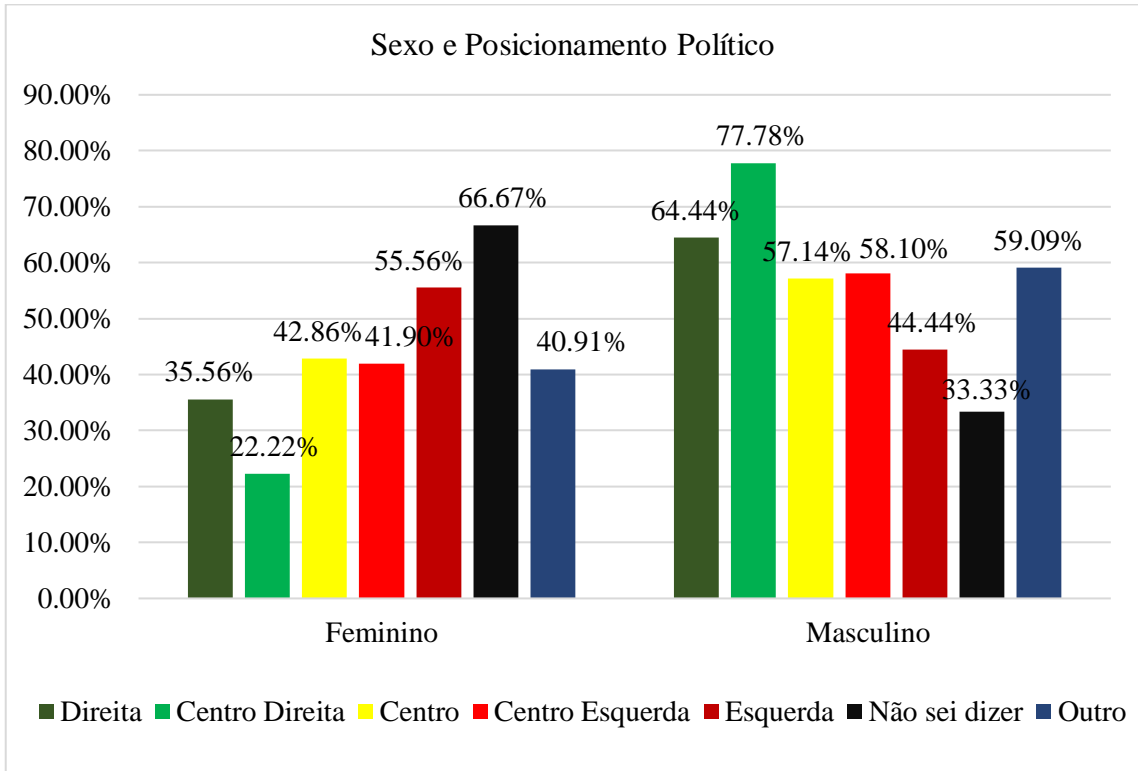


Gráfico 8: Sexo e Posicionamento Político.

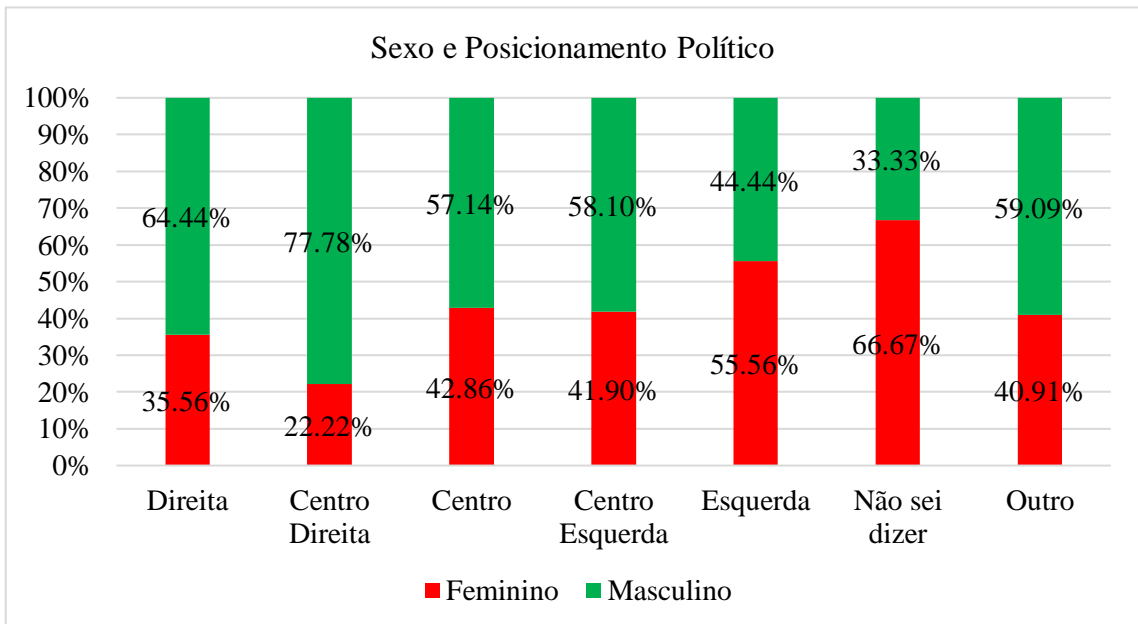


Gráfico 19

Gráfico 9: Sexo e Posicionamento Político

Sobre o posicionamento político, podemos observar a maior presença proporcional das mulheres nos grupos de esquerda (55,56%) e “não sei dizer” (66,67%). Os homens estão mais

presentes em todos os outros posicionamentos, com destaque para a direita (64,44%) e a centro-direita (77,78%).

## 4.2 Identidade Coletiva e Fake News

Para verificar a relação entre as variáveis qualitativas, a Identidade Coletiva (Posicionamento Político e Ideologia) com as variáveis Imagens, foi realizado o teste Qui-quadrado. Esse teste avalia a relação (ou dependência) entre cada um dos cruzamentos das variáveis. Nota-se através do teste que há relação estatisticamente significativa (quando  $p < 5\%$ ) entre o posicionamento político e todas as imagens. O teste também indica relação das imagens com a ideologia.

### 4.2.1 Imagem 1 -Harvard e Armas

A primeira imagem utilizada dentro do questionário se trata de uma informação completamente falsa. Utilizamos de uma chamada em que era apresentado aos participantes um estudo de Harvard que apontava a redução da violência com o aumento do acesso às armas<sup>52</sup>. Essa imagem e o estudo tiveram grande circulação nos anos de 2014 e 2015 no Brasil. O artigo intitulado “*Would Banning Firearms Reduce Murder and Suicide? A Review of International Evidence*” não foi realizado por pesquisadores<sup>53</sup> de Harvard, mas por pesquisadores de outra instituição e publicado no *Harvard Journal of Law & Public Policy*. O editorial do jornal em sua página de descrição se define como uma página voltada para conservadores, libertários e produzida por estudantes (fato que a priori não descredibiliza o estudo, por suposto). No site do Jornal não há qualquer indício de revisão dos artigos por pares e, ainda sobre o estudo, a conclusão do trabalho em questão não afirma que existam evidências que apontem a redução do aumento da criminalidade com o maior acesso a armas. A introdução do artigo e a conclusão fazem afirmações diametralmente opostas.

---

<sup>52</sup> O link do estudo estava postado no endereço seguinte, contudo, atualmente não está mais disponível: <[http://www.law.harvard.edu/students/orgs/jlpp/Vol30\\_No2\\_KatesMauseronline.pdf](http://www.law.harvard.edu/students/orgs/jlpp/Vol30_No2_KatesMauseronline.pdf)>.

<sup>53</sup>Disponível em: <[https://www.researchgate.net/publication/228234512\\_Would\\_Banning\\_Firearms\\_Reduce\\_Murder\\_and\\_Suicide\\_A\\_Review\\_of\\_International\\_Evidence](https://www.researchgate.net/publication/228234512_Would_Banning_Firearms_Reduce_Murder_and_Suicide_A_Review_of_International_Evidence)>.



Figura 3: Imagem 1 - Pesquisa Harvard.

Os participantes alinhados às identidades coletivas de esquerda (vermelho escuro) e de centro-esquerda (vermelho) julgaram que o conteúdo da notícia é completamente falso com 69,70% e 54,29% respectivamente. Poucos participantes no campo das esquerdas acreditaram se tratar de uma informação verdadeira. Os participantes da direita (verde escuro) e da centro-direita (verde) perceberam a informação como verdadeira ou parcialmente verdadeira, correspondem a 33% e 27, 87% respectivamente, contra 44,45% da direita e 58,34% de centro-direita do mesmo grupo que perceberam como falsa ou parcialmente falsa. Dentro de um mesmo grupo ideológico podemos encontrar participantes que julgam a mesma notícia enquanto falsa ou verdadeira. A identidade coletiva de centro foi o grupo que mais afirmou que a imagem é parcialmente verdadeira (38,10%) e ao mesmo tempo parcialmente falsa (28,57%)

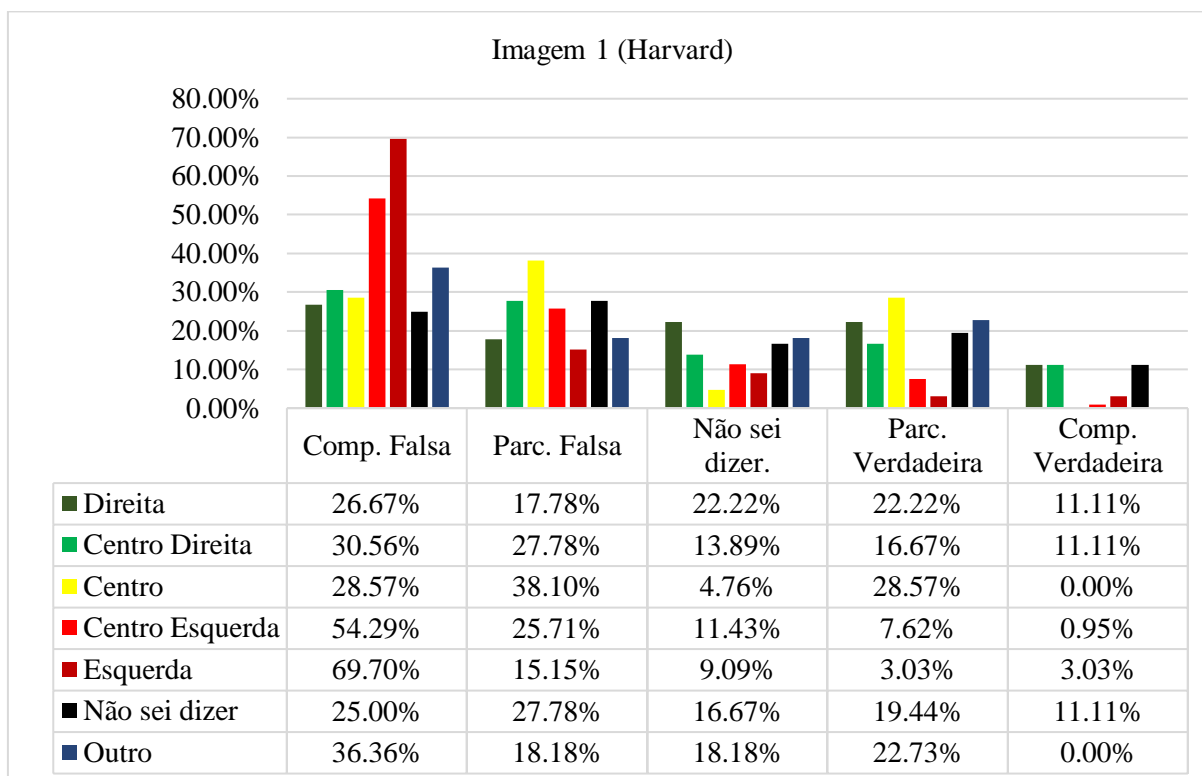


Gráfico 10: Cruzamento Posicionamento Político e Imagem 1.

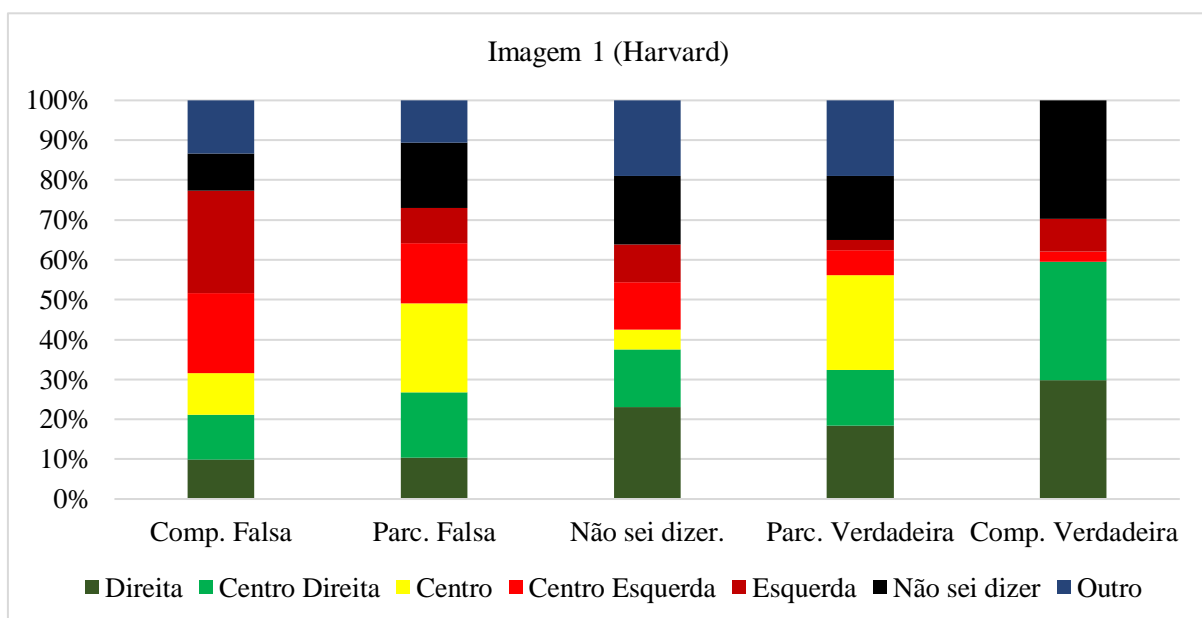


Gráfico 11: Cruzamento proporcional.

Ao proporcionalizarmos a distribuição das respostas podemos observar que os grupos identificados com identidades coletivas de direita e de centro-direita estão mais propensos a perceber a imagem apresentada como completamente verdadeira. Mais de 66% das identidades coletivas de centro perceberam a imagem como falsa ou parcialmente falsa. A imagem gerou

mais dúvida nos participantes que se definiram como de “direita”, como “outros” e o grupo “não sei dizer”.

#### 4.2.2 Imagem 2 – Bolsonaro Rocinha

A segunda imagem apresenta a chamada de uma notícia publicada em Maio, por Jardim (2018) no Jornal O Globo, intitulada “A solução de Bolsonaro para a Rocinha”. De acordo com a reportagem:

Bolsonaro deu a sua receita para resolver a guerra da Rocinha, num grande evento promovido na semana passada pelo BTG Pactual. Uma solução simples - e idiota. A uma plateia de mil executivos do mercado financeiro, Bolsonaro disse que mandaria um helicóptero derramar milhares de folhetos sobre a favela, avisando que daria um prazo de seis horas para os bandidos se entregarem. Findo este tempo, se a bandidagem continuasse escondida, metralharia a Rocinha. (JARDIM, 2018)

Ainda na reportagem foi aberta uma nota relativa à assessoria de imprensa de Bolsonaro, contextualizando a fala dele que, na data em questão, era somente um dos presidenciáveis:

O deputado esclarece que, ao mencionar a Rocinha no evento, se referiu exclusivamente à guerra travada entre traficantes, em setembro do ano passado, quando 200 marginais fugiram pela mata no alto da comunidade e se espalharam e se refugiaram em outras favelas na zona norte do Rio, levando pânico e terror à população carioca. A fuga foi acompanhada por helicópteros da polícia e de emissoras de TV, sem que os policiais os tivessem detido, pois o Estado não os permite agir, pela falta de retaguarda jurídica. Ao falar daquele episódio específico da Rocinha, uma vez que os marginais estavam claramente afastados da comunidade e, portanto, passíveis de sofrer efetiva ação policial para prisão, sem o risco de ferir os cidadãos de bem que moravam no local, o deputado tomou tal exemplo para se manifestar, no sentido de ser favorável a ações efetivas por parte do Estado, inclusive atirando em casos de confronto ou não rendição. O deputado lembra que, em episódio bastante similar, o Brasil também assistiu, estarecido, à fuga em massa de traficantes armados da Vila Cruzeiro e Complexo do Alemão em novembro de 2010. O deputado afirma que tais episódios não voltarão a ocorrer caso seja eleito este ano. (JARDIM, 2018)

Esta notícia não teve nenhuma conclusão final por parte das agências de checagem, até o momento. Consideramos esta chamada integralmente falsa, dentro do critério de veracidade oficial não foi apontado que, de fato, teria sido dito por Bolsonaro que a Rocinha deveria ser metralhada. Certamente os leitores mais críticos à imagem do político podem intuir que, embora Bolsonaro não tenha dito isso, suas propostas e ações dentro de um eventual governo poderiam levar a este cenário. Ou mesmo alguns poderiam resgatar em suas memórias políticas eventos

próximos ao período eleitoral em que este personagem político fez menção a “fuzilar” adversários políticos. Apesar disso, neste episódio em particular o então presidencial não declarou o que a reportagem afirma.

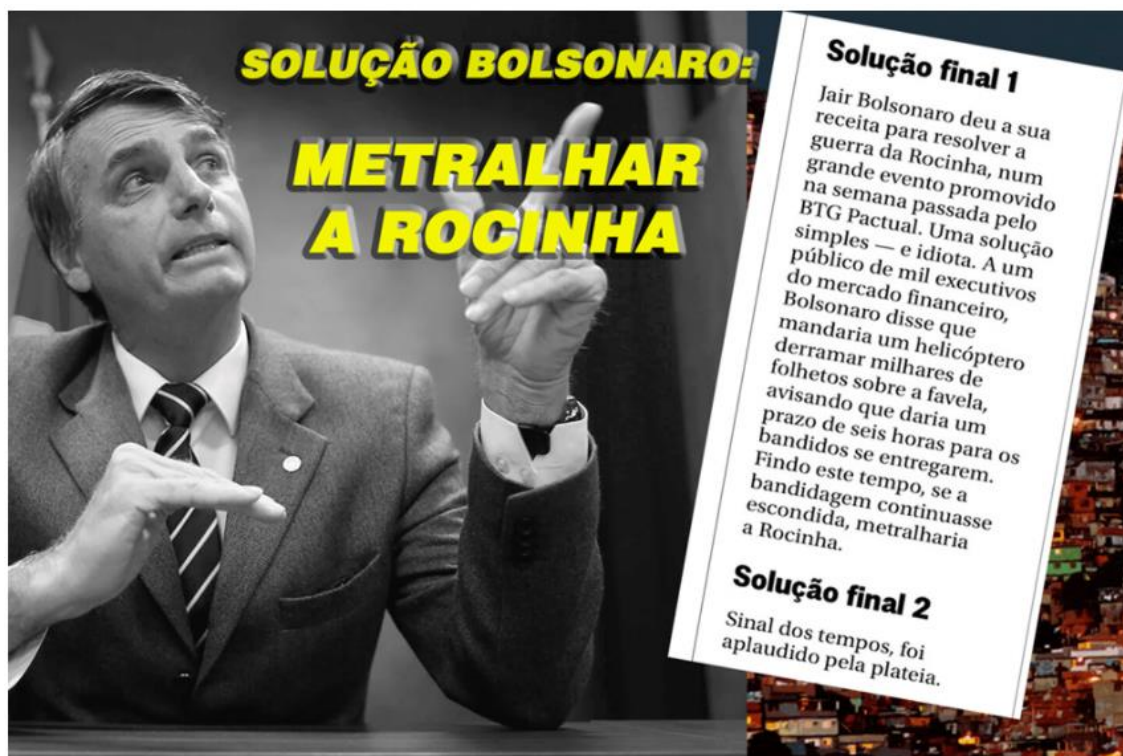


Figura 4: Imagem 2, Bolsonaro e Rocinha.

Essa publicação, a despeito de ter sido realizada em um veículo de mídia tradicional, e tenha também supostamente passado por crivos técnicos de verificação e apuração de informações do jornalismo profissional, veio a reproduzir informação incorreta. As diferenças entre uma fake news de um site especializado em divulgar informações falsas em comparação a uma informação de desinformação divulgada pela mídia tradicional foram apontadas no primeiro capítulo. Aqui, tratamos do segundo caso. Os participantes dos grupos das identidades políticas das esquerdas avaliaram, proporcionalmente, bem mais do que as identidades políticas de direita que a informação seria, sim, verdadeira. É possível observar a pulverização nas respostas dadas pelos grupos das esquerdas, mas com a prevalência de mais respostas no campo do verdadeiro e do parcialmente verdadeiro.

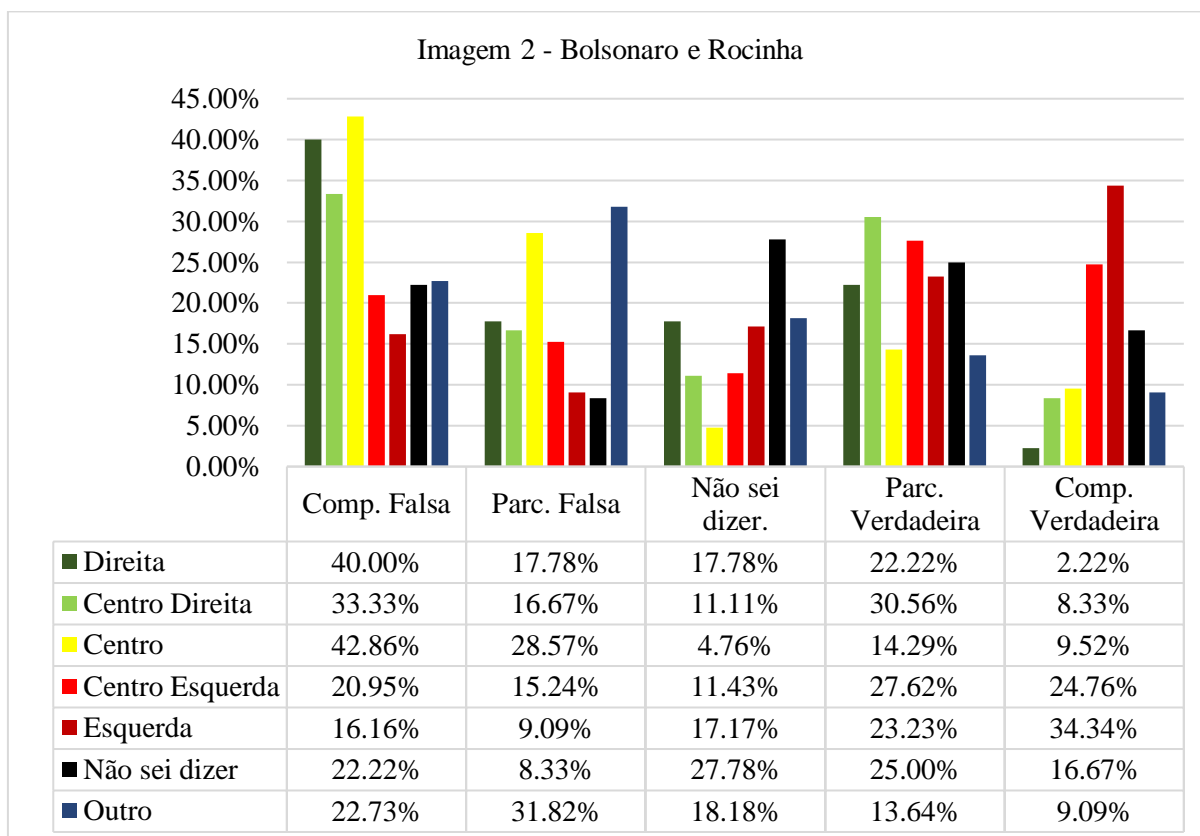
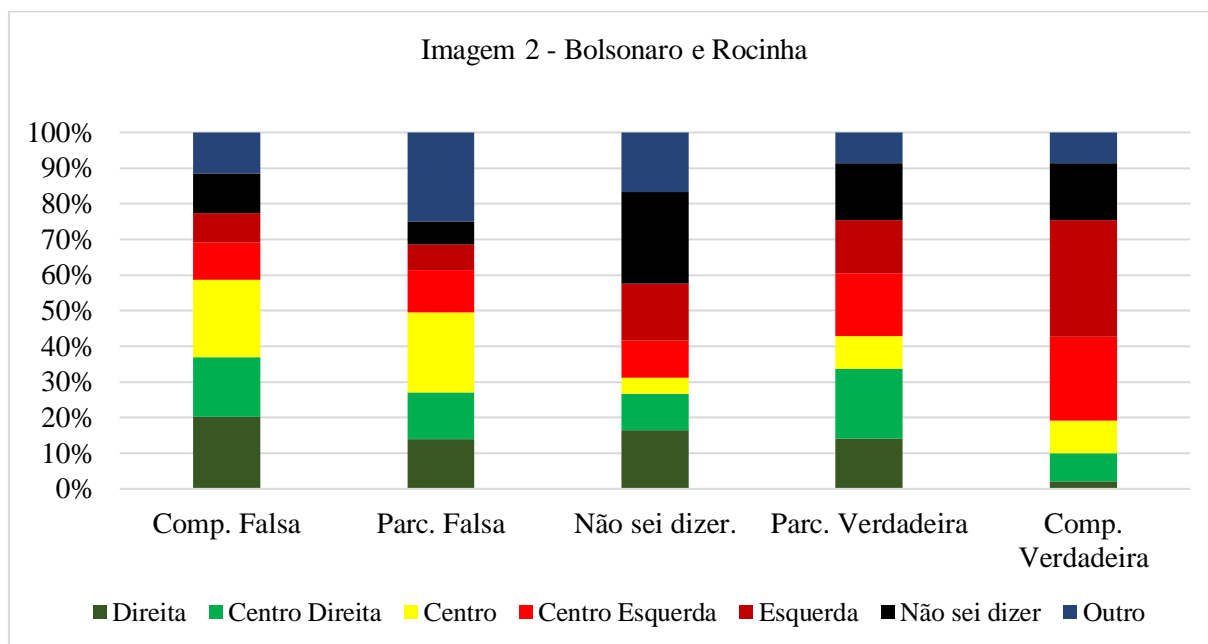


Gráfico 12: Cruzamento Imagem 2 e Posicionamento Político.

Os participantes com identidades coletivas no campo da direita, centro-direita e centro perceberam a imagem como completamente falsa 40%, 33,33% e 42,86% respectivamente. As identidades coletivas que mais perceberam a informação como parcialmente falsa foram o grupo de direita e do centro, 17,78% e 28,57% respectivamente. Parte dos respondentes com identidades coletivas de direita, centro-direita e centro também perceberam a imagem como parcialmente verdadeira, respectivamente: 22,22%, 30,56% e 14,29%. Apenas da direita ao centro uma pequena parcela percebeu a imagem como completamente verdadeira.

A percepção contrária pode ser observada nas identidades coletivas de esquerda e centro-esquerda que atribuíram a imagem como verdadeira em 34,34% e 24,76% do tempo respectivamente. Ou mesmo como parcialmente verdadeira 23,23% e 27,62% do tempo respectivamente. Proporcionalmente mais participantes das esquerdas acreditam que se trate de uma notícia falsa em relação àqueles que percebem como uma informação verdadeira. Os participantes do centro nesta imagem acompanham mais a percepção dos participantes de direita.



#### 4.2.3 Imagem 3 - Movimento Brasil Livre e Museu

A terceira imagem diz respeito à publicação nas páginas do Movimento Brasil Livre, comentando brevemente sobre o episódio que envolveu o incêndio no Museu Nacional no Rio de Janeiro. A notícia veiculada pelo jornal é verdadeira, todavia, isso não torna a afirmação do Movimento Brasil Livre verdadeira em si. Consideramos a publicação parcialmente verdadeira. Neste fatídico episódio da nossa história recente, o Museu teve aproximadamente 90% do seu acervo queimado, somando uma perda inestimável. A postagem divulgada pelo Movimento Brasil Livre comenta uma notícia do Jornal o Globo em que o Museu Nacional teria recebido uma proposta de US\$ 80 mil dólares, porém a proposta teria sido rejeitada há cerca de 20 anos, pois implicava em transformar a instituição em fundo de direito privado, esta parte da imagem é destacada em amarelo. A mensagem da postagem diz assim: “Museu Nacional: Mais de R\$ 300 milhões rejeitados porque a UFRJ é “contra privatizações”. A Ideologia Mata Nossa Cultura” (grifado em vermelho).



Figura 5: Imagem 3, Museu e Mbl.

Posteriormente outra reportagem foi publicada pelo mesmo jornal e informa que as tratativas com o Banco Mundial para auxiliar financeiramente o Museu Nacional, entre 1998 e 2000, não estabeleceram quais eram os valores e condições para o auxílio. Ainda de acordo com a reportagem, o banco afirmou que, após esse momento, houve "tentativas de suporte ao museu, por meio de doação", e que "tampouco tiveram sucesso, infelizmente". Além disso, também informou que, desde então, nenhum outro suporte do BIRD para a instituição foi "solicitado ou considerado". A UFRJ se posicionou oficialmente e chamou de "falsa versão" o relato de que o empresário Israel Klabin, ex-prefeito do Rio de Janeiro, conseguiu obter os recursos junto ao BIRD para modernizar o Museu Nacional, desde que a instituição se transformasse em uma Organização Social (OS). Segundo a universidade, ele teria intermediado as negociações, mas a proposta de financiamento, segundo a UFRJ, foi recusada pela direção do banco da época.

A premissa central da imagem em questão apontaria sobre como o Estado é ineficiente na gestão de recursos e bens e, sendo assim, prejudicial ao crescimento de um país, neste

particular, da cultura. O Movimento Brasil Livre, como já destacamos, é defensor do liberalismo econômico e de agendas que ampliem a noção de liberdades econômicas, individuais, redução do estado e privatizações. Na visão do movimento, o mercado seria o ator social/político mais eficiente para entregar produtos, bens, serviços e produzir o maior bem-estar social possível. Assim, fizemos nossa indagação com fins de pesquisa: esta imagem seria verdadeira ou falsa?

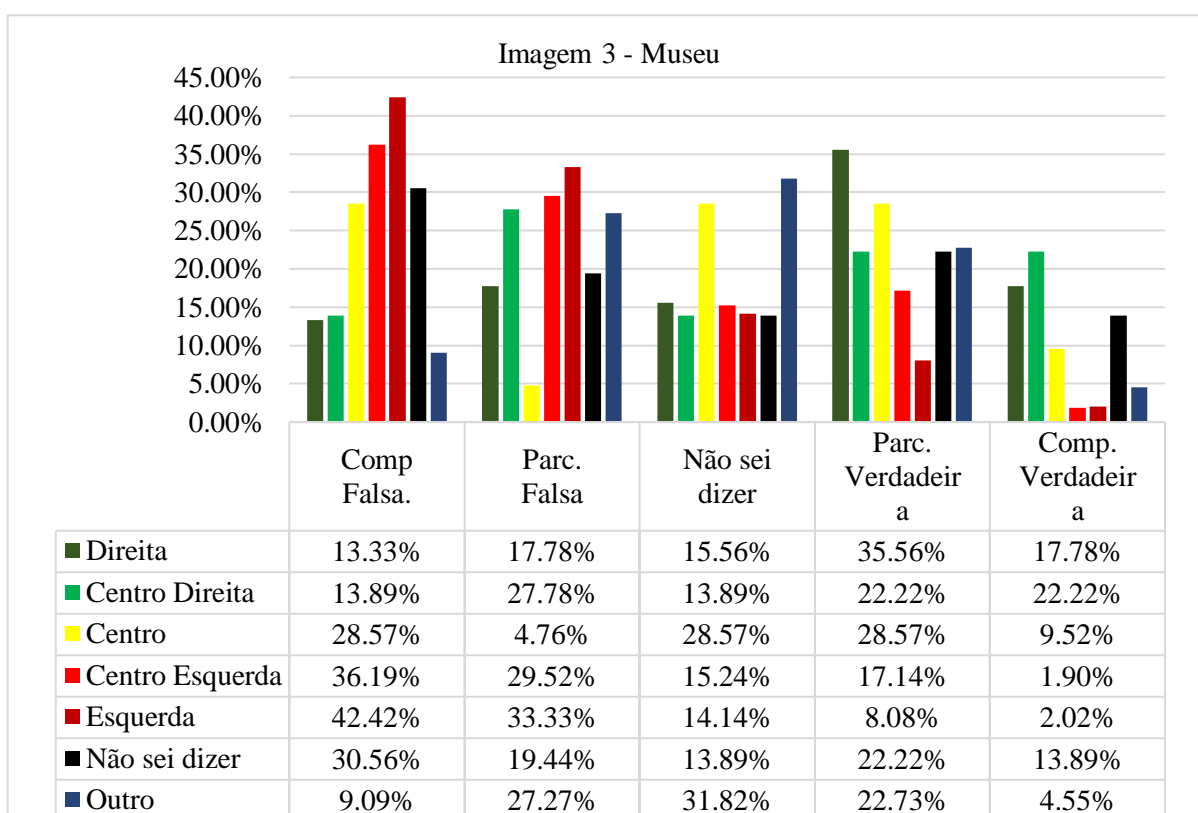
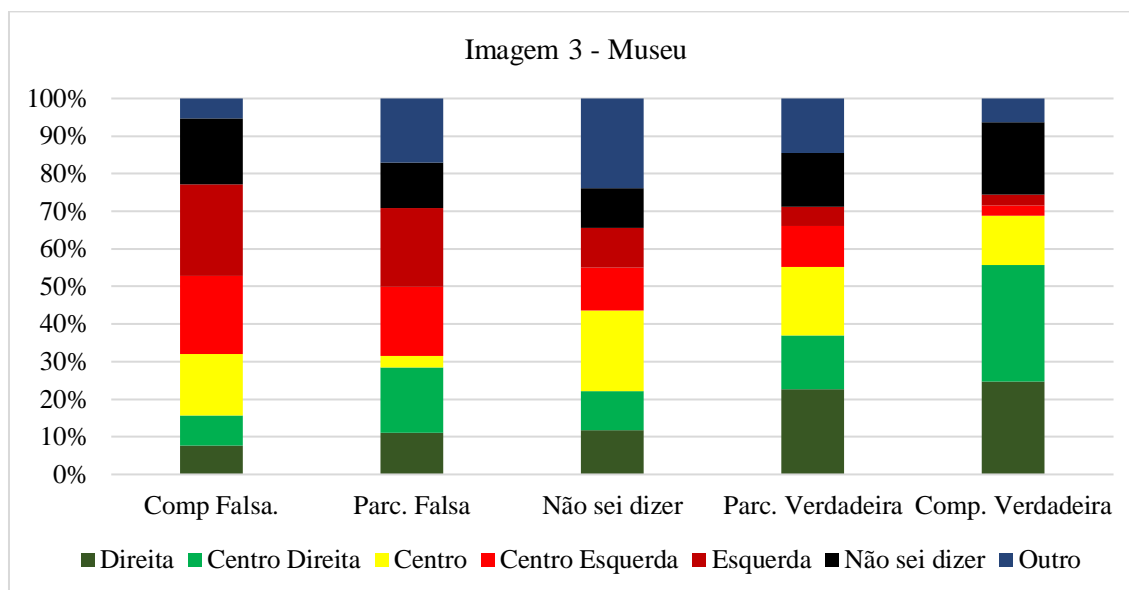


Gráfico 14: Cruzamento Imagem 3 e Posicionamento Político.

Como podemos observar nos gráficos 24 e 25, as identidades coletivas de centro-direita e direita são aquelas que proporcionalmente mais percebem a publicação do Movimento Brasil Livre como parcialmente verdadeira e/ou completamente verdadeira. As identidades coletivas de esquerda e centro-esquerda em mais de 50% das vezes percebem a publicação como falsa ou parcialmente falsa. O centro (amarelo) e o outro (azul) foram os que mais responderam não saber identificar se a imagem era uma fake news ou não. Os demais grupos apresentam respostas distribuídas entre as opções apresentadas.



#### 4.2.4 Imagem 4 - Haddad, Crianças e Estado

A quarta imagem é uma montagem completamente falsa em que o então candidato à presidência, Fernando Haddad (PT), supostamente afirma que o governo deve decidir sobre o gênero das crianças. Essa publicação data de Fevereiro de 2017, mas é difícil precisar quando se iniciou, de fato, sua circulação, ao longo das eleições presidenciais foi utilizada como peça de desinformação. Sites checadores de informação, como Agência Lupa e Aos Fatos, na ocasião, evidenciaram o caráter apelativo e falso da postagem.

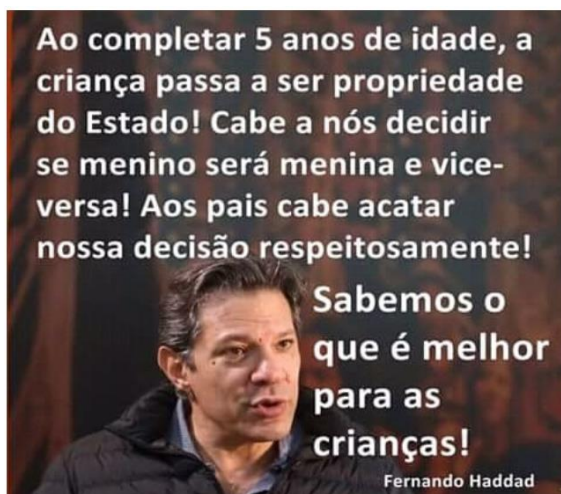


Figura 6: Imagem 4 - Haddad e Crianças

Mais de 80% dos participantes avaliaram que a notícia é completamente falsa, como podemos observar nos gráficos 45 e 46. Em termos proporcionais há maior prevalência dos participantes de direita que percebem a imagem como completamente verdadeira.

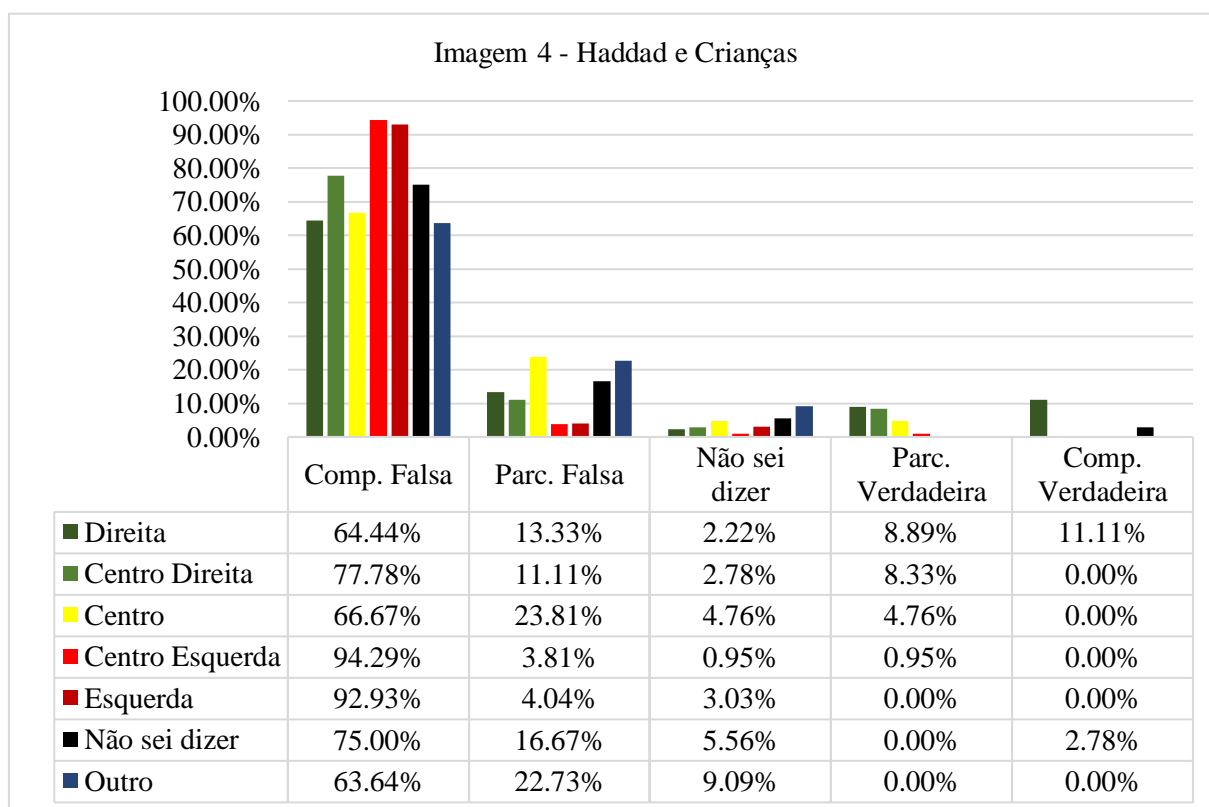


Gráfico 16: Cruzamento Imagem 4 e Posicionamento Político.

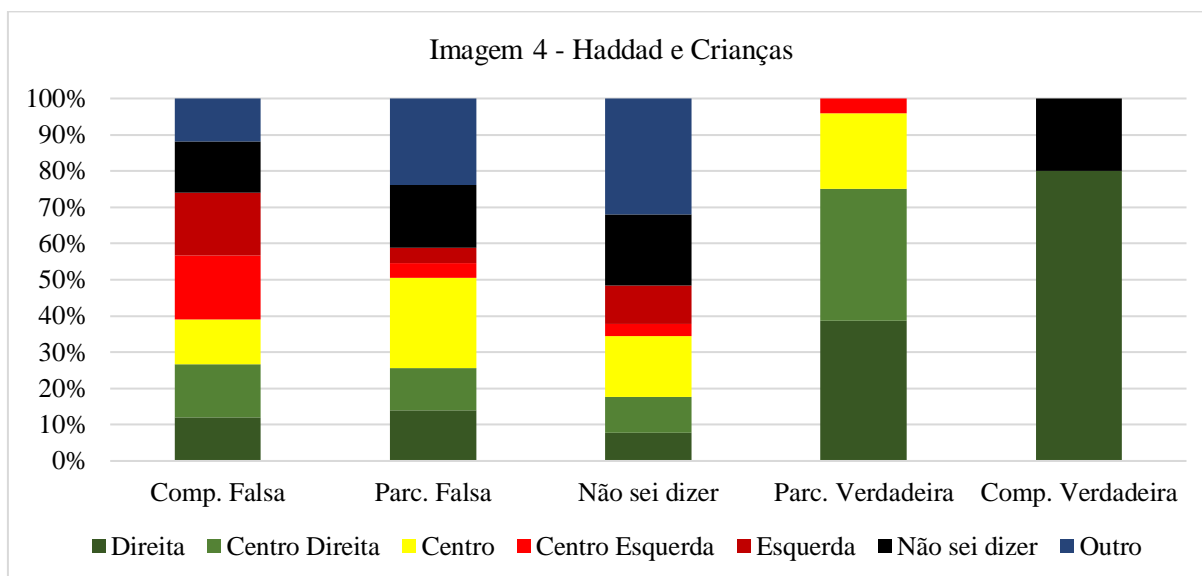


Gráfico 17: Cruzamento proporcional.

Como podemos verificar, os participantes que perceberam a notícia como completamente verdadeira estão na direita, como parcialmente verdadeira no centro-direita e centro. Este percentual, contudo, é minoritário, 64,44% dos participantes de direita perceberam a notícia como completamente falsa, contra 11,11% que perceberam como completamente verdadeira.

#### 4.2.5 Imagem 5 - Bolsonaro e Deficiência

A quinta imagem está relacionada à votação ocorrida na câmara de deputados no dia 5 de Março de 2015 sobre a Lei Brasileira de Inclusão. No primeiro momento, foi votado o texto base da lei e de acordo Mares (2019), em checagem publicada no site Lupa, essa votação foi simbólica. Todos os deputados foram favoráveis à aprovação da lei. Posteriormente, foram votados destaque<sup>54</sup> ao projeto que tratava a respeito da orientação sexual das pessoas com deficiência. Essa votação foi nominal e com registro no painel eletrônico, 174 deputados, incluindo os Bolsonaro, foram contrários a esse trecho, e 188 foram favoráveis. Este trecho da lei foi mantido. Os deputados da família Bolsonaro, na ocasião, não votaram contra a Lei Brasileira de Inclusão, mas os mesmos votaram contra um destaque que incluía no texto da lei

<sup>54</sup> Recurso utilizado para votar separadamente parte da proposição submetida ao exame dos parlamentares, retirada especificamente para esse fim. Essa parte da proposição a ser votada só integrará o texto da matéria depois de aprovada na chamada “votação em separado”. Ver voto em separado.

o “respeito à especificidade, à identidade de gênero e à orientação sexual da pessoa com deficiência”.



Figura 7: Imagem 5 - Bolsonaro e pessoas com deficiência.

Como podemos observar, as identidades coletivas de esquerda e de centro-esquerda compreendem, na maior parte das vezes, que se trata de uma imagem completamente verdadeira (42,42% e 25,71%) contra 12,12% e 6,72% do mesmo grupo que acreditam que seja completamente falsa. Em oposição, os participantes com identidades coletivas de direita formam o grupo que mais percebeu a imagem como completamente falsa, seguidos da centro-direita e centro. Há, todavia, uma pulverização maior nas áreas do parcialmente falso e parcialmente verdadeiro. Os participantes localizados ao centro foram aqueles que mais consideraram a informação parcialmente falsa

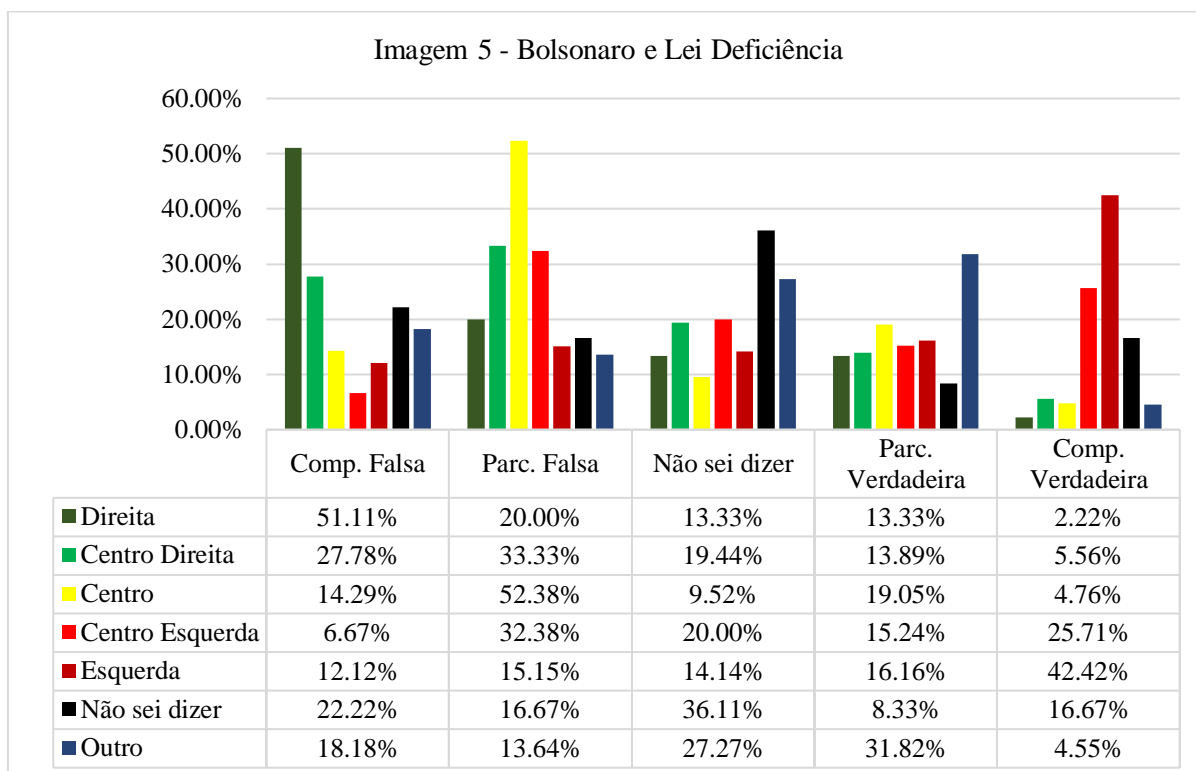


Gráfico 18: Cruzamento Imagem 5 e Posicionamento Político.

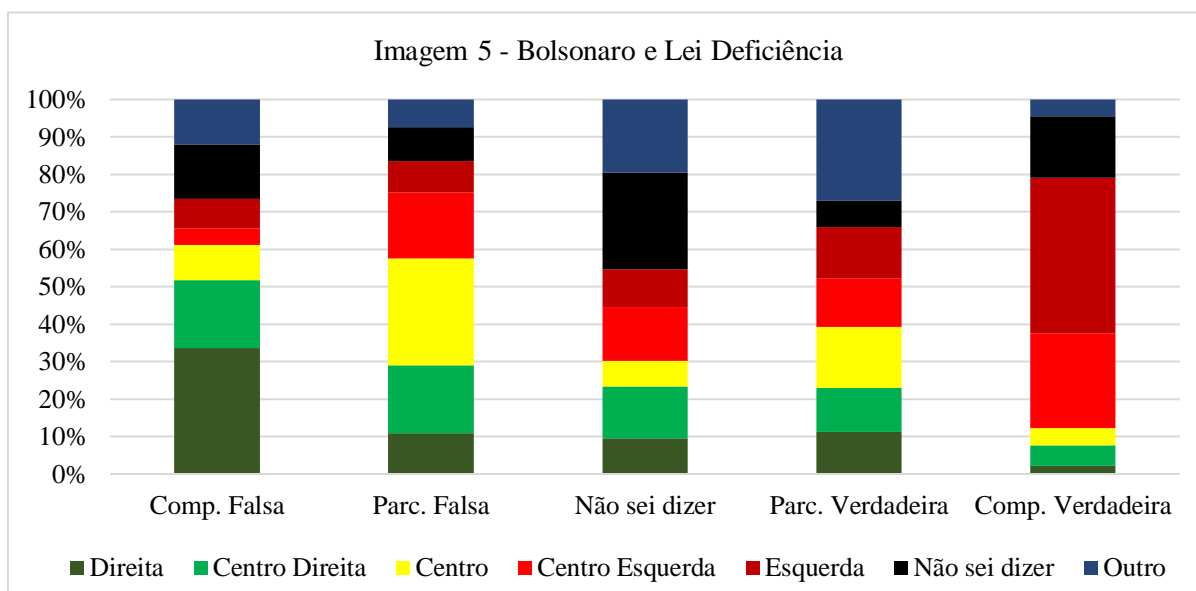


Gráfico 19: Cruzamento Proporcional.

Os participantes que não souberam dizer o próprio posicionamento político também são aqueles que proporcionalmente mais responderam não saber informar se a imagem é verdadeira ou falsa, correspondendo a 36,11%.

#### 4.2.6 Imagem 6 - Haddad, Venezuela e Democracia

A sexta imagem diz respeito à matéria publicada no jornal O Globo em Agosto de 2018 e faz referência ao ex-prefeito de São Paulo, a chamada da reportagem afirma que Haddad não considera Venezuela e Nicarágua democracias. A notícia contida nesta chamada é verdadeira e, segundo o presidenciável em entrevista concedida ao jornal, “Quando você está em conflito aberto, como está lá, não pode caracterizar como uma democracia. A sociedade não está conseguindo, por meios institucionais, chegar a um denominador comum.”



Figura 8: Imagem 6, Haddad, Venezuela e Nicarágua.

Como é possível observar nos gráficos 51 e 52 a imagem apresentada faz referência a Fernando Haddad (PT) e é percebida como completamente falsa na maior parte do tempo pelas identidades coletivas de direita e centro-direita, 51,11% e 27,78% respectivamente. Os

participantes dos mesmos grupos de direita e centro que percebem a chamada como completamente verdadeira são 2,2% e 5,6% respectivamente. Mais de 50% dos participantes da pesquisa que se classificaram como direita, acreditam que se trate de uma fake news.

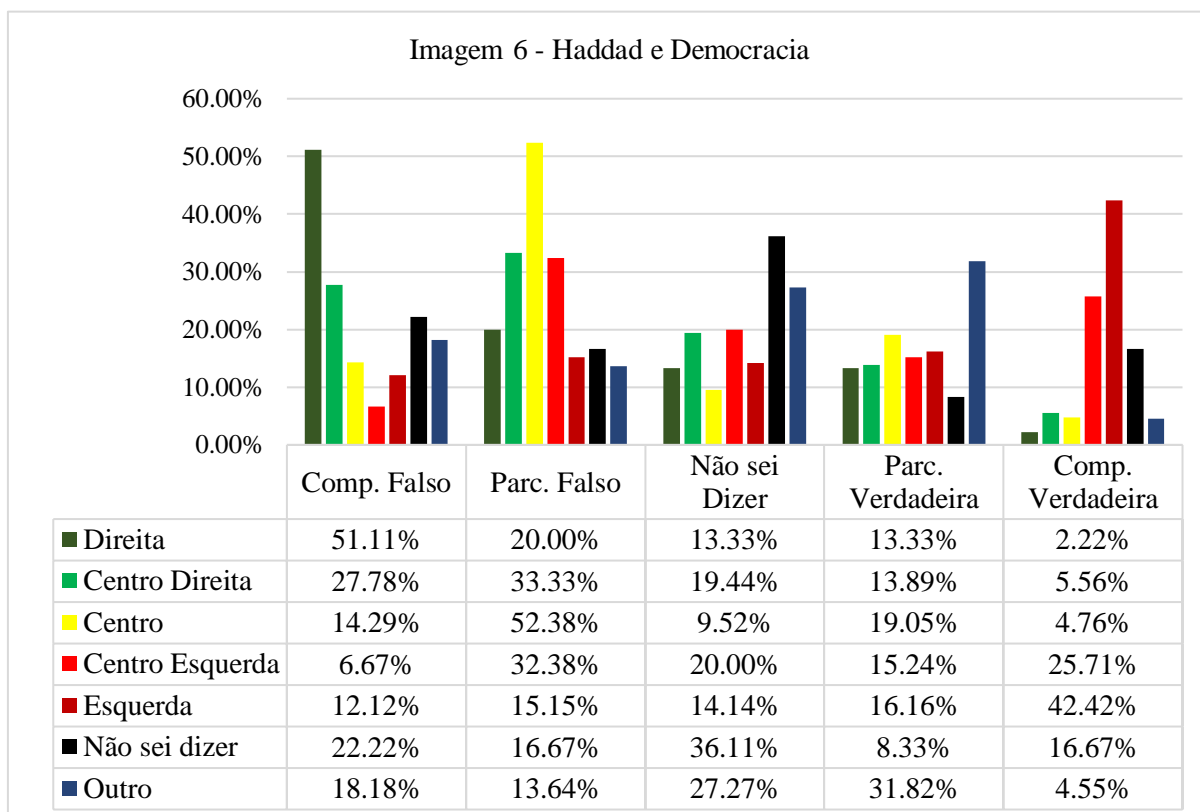


Gráfico 20: Cruzamento Imagem 6 e Posicionamento Político.

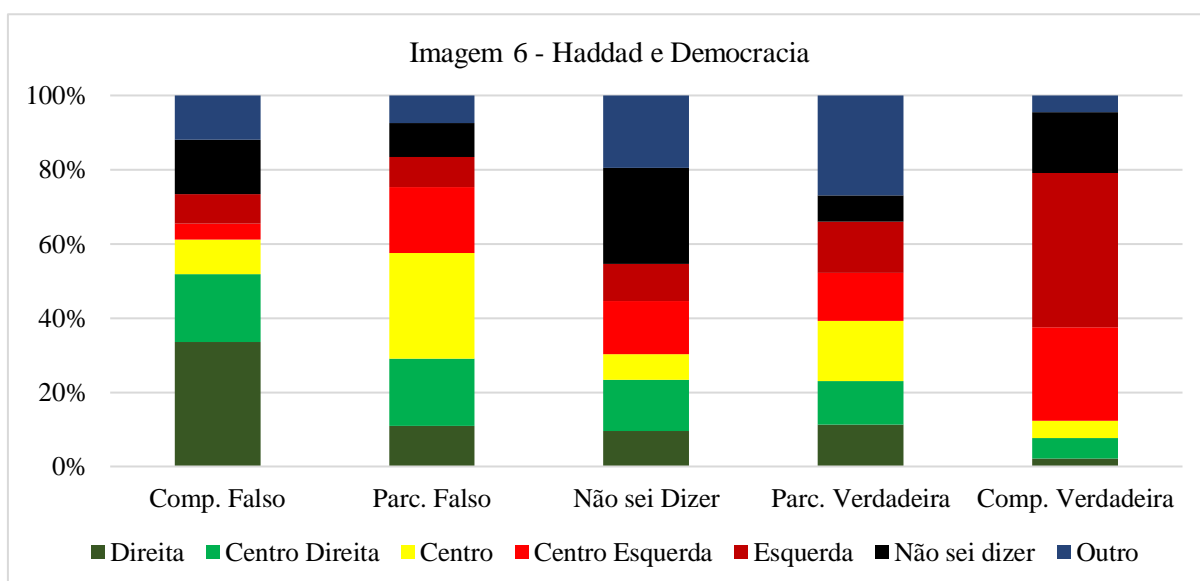


Gráfico 21: Cruzamento proporcional

No campo das identidades coletivas de esquerda e centro esquerda, a maioria julga que se trata de uma informação completamente verdadeira (42,42% e 25,71% respectivamente) contra 12,12% e 6,67% do mesmo grupo que percebem a imagem como completamente falsa. O centro é o grupo com mais participantes que percebem a imagem como parcialmente falsa, 52,38%, contra 19,05% do mesmo grupo que percebem como parcialmente verdadeira. Os participantes que têm outro posicionamento político (azul) são os que mais acreditam que se trata de uma imagem parcialmente verdadeira, com 31,82%. Novamente, o grupo “não sei dizer”, foi o que mais respondeu “não sei dizer” se a imagem é verdadeira ou falsa.

#### 4.2.7 Imagem 7 - Bolsonaro, Mourão e Pensão

A sétima imagem é referente ao general Hamilton Mourão (PRTB), lançado a vice-presidente na chapa de Jair Bolsonaro (PSL). Trata-se de uma notícia/imagem completamente verdadeira.



Figura 9: Imagem 7, Mourão, Bolsonaro e Pensão.

Ao longo da campanha eleitoral, Mourão foi gravado tecendo críticas ao 13º salário e ao abono salarial de férias em uma palestra para lojistas em Uruguaiana (RS). O evento foi promovido pela Câmara de Dirigentes Lojistas (CDL), neste episódio o militar criticou os benefícios trabalhistas quando perguntado sobre o tema da reforma trabalhista. As afirmações do vice-presidente estão disponíveis no Youtube. Segundo Mourão (2018);

“Temos algumas jabuticabas que a gente sabe que é uma mochila nas costas de todo empresário brasileiro. Jabuticabas brasileiras: 13º salário. Se a gente arrecada doze, como pagamos treze? É complicado. O Brasil é o único lugar que a gente, quando entra em férias, ganha mais”, emenda, ao comentar sobre o abono salarial que concede, ao trabalhador, um terço do salário quando este entra em férias. “São coisas nossas, essa legislação sempre dita social, mas com o chapéu dos outros, não o do governo”, finalizou.

A imagem também apresenta ataques à direita e críticas aos gastos das filhas de militares, que seriam em torno de 5 bilhões de reais, ainda se introduz a questão para a chapa liderada por Bolsonaro e Mourão, além de criticarem Bolsonaro por não questionar a pensão para as filhas de militares. Dentro das páginas de checagem ou mesmo nos discursos do presidente e vice, não fomos capazes de encontrar a falsidade da postagem, ou mesmo crítica dos presidentes em relação ao tema da pensão das filhas de militares. A imagem nesse sentido é completamente verdadeira.

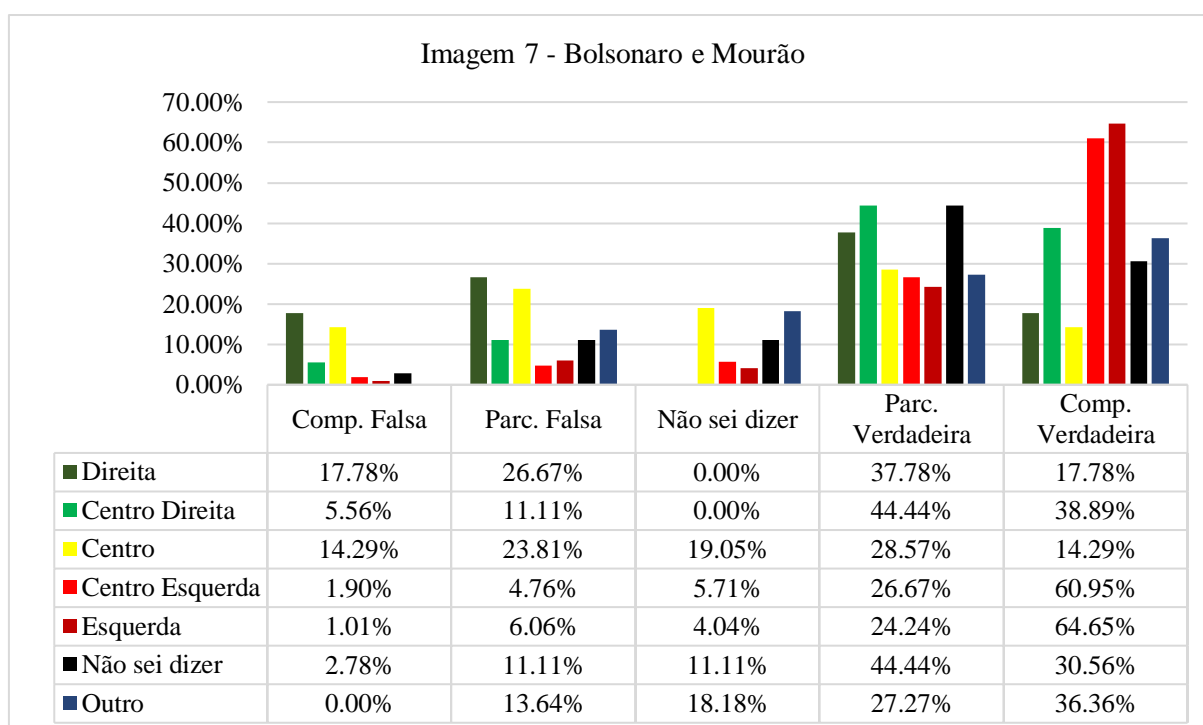


Gráfico 22: Cruzamento Imagem 7 e Posicionamento Político.

No gráfico 33 Podemos observar que 44,45% das identidades coletivas de direita acreditam que a imagem ou é falsa ou é parcialmente falsa, contra 55,56% deste mesmo grupo que percebe a imagem como verdadeira ou parcialmente verdadeira. O grupo de pessoas de centro-direita em menos de 16% do tempo percebeu a imagem como falsa, contra 88,33% dos respondentes que a percebem como verdadeira. No campo das esquerdas, mais de 80% acreditam que se trata de uma imagem verdadeira ou parcialmente verdadeira. As identidades coletivas de esquerda e de centro-esquerda em termos proporcionais e absolutos acreditam que se trata de uma imagem completamente verdadeira. O centro em amarelo apresentou dispersão equilibrada entre o degradê completamente verdadeiro e completamente falso, “não sei dizer” conta com 19,05% seguido do grupo “outro” com 18,18% em azul.

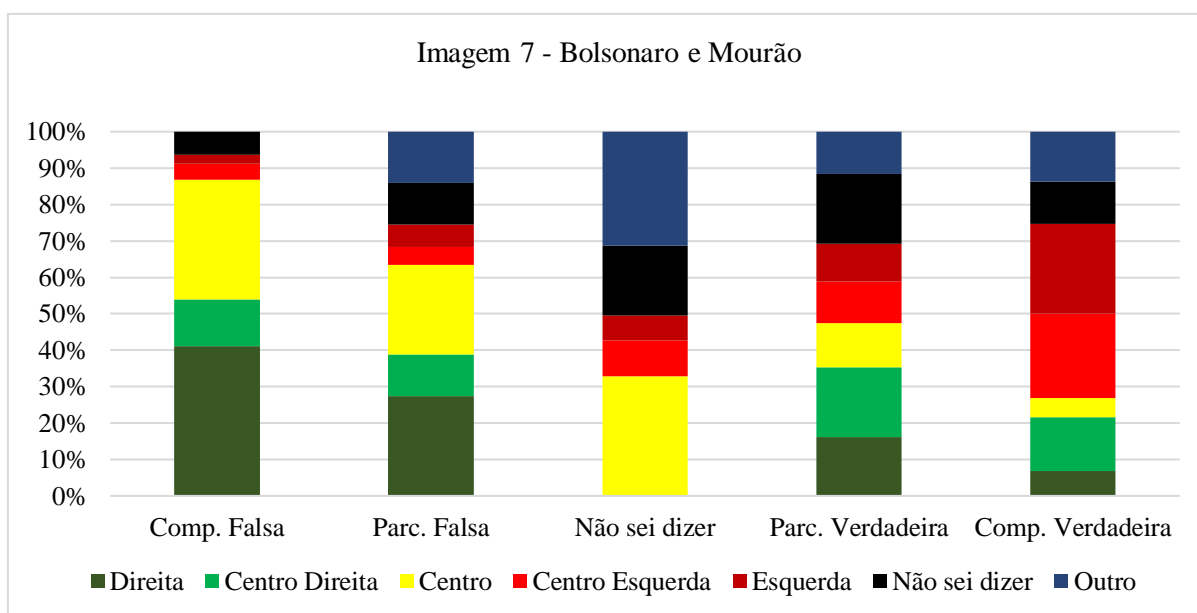


Gráfico 23: Cruzamento Proporcional.

#### 4.2.8 Imagem 8 - Bolsonaro e Ensino a Distância

A oitava imagem faz menção ao fato de Jair Messias Bolsonaro (PSL) defender o ensino a distância ainda no ensino fundamental, a chamada em questão circulou em meados de Agosto de 2018 ao longo da campanha. A imagem é verdadeira e diversas fontes jornalísticas diferentes

coberam a entrevista concedida pelo atual presidente, ele que faz, realmente, a defesa dessa modalidade de ensino. Em 07 de Agosto de 2018 o presidente afirmou: "Com o ensino a distância você ajuda a combater o marxismo. E você pode começar a fazer o ensino a distância uma vez por semana. Você ajuda a baratear o ensino a distância uma vez por semana. Você ajuda a baratear o ensino no Brasil".

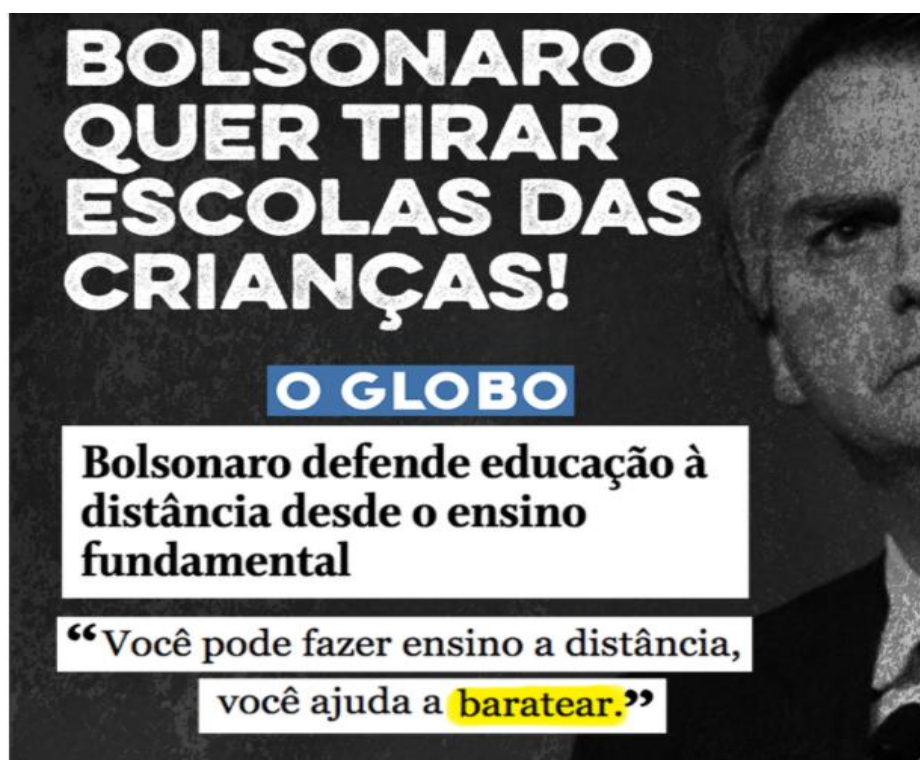


Figura 10: Imagem 3, Museu e MBL.

A maior parte dos participantes auto identificados na esquerda, centro-esquerda e “outro” percebe a informação como verdadeira ou parcialmente verdadeira. Observa-se que 54,55% dos participantes do grupo “outro” considera a imagem parcialmente verdadeira contra 27,28% do mesmo grupo que a percebem como falsa ou parcialmente falsa. As identidades políticas de direita apresentaram respostas mais pulverizadas, mas ainda predomina a percepção da notícia como falsa ou parcialmente falsa, totalizando 52% das respostas quando somadas. O centro apresentou mais respostas no campo do verdadeiro e parcialmente verdadeiro, mais de 66% quando somadas. Aqueles que se identificavam com outra identidade política tiveram destaque ao ser o grupo que mais avaliou a imagem como parcialmente falsa (54%).

Os participantes localizados nas identidades políticas de direita apresentaram respostas mais pulverizadas no degradê de respostas, porém, em termos proporcionais, foram os que mais perceberam a imagem como completamente falsa, 35,56%. Inferimos que este resultado possa ocorrer em função da notícia ter como fonte a página do Globo. A identidade política do centro se destacou ao ser os que mais avaliaram a imagem como parcialmente falsa (38%). Os participantes de centro cujas respostas foram verdadeiro e parcialmente verdadeiro, somados, correspondem a 66,67% contra 23,81% do mesmo grupo com a percepção de completamente verdadeira e parcialmente verdadeira.

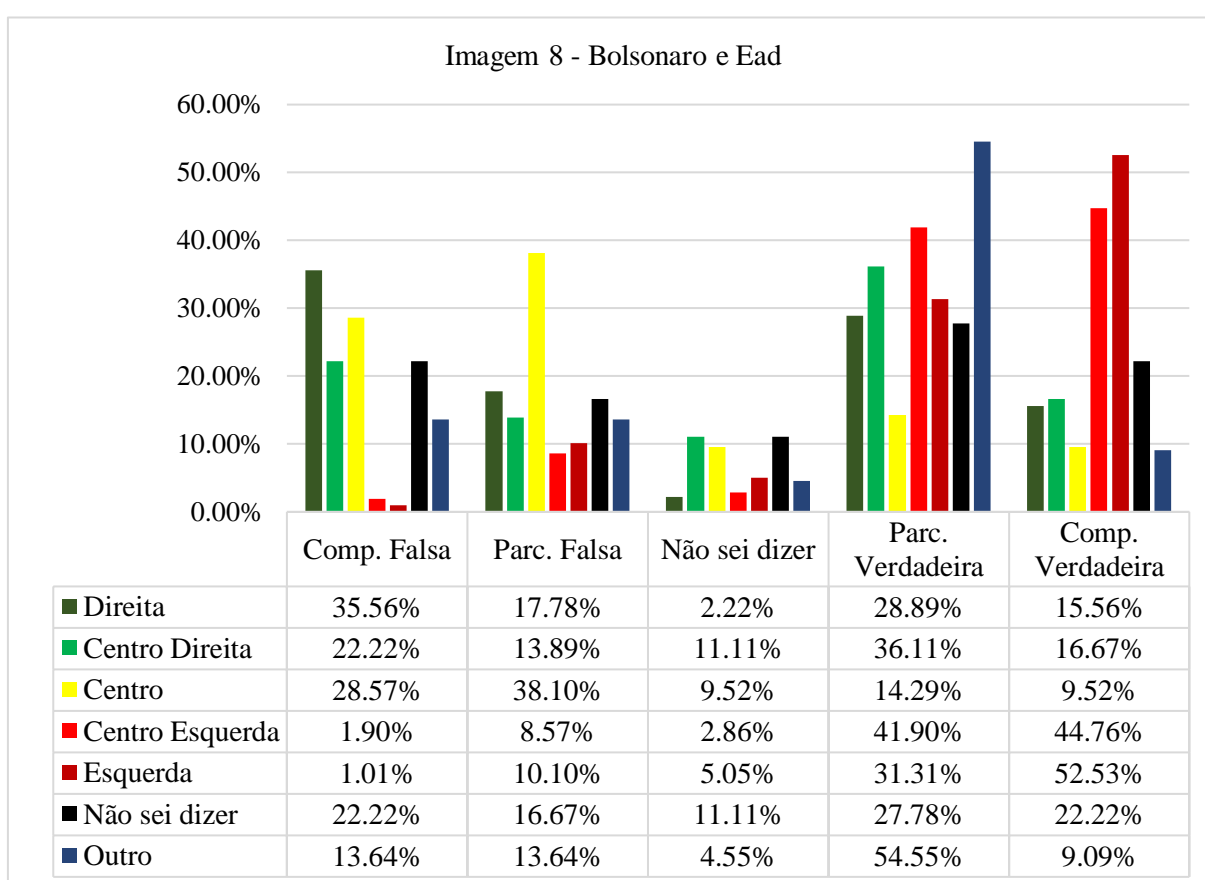


Gráfico 24: Cruzamento Imagem 8 e Posicionamento Político.

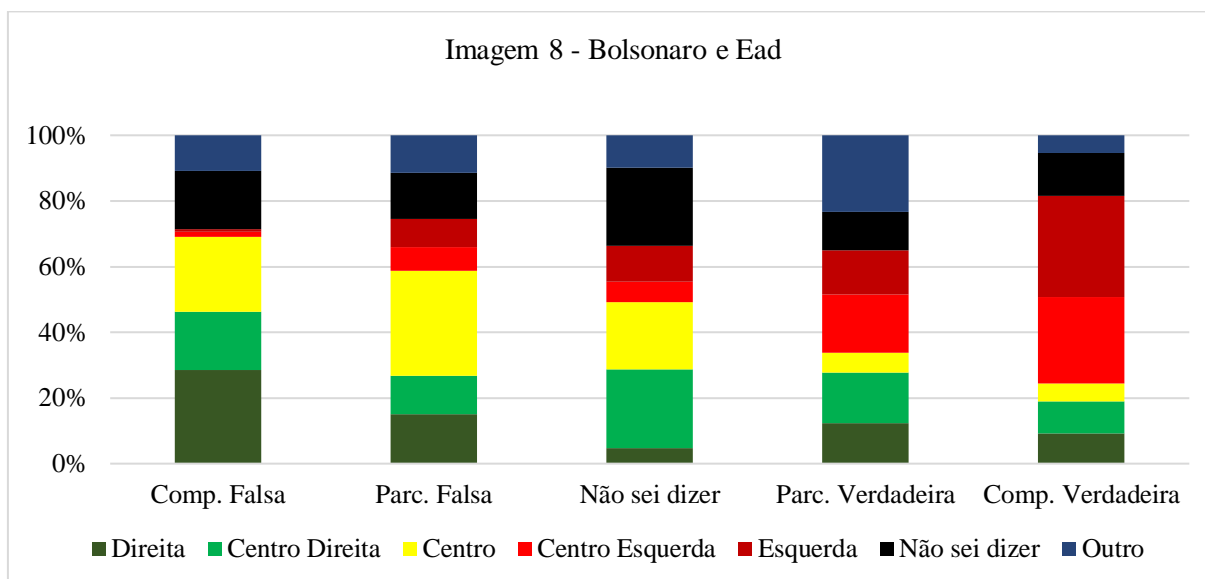


Gráfico 25: Cruzamento Proporcional.

O grupo “outro” (azul) e “não sei dizer” (preto) percebem a notícia como verdadeira e parcialmente verdadeira na maior parte do tempo.

#### 4.2.9 Imagem 9 - Haddad e Pedofilia.

A nona imagem teve sua circulação impulsionada com a publicação de Olavo de Carvalho, o principal mentor intelectual da extrema-direita brasileira. Esta autoridade moral afirmou em seu perfil das redes sociais que um livro escrito pelo candidato Fernando Haddad (PT) incentiva abertamente o sexo entre pais e filhos. Ao analisar o livro "Em defesa do socialismo: por ocasião dos 150 anos do manifesto", publicado em 1998 pela editora Vozes, comprova-se que o então presidenciável Haddad, em nenhuma parte da obra, faz a defesa do incesto, tal como não há qualquer citação ao tema. De acordo Lopes (2018), em matéria publicada no site E-farsas, o próprio Olavo de Carvalho pediu desculpas e negou que o livro contenha afirmações sobre o incesto, contudo depois mudou sua alegação e disse que a apologia não estaria literalmente no livro.

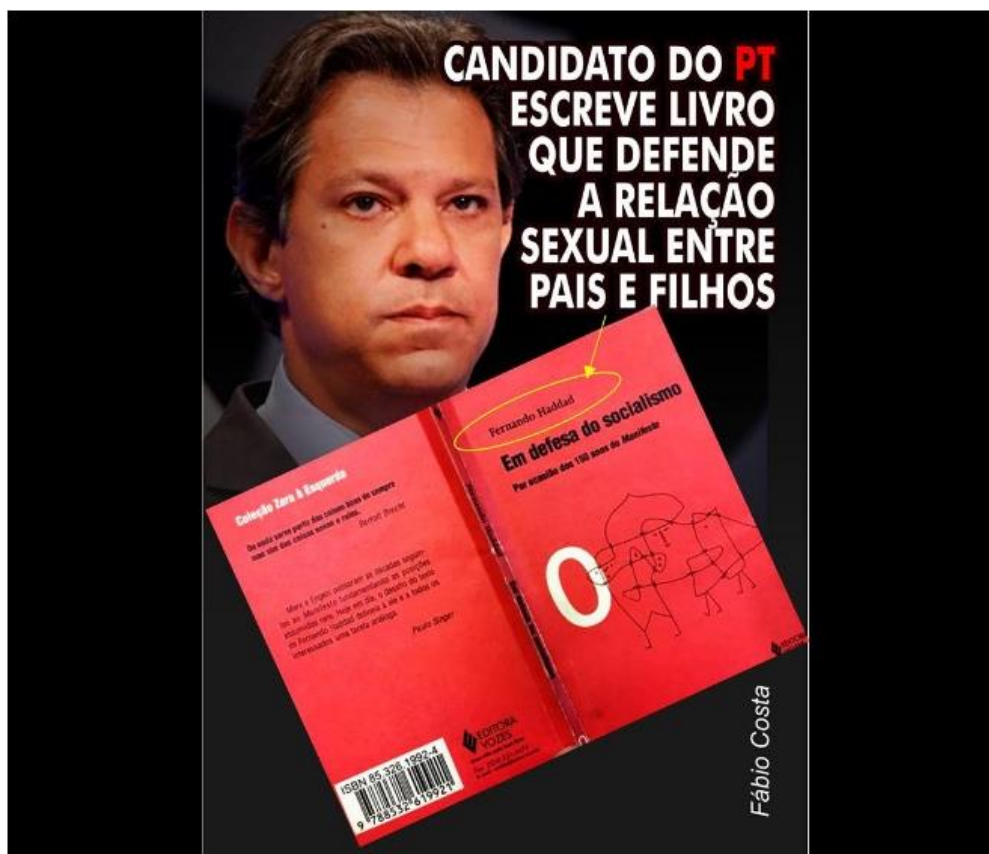


Figura 11: Imagem 9 Haddad e Livro Incesto

As identidades coletivas de esquerda, centro e centro-esquerda percebem a notícia como completamente falsa, mesmo os opositores ideológicos percebem a imagem como completamente falsa na maior parte do tempo. Assim, 46,67% dos participantes de direita percebem a imagem como completamente falsa, contra 15,56% do mesmo grupo que percebem a notícia como completamente verdadeira.

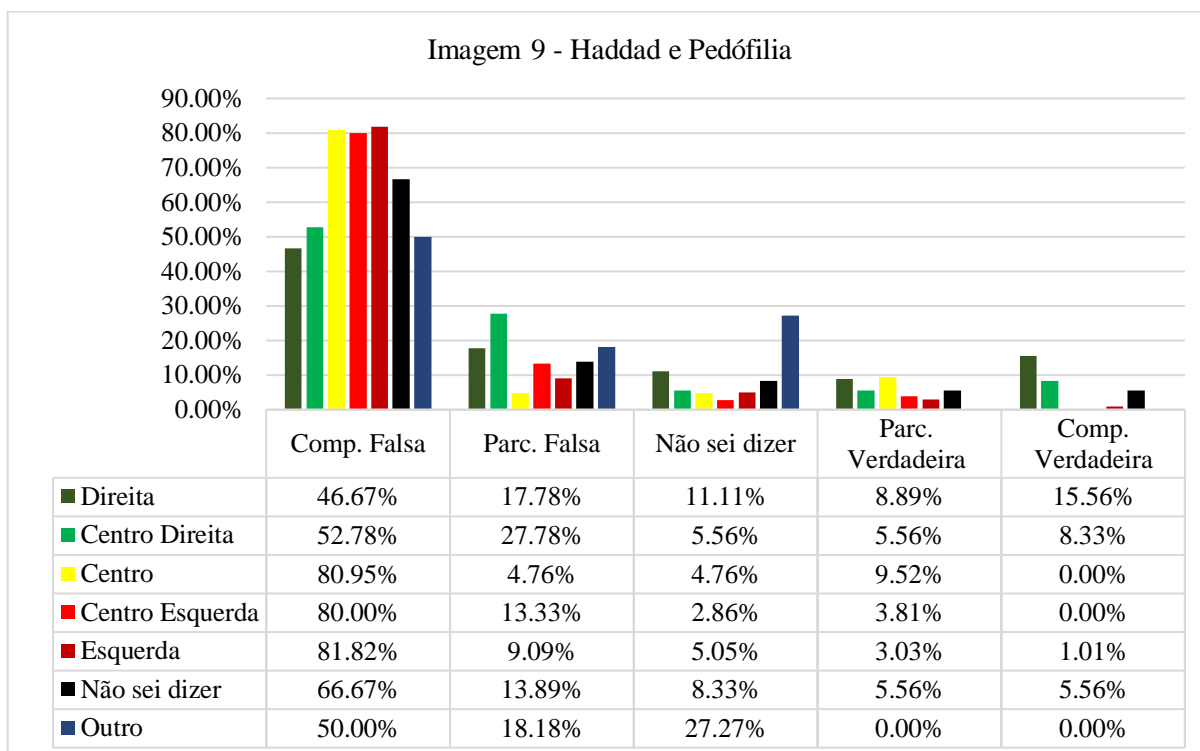


Gráfico 26: Cruzamento Imagem 9 e Posicionamento Político.

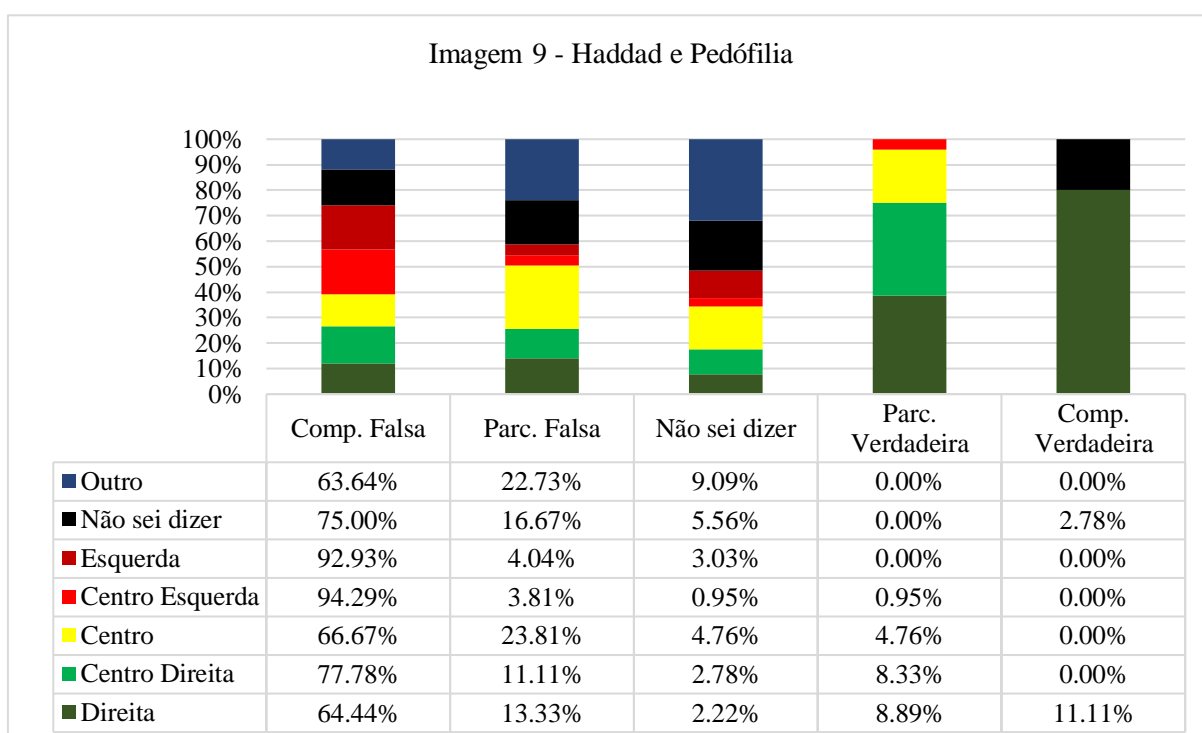


Gráfico 27: Cruzamento Proporcional.

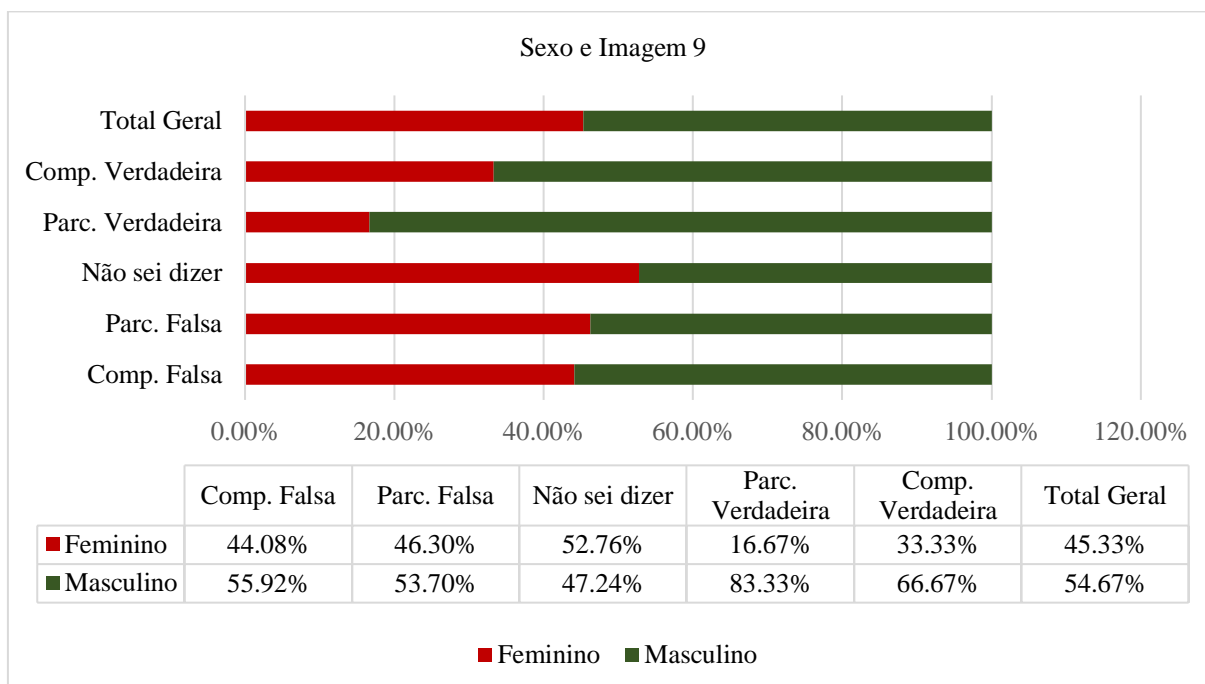


Gráfico 28: Cruzamento Sexo e Imagem 9

#### 4.2.10 Imagem 10 -Boulos e Invasão

A última imagem concerne a Guilherme Boulos (Psol), tendo sua circulação iniciado em meados do mês de Maio de 2018. De acordo com o texto, a mansão onde viveu o pai do então presidenciável está abandonada e seria avaliada em cerca de R\$ 2,8 milhões. Essa história foi compartilhada em páginas do apresentador Alexandre Frota (PSL) no Facebook. A publicação sugere ao MTST que faça uma invasão no imóvel do genitor de Guilherme Boulos.

Como é possível observar nas tabelas 52 e 53, as identidades políticas de direita e centro-direito foram as que mais consideraram a notícia como parcialmente verdadeira (24,44% e 16,67%). A identidade política de direita foi a que mais considerou a imagem como completamente verdadeira (6,6%). Notem que a maior parte dos participantes de direita e centro-direita ainda assim afirmaram que se trata de uma notícia falsa ou parcialmente falsa. Aqueles que acreditaram que a notícia é parcialmente verdadeira ainda estão no campo das identidades de direita e centro-direita. Do outro lado, as identidades políticas de esquerda, centro-esquerda e centro foram as que mais consideraram a imagem como completamente falsa (52%, 48% e 47% respectivamente).



Figura 12: Imagem 10, Boulos e Mansão.

Apesar disso, cerca de 32% dos participantes, somadas todas as identidades políticas, não souberam informar se a imagem se tratava de uma fake news ou não. Dentre todas as imagens apresentadas, a que fez referência a Boulos corresponde à que mais os participantes responderam “não sei dizer”, seguida das imagens 6, 5, 3 e 2. As imagens que menos produziram incertezas nos participantes foram as imagens 4 e 8, respectivamente.

Como é possível observar nas tabelas 53 e 54, as identidades políticas de direita e centro-direita foram as que mais consideraram a notícia como parcialmente verdadeira 24,44% e 16,67%. A identidade política de direita foi a que mais considerou a imagem como completamente verdadeira (6,6%). Notem que a maior parte dos participantes de direita e centro-direita ainda assim afirmaram que se trata de uma notícia falsa ou parcialmente falsa. Todavia, aqueles que acreditaram que a notícia é parcialmente verdadeira ainda estão no campo das identidades de direita e centro-direita. As identidades políticas de esquerda, centro-esquerda e centro foram as que mais consideraram a imagem como completamente falsa (52%, 48% e 47% respectivamente).

Cerca de 30% dos participantes de direita julgaram a imagem verdadeira ou parcialmente verdadeira, contra 37% do mesmo grupo que julgaram a imagem falsa e ou parcialmente falsa. Nenhuma pessoa localizada ao centro julgou a informação como verdadeira ou parcialmente verdadeira.

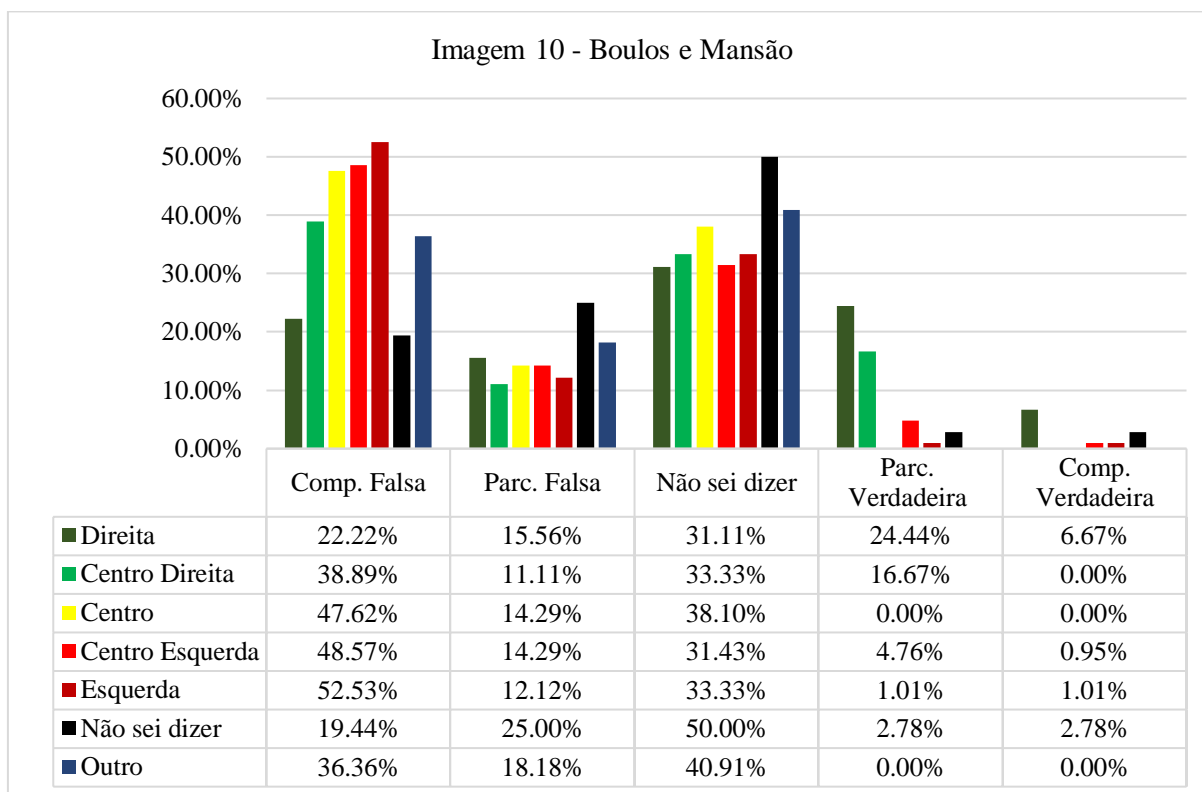


Gráfico 29: Cruzamento Imagem 10 e posicionamento Político.

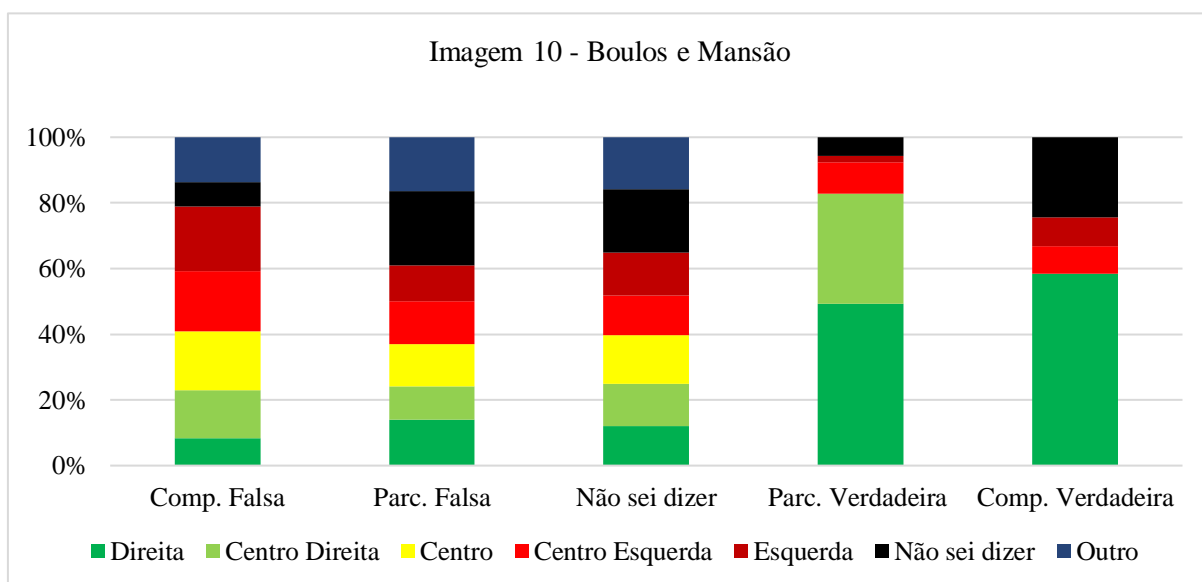


Gráfico 30: Cruzamento Proporcional.

#### 4.2.11. Discussão das Imagens

A percepção das imagens enquanto verdadeiras ou falsas está associada à identidade coletiva do participante (posicionamento político e ideologia). Imagens de ataque à esquerda (4, 9 e 10) foram percebidas como parcial ou completamente falsas na maior parte do tempo pelas identidades coletivas de esquerda. A décima imagem (Boulos Mansão) foi a que mais produziu dúvidas nos participantes da pesquisa, ao passo que a terceira imagem (Haddad e Crianças) foi a menos marcada com “não sei dizer”. A imagem 6 de defesa à esquerda foi percebida pelas identidades políticas de direita, centro-direita e centro enquanto falsa ou parcialmente falsa na maior parte do tempo e, mesmo que a esquerda e centro-esquerda tenham apresentado respostas mais dispersas nesta imagem, ainda há a predominância da percepção do verdadeiro e parcialmente verdadeiro em relação à imagem.

Imagens de ataque à direita (2 e 5) são percebidas como parcial ou totalmente falsas na maior parte do tempo pelas identidades coletivas de direita, centro-direita e centro. As imagens 7 e 8 também são de ataque à direita, mas apresentaram respostas mais dispersas, enquanto as identidades coletivas de esquerda, centro-esquerda e “outro” percebem tais figuras, na maioria das vezes, como verdadeiras ou parcialmente verdadeiras. As imagens do eixo culturalista (1 e 3) polarizam as percepções em função da identidade coletiva de quem responde, enquanto as identidades coletivas de direita apresentavam respostas mais dispersas.

Os participantes de centro acompanharam mais as percepções da direita e centro-direita, enquanto os participantes com outra identificação política (azul) estavam mais alinhados às percepções das identidades coletivas de esquerda e centro-esquerda. Indivíduos que não se identificaram politicamente apresentaram como resposta, na maior parte do tempo, também não saberem informar se a imagem era falsa ou verdadeira.

Podemos observar que as notícias de ataque às esquerdas são percebidas como falsas mesmo por seus antagonistas. Cabe, então, indagar-nos: por que fake news são disseminadas? Uma razão simples pode ser explicada pela necessidade de desestabilização do interlocutor, ou mesmo ter um viés cômico, ou por necessidade de acirramento de conflitos. Como ensina Olavo de Carvalho, “ataque abaixo da linha da cintura”. O compartilhamento de desinformação não se atrela à mera ignorância, mas, sim, constitui-se como um recurso retórico, como fórmula que possibilita orientar a narrativa e apelar à identificação comum que tantos outros, de forma atomizada, coletivamente podem impulsionar.

### 4.3 Sentimentos Emotivos

A maior parte dos participantes da pesquisa afirma sentir ódio ao visualizar fake news e, como tratamos nas páginas anteriores, a percepção do que é fake news está diretamente associada à identidade coletiva do participante.

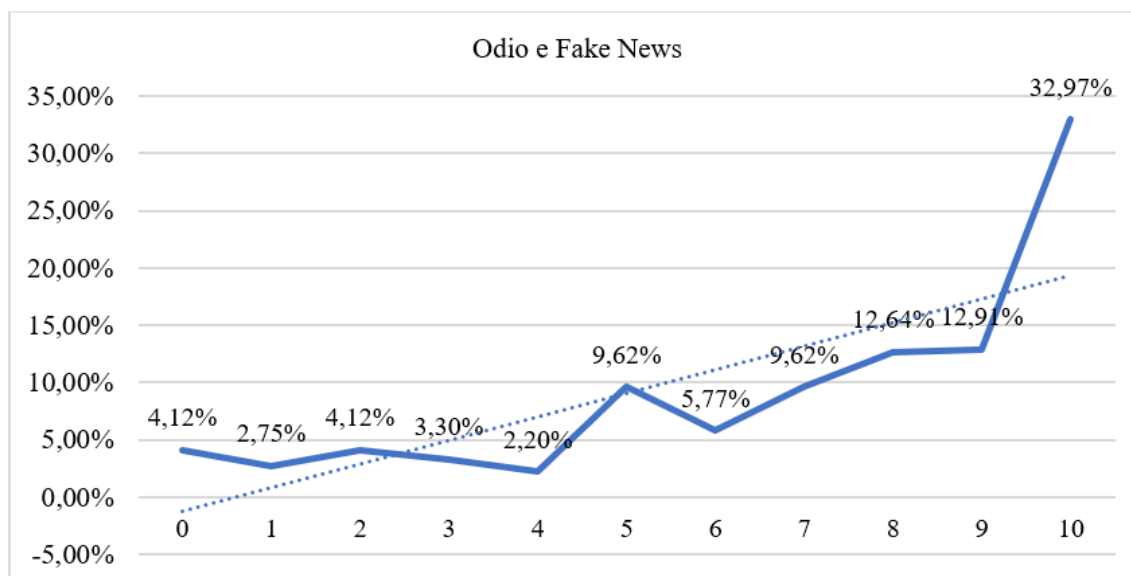


Gráfico 31: Ódio ao ver Fake News.

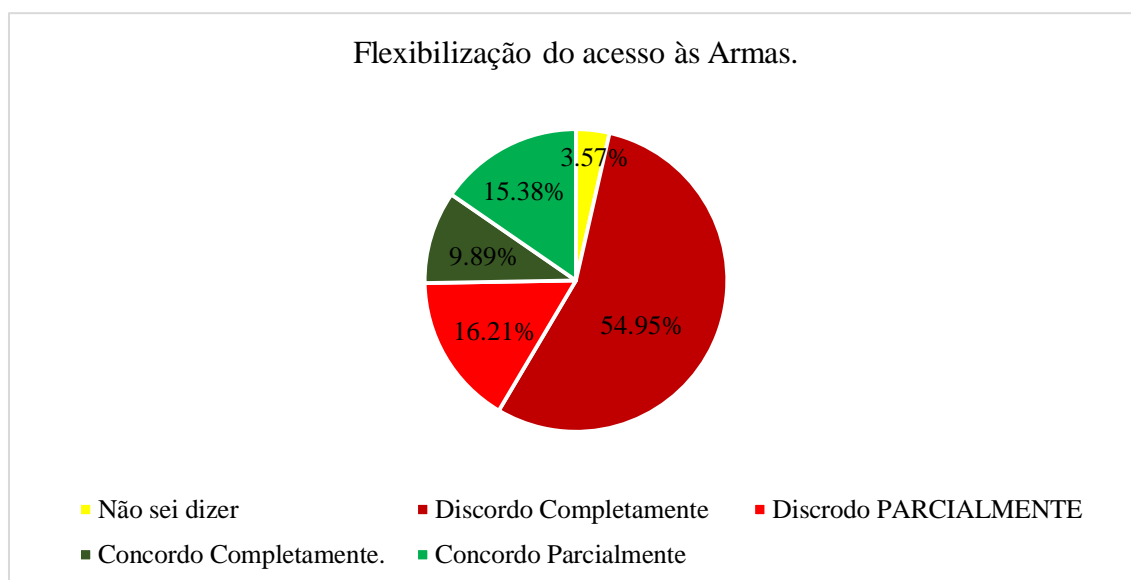
Foi observado que a idade tem relação positiva e fraca ( $R=0,147$ ) com a questão 31, significância estatística ( $p=0,005$ ), indicando, fracamente, que quanto maior a raiva mais idosa é a pessoa.

### 4.4 Crenças e valores Societais

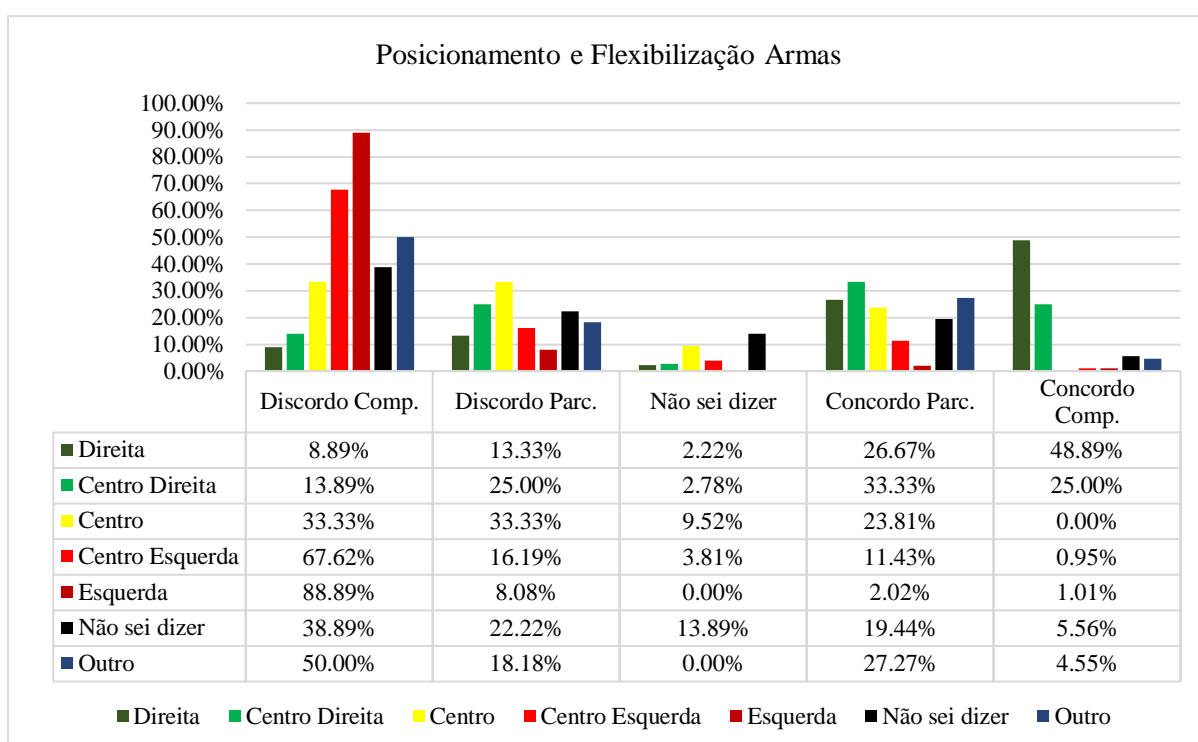
Para verificar a relação entre as variáveis qualitativas das Crenças Políticas com as variáveis das fake news, foi realizado o teste Qui-quadrado. Esse teste avalia a relação (ou dependência) entre cada um dos cruzamentos das variáveis (tabelas cruzadas, *vide* Excel). Na relação entre as Crenças Políticas *versus* as Imagens, nota-se que o teste apresentou haver indicação da relação, estatisticamente significativa (quando  $p<5\%$ ), com a maioria das variáveis imagens.

O gráfico 42 mostra a distribuição das respostas sobre a concordância ou discordância em relação à flexibilização do porte de armas. A maioria dos participantes da pesquisa (54,95%)

discorda parcialmente dessa proposta, ao passo que 25,27% concorda parcialmente ou totalmente com a flexibilização em questão.



Ao cruzarmos o posicionamento político com a aceitação das armas, observamos a correlação descritiva entre ambas as variáveis.



Para verificar a relação entre as variáveis qualitativas das crenças políticas com a variável “armas”, para verificar essa relação, foi realizado o teste Qui-quadrado. Esse teste avalia a relação (ou dependência) entre cada um dos cruzamentos das variáveis. Há relação entre a variável “crenças políticas” e as imagens, nota-se com o teste que o experimento apresentou indicação estaticamente significativa (quando  $p < 5\%$ ), com a maioria das variáveis das imagens.

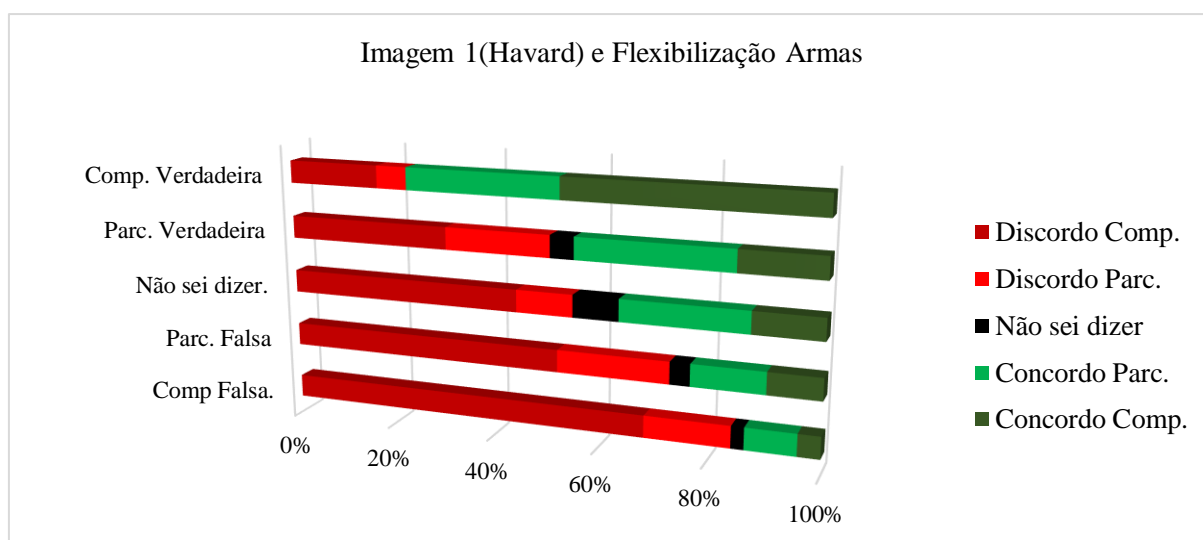


Gráfico 34: Cruzamento proporcional.

Discutiremos em particular a imagem das armas, uma informação completamente falsa, mas que apresenta apelo à autoridade intelectual. Os participantes da direita e centro direita que perceberam a informação como verdadeira ou parcialmente verdadeira correspondem a 33% e 27,87% (respectivamente) e a identidade coletiva de centro foi o grupo que mais afirmou que a imagem é parcialmente verdadeira: 38,10%. Crenças baseadas em falsidades passam a ocupar elementos sociocognitivos dos indivíduos, a participação política de forma online, seja na forma de compartilhamento desse modo de postagem, pode se traduzir em um ataque direto a identidades coletivas antagônicas. O conjunto de interesses simbólicos e mesmo materiais de diferentes indivíduos ou grupos passa a ser disputado nos debates.

O compartilhamento de fake news pode ocorrer por diversas razões: má fé, ignorância, sátira. Pontualmente, indivíduos atomizados em seus lares não passam a acreditar na Terra plana em função de um vídeo conspiratório ou *post* visto na internet, todavia, trata-se de um processo gradual que aproxima tais indivíduos atomizados de atores com peso e visibilidade que tenham ideias absurdas. Ao tratarmos de flexibilização de armas, ou mesmo de outros temas

menos absolutos, como qual seria a melhor política econômica a ser adotada no Brasil, essa relação se complexifica ainda mais, pois estes exemplos não seriam tão absurdos. Em não havendo um debate, a disputa pelos sentidos que circulam nas redes e com isso a reprodução de um conjunto de crenças e valores, sem reflexão e verificação de fonte, o efeito bolha aprofunda a reafirmação de tais ideias imprecisas, parciais, falsas, caluniosas.

Freire afirma que se cada consciência tivesse o seu mundo, as consciências se desencontrariam em mundos diferentes e separados seriam mônadas incomunicáveis, com as *psicoesferas* podemos observar processos de conscientização que podem produzir tais mônadas. Descrevemos, à vista disso, processos de conscientização que estão alienados da realidade, em que os signos são esvaziados ou correspondem a processos de despolitização por definição, seja por necessidade de manipulação ou por necessidade de pertencimento, por ódio ao antagonista ou mesmo em defesa dos interesses da identidade coletiva de referência. *Fake news* podem produzir crenças do senso comum, mesmo que existam elementos de verdade nelas contidas. Perante o fenômeno das fake news a capacidade de reflexão crítica pode ser diminuída frente a nossa necessidade de projetar um cenário que, apenas, gostaríamos que fosse real.

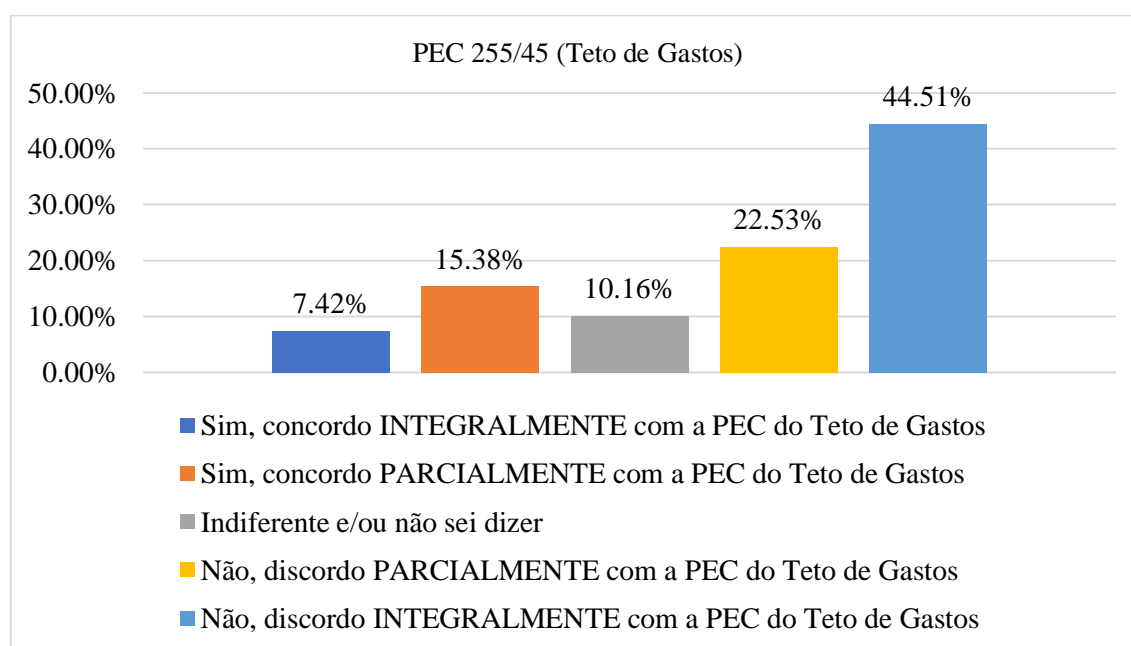


Gráfico 35: PEC do Teto de Gastos.

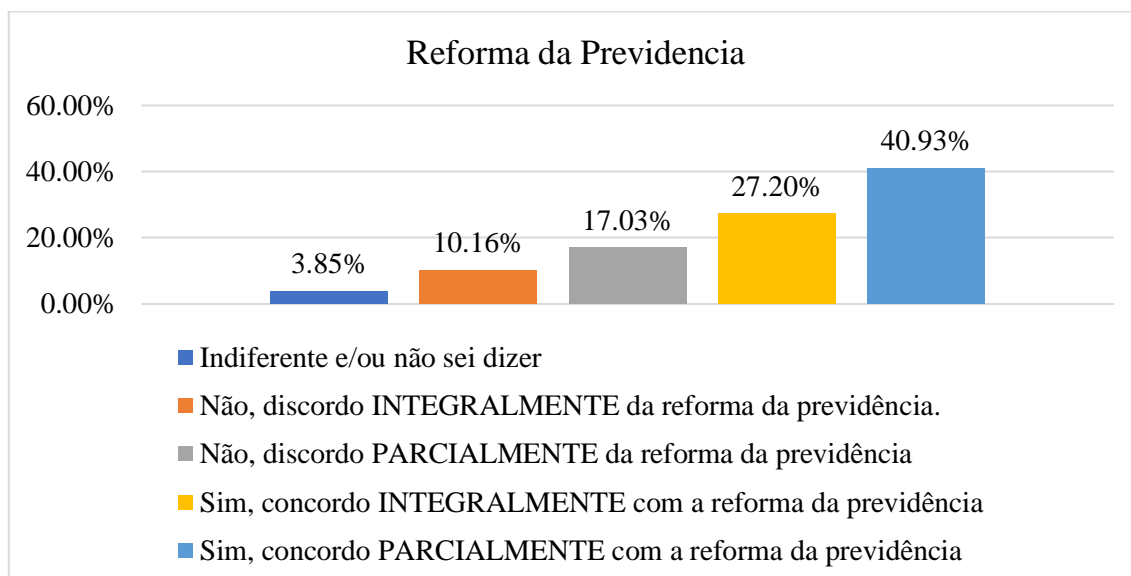


Gráfico 36: Reforma da Previdência.

Os participantes da pesquisa na maior parte do tempo são contrários à PEC do teto de gastos, mas são favoráveis à reforma da previdência. Ao elaborarmos a pergunta buscamos visualizar se os participantes seriam favoráveis a alguma reforma possível, dessa forma não a associamos ao governo Michel Temer (PMDB). Caso esta associação tivesse sido realizada, possivelmente conseguiríamos visualizar um perfil de resposta diferente do apresentado no Gráfico 46.

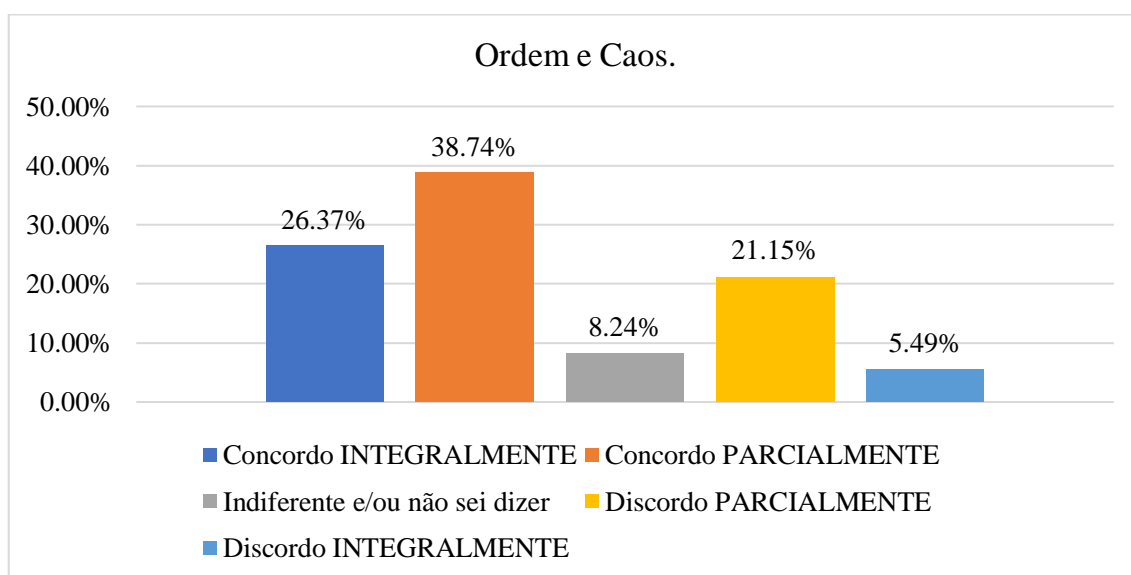


Gráfico 37: Preferência por Ordem ou Caos.

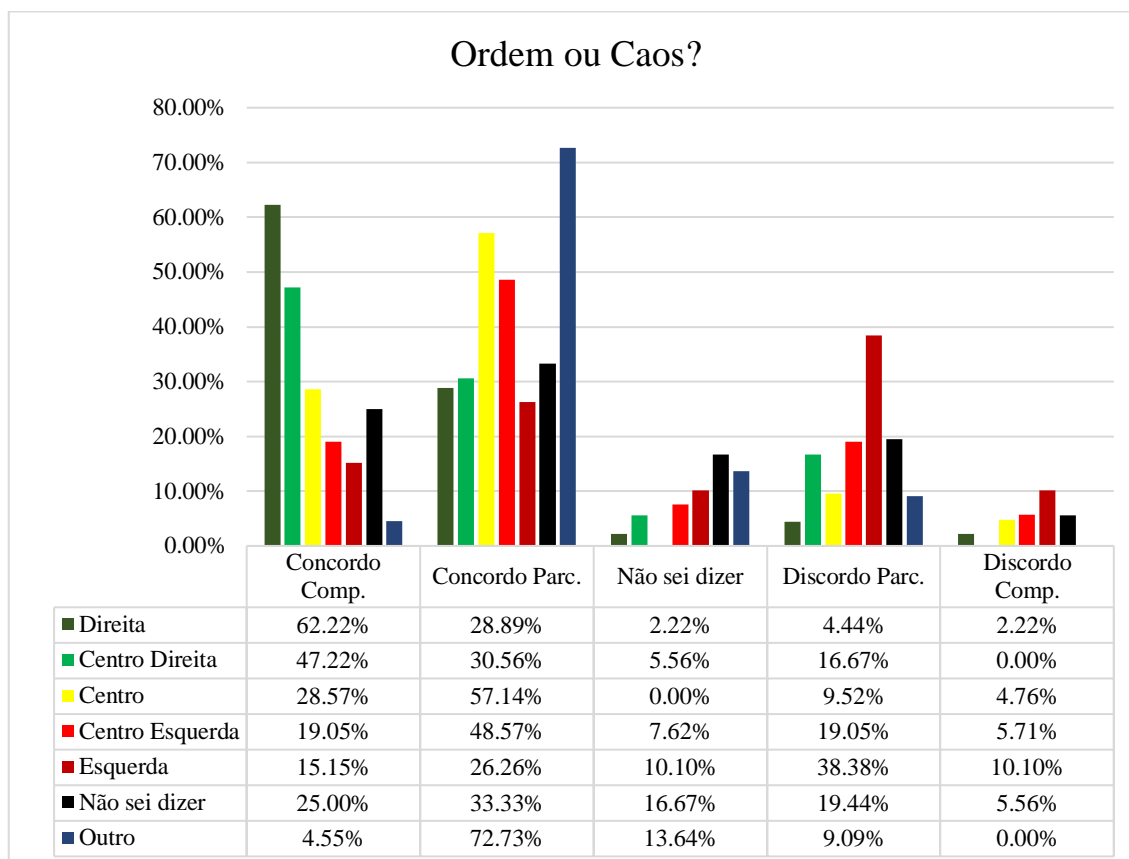


Gráfico 38: Cruzamento Ordem/Caos e Posicionamento Político.

Descritivamente podemos observar a predominância das identidades coletivas de direita e centro direita concordando proporcionalmente mais com a preferência da ordem em relação ao caos. As identidades de coletiva de esquerda, embora também respondam concordar com a ordem, ainda têm resposta numericamente significativas nas opções “discordo parcialmente” e “discordo completamente”.

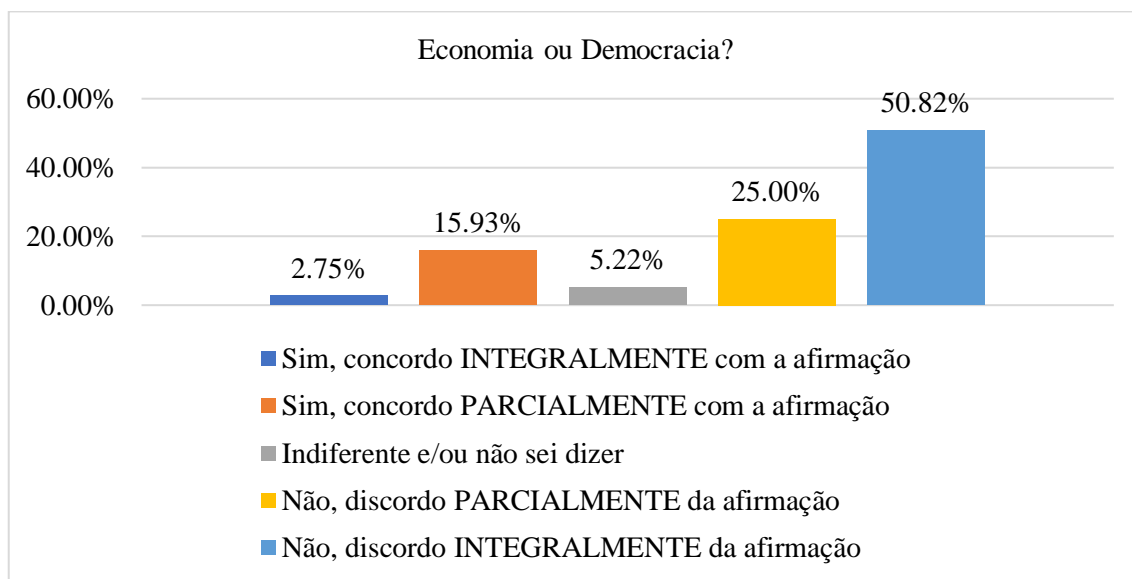


Gráfico 39: Economia ou Democracia.

Mais de 75% dos participantes da pesquisa afirmaram preferir a manutenção da democracia do que o crescimento da economia.

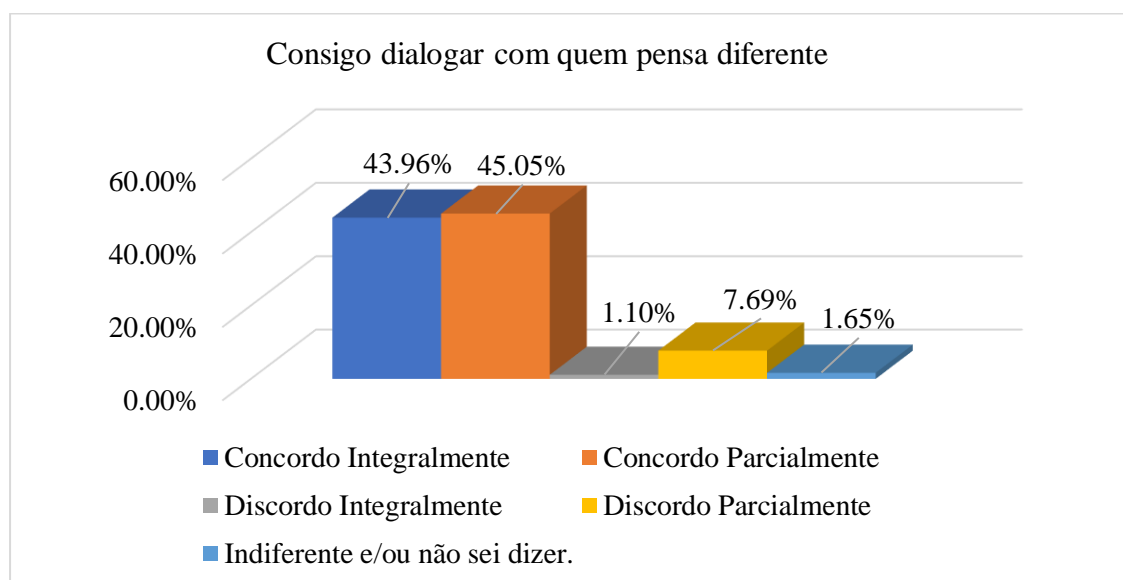


Gráfico 40: Diálogo.

Os participantes da pesquisa também, na maior parte do tempo, afirmam que conseguem dialogar com quem pensa diferente, a despeito de terem essa autopercepção positiva, quase 60% prefere estar mais distantes dos debates *online*.

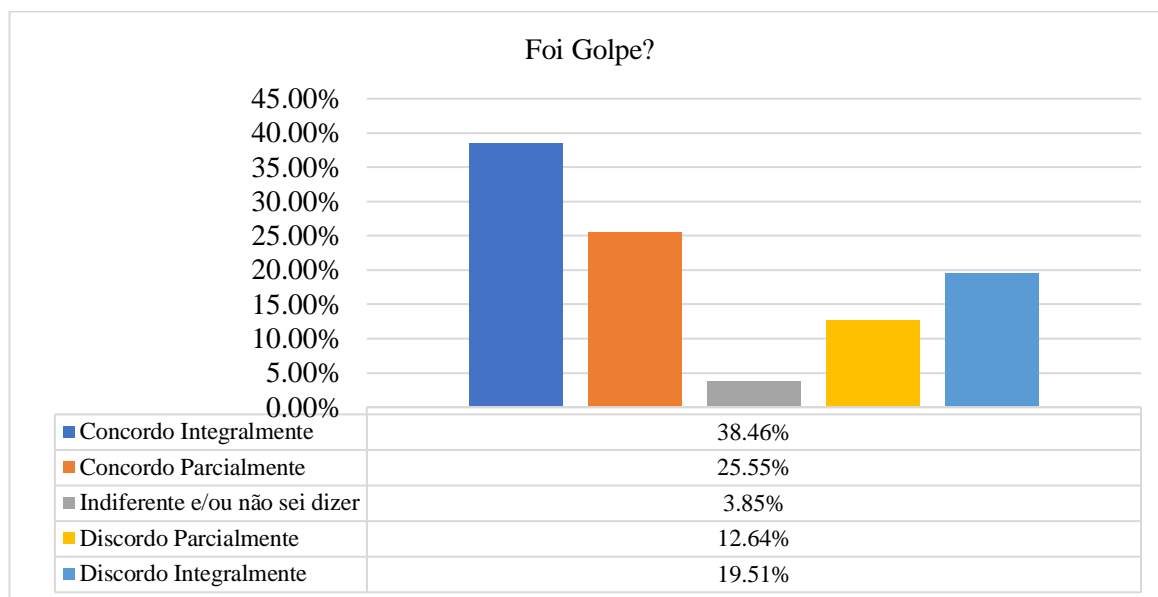


Gráfico 41: Impeachment ou Golpe?

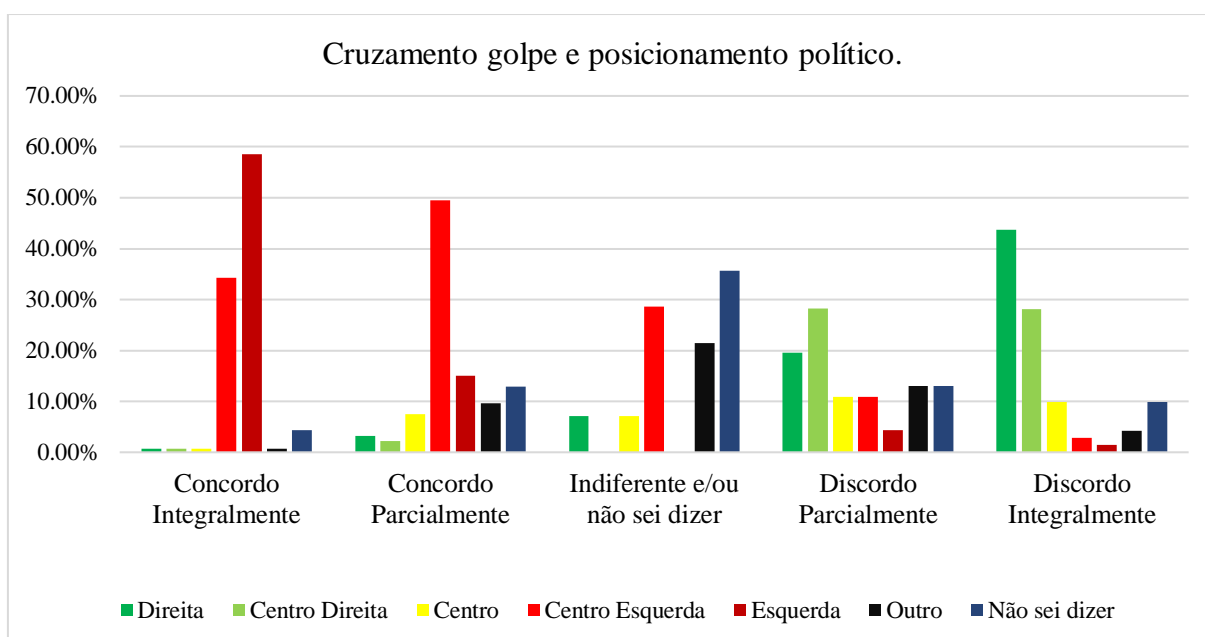


Gráfico 42: Cruzamento golpe e posicionamento político.

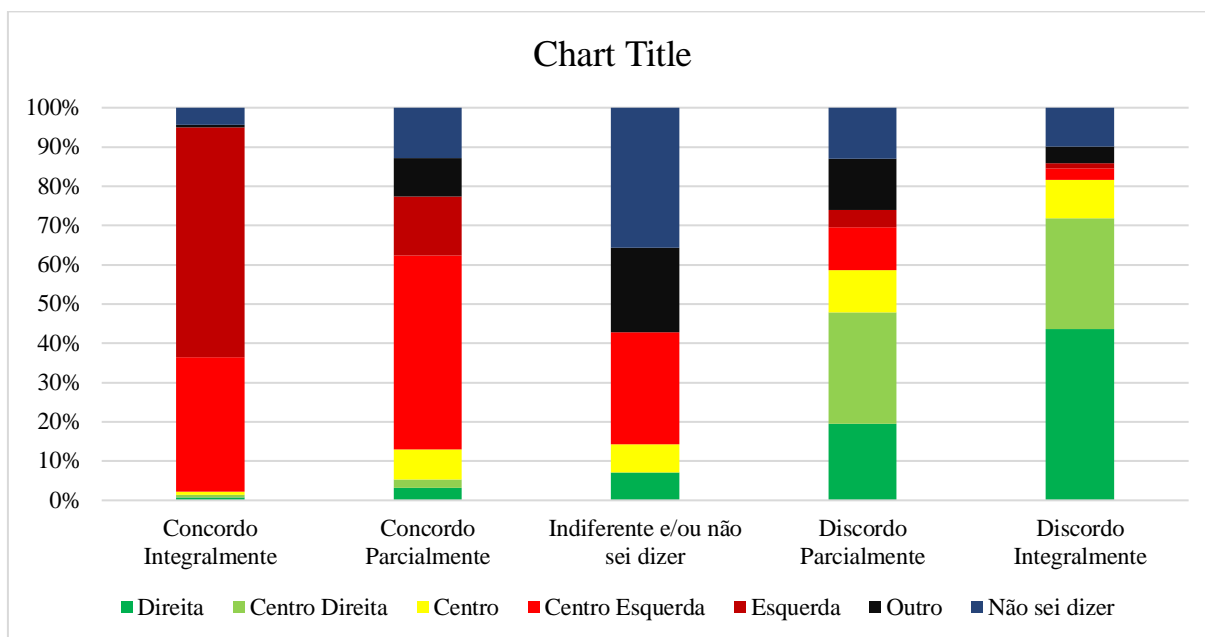


Gráfico 43: Cruzamento proporcional golpe e posicionamento político.

#### 4.5 Eficácia Política

Como trabalhado no referencial teórico, a Eficácia Política se refere à percepção que os indivíduos têm sobre sua própria capacidade de responder ao conjunto do sistema político (econômico, social, representativo, eleitoral *etc.*). Essa dimensão se relaciona com diversos campos da participação e do engajamento político, pode variar entre o hábito de se informar pela internet e redes sociais até mesmo se referir a participar de partidos políticos e de protestos. Sobre a capacidade de influenciar na esfera nacional (Questão 32) a maioria dos respondentes acredita ser capaz de influenciar na política (44,1% - concordam parcialmente e 18,5% - concordam totalmente) contra 12% (discorda parcialmente) e 10% (discorda totalmente). Na relação entre as questões 32 e 33 *versus* Dados demográficos, nota-se que o teste apresentou haver relação estatisticamente significativa (quando  $p < 5\%$ ), com a variável Renda Familiar Mensal na faixa de 3.750,00 até 9370,00 ( $p < 0,0001$ ) para ambas as questões

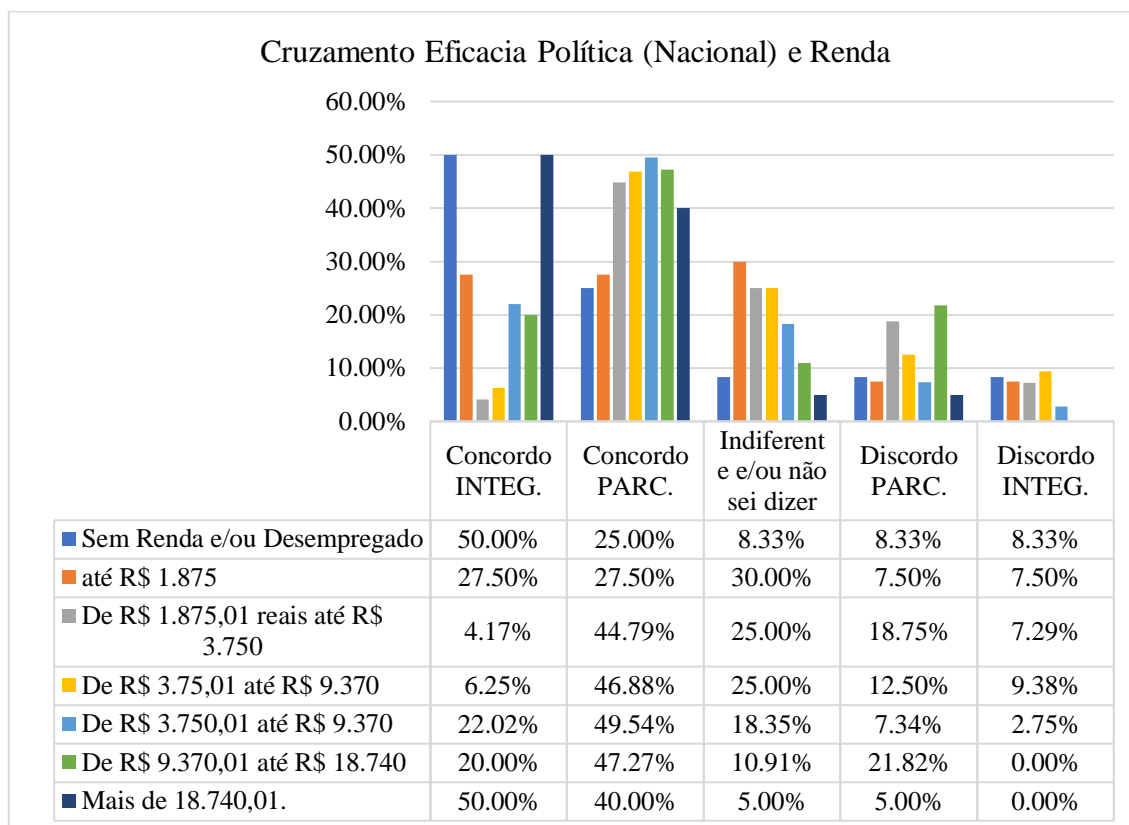


Gráfico 44: Cruzamento Eficácia Política (Nacional) e Renda.

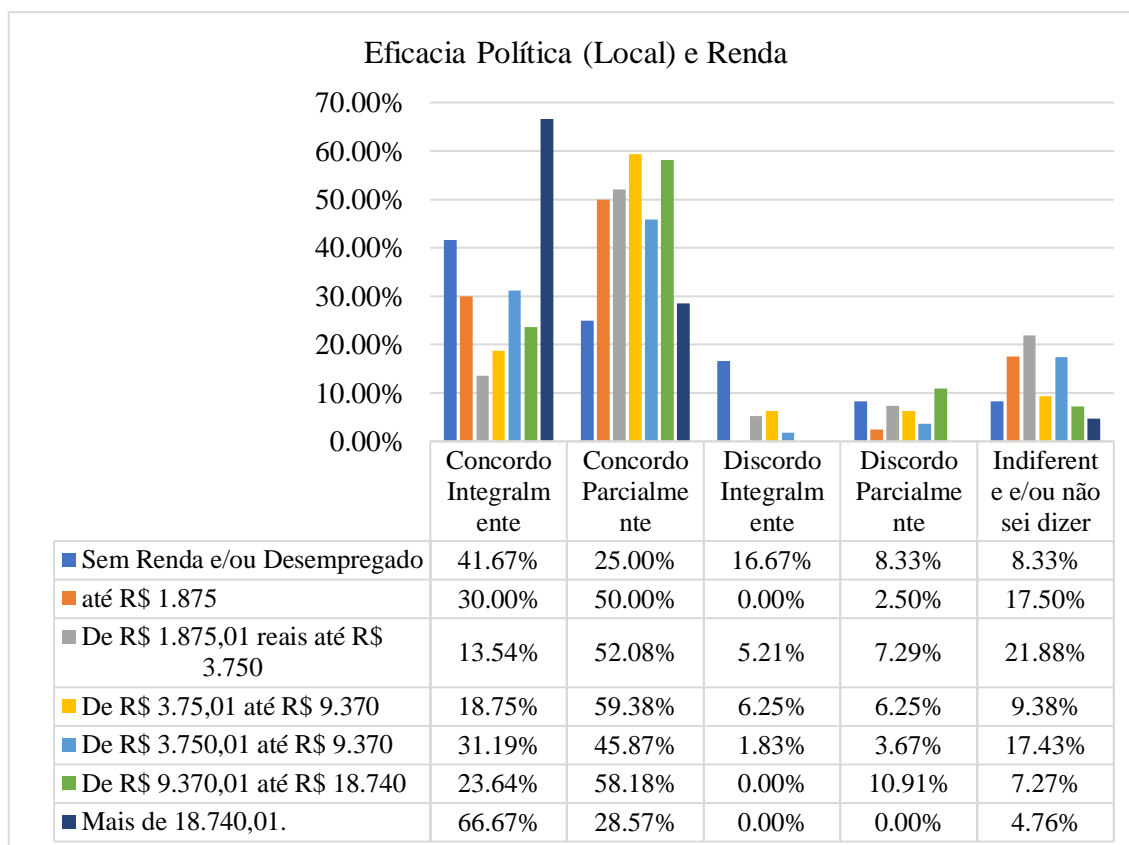


Gráfico 45: Eficácia Local e Renda.

Quanto à relação entre as questões 32 e 33 *versus* Dados demográficos, nota-se que o teste apresentou haver relação estatisticamente significativa (quando  $p < 5\%$ ), com a variável Renda FM na faixa de 3.750,00 até 9370,00 ( $p < 0,0001$ ) para ambas as questões (figura C e D). As demais variáveis demográficas não apresentaram significância estatística ( $p > 5\%$ ) entre a questão 32 e 33, e as outras variáveis não apresentaram relação entre essas questões e as demais variáveis. Nos gráficos 54 e 55, abaixo, apresenta-se o cruzamento das variáveis, expondo a contagem e a porcentagem entre suas respectivas categorias. Com relação às emoções, foi visualizado que a idade com a questão 31 apresentou uma relação positiva e fraca ( $R = 0,147$ ) com significância estatística ( $p = 0,005$ ), indicando, fracamente, que quanto maior a raiva maior a idade.

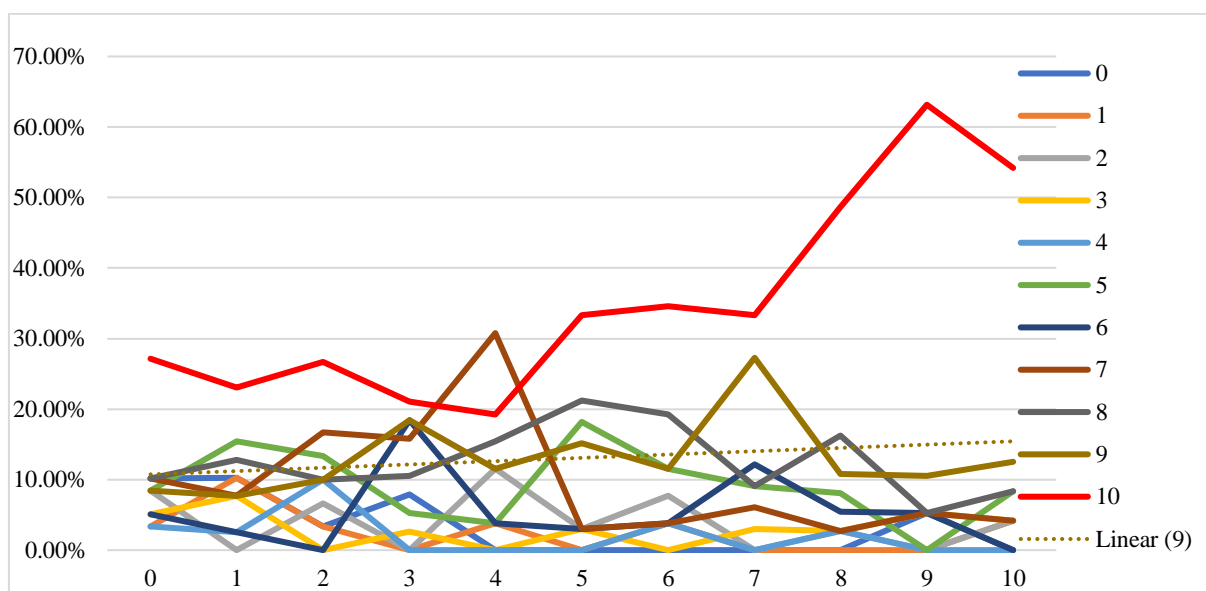


Gráfico 46: Cruzamento de participação de debates nas redes e sentimento de ódio.

Ao cruzarmos a participação nas redes sociais com o ódio ao ver fake news, podemos observar descritivamente a correlação entre as duas variáveis, achado que corrobora apontamentos feitos ainda no capítulo II e mesmo outras pesquisas que tratam das emoções. Esse gráfico pode nos ajudar a compreender como a dinâmica da retenção da atenção, e, por consequência, dos afetos, pode retroalimentar a participação nas redes. Apesar dos participantes se perceberem como abertos ao diálogo, a tonalidade afetiva que predomina nas redes sociais são aquelas em que o ódio prevalece. Certamente cada momento político diz de uma tonalidade

afetiva, como poderiam inferir sobre o medo dentro do período eleitoral que conduziu Jair Messias Bolsonaro à vitória.

## 5 CONCLUSÃO

Nossos esforços estabeleceram como objetivo buscar a compreensão do que são *fake news* sob o prisma da consciência política, em específico observamos a relação das identidades coletivas (posicionamento político e ideologia política). Como hipótese (H1), *fake news* produzem a captura das identidades políticas e dos afetos, na medida em que as informações visualizadas estão relacionadas diretamente com os sentimentos emotivos dos participantes da pesquisa. As diversas imagens trabalhadas apontam para como a produção de percepção do falso e do verdadeiro está atrelada ao posicionamento político e ideológico do participante da pesquisa. Como também foi visualizado, *fake news* são fonte de sentimentos emotivos, como o ódio. Dessa forma, a participação política de antagonistas produz afetações e mesmo que estejamos abertos ao diálogo, somos tomados por sentimentos emotivos que comprometem interações de trocas genuínas. A polarização de percepções entre o que é verdade ou falsidade está atrelada aos sentimentos emotivos e a nossas identidades coletivas, estas, por sua vez, podem ser construídas sem a necessidade de sentimentos de solidariedade em função da atomização das relações. Dito de outra forma, você pode se sentir pertencente a um grupo não por pertencer ao mesmo na forma de partido ou movimentos sociais, contudo, seu elo se deve mais em reação aos seus próprios interesses pessoais e também coletivos que são atacados nas plataformas. Refletimos sobre processos de produção de identidades coletivas reativas e atomizadas.

A participação nos debates foi proporcionalmente menor do que a visualização de debates ao longo do período eleitoral de 2018. A nossa segunda hipótese (H2) compreendia que a eficácia política está associada à dimensão das crenças e valores, mas não encontramos significância nos achados. Como crítica, devemos repensar o questionário e os critérios da ferramenta para explorar, em futuras pesquisas, se essa correlação existe, porém nesta pesquisa em particular não foi possível observar se de fato não há essa correlação. Refletimos sobre como *fake news* passam a engendrar as crenças básicas, opiniões e convicções, como são formuladas a partir de um equívoco. Como arma para o enfrentamento da desinformação é apontada a necessidade de checagem do que é compartilhado e reproduzido nas interações online, mas essa ação individual, apesar de fundamental, é insuficiente para enfrentar um problema que é da ordem do coletivo. Mesmo porque *fake news* não se propagam apenas pelo erro, mas pela necessidade de explorar a ignorância, a indignação de terceiros, há quem lucre com esse “erro”. Crenças errôneas passam a integrar cada vez mais as crenças centrais dos usuários quando o

mesmo é sistematicamente apresentado a mais desinformação em função do que os algoritmos consideram ser importante para nós. A formulação de um mundo particular, alheio e separado da realidade, diz de processos de conscientização despolitizados, portanto, falamos de processos de conscientização que estão alienados da realidade. Os signos se esvaziam dos seus sentidos originais e passam a ser disputados por novos signos preenchidos por crenças contaminadas de desinformação, e esta, por seu turno, tem nos *likes* e compartilhamentos o reforço de outras aliados que se reconhecem em interesses coletivos comuns. As fake news podem produzir realidades alternativas com o aprofundamento das câmaras de eco das redes sociais. Fake news tolgem nossa capacidade de reflexão crítica e isso em função da necessidade de projetar um cenário que gostaríamos que fosse real.

Foi possível, contudo, perceber que os participantes com níveis mais elevados de renda foram aqueles com o maior sentimento de eficácia. Inferimos que o acesso a maior renda, mais oportunidades, escolarização e outros aspectos sociais, produzem essa auto percepção mais elevada de transformar a realidade. Este achado evidencia como a desigualdade social pode se relacionar com sentimento de eficácia pessoal, pode implicar inclusive em processos de desmobilização política em função de observar condições de transformação da própria realidade através da participação política.

Apesar dos participantes da pesquisa se perceberem como abertos ao diálogo e com certa generosidade, vamos tomar essa autopercepção como verdadeira, cabe perguntar: por quanto tempo se manterão assim? A dimensão dos sentimentos afetivos emerge nas várias dimensões da consciência política e a distorção das informações está para além do assassinato de reputações, move-se contra as democracias. O crescimento exponencial de tais empresas de tecnologia, que de certa forma são concessionárias privadas das praças públicas discursivas, apresenta-nos a grande questão da concentração de poder nas gigantes do vale do silício e o papel que vão desempenhar frente aos interesses (anti)democráticos de cada nação. A grave questão que se pode apontar aqui versa sobre como regulamentar as redes sociais. Popper apresenta o paradoxo da tolerância, em uma democracia devem circular todas as ideias, mas as ideias que são intolerantes não devem ser toleradas.

A desconfiança nas instituições democráticas e nos partidos acrescentam elementos extras nessa equação. Em termos de limitações do estudo, a gama de dados apresentados não permitiu maiores aprofundamentos. Como limitação da pesquisa apontamos a ausência de grupos sociais mais diversos e que digam das diferentes realidades da sociedade brasileira. Essa foi uma escolha acadêmica e, como tal, implica em ganhos e também em perdas. Optamos por apresentar a análise dos dados da forma mais ampla possível e contribuir, assim, para que outros

pesquisadores também possam utilizá-los em suas pesquisas. A própria amplitude do material não permitiu, destarte, oferecer análises mais aprofundadas dos temas abordados. O dado encontrado corrobora a nossa compreensão de que as narrativas políticas construídas nas plataformas de redes sociais nos envolvem em psicoesferas afetivas. A polarização é da ordem dos afetos, o que o outro diz passa a ser compreendido como uma falsidade por definição, independente de ser algo verdadeiro ou falso. Essa dinâmica é o tom que conduz as interações nas redes, a psicoesfera do conflito que se materializa em nossos corpos e busca eliminar o outro. As *psicoesferas* são campos em disputa, faz-se necessária a busca pela transparência e neutralidade por parte das plataformas, uma questão urgente para o tema das democracias nacionais.

Em tempos de flerte com o autoritarismo e a eliminação do outro, por fim, cito Rosa Luxemburgo ao afirmar que a “liberdade é sempre a liberdade dos que pensam de maneira diferente”.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALONSO, Angela. As teorias dos movimentos sociais: um balanço do debate. **Lua Nova, São Paulo**, v. 76, p. 49-86, 2009. Disponível em: [https://www.scielo.br/pdf/ln/n76/n7\\_6a03.pdf](https://www.scielo.br/pdf/ln/n76/n7_6a03.pdf). Acesso em: 14 mai. 2020.

AMODIO, David M.; JOST, John T.; MASTER, Sarah L.; YEE, Cindy M. Neurocognitive correlates of liberalism and conservatism. **Nature Neuroscience**, v. 10, n. 10, out, 2007.

AMODIO, David M.; MASTER, Sarah L.; YEE, Cindy M.; TAYLOR, Shelley E. Neurocognitive components of behavioral inhibition and activation systems: implications for theories of self-regulation. **Psychophysiology**, n. 45, n. 1, p. 11-19, jan. 2008.

ANSARA, Soraia. **Repressão e lutas operárias na memória coletiva da classe trabalhadora em São Paulo**. 2000. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) – Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Social, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PUC, São Paulo, 2000.

\_\_\_\_\_. **Memória política, repressão e ditadura no Brasil**. Curitiba: Juruá, 2008.

AZEVEDO, Lúcia Maria Rangel. **A participação política dos alunos de universidades particulares no Vale do Paraíba, São Paulo**. 2011. 253f. Tese (Doutorado em Psicologia Social), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PUC, São Paulo, 2011.

BALDWIN, J. D. **George Herbert Mead: A Unifying Theory for Sociology**. Newbury Park, CA: Sage, 1986.

BERGER, Peter L.; LUCKMANN, Thomas. **Modernidade, pluralismo e crise de sentido: a orientação do homem moderno**. Petrópolis: Vozes, 1995.

\_\_\_\_\_. **A construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento**. Tradução Floriano de Souza Fernandes. 24. ed. Petrópolis: 2004.

BERGER, Jonah; MILKMAN, Katherine L. What makes content viral? **Journal of Marketing Research**, v. XLIX, p. 192-205, abril, 2012.

BLOOMBERG. O fundo misterioso de Wall Street que é uma máquina de fazer dinheiro. 26 nov. 2016. **Jornal de Negócios – Mercados**. Disponível em: <https://cutt.ly/yfRixsq>. Acesso em: 21 mai. 2021.

BOBBIO, Norberto. **Direita e esquerda: razões e significados de uma distinção política**. Tradução Marco Aurélio Nogueira. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1995.

BRADY, William J.; WILLS, Julian A.; JOST, John T.; TUCKER, Joshua A.; BAVEL, Jay J. Van. Emotion shapes the diffusion of moralized content in social networks. **PNAS**, v. 114, n. 28, p. 7313-7318, July 2017.

BURTON, Katherine. Inside a money making machine like no other. 21 nov. 2016. **Bloomberg – Markets Magazine**. Disponível em: <https://www.bloomberg.com/news/articles/2016-11-21/how-renaissance-s-medallion-fund-became-finance-s-blackest-box>. Acesso em: 21 mai. 2021.

CADWALLADR, Carole. The great British Brexit robbery: how our democracy was hijacked. 07 May 2017. **The Guardian**. Disponível em: <https://www.theguardian.com/technology/2017/may/07/the-great-british-brexite-robbery-hijacked-democracy>. Acesso em: 21 mai. 2021.

CADWALLADR, Carole; GRAHAM-HARRISON, Emma. Revealed: 50 million Facebook profiles harvested for Cambridge Analytica in major data breach. 17 Mar. 2018. **The Guardian**. Disponível em: <https://www.theguardian.com/news/2018/mar/17/cambridge-analytica-facebook-influence-us-election>. Acesso em: 21 mai. 2021.

CAMILO, Matteus. Folha publica palavras ‘bolso’ e ‘bolovo’ no Twitter e respostas sugerem ação de robôs pró-Bolsonaro. 24 out. 2018. **Folha de São Paulo**. Disponível em: <https://cutt.ly/limFzgH>. Acesso em: 24 jul. 2020.

CARRO, Rodrigo. Bolsonaro concentra 20% de grupos políticos no WhatsApp. 19 out. 2018. **Valor – Política**. Disponível em: <https://cutt.ly/sin0Zuo>. Acesso em: 24 jul. 2020.

CARVALHO, Marcelo Sávio Revoredo Menezes de. **A trajetória da internet no Brasil: do surgimento das redes de computadores à instituição dos mecanismos de governança**. 2006. 239f. Dissertação (Mestrado em Ciências de Engenharia de Sistemas e Computação) – Programa de Pós-Graduação de Engenharia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, UFRJ, Rio de Janeiro, 2006. Disponível em: <http://www.nethistory.info/Resources/Internet-BR-Dissertacao-Mestrado-MSavio-v1.2.pdf>. Acesso em: 21 mai. 2021.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede, Vol. 1**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

\_\_\_\_\_. **A sociedade em rede: a era da informação, economia, sociedade e cultura, Vol 1**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2002.

\_\_\_\_\_. **Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da internet**. Tradução Carlos Alberto Medeiros. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

DANTAS, Bruna Suruagy do Amaral; HUR, Domenico Uhng; SANDOVAL, Salvador Antonio Mireles (orgs.). **Psicologia política: temas atuais de investigação**. Campinas: Alínea, 2014.

DEYOUNG, Colin C.; QUILTY, Lena C.; PETERSON, Jordan B. Between facets and domains: 10 aspects of the Big Five. **Journal of Personality and Social Psychology**, v. 93, n. 5, p. 880-896, Dec. 2007. Disponível em: <https://cutt.ly/OfWueX7>. Acesso em: 21 mai. 2021.

DEYOUNG, Colin G.; PETERSON, Jordan B.; HIGGINS, Daniel M. Higher-order factors of the Big Five predict conformity: are there neuroses of health? **Personality and Individual Differences**, v. 33, n. 4, p. 533-552, 2002.

DONATH, Judith S. Identity and deception in the virtual community. In: KOLLOCK, Peter; SMITH, Marc. (orgs.). **Communities in cyberspace**. New York: Routledge, 1999.

FERREIRA, Gabriel; SOARES, João Pedro. Como funciona a máquina de WhatsApp que pode eleger Bolsonaro. 24 out. 2018. **Época**. Disponível em: <https://cutt.ly/1imzUdL>. Acesso em: 24 jul. 2020.

FIORINA, Morris P.; ABRAMS, Samuel J.; POPE, Jeremy C. **Culture War?: the myth of a polarized América**. 2<sup>nd</sup>. ed. New York: Pearson Education, 2006.

FOLHA DE SÃO PAULO. Veja quais as mentiras à CPMI de ex-funcionário de empresa de disparo em massa. 13 fev. 2020. **Folha de São Paulo**. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2020/02/veja-quais-foram-as-mentiras-a-cpmi-de-ex-funcionario-de-empresa-de-disparo-em-massa.shtml>. Acesso em: 23 jul. 2020.

FREJ, Willa. Breitbart's greatest hit (pieces): some of the website's most disgusting headlines. 14 nov. 2016. **Huffpost**. Disponível em: [https://www.huffpost.com/entry/breitbart-headlines\\_n\\_5829ba13e4b060adb56f1bdb](https://www.huffpost.com/entry/breitbart-headlines_n_5829ba13e4b060adb56f1bdb). Acesso em: 21 mai. 2021.

GAMSON, William A. **Talking politics**. London: Cambridge University Press, 1992a.

\_\_\_\_\_. The social psychology of collective action. In: MORRIS, A. D.; MUELLER, C. M. (orgs.). **Frontiers in social movement theory**. Havem: Yale University Press, 1992b.

GELFERT, Axel. **Fake news: a definition**. *Informal Logic*, v. 38, n. 1, p. 84-117, 2018.

GOLD, Matea; SELLERS, Frances Stead. After working for Trump's, British data eyes new U.S. government contracts. 17 Feb. 2017. **The Washington Post – Politics**. Disponível em: [https://www.washingtonpost.com/politics/after-working-for-trumps-campaign-british-data-firm-eyes-new-us-government-contracts/2017/02/17/a6dee3c6-f40c-11e6-8d72-263470bf0401\\_story.html?noredirect=on&utm\\_term=.0e362dac690f](https://www.washingtonpost.com/politics/after-working-for-trumps-campaign-british-data-firm-eyes-new-us-government-contracts/2017/02/17/a6dee3c6-f40c-11e6-8d72-263470bf0401_story.html?noredirect=on&utm_term=.0e362dac690f). Acesso em: 21 mai. 2021.

GOLDSTEIN, Matthew; KELLY, Kate; CONFESSORE, Nicholas. Robert Mercer, Bannon Patron, is leaving helm of \$50 billion hedge fund. 02 Nov. 2017. **The New York Times**. Disponível em: <https://cutt.ly/VfRi4I3>. Acesso em: 21 mai. 2021.

GONÇALVES, Betânia Diniz. Impactos da participação e da consciência política na vida das mulheres líderes em política. **Pesquisas e Práticas Psicossociais, São João Del-Rei**, v. 3, n. 2, p. 199-213, mar. 2009.

GUARESCHI, Pedrinho. O que é meso psicologia social? Uma perspectiva crítica de sua história e seu estado hoje. In: JACÓ-VILELA, A. M.; SATO, L. (orgs.). **Diálogos em psicologia social**. Rio de Janeiro: Centro Edelstein, 2012. Capítulo 2, p. 25-45.

HAI DT, Jonathan. **The righteous mind**: why good people are divided by politics and religion. New York: Pantheon, 2012.

HAMBURGUER, Tom. Cruz campaign credits psychological data and analytics for its rising success. 13 Dec. 2015. **The New York Times – Politics**. Disponível em: <https://cutt.ly/vfRoo8F>. Acesso em: 21 mai. 2021.

HELLER, Agnes. **O cotidiano e a história**. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.

\_\_\_\_\_. **La revolución de la vida cotidiana**. Barcelona: Península, 1998.

HENNES, Erin P.; NAM, H. Hannah; STERN, Chandly; JOST, John T. Not all ideologies are created equal: epistemic, existential, and relational needs PREDICT system-justifying attitudes. **Social Cognition**, v. 30, n. 6, p. 669-688, 2012.

HUNTER, James Davison. **Cultural wars**: the struggle to define America. New York: Basic Books, 1991.

HUTZ, C. S.; NUNES, C. H. S. S. **Escola fatorial de neuroticismo**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001.

ISLAMIA, J. M. Politics of Fake News: How WhatsApp Became a Potent Propaganda Tool in India. GOWHAR FAROOQ, New Delhi, India. © Media Watch 9 (1) 106-117, 2018 ISSN 0976-0911 e-ISSN 2249-8818 DOI: 10.15655/mw/2018/v9i1/49279

KAHIL, Samira Peduti. Psicoesfera: uso corporativo da esfera técnica do território e o novo espírito do capitalismo. **Sociedade & Natureza, Uberlândia**, v. 22, n. 33, p. 475-485, dez. 2010.

KLANDERMAS, Bert; OEGEMA, Dirk. Potentials, network motivations and barriers: steps toward participation in social movements. **American Sociological Review**, v. 52, p. 519-531, Aug. 1987.

KRAMER, A.; GUILLORY, J.; HANCOCK, J. Experimental evidence of massive-scale emotional contagion through social networks. **PNAS**, v. 111, n. 29, p. 10779, July 22 2014. Disponível em: <https://www.pnas.org/content/111/29/10779.2>. Acesso em: 21 mai. 2021.

KUTNER, Max. Meet Robert Mercer, the mysterious billionaire benefactor of Breitbart. 21 Nov. 2016. **Newsweek Magazine**. Disponível em: <https://cutt.ly/cfRpqd4>. Acesso em: 21 mai. 2021.

LACORNE, Denis. **De La Religion em Amérique**: essai d'histoire politique. Paris: Gallimard, 2007.

LAFOLLETTE, Hugh; WOODRUFF, Michael L. The Righteous Mind: Why Good People Are Divided by Politics and Religion. **Philosophical Psychology**, v. 28, n. 3, p. 452-465, 2015. Disponível em: <https://philpapers.org/rec/LAFTLO>. Acesso em: 21 mai. 2021.

LE BON, Gustave. **Psicologia das multidões**. Rio de Janeiro: F. Briguet & Cia, 1954.

LOPES, André. Sem trabalho, bots no Twitter são desativados. 09 jan. 2019. **Veja – Tecnologia**. Disponível em: <https://cutt.ly/eimRBRs>. Acesso em: 24 jul. 2020.

MARTÍN-BARÓ, Ignacio. **Sistema, grupo y poder**: psicología social desde centroamérica (II). San Salvador-El Salvador: UCA Editores, 1989.

MARTINO, Luís Mauro Sá. **Teoria das mídias digitais**: linguagens, ambientes e redes. Petrópolis: Vozes, 2014.

MCCARTY, Nolan; POOLE, Keith T.; ROSENTHAL, Howard. **Political polarization and income inequality**. 27 Jan. 2003. Disponível em: <https://legacy.voteview.com/pdf/ineqpol.pdf>. Acesso em: 21 mai. 2021.

\_\_\_\_\_. **Polarized America**: the dance of ideology and unequal riches. Cambridge, Mass: MIT Press, 2006.

MCCARTY, Nolan. Polarization, congressional dysfunction, and constitutional change. **Indiana Law Review**, v. 50, n. 1, 2016.

MEAD, George Herbert. The definition of psychical. **Committee appointed by the University of Chicago Senate, The decennial publications**, p. 77-112. Chicago: Decennial Publications of the University of Chicago, 1903.

\_\_\_\_\_. **Espíritu, persona y sociedad**: desde el punto de vista del conductismo social. Buenos Aires: Paidós, 1972.

MELLO, Patrícia Campos. Empresários bancam campanha contra o PT pelo WhatsApp. 18 out. 2018. **Folha de São Paulo – Poder – Eleições**. Disponível em: <http://governanca40.com/wp-content/uploads/2018/11/Empres%C3%A1rios-bancam-campanha-contr-a-o-PT-pelo-WhatsApp-18102018-Poder-Folha.pdf>. Acesso em: 25 jul. 2020.

MELLO, Patrícia Campos. **A máquina de ódio**: notas de uma repórter sobre fake News e violência digita. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

MONTERO, Mariza. Para qué psicología política? **Psicología Política**, v. 9, n. 18, p. 199-213, jul./dez. 2009.

OLIVEIRA, C. B. de; SILVA JUNIOR, E. A. da; XAVIER, K. R. Polarização política no Brasil: uma leitura desde a psicologia social. In: VICENTIN, M. C. G.; GONÇALVES, M. da G. M.; MIRANDA, S. C. de; XAVIER, K. R. (orgs.). **Construindo uma psicologia social ético-político na transversalidade teórica**. São Paulo: EDUF/PIPEq, 2019.

OLIVEIRA, Mariana. TSE multa campanha de Haddad por impulsionar notícias contra Bolsonaro na internet. 28 mar. 2019. **G1 – Política**. Disponível em: <https://cutt.ly/xim x2qL>. Acesso em: 21 mai. 2021.

OLSON, Mancur. **A lógica da ação coletiva**: os benefícios públicos e uma teoria dos grupos sociais. São Paulo: Edusp, 1999.

PLUMMER, Ken. Symbolic interactionism in the twentieth century. In: TURNER, Bryan S. (ed.). *The Blackwell Companion to Social Theory*. **Blackwell**, p. 193-222, 2000.

PLUTCHIK, Robert. The nature of emoticons: human emotions have deep evolutionary roots, a fact that may explain their complexity and provide tools for clinical practice. **American Scientist**, v. 89, p. 344-350, July-August, 2001.

PRADO, Marco Aurélio Máximo. Psicologia política e ação coletiva: notas e reflexões acerca da compreensão do processo de formação identitária do ‘nós’. **Revista de Psicologia**, v. 1, n. 1, 2001.

\_\_\_\_\_. Da modalidade social à constituição da identidade política: reflexões em torno dos aspectos psicossociais das ações coletivas. **Psicologia em Revista, Belo Horizonte**, v. 8, n. 11, p. 59-71, jun. 2002.

PUGLIERO, Fernanda. Como funcionava o ‘Mensalinho do Twitter’. 29 ago. 2018. **Uol – Eleições 2018**. Disponível em: <https://cutt.ly/rimnmiy>. Acesso em: 24 jul. 2020.

RAMOS, P. **Do espaço público de Habermas ao novo espaço público na era da revolução informativa**. 1998. Dissertação (Mestre em Ciências da Comunicação), Universidade da Beira Interior, Portugal, Covilhã, 1998.

RHEINGOLD, Howard. **A comunidade virtual**. Lisboa: Editora Gradiva, 1996.

RODRIGUES, Artur; MELLO, Patrícia Campos. Fraude com CPF viabilizou disparo de mensagens de WhatsApp na eleição. 02 dez. 2018. **Folha de São Paulo**. Disponível em: <https://bitly.com/15tMy>. Acesso em: 23 jul. 2020.

ROSA, Leandro; SILVA, Alessandro Soares da. A psicologia política: um breve olhar sobre as américas. In: ALMEIDA, M. A. B.; SILVA, A. S.; CORRÊA, F. (orgs.). **Psicologia política: debates e embates de um campo interdisciplinar**. São Paulo: EACH/USP, 2012.

ROSENBERG, Matthew. Cambridge analytica, Trump-Tied political firm, offered to entrap politicians. 19 Mar. 2018. **The New York Times**. Disponível em: <https://cutt.ly/ifRpxwd>. Acesso em: 21 mai. 2021.

SABUCEDO-CAMESELLE, J. M. Psicología e participação política. In: SEONE, J. (edt.). **Psicología política de la sociedad contemporánea**. Valência: Promolibro, 1990.

SABUCEDO, José Manuel. **Psicologia política**. Madrid: Síntesis, 1996.

SAEZ, Emmanuel; ZUCMAN, Gabriel. Wealth inequality in the United States since 1913: evidence from capitalized income tax data. **NBER Working Paper No. w20625**, 27 Oct. 2014.

SALAS, Javier. Robôs e ‘trolls’, as armas que governos usam para envenenar a política nas redes. 24. nov. 2017. **El País – Pós-Verdade**. Disponível em: <https://cutt.ly/PimeCDI>. Acesso em: 24 jul. 2020.

SANDOVAL, Salvador A. M. Considerações sobre aspectos micro-sociais na análise dos movimentos sociais. **Psicologia e Sociedade, Belo Horizonte**, v. 4, n. 7, p. 61-76, 1989a.

\_\_\_\_\_. Crises sociológicas e a contribuição da psicologia social aos estudos de movimentos sociais. **Educação & Sociedade, Campinas**, v. 2, n. 34, p. 122-130, 1989b.

\_\_\_\_\_. The crisis of Brazilian labor movement and the emergence of alternative forms of working-class contention in the 1990s. **Revista Psicologia Política, São Paulo**, 2001.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. São Paulo: Hucitec, 1996.

\_\_\_\_\_. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. 4. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

SASS, Odair. **Crítica da razão solitária: a psicologia social segundo George Herbert Mead**. Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2004.

SIBLEY, Chris G.; OSBORNE, Danny; DUCKITT, John. Personality and political orientation: meta-analysis and test of a threat-constraint model. **Journal of Research in Personality**, v. 46, n. 6, p. 664-677, 2012.

SILVA, Alessandro Soares da. A identificação de adversários, de sentimentos antagônicos e de (in)eficácia política na formação da consciência política no MST paulista. **Estudos e pesquisas em psicologia, UERJ, RJ**, v. 7, n. 1, p. 105-126, abr. 2007.

SOUZA, Marco Aurélio Dias de. **O fim da Guerra Cultural e o conservadorismo estadunidense?** Uma leitura sobre a trajetória de ascensões e quedas da direita religiosa

americana. 2014. 320f. Tese (Doutorado em Sociologia) – Programa Ciências Sociais da Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, São Paulo, 2014.

SOUZA, Renato Ferreira de. George Herbert Mead: contribuições para a história da psicologia social. **Psicologia & Sociedade**, v. 23, n. 2, p. 369-378, 2011.

SOUZA, Rogério Martins de; COSTA, Débora Alves da. A revolta digital: impacto das redes sociais da internet nos protestos de rua dos países árabes em 2011. **Cadernos UniFoa**, v. 7, n. 19, 2012.

TAJFEL, H.; TURNER, J. C. An integrative theory of intergroup conflict. In: AUSTIN, W. G.; WORCHEL, S. (eds.). **The social psychology of intergroup relations**. Monterey, CA: Brooks-Cole, 1979.

THE ECONOMIC TIMES. Facebook CEO Mark Zuckerberg testifies before US congress: highlights. 11 Apr. 2018. **The Economic Times**. Disponível em: <https://cutt.l y/cfRoDQo>. Acesso em: 21 mai. 2021.

THÓRISDÓTTIR, Hulda; JOST, John T. Motivated closed-mindedness mediates the effect of threat on political conservatism. **Political Psychology**, v. 32, n. 5, 2011.

TILLY, Charles. **From mobilization to revolution**. London: Longman Higher Education, 1978.

TOLEDO, Luis Fernando. Rede pró-Bolsonaro engaja mais do que Madonna e Neymar. 12 out. 2018. **Estadão – Política – Eleições**. Disponível em: <https://politica.estadao.com.br/noticias/eleicoes,rede-pro-bolsonaro-engaja-mais-do-que-madonna-e-neymar,70002544629>. Acesso em: 29 jul. 2020.

TOURAINÉ, Alain de. **Pensar outramente**: o discurso interpretativo dominante. Petrópolis; Vozes, 2009.

RUEDIGER, M. A. Robôs, redes sociais e política no Brasil [recurso eletrônico]: estudo sobre interferências ilegítimas no debate público na web, riscos à democracia e processo eleitoral de 2018 – Rio de Janeiro : FGV, DAPP, 2017

URQUIJO, Sebastian. Modelos circunflexos da personalidade. In: SISTO, F. F.; SBARDELINI, E. T. B.; PRIMI, R. (orgs.). **Contextos e questões da avaliação psicológica**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001.

VALLONE, Robert P.; ROSS, Lee; LEPPER, Mark R. The hostile media phenomenon: biased perception and perceptions of media bias in coverage of the Beirut massacre. **Journal of Personality and Social Psychology**, v. 49, n. 3, p. 577-585, 1985.

VARDI, Nathan. Inside the employment agreement of secretive Hedge Fund Renaissance Technologies. 08 May 2017. **Forbes**. Disponível em: <https://cutt.ly/zfRiYOK>. Acesso em: 21 mai. 2021.

VILICIC, Filipe; LOPES, André. Bolsonaro, Ciro e tática (suja) da campanha na internet. 10 ago. 2018. **Veja – Brasil – Tecnologia**. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/blog/a-origem-dos-bytes/bolsonaro-ciro-e-taticas-sujas-da-campanha-na-internet/>. Acesso em: 24 jul. 2020.

VOSOUGHI, Soroush; ROY, Deb; ARAL, Sinan. The spread of true and false News online. **Science**, v. 359, n. 6380, p. 1146-1151, 2018. Disponível em: <https://science.sciencemag.org/content/359/6380/1146>. Acesso em: 29 jul. 2020.

WALKER, Tim. Donald Trump considering Breitbart supremo Steve Bannon for White House chief of staff, say reports. 10 nov. 2016. **Independent – US Politics**. Disponível em: <https://www.independent.co.uk/news/world/americas/us-politics/donald-trump-breitbart-steve-bannon-white-house-chief-staff-a7410731.html>. Acesso em: 21 mai. 2021.

WASSERMAN, Stanley; FAUST, Katherine. **Social network analysis methods and applications**. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.

WINEBURG, Sam; MCGREW, Sarah; BREAKSTONE, Joel; ORTEGA, Teresa. Evaluating information: the cornerstone of civic online reasoning. **Stanford Digital Repository**, 2016. Disponível em: <https://cor.stanford.edu/research/evaluating-information-on-the-cornerstone-of-civic/>. Acesso em: 21 mai. 2021.

YARDI, Sarita; BOYD, Danah. Dynamic debates: an analysis of group polarization over time on Twitter. **Bulletin of Science, Technology & Society**, v. 30, n. 5, p. 316-327, 14 set. 2010.

ZUIN, A. Rede social, política e mídia: da esfera pública à esfera privada na internet. In: ABCIBER XII - SIMPÓSIO NACIONAL ABCIBER, 2009, São Paulo. **Anais...**São Paulo: ESPM, 2009. Disponível em: <http://abciber.org.br/site/anais-eletronicos/>. Acesso em: 02 jun. 2014.

## ANEXOS

## ANEXO A - IMAGENS

## Imagem 1:



Treinamento com arma de fogo (Shutterstock)

04/04/2015



Os [recentes acontecimentos em Ottawa](#), Canadá, comprovam, pela enésima vez, que controle de armas serve apenas para deixar uma população pacífica ainda mais vulnerável. O desarmamento não apenas deixa uma população menos livre,

Imagem 2:

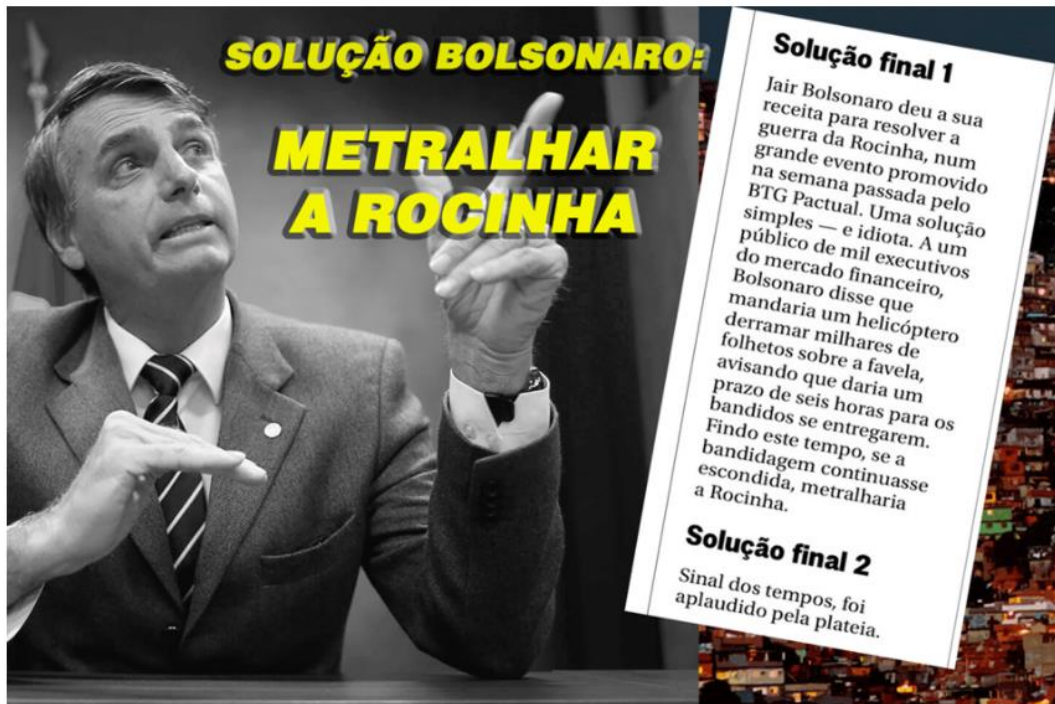


Imagem 3:



Imagem 4:

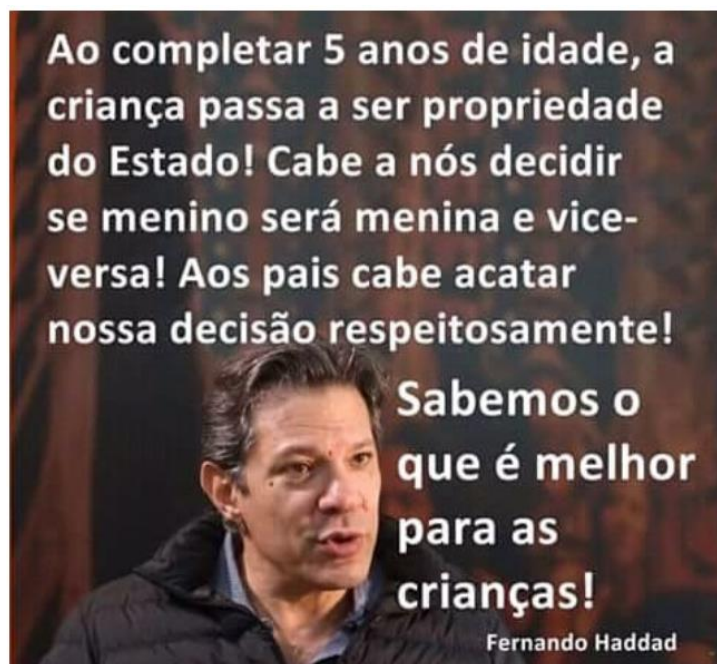


Imagem 5:



Imagem 6:



Imagem 7:



Imagem 8:

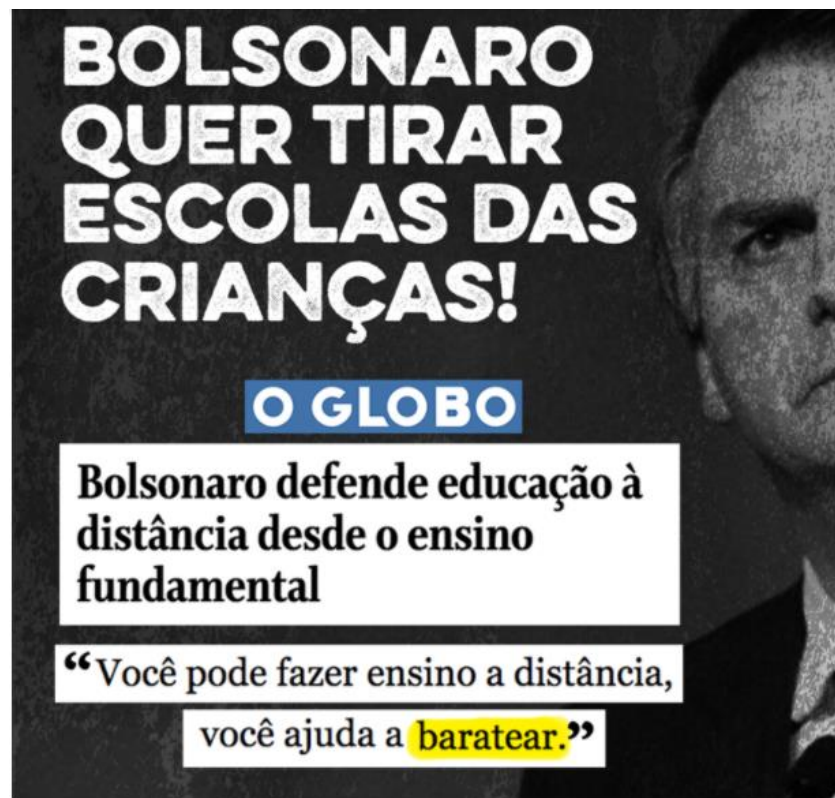


Imagem 9:

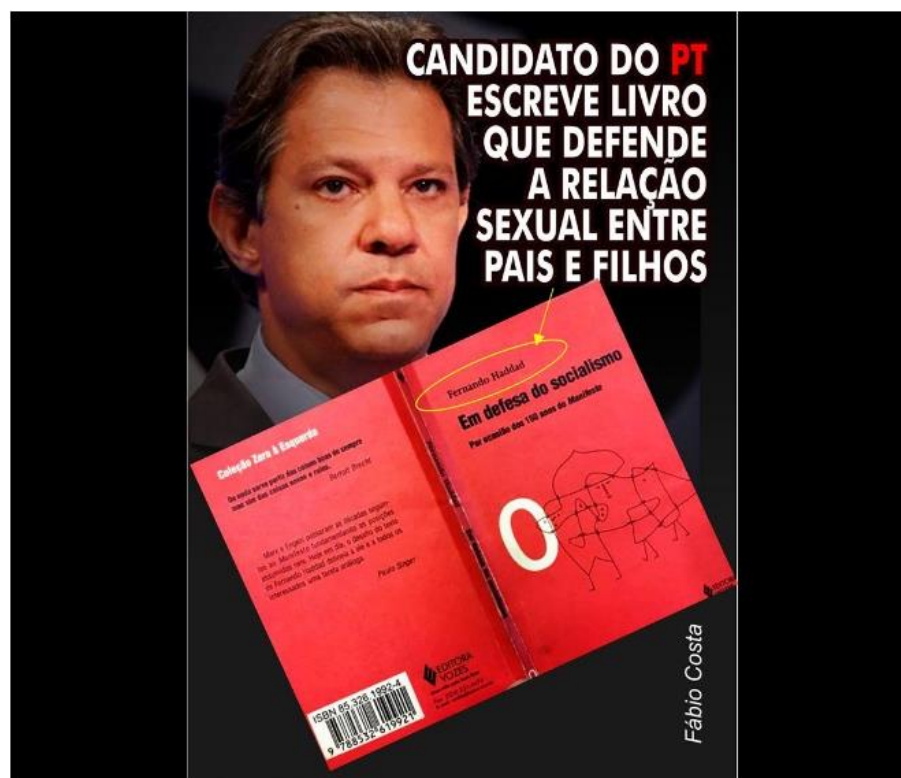


Imagem 10:

☰ **JORNAL DA CIDADE** ONLINE

# Mansão de pai de Boulos está vazia, pronta para ser ocupada pelo MTST

04/05/2018 às 12:28



**ANEXO B - Questionário da Pesquisa:**

11-Idade

12-Sexo:

13-Cor

14-Em qual Estado vive:

15-Em que religião foi criado:

16-Qual sua religião atual:

17-Renda familiar mensal:

18-Estado Civil:

19-Qual seu nível de escolaridade:

20-Imagine que essa escada representa onde as pessoas se localizam na sociedade em que você vive. No topo da escada (representada pelo nº 10) estão as pessoas que possuem mais dinheiro, são mais escolarizadas e têm empregos mais prestigiados, próximos ao topo. Na base da escada (representada pelo nº 1) estão as pessoas com menos dinheiro, pouco escolarizadas e com trabalhos menos prestigiados, próximo a base. Onde você se localiza nesta escada?



21-No que diz respeito a posicionamento Político, você se considera:

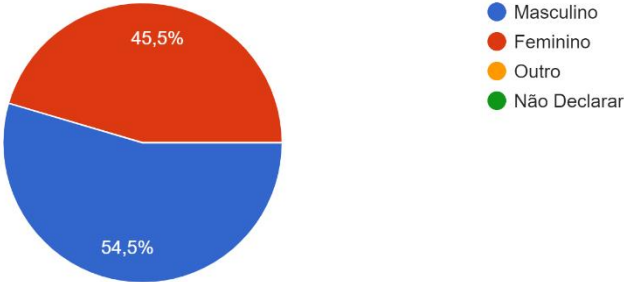
22-Em que medida concorda com a seguinte afirmação: "Prefiro mais ordem do que caos".

23-Você é favorável à PEC 255/45 que limita por 20 anos os gastos públicos aprovado no Governo Michel Temer (MDB)?

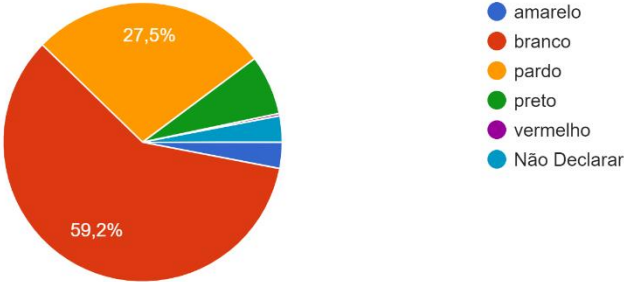
- 24-Em que medida concorda com a seguinte afirmação: "A Previdência Social precisa ser reformada":
- 25-Você é favorável a reformas/leis que facilitem o acesso às armas no Brasil?
- 26- Em que medida concorda com a seguinte afirmação: "Prefiro viver em uma sociedade com MAIOR crescimento econômico e MENOS democrática do que viver em uma sociedade MAIS democrática e com MENOR crescimento econômico".
- 27-Com qual ideologia política você se identifica?
- 28-Com qual frequência você VÊ/VIU debates POLÍTICOS nas mídias sociais durante as eleições? (Escala gradativa, sendo 0 nada e 10 muito ou o tempo todo)
- 29-Com qual frequência você PARTICIPA de debates nas mídias sociais? (Escala gradativa sendo 0 nada e 10 muito ou o tempo todo)
- 30-Em que medida sente ódio/raiva ao ver pessoas disseminando notícias falsas nas redes sociais, em uma escala de 0 a 10? (Escala gradativa, sendo 0 nada e 10 muito)
- 31-Em que medida sente raiva/ódio ao ver pessoas defendendo a legalização do aborto nas mídias digitais? (Escala gradativa, sendo 0 nada e 10 muito)
- 32-Qual seu nível de concordância com a seguinte afirmação: "Acredito que de alguma forma eu posso influenciar na Política NACIONAL".
- 33-Qual seu nível de concordância com a seguinte afirmação: "Acredito que de alguma forma posso influenciar na política REGIONAL/LOCAL/MUNICIPAL".
- 34-Considere a seguinte afirmação: "Consigo dialogar com quem tenha posições políticas diferentes da minha."
- 35-Nos últimos cinco anos participou de alguma das manifestações e/ou protestos abaixo?
- 36- "Acredito que em 2016 Dilma (PT) sofreu um golpe" - em que medida concorda com a afirmação?

**ANEXO C - Resultados no Forms.**

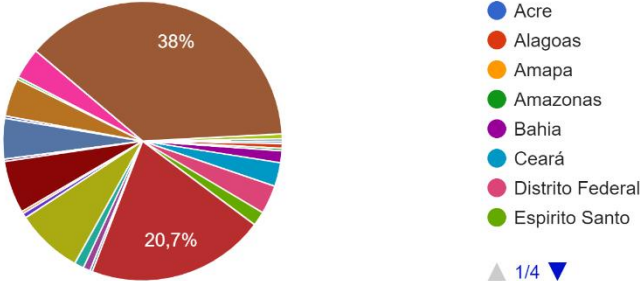
12-Sexo  
363 respostas



13-Cor  
363 respostas

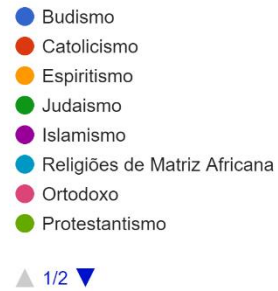
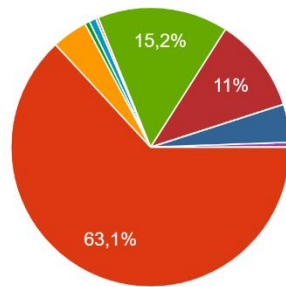


14-Em qual Estado vive?  
363 respostas



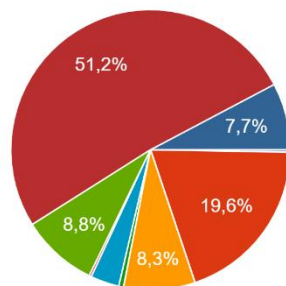
## 15-Em qual Religião você foi criado?

363 respostas



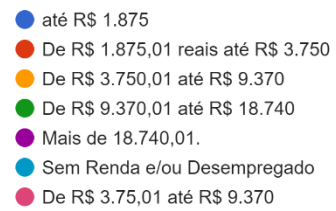
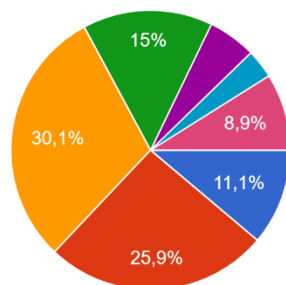
## 16-Qual sua Religião atual?

363 respostas



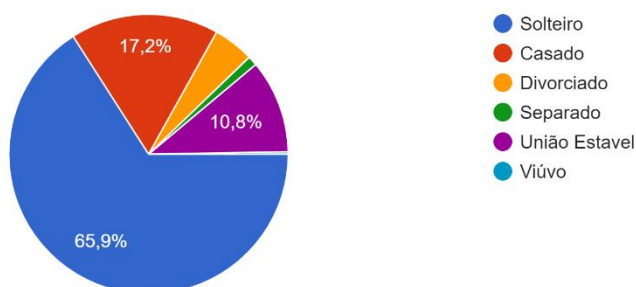
## 17-Renda Familiar Mensal:

359 respostas



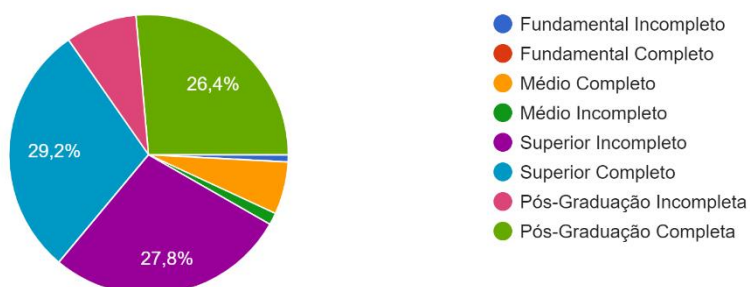
## 18-Estado Civil:

361 respostas



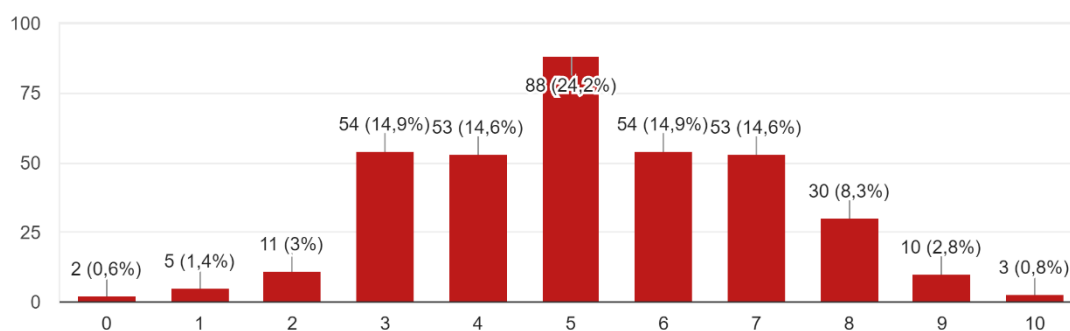
## 19-Qual seu nível de escolaridade?

363 respostas



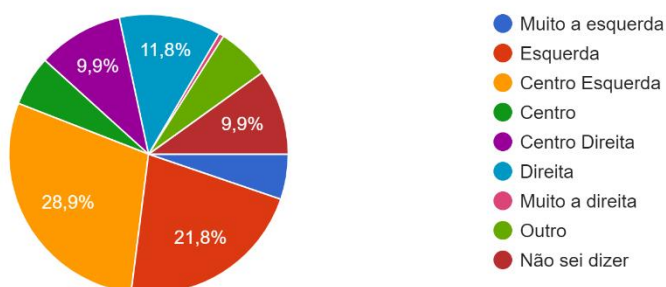
## 20-Imagine que essa escada representa onde as pessoas se localizam na sociedade em que você vive. No topo da escada (representada pelo nº 10)...ximo a base. Onde você se localiza nesta escada?

363 respostas



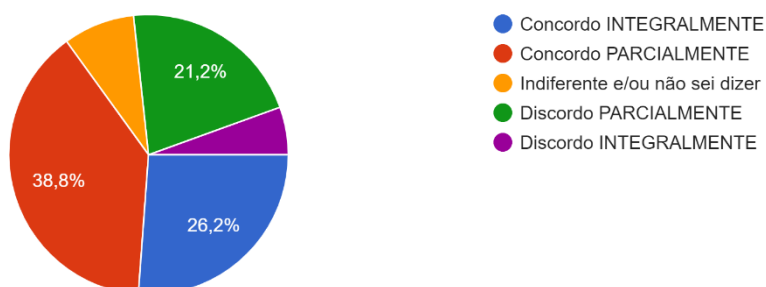
21-No que diz respeito a posicionamento Político você se considera:

363 respostas



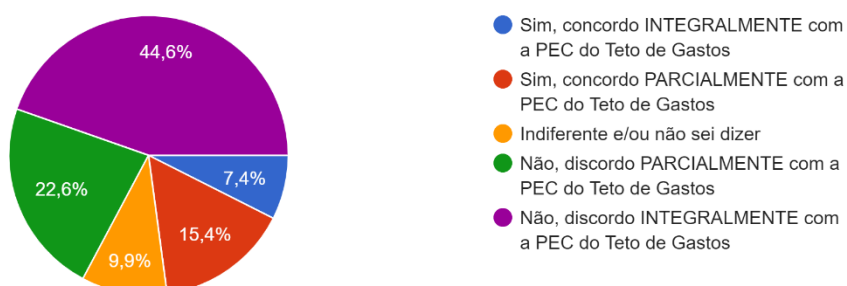
22-Em que medida concorda com a seguinte afirmação: "Prefiro mais ordem do que caos".

363 respostas



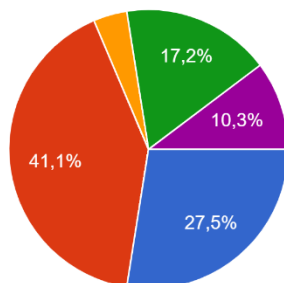
23-Você é favorável a PEC 255/45 que limita por 20 anos os gastos públicos aprovado no Governo Michel Temer (MDB)

363 respostas



24-Em que medida concorda com a seguinte afirmação: "A Previdência Social precisa ser reformada":

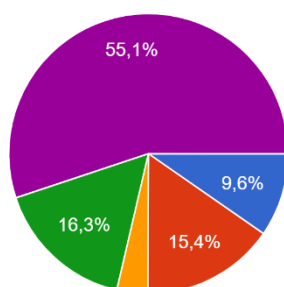
360 respostas



- Sim, concordo INTEGRALMENTE com a reforma da previdência
- Sim, concordo PARCIALMENTE com a reforma da previdência
- Indiferente e/ou não sei dizer
- Não, discordo PARCIALMENTE da reforma da previdência
- Não, discordo INTEGRALMENTE da reforma da previdência.

25-Você é favorável a reformas/leis que facilitem o acesso às armas no Brasil?

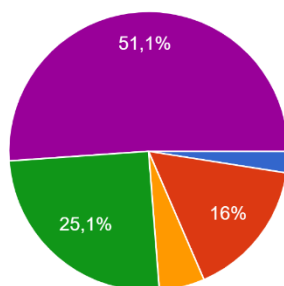
363 respostas



- Sim, concordo INTEGRALMENTE com a flexibilização ao acesso a armas.
- Sim, concordo PARCIALMENTE com a flexibilização do acesso de armas.
- Indiferente e/ou não sei dizer
- Não, discordo PARCIALMENTE da flexibilização ao acesso as armas.
- Não, discordo INTEGRALMENTE da flexibilização ao acesso as armas..

26- Em que medida concorda com a seguinte afirmação: "Prefiro viver em uma sociedade com MAIOR crescimento econômico e MENOS democrát...rática e com MENOR crescimento econômico".

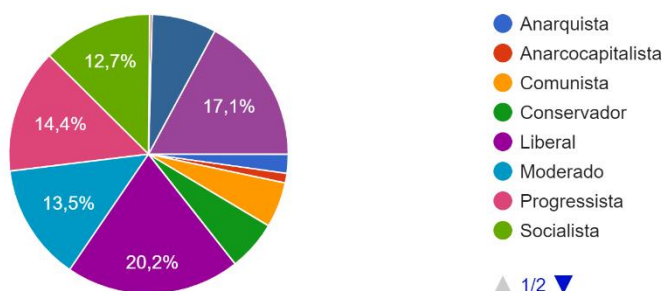
362 respostas



- Sim, concordo INTEGRALMENTE com a afirmação
- Sim, concordo PARCIALMENTE com a afirmação
- Indiferente e/ou não sei dizer
- Não, discordo PARCIALMENTE da afirmação
- Não, discordo INTEGRALMENTE da afirmação

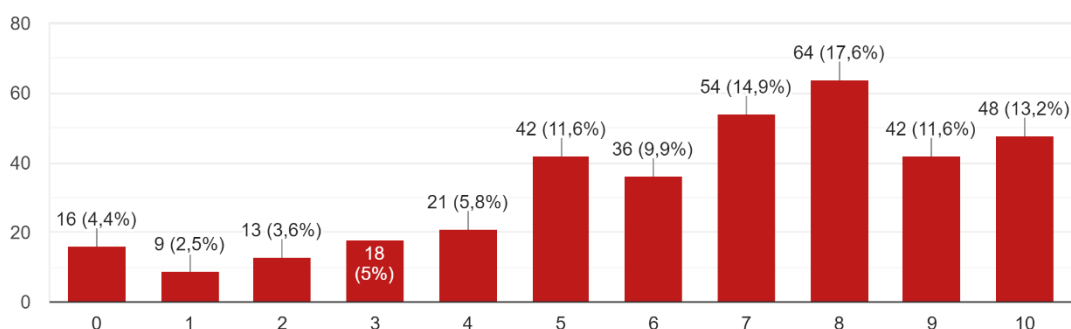
27-Com qual ideologia política você se identifica?

362 respostas



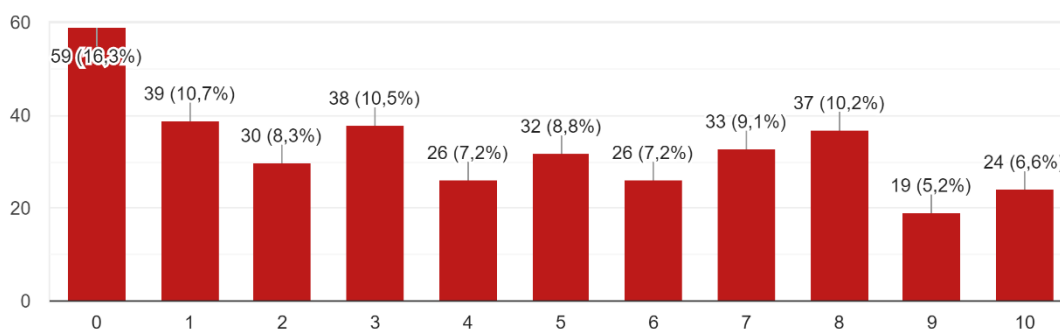
28-Com qual frequência você VÊ/VIU debates POLÍTICOS nas mídias sociais durante às eleições?  
(Escala gradativa sendo 0 nada e 10 muito ou o tempo todo)

363 respostas



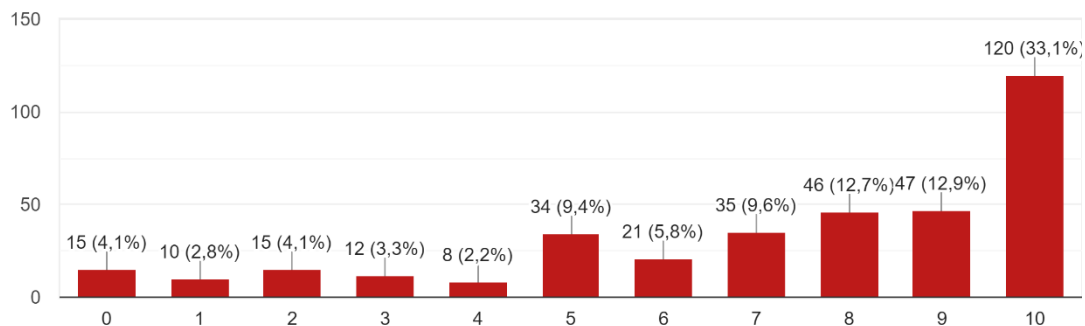
29-Com qual frequência você PARTICIPA de debates nas mídias sociais?(Escala gradativa sendo 0 nada e 10 muito ou o tempo todo)

363 respostas



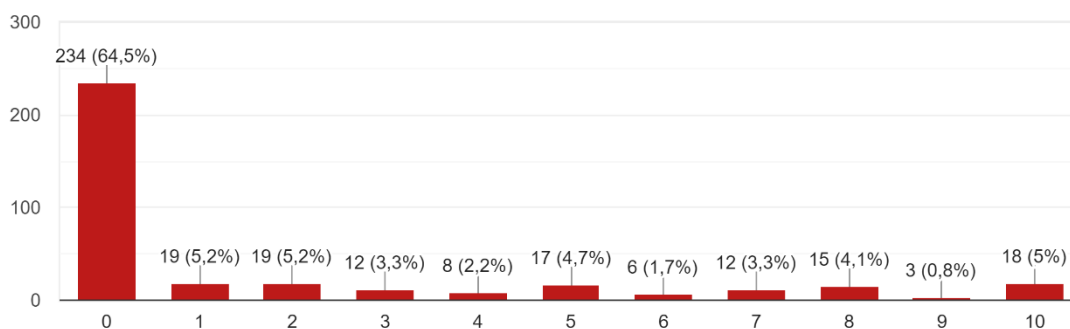
30-Em que medida sente ódio/raiva ao ver pessoas disseminando notícias falsas nas redes sociais, em uma escala de 0 a 10? (Escala gradativa sendo 0 nada e 10 muito)

363 respostas



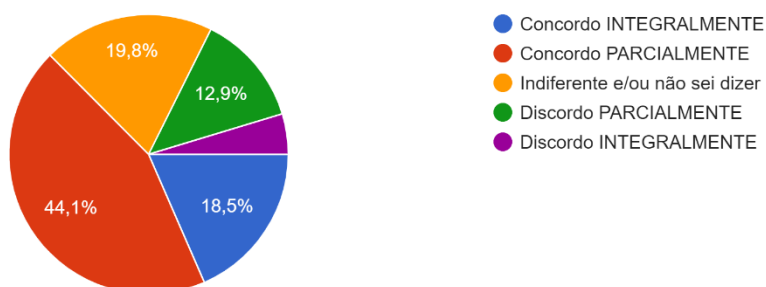
31-Em que medida sente raiva/ódio ao ver pessoas defendendo a legalização do aborto nas mídias digitais? (Escala gradativa sendo 0 nada e 10 muito)

363 respostas



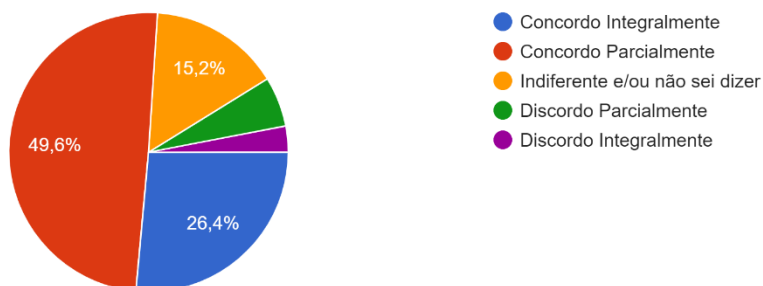
32-Qual seu nível de concordância com a seguinte afirmação "Acredito que de alguma forma possa influenciar na Política NACIONAL".

363 respostas



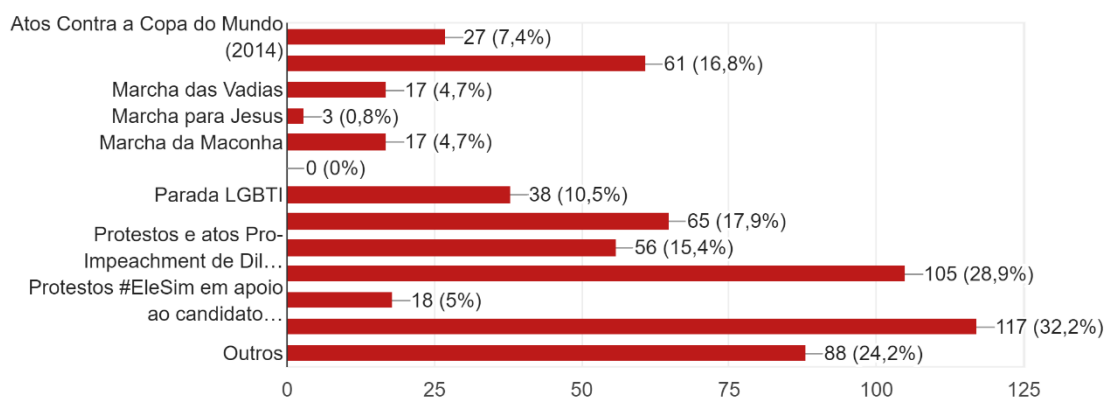
33- Qual seu nível de concordância com a seguinte afirmação "Acredito que de alguma forma possa influenciar na política REGIONAL/LOCAL/MUNICIPAL".

363 respostas



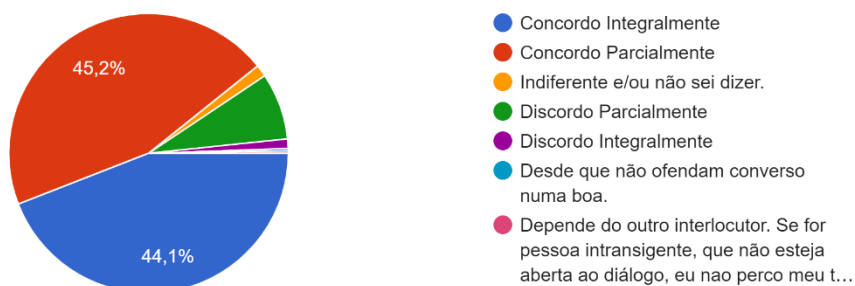
35- Nos últimos cinco anos Participou de alguma das manifestações e/ou protestos abaixo?

363 respostas



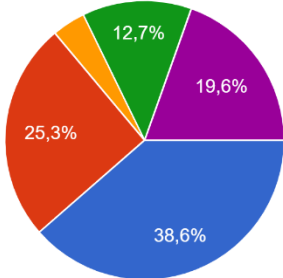
34- Considere a seguinte afirmação: "Consigno dialogar com quem tenha posições políticas diferentes da minha."

363 respostas



36- "Acredito que em 2016 Dilma (PT) sofreu um golpe" em que medida concorda com a afirmação?

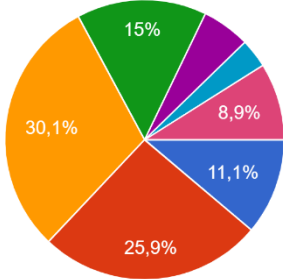
363 respostas



- Concordo Integralmente
- Concordo Parcialmente
- Indiferente e/ou não sei dizer
- Discordo Parcialmente
- Discordo Integralmente

17-Renda Familiar Mensal:

359 respostas



- até R\$ 1.875
- De R\$ 1.875,01 reais até R\$ 3.750
- De R\$ 3.750,01 até R\$ 9.370
- De R\$ 9.370,01 até R\$ 18.740
- Mais de 18.740,01.
- Sem Renda e/ou Desempregado
- De R\$ 3.75,01 até R\$ 9.370